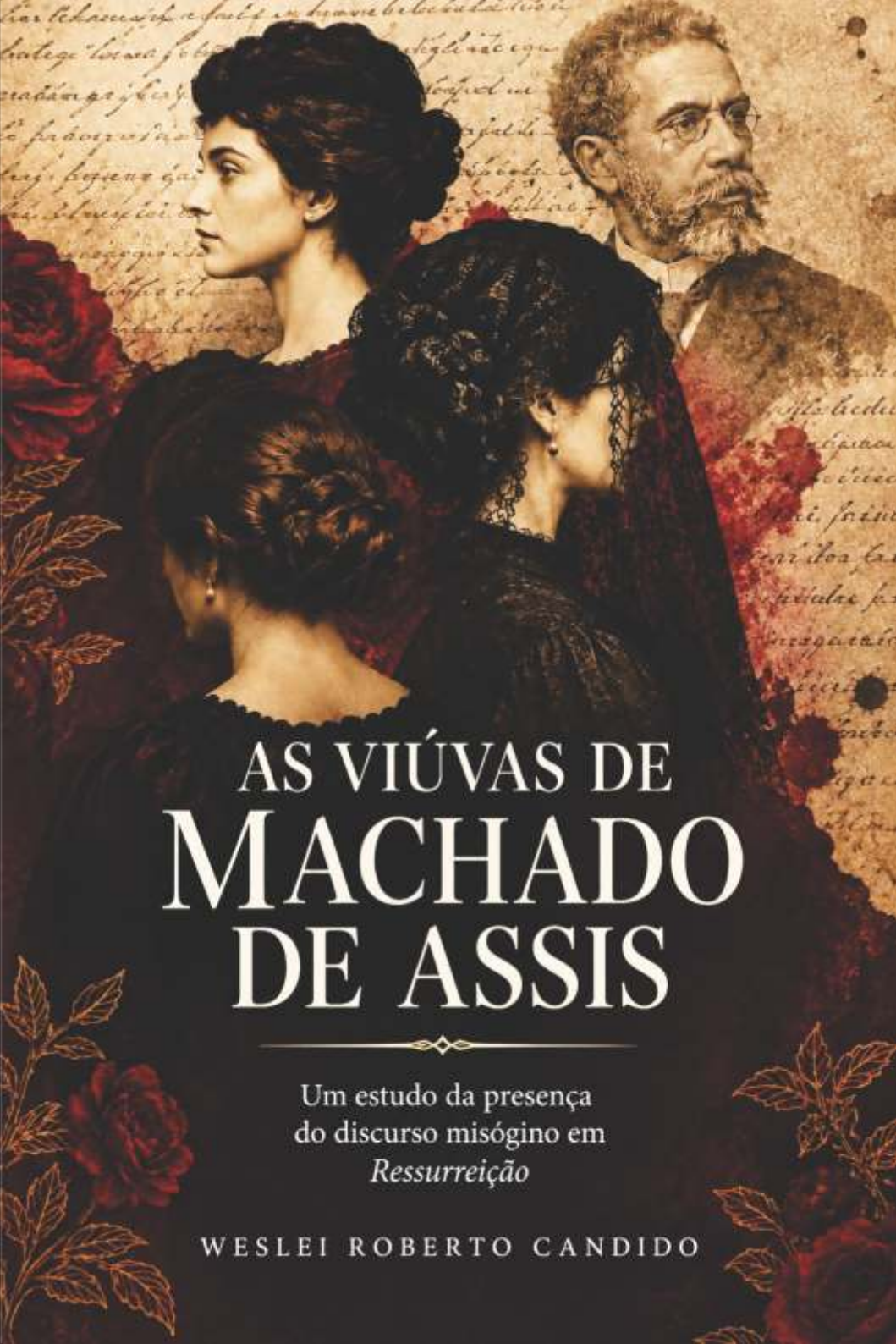




AS VIÚVAS DE MACHADO DE ASSIS

Um estudo da presença
do discurso misógino em
Ressurreição

WESLEI ROBERTO CANDIDO

É necessário enfatizar que o presente ensaio é uma leitura feminista do primeiro romance de Machado de Assis. É a crítica, numa perspectiva feminista, que nos permitirá reconhecer o comportamento misógino de Félix e ver em Lúvia uma vítima desse personagem, desnaturalizando falas a respeito de comportamentos e situações que a envolvem, mostrando como o olhar masculinista a condenou a um relacionamento tóxico e sufocante, tirando dela a possibilidade de uma vida em sociedade. Uma mulher viúva e com o filho tinha o direito a um amor e um novo casamento, no século XIX brasileiro? Essa é uma pergunta que este estudo explorará ao longo de suas páginas. E isso só será possível porque o olhar feminista nos ajuda a questionar a narrativa machadiana, vedando a Félix a possibilidade de um vitimismo, para colocá-lo como o verdadeiro vilão da narrativa, o responsável por todo sofrimento psicológico que ele impõe à sua parceira, reduzindo-a a uma situação humilhante diante da sociedade.

Weslei Roberto Candido é

Doutor em Letras e Vida Social pela UNESP – Campus de Assis. Possui Pós-doutorado pela Université Lumière Lyon 2 – França e pela Universidade Estadual de Feira de Santana – BA – UEFS. Atualmente, é Professor Associado na Universidade Estadual de Maringá – UEM, atuando no Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias com disciplinas da área de Literatura Brasileira. No Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, orienta trabalhos ligados às teorias da memória. O docente publicou *José de Alencar – sou americano para o que der e vier* (2016) pela EDUEM, *O instinto de americanidade em Fagundes Varela (1841-1875)* pela CRV em 2018 e *Até de olhos fechados se vê a noite – contos* (2025), pela Urutau.

As viúvas de Machado de Assis

Um estudo da presença do
discurso misógino em *Ressurreição*

Weslei Roberto Candido

As viúvas de Machado de Assis

**Um estudo da presença do
discurso misógino em *Ressurreição***

E-book



São Leopoldo

2026

© Weslei Roberto Candido – 2026
wrcandido@uem.br

Editoração: Oikos

Revisão: Cleusa Piovesan

Capa: Weslei Roberto Candido

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Allprint

Conselho Editorial:

Ana Silvia Volpi Scott (IFCH/NEPO – UNICAMP)

Avelino da Rosa Oliveira (Pesquisador UFPel)

Danilo R. Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (Bolsista de Produtividade CNPq)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Pesquisador Ciências Sociais)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Samira P. Moretto (UFFS e UFSC)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848 / 9 81149642

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

C217v Candido, Weslei Roberto

As viúvas de Machado de Assis: um estudo da presença do discurso misógino em *Ressurreição*. [E-book]. / Weslei Roberto Candido. – São Leopoldo, RS: Oikos, 2026.

236p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5974-380-3

1. Literatura brasileira – Ensaio. 2. Gênero feminino. 3. Pensamento misógino. 4. Interpretação textual – feminismo. I. Título.

CDU 869.0(81)-4

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Agradecimentos

Um trabalho acadêmico, embora seja feito na solidão de nossas leituras e pensamentos é, inevitavelmente, permeado por inúmeras outras vozes e situações que afetam a sua composição e o resultado final. Ao longo do caminho surgem pessoas que nos abrem as portas, que nos recebem e nos apresentam a outras pessoas que passam a fazer parte de nossa biografia. Elas passam a nos acompanhar, mesmo que à distância, como se tivessem se pegado à nossa efêmera existência neste mundo.

Como todo agradecimento, este também é injusto e, com certeza, pessoas que deveriam figurar aqui, talvez, fiquem de fora, por questões meramente acadêmicas.

Sendo assim, agradeço, em primeiro lugar, à Universidade Estadual de Maringá, que me concedeu o afastamento para a realização do estágio pós-doutoral. Esse tempo foi precioso para que eu pudesse me dedicar à pesquisa e conhecer outras realidades acadêmicas.

Devo agradecer também ao Programa de Pós-Graduação em Letras - PLE, da Universidade Estadual de Maringá e à Capes pelo apoio financeiro para a publicação do presente ensaio. Neste percurso, foi fundamental a presença da professora Dra. Mirian Hisae Yaegashi Zappone, coordenadora do PLE, pelos contatos iniciais com a Université Lumière Lyon 2 e pela amizade, que rendeu parcerias acadêmicas nesse processo de internacionalização da UEM, criando pontes entre o Brasil e a França.

Na ordem das importâncias tem minha gratidão a Université Lumière Lyon 2, na França, que me acolheu e deu-me condições para que eu escrevesse este ensaio. Viver outra realidade e respirar novos ares nos transformam para a vida. Em Lyon, recebeu-me a professora e amiga Maria da Conceição Coelho Ferreira, com quem dividi horas, dias e semanas de muitas conversas e aprendizagens. Permito-me aqui deixar registrada a lembrança de Nicolas, o esposo de Conceição, o francês mais brasileiro que já conheci. Seu humor e humanidade estão em minha memória.

Tenho de registrar ainda a figura de Maria Eugênia Malheiros Poulet, professora aposentada da Université Lumière Lyon 2, que me recebeu em seu apartamento, e com quem dividi garrafas de vinho, jantares e muitas conversas sobre literatura e sobre a sua vida na França, que me foram valiosas lições de como viver o *bonheur* francês.

Do lado brasileiro, na encantadora Bahia, tenho de agradecer à minha amiga, contadora de histórias e professora da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Luciene Souza Santos, por me receber em sua universidade para eu dar continuidade ao meu estágio pós-doutoral. Com ela tenho aprendido a enxergar as suavidades e as gentilezas da vida. Ela sabe como afastar as pedras do caminho. Com seu canto de Sherazade, ensinou-me o respeito aos encantados e me mostrou que há tempo para contemplar a beleza das flores ao longo da travessia. Generosamente, ela compartilhou comigo suas amizades com a afetuosa professora Flávia Aninher de Barros e o sorridente professor Idmar Boaventura Moreira.

Minha gratidão também ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PROGEL/UEFS, no qual fui acolhido pela professora Alana Freitas El Fahl, uma machadiana gentil e observadora, que me apresentou a docentes e a alunos. Graças à sua disposição, pude falar aos discentes sobre Machado de Assis em sua casa; uma generosidade que não vou esquecer. Devo destacar ainda que ela escreve crônicas, nas quais a memória é tocada pelo lirismo e pela gentileza de alguém que busca compreender as vivências de sua rica Feira de Santana.

Ainda tenho de ressaltar a importância de minha amiga, professora, poeta e acadêmica, Cleusa Piovesan, pela leitura minuciosa do trabalho, a quem devo o aperfeiçoamento do presente texto. Ela é a prova de que quando andamos acompanhados os obstáculos do caminho são meros acidentes de percurso.

Por fim, agradeço a todos que estiveram ao meu lado, afinal, ninguém se faz sozinho, nem está pronto. É na travessia que conhecemos os verdadeiros afetos e que descobrimos quem não nos soltará as mãos.

Maringá, 12 de setembro de 2026.

Sumário

Prefácio	9
<i>Alana de O. Freitas El Fahl</i>	
Considerações iniciais	13
O viver feminista	21
A importância da feminista “estraga-prazeres” na reinterpretação de textos consagrados	36
A necessidade de uma História vista pelos olhos das mulheres	41
A questão brasileira	52
Antecedentes	61
<i>Queda que as mulheres têm para os tolos</i>	64
<i>Desencantos – Fantasia dramática</i>	76
<i>O caminho da porta</i> (1862)	84
A face de Jano	91
Paixão tem prazo: o acerto de contas	102
A viúva	110
Causou sensação	120
A teoria dos poços	126
“Viúva, porém, honesta”	129
A revelação	145
O início das dores	153
Posse, amor, desejo	160

A leitura de Helen Caldwell	174
O breve tempo de uma trégua	185
As confissões	189
Os homens de <i>Ressurreição</i>	198
Duas mulheres e um homem	206
O esperado desenlace	211
Considerações finais	227
Referências bibliográficas	233

Prefácio

Medida por medida ou uma
leitura desafinada: Machadinho
à roda permanente da crítica

Ao receber esse convite do colega machadiano Weslei Roberto Candido para prefaciar seu presente estudo, fruto das pesquisas desenvolvidas durante o Pós-doutorado realizado entre Brasil e França com escala especial na minha Feira de Santana, pensei em recusar por uma razão simples: tenho certa resistência a algumas leituras contemporâneas que tendem a examinar determinados autores e obras fora do seu contexto histórico e usam instrumentos tão cortantes que, manejados com tamanha força, mais ferem que iluminam o texto literário.

Todavia, aceitei o convite que tomo como desafio, pensando justamente na ideia que agora começa a me encantar como professora e também estudiosa interessada na produção literária do século XIX: se eles, escritores daquele período, pertenciam a aquele tempo e representavam seu universo social, nós leitores críticos do século XXI, pertencemos ao nosso tempo, e usamos as lentes críticas que nos são possíveis hoje. E dessa forma, nossa lupa se volta para discussões como gênero, raça, classe e outras tantas chaves de leitura permitidas no presente.

Dito isso, é apresentada amplamente no livro, que a leitora e o leitor agora têm em mãos, a opção declarada de Weslei de ler seus objetos de estudo, algumas das primeiras obras de Machado de Assis, pelas lentes da crítica feminista e adotar o que se chama de “O viver feminista” através das necessárias lições de Sara Ahmed para quem:

Um movimento feminista pode acontecer quando se estabelecem conexões entre pessoas que reconhecem determinada coisa

– relações de poder, violência de gênero, gênero como violência – como algo que deve ser combatido, mesmo que usem palavras diferentes para identificar o que é (Ahmed, 2022, p. 16-17).

É tarefa da crítica literária, como nos famosos versos do poema de Walt Whitman, “O poderoso espetáculo continua e você pode contribuir com um verso”, seguir em frente sempre arejando os textos literários com novos sopros, novas possibilidades de leitura para que o espetáculo nunca se interrompa e ampliar o frutífero diálogo com as interpretações anteriores. A crítica bem fundamentada inaugura visões sobre a obra em análise, tirando camadas de pó da linguagem e fazendo emergir sentidos que ainda não haviam sido notados, assim relançando a obra continuamente para leitores experientes ou iniciantes de qualquer idade.

É justamente calcado nessa proposta de reinauguração que o autor do presente ensaio nos convida a esfregar nossos olhos e enxergar junto com ele os traços de misoginia e outras presenças incômodas presentes nas obras iniciais de Machado de Assis. Confesso meu desconforto inicial com esse projeto, talvez uma leitura desafinada que não segue a sinfonia sempre aplaudida, a intenção pode soar inicialmente como destrato (“estraga-prazeres”) ao autor que tanto admiramos, mas segue trilhas tão bem pavimentadas que em nada desabona o nosso maior prosador, ao contrário, no meu ponto de vista, ele sai maior ainda como um dos melhores intérpretes do Brasil do século XIX.

Tomando como eixo central *Ressurreição*, primeiro romance de Machado de Assis, publicado em 1872, o texto vai se desenvolvendo ao seu redor e trazendo para a sala de visitas outras obras do autor que compõem essas primeiras águas de sua vasta produção, tais como “A queda que as mulheres têm para os tolos” (1861), “Desencantos” (1861), “O caminho da porta” (1862) e ainda alguns contos.

Destaca-se tanto no romance *Ressurreição*, história malsucedida de amor entre Livia e Felix, como nas outras obras analisa-

das, a figura incômoda da viúva, uma mulher que não mais inocente como uma virgem e conservando ainda seus encantos de fêmea, causa desconforto ao patriarcado reinante e ao mercado matrimonial, pois com sua experiência e certa independência financeira, pode também ousar fazer escolhas, comportamento repudiado pelo rigor moralizante da época. Para o autor do ensaio, *Ressurreição* “funciona como uma espécie de pedagogia dos relacionamentos, nos quais as viúvas, se quisessem guardar sua honra, não deveriam desejar um segundo casamento. A viúva ideal é aquela que guarda o luto por toda uma vida” (p. 31).

Faço agora o convite para que vocês, leitoras e leitores do século XXI e também sequiosos de saber mais do nosso Machadinho dos primeiros anos, muito antes de ser O bruxo do Cosme Velho, sentem-se também nessa ampla sala de visitas da crítica machadiana e puxem uma cadeira para ler esse sopro novo que vem lá de Maringá e que assim como Helen Caldwell tirou Capitu do banco dos réus e nele colocou Bento Santiago, o autor recuperou a figura de Lívia, apresentando-a como uma vítima de seu noivo Félix, personagem que serve como exemplo de outras tantas mulheres vistas e narradas apenas pela ótica masculina e à essa altura todos já sabemos dos perigos de uma história única.

Se Machado usou os versos de Shakespeare “Nossas dúvidas são traidoras, e nos fazem perder o bem que muitas vezes poderíamos ganhar, por medo de tentar” da peça Medida por Medida como epígrafe do seu primeiro romance, podemos continuar a ecoá-los e também aceitar esse novo chamado porque as dúvidas...

Alana de O. Freitas El Fahl

Feira de Santana, setembro de 2026

Professora Plena de Literaturas
Brasileira e Portuguesa da UEFS

Considerações iniciais

Na área de estudos literários é muito comum o medo de ser anacrônico quando se estuda um texto ficcional, principalmente, se ele é de um século distante do nosso. Em geral, os professores alegam que devemos compreender o contexto histórico e evitar julgar o texto a partir de nossa perspectiva, respeitando as ideias do tempo em que se originou a obra. Acredito que há um perigo nessa abordagem, pois ela cristaliza e perpetua determinadas leituras, naturalizando preconceitos, racismo, misoginia, machismo, homofobia e xenofobia com a alegação de que é preciso compreender como as pessoas daquela época pensavam. Porém, há uma diferença muito grande entre a compreensão e a aceitação de determinadas posturas, até porque elas ajudaram a construir, historicamente, estruturas sociais em que o homem branco, rico e mi-sógino é detentor de privilégios que são tidos como naturais. Todos já devem ter escutado expressões como “desde que o mundo é mundo”, “desde que me entendo por gente”, para justificar determinadas situações na sociedade, quase como um direito divino, uma ordem estabelecida por um Deus cristão, na qual, se mexermos, seremos condenados ao inferno.

Se um texto literário é produto de uma época histórica e a ela faz referência para corroborar ou negar pensamentos que circulam no imaginário das pessoas, com a leitura não é muito diferente. Somos sujeitos históricos, nascemos em um século, em uma década, em um ano no qual estavam acontecendo greves, guerras, leis estavam sendo aprovadas e produtos estavam sendo criados; crescemos sob a ideologia de determinados governos em nosso país, habitamos um determinado continente e estamos sujeitos a políticas imperialistas ou neocolonialistas, sendo afetados positiva ou negativamente por elas, dependendo de nosso local de nascimento. Somos

europeus, norte-americanos, sul-americanos, africanos ou asiáticos, e teremos nossas vidas afetadas pelo simples fato de pertencermos à parte rica ou pobre do globo terrestre. Tudo isso afeta o modo como lemos um texto, a maneira como adentramos nele e o que sentimos quando nos deparamos com as narrativas que as escolas ou as universidades nos impõem como leituras obrigatórias.

E não só o local onde nascemos afeta nosso modo de ler; nosso gênero também é um poderoso operador de leitura. Estamos no século XXI, e a distinção tradicional entre homem e mulher é ultrapassada, e não é mais uma questão a ser decidida no nascimento e no momento em que nossos pais nos identificam como menino ou menina, baseados apenas no órgão sexual que portamos em nosso corpo. A questão de gênero é algo complexo e não está sujeita a enquadramentos prévios, embora a sociedade conservadora ainda tente impor suas regras e as regras de funcionamento de nossos corpos, apegando-se a uma vigilância das sexualidades. A questão é que todos esses fatores, externos ao texto, afetam nossa leitura, o que nos traz um poder criativo enorme no modo como as pessoas interpretam os sentidos de um romance, de um poema ou de um conto.

As visões diversificadas que temos sobre um mesmo texto agregam mais valores às obras literárias, provando mais do que nunca que o leitor é um elemento essencial no ato de leitura, contribuindo para a construção de sentidos, dando sobrevida a muitos textos que julgávamos ultrapassados, ou já esgotados por uma crítica literária tradicional e, portanto, limitada.

É neste sentido que acredito que as ferramentas de leitura, proporcionadas pela crítica feminista, têm muito a contribuir para a leitura de textos consagrados pela crítica literária tradicional, trazendo um novo fôlego e um novo olhar, que é capaz de rever e questionar posições tidas como inabaláveis ou consolidadas por mecanismos de leituras masculinistas, que tinham um olhar reducionista, porque eram incapazes de ver a diferença, lendo os textos como uma representação do mundo masculino, a serviço de educar as massas e o público leitor.

Claro que estou pensando nos momentos de formação da literatura brasileira, quando a maioria dos escritores era composta por homens, que estavam decidindo os destinos do país. Cabia a eles criar a ideia de nação e, conseqüentemente, de identidade nacional. Então, nos bancos escolares, há mais de um século, estamos lendo autores como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Gonçalves Dias, Manuel Antônio de Almeida, Aluísio Azevedo e Machado de Assis, para citar apenas alguns nomes que “ditavam” as regras da literatura nacional no século XIX. Nem é preciso destacar que, sendo homens, o mundo era visto pela perspectiva masculina. Até os perfis de mulheres eram criados por homens, como nas obras de Alencar – Aurélia Camargo, Lúcia, Emília Duarte – ou por Machado de Assis – Guiomar, Helena, Estela. O país era construído de acordo com as regras masculinas e até o lugar das mulheres era decidido por eles.

Comecei este texto falando sobre o perigo do anacronismo tão decantado pela crítica literária, repetido quase como um mantra nas salas de aulas das universidades, quando um aluno mais incauto arriscava uma leitura não autorizada pelos teóricos consagrados de nossa área. Iniciei por esse elemento das disciplinas de práticas de leitura do texto literário, justamente para avisar aos leitores que usaremos as ferramentas do feminismo para reler um autor consagrado desse rol de escritores que elencamos. A figura que ousaremos tocar, em seu pedestal, é ninguém menos que Machado de Assis, que tem uma incontável bibliografia crítica, na qual, raramente, algum estudioso tem coragem de apontar algum “senão” em sua obra, principalmente, se for algum texto de sua segunda fase. Claro que nossa leitura é política, e não poderia ser diferente, uma vez que usaremos as ferramentas do discurso feminista para lançar um novo olhar sobre a obra machadiana.

Este ensaio nasce de um profundo incômodo sobre alguns temas tratados no romance machadiano, mas, antes desse mal-estar causado por algumas narrativas de Machado de Assis, de que falaremos logo adiante, é necessário relatar a história de outro incômodo; o de um despertar que a crítica feminista teve sobre

minha formação como estudante e pesquisador. Com certeza, muitas leitoras e leitores devem estar questionando por que um homem vai falar de Machado de Assis a partir da perspectiva do feminismo, sendo ele uma pessoa do sexo masculino.

Primeiro, é importante destacar que me formei em uma instituição tradicional e, portanto, conservadora, como devem imaginar. Meus professores de literatura sempre estavam munidos de uma crítica literária, em sua maioria, escrita por homens, em que qualquer leitura fora dos ditames desses grandes críticos era reduzida a uma inocência por parte do aluno ou, quando menos, como inabilidade para lidar com o texto literário. Passei toda minha graduação em Letras acreditando que não havia mulheres escritoras que fossem dignas de leitura no século XIX, no cenário da Literatura Brasileira, pois nenhum dos docentes que tive à época tiveram o cuidado, por exemplo, de nomear Maria Firmina dos Reis como uma romancista essencial para compreender a questão da escravidão. Dela tive notícia muitos anos depois de formado, e a incluí em meus cursos de Literatura Brasileira, quando me tornei professor universitário.

Estou fazendo esse percurso para demonstrar como é difícil se desfazer de uma visão masculinista da vida e dos autores, uma vez que até as universidades perpetuam uma forma de pensar tradicional e patriarcal. De uns anos para cá, tivemos um avanço significativo com muitas professoras estudando literatura feminina, pesquisando escritoras que foram relegadas ao esquecimento e valorizando produções femininas contemporâneas, a fim de criar repositórios de escritoras que nos permitam ver que as mulheres sempre escreveram e que, com certeza, têm uma visão de mundo muito mais libertária e interessante do que a literatura escrita por homens, que dominaram o cenário literário por séculos.

Então, por que estudar um autor consagrado e não uma autora? No meu caso, essa opção vem por, pelo menos, dois motivos: primeiro porque passei anos de minha vida na faculdade estudando o século XIX brasileiro e tentando entender como funcionava a lógica dos autores daquele período, reproduzindo uma visão

masculinista e achando que o conservador José de Alencar tinha sido um homem à frente de seu tempo, ao compor seus perfis de mulher; segundo, porque depois de anos de prática de sala de aula e voltando ao século XIX, agora munido de algumas leituras sobre o feminismo e observando certas posturas dos narradores nas obras de autores consagrados que me soaram estranhas, houve uma espécie de “choque” quando percebi que muitos daqueles discursos estavam a serviço de construir uma visão das mulheres, segundo os homens. Eles estavam ditando as regras de como as mulheres deveriam agir na sociedade e criando um perfil ideal para elas, por meio das maneiras de falar, de se vestir e de como se portar em público. Em suma, esses autores estavam criando uma política dos corpos para as mulheres e as que não agissem, segundo esses padrões, eram punidas ou rebaixadas por essas narrativas.

Em 2025, na Universidade Estadual de Maringá, resolvi fazer meu projeto de pesquisa voltado para os romances da primeira fase de Machado de Assis. Depois de anos, eu regressava ao século XIX, por ainda acreditar que esse período tem muito a nos ensinar sobre a formação da identidade brasileira, inclusive com importantes lições para compreender nossa cultura na atualidade. Comecei, então, as releituras. O primeiro romance, por ordem cronológica de produção, claro, foi *Ressurreição* (1872). Fiz a primeira leitura e algumas posturas do personagem Félix me incomodaram profundamente. A sensação primeira foi de espanto: como não tinha visto aquilo antes; depois, foi frustração, pois percebi como minhas leituras da crítica literária tradicional haviam me cegado para muitas questões, fazendo com que eu as lesse como natural, consoante às estratégias do narrador, aceitando passivamente os comportamentos do protagonista do romance como parte de sua conformação literária.

Em suma, do que estou falando propriamente, na obra de Machado de Assis? De misoginia. Tive um forte impacto em notar como Félix é um personagem misógino e tóxico para as mulheres. Daí, me ocorreram mais duas questões. A primeira delas é a de que Machado de Assis poderia estar denunciando em sua

literatura um comportamento que era típico dos homens de sua época, o que põe, novamente, o autor à frente do seu tempo, atendo-se a algo que outros autores não haviam percebido ou tratavam com naturalidade, porque também eram homens. A segunda questão, e essa é, provavelmente, a mais polêmica, porque nos obriga a pensar em que medida Machado de Assis, por ser um homem de seu tempo, reproduzia um sistema misógino porque também concordava com essas posturas masculinas. Esse foi um dos motivos por que iniciei meu texto falando sobre anacronismo.

Muitos vão dizer que estou sendo anacrônico, olhando a obra de Machado de Assis com os olhos do século XXI e, portanto, deturpando sua obra, no entanto, podemos observar por outro ângulo e aceitar as contribuições que a crítica feminista trouxe para o campo dos estudos literários, permitindo-nos rever e reler obras e autores consagrados por outra lente, pelo ponto de vista daquelas que foram silenciadas, por séculos, por aquelas mulheres que tiveram suas histórias escritas pelos homens, sem levá-las seriamente em consideração.

É nesse sentido que Sara Ahmed (2022) afirma que a história do viver feminista é a história de um profundo incômodo:

O feminismo é sensacional. Algo é sensacional quando provoca emoção e interesse. O feminismo é sensacional nesse sentido; o que é provocador no feminismo é o que faz dele um conjunto de argumentos difíceis de transmitir. Aprendemos sobre a causa feminista pelo incômodo que o feminismo causa; pela forma como o feminismo surge na cultura pública como um espaço de perturbação.

Quando você fala como uma feminista, você tem que lidar com reações fortes. Para se comprometer com uma vida feminista, pode ser necessário estar disposta a provocar esse tipo de reação. Quando você fala como uma feminista, frequentemente é considerada muito reativa, alguém que tem reações superexageradas, como se você transformasse fatos em sensacionalismo; como se, ao dar sua versão das coisas, você estivesse exagerando de propósito ou mesmo maliciosamente. Neste capítulo, aceito que o feminismo começa com uma sensação: com sentir as coisas. Quero explorar como o feminismo é sensível por causa do mundo em que vivemos; o feminis-

mo é uma reação sensível às injustiças do mundo, que podemos constatar, a princípio, por meio de nossas próprias experiências. Podemos trabalhar a partir dessas experiências, refletir sobre elas; pode ser que continuemos voltando a elas porque não fazem sentido. Em outras palavras, temos que dar sentido ao que não tem sentido. Existe agência e vida nesse processo (Ahmed, 2022, p. 45).

Como pontua Ahmed, o feminismo é vivido pelo incômodo que ele causa, ele cria um espaço de perturbação, portanto, tira as pessoas do seu lugar de conforto no modo de pensar e de viver. Muitas pessoas são contra o olhar feminista justamente porque ele questiona estruturas de poder masculinistas que se perpetuaram por séculos, colocando em xeque suas bases e lógicas de submissão das mulheres. A primeira atitude diante do olhar feminista é uma reação, em geral, violenta ou desdenhosa como forma de invalidar o conhecimento produzido pelas mulheres. As feministas passam a ser vistas como sensacionalistas, mulheres que falam para causar desconforto e criar brigas, em espaços nos quais todas as pessoas antes viviam em harmonia e em paz com o sistema.

O feminismo, por todas as questões supracitadas, tirou-me do eixo de uma leitura tradicional e conservadora para enfrentar uma realidade pouco confortável de ter de reconhecer que muitos pontos da obra de Machado de Assis estão carregados de misoginia. Com certeza, este ensaio causará desconforto e mal-estar nos leitores porque mexe com uma figura consagrada da literatura brasileira. Esse incômodo, esse sentir que algo está errado, levou-me a um deslocamento de postura e a ver coisas que antes não havia observado no romance *Ressurreição*. Então, posso afirmar que a crítica feminista também começou a me desconstruir e a me fazer enxergar comportamentos misóginos que antes não percebia. Foi um processo de sentir, de reconhecer, como homem, o tanto que nossas narrativas contribuíram para construir um mundo machista e prejudicial às mulheres.

É necessário enfatizar que o presente ensaio será uma leitura feminista do primeiro romance de Machado de Assis. É a crítica, numa perspectiva feminista, que nos permitirá reconhecer o

comportamento misógino de Félix e ver em Livia uma vítima desse personagem, desnaturalizando falas a respeito de comportamentos e situações que a envolvem, mostrando como o olhar masculinista a condenou a um relacionamento tóxico e sufocante, tirando dela a possibilidade de uma vida em sociedade. Uma mulher viúva e com o filho tinha o direito a um amor e um novo casamento, no século XIX brasileiro? Essa é uma pergunta que este estudo explorará ao longo de suas páginas. E isso só será possível porque o olhar feminista nos ajuda a questionar a narrativa machadiana, vedando a Félix a possibilidade de um vitimismo, para colocá-lo como o verdadeiro vilão da narrativa, o responsável por todo sofrimento psicológico que ele impõe à sua parceira, reduzindo-a a uma situação humilhante diante da sociedade.

Recorreremos a outros textos de Machado de Assis para rastrear as origens do pensamento misógino em sua obra. Há contos e peças de teatro em que a representação do tema da viuvez feminina aparece de forma recorrente. Também, há a presença de outros personagens masculinos que se assemelham a Félix, o que parece demonstrar a existência de um mundo masculinista, no qual as mulheres são representadas de forma muito negativa. Assim, podemos ver que *Ressurreição* não é uma obra isolada, na qual um personagem masculino com comportamentos misóginos foi representado, porque há um percurso que nos leva ao reconhecimento de um mundo machista, responsável por colocar as mulheres no banco dos réus. Para tanto, vamos explorar, no tópico seguinte, alguns conceitos feministas que permitirão (re)atualizar a leitura do romance machadiano pelo olhar das mulheres, ou seja, por aquelas que não foram consideradas “seres pensantes”, no momento da composição da obra.

O viver feminista

Viver de modo feminista demanda sobretudo um despertar de nossa parte, principalmente, quando somos homens e beneficiados pelo sistema patriarcal em que vivemos. A tarefa de ser homem dentro da atual estrutura da sociedade não exige muitos esforços do sexo masculino. Então, despertar para aquilo que a teoria feminista vem nos alertando há anos é uma tarefa enorme. É necessário reconhecer em primeiro lugar que nós, homens, causamos grandes prejuízos às mulheres, por séculos, criando meios e discursos políticos que serviram para subjugar-las e torná-las submissas aos desejos masculinos. Ainda hoje, a maioria dos homens age como se os corpos femininos fossem propriedades do sistema patriarcal, podendo dispor deles de acordo com sua vontade.

A convivência, por longos anos, com mulheres, foi fator determinante para perceber que o mundo que elas almejavam era muito mais interessante e igualitário do que o sistema machista no qual eu estava imerso. Até meus dezessete anos, presenciei em casa a soberania absoluta de meu pai. Éramos de uma família muito pobre e vivíamos em uma pequena casa, na qual eu presenciava quase todos os dias cenas de violência doméstica, testemunhando muitos momentos em que minha mãe foi espancada por um simples atraso no horário de servir a mesa. Meu pai era uma figura temida por todos. Conforme entardecia, o clima ficava tenso em casa e, mesmo que não disséssemos nenhuma palavra, podíamos sentir em nossas faces o terror brilhando em nossos olhos. Como diz Sara Ahmed: “o pessoal é teórico” (2022, p. 27), por isso, trago esse trecho biográfico em uma pesquisa sobre literatura, porque, a partir de momentos como esse, comecei a perceber que havia algo errado no país onde eu vivia, que o discurso paterno de como eu deveria lidar com uma mulher estava totalmente errado. Fui criado para reproduzir a estrutura misógina de nossa sociedade.

de, isso quer dizer que me libertar dessas amarras esteve longe de ser uma tarefa simples. Afirmo que, até hoje, estou sendo treinado no olhar feminista, porque, mesmo de modo inconsciente, ainda posso estar (re)produzindo comportamentos inadequados pela força que a gramática e o comportamento masculinista tiveram sobre meus momentos de formação.

Na escola, procurava as meninas. As minhas amigas eram meninas. O sexo masculino me assombrava e, então, procurava refúgio nessas amizades que não se importavam de eu ser baixinho (na época), não-branco e pobre. Entre diários e cadernos de versos, fui crescendo em um mundo que era diferente daquele dos meninos que se empurravam, e se batiam e me batiam no horário do intervalo. Logo encontrei outro refúgio que supria as horas de ausência das meninas: a literatura. Comecei a frequentar a biblioteca pública e a levar livros para casa e, muitas vezes, eram lidos em voz alta para abafar os gritos que meu pai lançava contra minha mãe. Isso não quer dizer que fui uma criança calma. Envolvia-me em brigas, apanhava e me defendia, tive mau comportamento até meu quarto ano escolar, quando uma chave virou em minha mente e comecei a amar o silêncio dos estudos, na companhia das meninas de minha sala. Claro, esse comportamento, os leitores podem imaginar, foi interpretado como se eu fosse homossexual e os olhares eram judicativos por parte de todos.

Meu pai, vendo-me ler por várias horas e com raros amigos meninos, sentenciou: “ou vai ficar louco ou vai virar bicha”. As leituras, no final das contas, levaram-me à docência. A libertação veio com a morte de meu pai, quando eu tinha apenas dezessete anos. Minha mãe voltou a trabalhar, meu irmão e eu já trabalhávamos desde os treze anos e com nossos salários passamos a viver uma vida razoavelmente decente. Enfim, todos podíamos respirar.

Poucos meses depois, no ano de 1997, eu ingressei, contra todos os prognósticos, no Curso de Letras da Universidade Estadual Paulista, na cidade de Assis-SP. Outra vez a pergunta que fizeram à minha mãe foi se eu realmente era homossexual, afinal,

cursar Letras era algo para meninas. O caminho não foi fácil, tive muitas dificuldades e demorei a equilibrar a balança entre o ambiente acadêmico e a construção civil. Um ambiente não conversava com o outro. Passava o dia todo tendo de dar provas de masculinidade e na faculdade, no curso noturno, lia Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e outros poetas na disciplina de Teoria da Literatura.

A entrada no mundo acadêmico fez com que eu convivesse novamente com mais mulheres do que homens. Fiz várias amigas, apresentamos seminários e fomos a congressos. O mundo masculino me soava desinteressante e aquelas moças falavam de poesia, romances, contos e aquilo me encantava. Posso dizer que sempre aprendi mais com as mulheres do que com os homens, até na Universidade. Elas sempre tinham uma leitura mais interessante e aguda do que meus colegas.

O despertar, porém, foi longo. A maioria das leituras literárias e teóricas eram de autores homens. Gravei muitos desses nomes e os utilizei, inclusive por anos. Antonio Candido, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Júnior, João Alexandre Barbosa, Anatol Rosenfeld, Afrânio Coutinho, entre outros. E tudo isso era visto como normal, ninguém questionava, e todos nos esforçávamos para aprender e reproduzir suas teorias em nossos trabalhos acadêmicos. Chamo a atenção para o óbvio do que isso estava produzindo: uma bibliografia majoritariamente masculina e, é claro, o mundo sendo moldado a partir da visão dos homens. Quando li pela primeira vez um texto de Leyla Perrone Moisés fiquei encantado e disse para mim “quero ler mais mulheres”, porque o mundo que ela me abria era uma espécie de revelação.

O rápido perfil biográfico-acadêmico que tracei tem por função apontar o quão difícil é questionarmos a estrutura em que estamos inseridos. A leitura das feministas veio e me encontrou muito mais tarde. Havia aquela espécie de temor quando se ouvia a palavra feminista e algum professor mais tradicional nos dizia “isso não é para quem estuda literatura, o que importa é a obra de arte, essas são questões políticas externas à literatura”.

Acredito que o olhar feminista, por sua atividade extremamente crítica e questionadora, pode ser uma ferramenta valiosa para vermos, inclusive, nos textos consagrados, traços dessa misoginia que impera na sociedade, ainda no século XXI. O feminismo é uma importante corrente de pensamento para nos fazer ver, a claro, aquilo que estava protegido pelas sombras do masculinismo. Praticar o feminismo é praticar uma crítica constante que não aceita a simples resposta de que algo é cultural e que devemos entender. O feminismo “põe o dedo na ferida” e, por isso, ele incomoda tanto, porque nos obriga a pensar fora da caixa do patriarcado. Como afirma Ahmed (2022),

Viver uma vida feminista não significa adotar uma série de ideais ou normas de conduta, embora possa significar fazer perguntas éticas sobre como viver melhor em um mundo injusto e desigual (em um mundo não feminista e antifeminista); como criar relações que sejam mais igualitárias; como descobrir formas de apoiar quem recebe pouco ou nenhum apoio dos sistemas sociais; como seguir confrontando histórias que se tornaram concretas, histórias que se tornaram tão sólidas quanto paredes (Ahmed, 2022, p. 13).

Precisamos adotar um modo de vida feminista porque é justamente ele que nos levará a fazer perguntas éticas sobre esse mundo desigual e injusto em que vivemos. Viver de modo feminista é aceitar a existência de um mundo em desequilíbrio, no qual uma das partes tem sido extremamente beneficiada, por anos, enquanto a outra extremamente desfavorecida, portanto, é uma forma de buscar justiça e reparação histórica e social. Para que os homens chegassem onde estão, milhares de mulheres foram sacrificadas e até mortas. O feminismo incomoda porque ele não aceita o modo como as histórias nos foram contadas até o ponto de se tornarem verdades absolutas. Para o feminismo não existe verdade inquestionável, mesmo que a impressão seja de se estar batendo contra uma parede que teima em não se mover.

Foi o olhar feminista que vive derrubando paredes e questionando histórias narradas como naturais, que me fez, em uma terceira leitura de *Ressurreição*, de Machado de Assis, questionar o com-

portamento do protagonista em relação às mulheres. Ainda mais em um romance em que o narrador se dirige às leitoras. Foi o momento em que percebi que havia algo errado, que me levou a pensar como as mulheres do século XIX leram essa narrativa, na qual a única que sai perdendo é a figura feminina. Há quase uma tradição em afirmar que *Ressurreição* (1872) é o primeiro romance de Machado de Assis e, portanto, está longe de ser seu melhor texto, pertencendo aos anos de aprendizagem do autor. Mas acredito que esse não seja o maior defeito do romance, o que deve ter incomodado os leitores da época é o fato de ele mostrar um país misógino, no qual os homens não gostaram muito de se ver nele retratados, sem meias-palavras.

Muitos leitores de Machado, com certeza, dirão: “o ensaísta está deturpando a obra do autor”, mas isso é esperado pelo viver feminista porque “é mais fácil rejeitar o feminismo quando ele é entendido como um movimento de rejeição; como sendo um movimento cujo objetivo é fazer com que as pessoas se sintam mal por seus desejos e esforços” (Ahmed, 2022, p. 14). Estamos lidando com uma forma de mal-estar, porque falar pelo viés do feminismo é criar um incômodo, uma espécie de infelicidade. É como se o feminismo sempre estivesse apontando para os erros que as pessoas cometeram e antes não tinham consciência de estarem erradas. A teoria feminista incomoda porque as pessoas se sentem mal por verem que alguém critica seus esforços para manter todos felizes. O feminismo desaliena as pessoas e isso causa tristeza. Muitos preferem viver a ilusão de um mundo perfeito, no qual homens e mulheres estão onde deveriam estar, logo, as feministas são vistas como estraga-prazeres. Mais adiante falaremos um pouco sobre o assunto.

E vamos além, como afirma Ahmed (2022, p. 14), “viver uma vida feminista é transformar tudo em algo passível de questionamento. A questão de como se vive uma vida feminista está viva enquanto questão e é uma questão de vida”. Assim, o modo de vida feminista sempre está sob ataque das alas conservadoras, das famílias, da religião e até das estruturas de ensino que veem as feministas como um problema. “Mulheres pensantes” são criadoras de problemas, nunca estão satisfeitas, sempre têm alguma con-

sideração onde tudo era paz e harmonia. O feminismo, porém, é uma questão de vida. É necessário falar, insistentemente, para que as mulheres parem de morrer nas mãos dos homens. Fala-se porque não se sabe até quando se estará viva. Uma feminista é alguém que abre nossos olhos e passamos a ver o problema. No caso da literatura, isso é perceptível nas descrições de personagens, nas histórias que são contadas e como são contadas, na moral que muitos textos tentam transmitir, principalmente, quando essa moral vem de um homem, como é o caso dos textos literários do século XIX brasileiro, quando autores como Machado de Assis davam conselhos e contavam anedotas para as mulheres, para que elas aprendessem como agir diante de determinadas situações. Viver uma vida feminista é aprender a se questionar o tempo todo, sabendo que nada está fora do alcance da visão do feminismo, tudo é passível de questionamento e é esse esforço que faremos ao longo deste ensaio. Exerceremos o direito ao questionamento de uma obra literária de um autor consagrado.

Nada está livre do olhar feminista e é isso que incomoda as pessoas. O olhar feminista nos aproxima de uma perspectiva desconstrucionista do discurso masculino. Ele derruba certas paredes em que acostumamos apoiar nossos pensamentos, por isso, a leitura feminista é política e de ação. É preciso derrubar certos obstáculos, limpar o terreno para que saibamos onde estamos pisando, pois como afirma Ahmed (2022),

Para construir moradas feministas, precisamos dismantellar o que já foi montado; precisamos nos perguntar contra o que nós nos posicionamos, a que nós somos favoráveis, com plena consciência de que este nós não é um alicerce pronto, mas algo pelo qual temos que trabalhar” (Ahmed, 2022, p. 15).

Adotar um olhar feminista é sempre se posicionar contra, porque o que está estabelecido é uma morada que favorece apenas os homens. Eles estão sossegados sob os tetos que criaram para si e o feminismo questiona esse lugar confortável que os homens estabeleceram para viver, lançando os fundamentos de novos alicerces nos quais as mulheres também possam habitar em segurança.

Acredito que nós, homens, devemos ler a teoria feminista também, porque precisamos nos tornar cômicos dos prejuízos que causamos às mulheres, construindo espaços onde poderíamos habitar equitativamente, sem nos sentarmos sobre nossos privilégios. O olhar feminista nos incomoda tanto porque aprendemos que nunca fomos os heróis da história, que, na verdade, agimos mais como vilões, ora sendo autores da violência, ora sendo omissos e, portanto, cúmplices de um machismo que nos favorece. O silêncio não nos justifica, antes entrega nosso comportamento tóxico ao nos calarmos diante da violência contra as mulheres.

Adoto, neste ensaio, o viés feminista para ler o primeiro romance de Machado de Assis, porque ele nos permite reeditar uma crítica tradicionalista e desgastada ao interpretar as obras desse autor. O feminismo permite abrir caminho, desnaturalizar o discurso misógino que se esconde atrás da desculpa de que não podemos fazer uma leitura anacrônica, como com as obras do século XIX, quando era normal homens terem comportamentos como o de Félix, o herói da história. Minha pergunta é: quem eram as pessoas responsáveis por estabelecer esse normal? Quem fazia essa leitura da sociedade? E veremos que todos eles são homens que publicavam nos jornais, nas revistas, nos livros, dominando o cenário editorial e, portanto, tendo a palavra final sobre os corpos femininos. Esses escritores ditavam o modo de vestir, os gestos, as companhias ideais para uma mulher sair às ruas, as peças de teatro que deveriam assistir – Machado de Assis, por exemplo, foi censor do Conservatório Dramático – os livros que deveriam ler, as histórias que “não fizessem corar” como costumava dizer José de Alencar. Enfim, o mundo das mulheres era controlado e vigiado, constantemente, pelos ditos intelectuais da época.

Claro que um mundo descrito pelos homens seria limitado e prejudicial às mulheres. Eles tiravam delas o direito à voz e praticavam abertamente o etarismo feminino, estabelecendo, a partir de leituras vindas da Europa, as faixas etárias da juventude da mulher e de sua velhice. As meninas se casavam entre quinze e dezesseis anos e por volta dos vinte e cinco ficavam viúvas, porque

havia contraído matrimônio com homens muito mais velhos e, aos trinta e cinco anos, entravam para o outono da vida, atingindo a velhice quando completavam quatro décadas, enquanto os homens estendiam sua juventude até mais de quarenta anos, desfilando pelas ruas com meninas como se isso fosse normal. Às mulheres era destinado o espaço do lar, o recato da casa, e aos homens ficavam os passeios ao teatro, à ópera, à Rua do Ouvidor e às festas públicas.

Lembre-mos do episódio que abre *Lucíola*, de José de Alencar, quando a personagem principal do romance estava sozinha na Festa da Glória, e isso foi o suficiente para que denunciasses sua posição de cortesã, afinal, uma mulher de respeito jamais estaria na rua sozinha, sem a companhia do pai, de um irmão mais velho ou do marido. O mundo dos romances do século XIX brasileiro é um espaço masculino, no qual as mulheres até ocupam um protagonismo, porém, são apresentadas segundo a visão dos homens, portanto, são retratos incompletos que atendem ao desejo machista de educar as mulheres para se tornarem filhas, esposas e mães perfeitas.

Move o feminismo o sentimento de injustiça, então, é difícil imaginar que leitores homens se incomodassem com algumas narrativas do período de formação de nossa identidade nacional. Afinal, para eles, tudo estava no devido lugar, cabendo aos homens doutrinar o sexo mais frágil. O feminismo, porém, alerta para o que está errado, como ressalta Ahmed (2022, p. 15), afirmando que “o feminismo é um movimento em muitos sentidos. Algo nos move a nos tornar feministas. Talvez esse algo seja um sentimento de injustiça, de que existe alguma coisa errada [...]”. Esse sentimento de que alguma coisa está errada nos move na presente leitura que pretendemos fazer sobre Machado de Assis. E se algo está errado, alguma injustiça foi cometida, há situações que merecem reparação, questões incômodas devem ser levantadas, mesmo que isso traga descontentamento e indignação por parte daqueles que se beneficiaram desse mundo misógino que habitamos.

Optei pela teoria feminista justamente porque ela é capaz de ver os problemas que a maioria das pessoas se recusa a aceitar.

O feminismo tem “o dinamismo de criar conexões” (Ahmed, 2022, p. 16). Como estratégia de leitura, essa teoria é uma poderosa articuladora de sentidos, preenche lacunas de interpretação porque traz um olhar feminino e, portanto, novo e politicamente interessante para velhas questões tidas, até mesmo, como superadas. O feminismo é “um movimento que vem à luz para transformar o que existe” (Ahmed, 2022, p. 16), e a sensação de mal-estar pode advir inclusive de por ele atingirmos a consciência de nunca ter visto o óbvio do machismo e da misoginia em muitos textos da tradição literária. É assim, que “o feminismo tem a ver com mobilizar pessoas em torno de uma discussão” (Ahmed, 2022, p. 16). Esse poder de mexer com as pessoas, com suas leituras, pode alterar nossas percepções e fazer com que compremos as lutas corretas ou pelo menos mais justas, que não devemos silenciar diante da violência praticada contra as mulheres, mesmo que elas aconteçam no campo da ficção, porque esta pode alimentar no âmago dos leitores determinadas posturas preconceituosas e nutrir seus desejos de poder. Para Ahmed (2002),

Um movimento feminista pode acontecer quando se estabelecem conexões entre pessoas que reconhecem determinada coisa – relações de poder, violência de gênero, gênero como violência – como algo que deve ser combatido, mesmo que usem palavras diferentes para identificar o que é (Ahmed, 2022, p. 16-17).

É necessário que reconheçamos que alguns textos escancararam as relações de poder entre homens e mulheres, mostrando a exploração do corpo e dos sentimentos femininos de forma naturalizada, porque, como costumam dizer, “os homens sempre foram assim”. Então, o feminismo cria conexões entre pessoas que reconhecem essas relações exploratórias em relação ao corpo e ao modo de pensar feminino e conseguem, pelo trabalho de leitura feminista, identificar a violência de gênero em algumas narrativas, percebendo como as mulheres foram exploradas e usadas para atender aos desejos masculinos, desconsiderando até mesmo sua intelectualidade, assim como passam a perceber que o gênero tam-

bém é uma forma de violência, que os homens agredem as mulheres porque elas são mulheres e eles, como pertencentes ao sexo masculino, acreditam ter o direito de praticar essas violências. Então, pertencer ao gênero masculino é quase uma carta de autorização para criar discursos, políticas e até mesmo produzir violência física e psicológica contra as mulheres. Então, atinge-se a consciência de que algo deve ser combatido e, ao lutar por seus direitos, as mulheres sentem como se batessem contra um muro, porque os homens intensificam as estratégias de proteção mútua e de dominação sobre os corpos femininos, mas, uma vez alcançada a consciência da exploração, é impossível regressar e fingir que está tudo certo no mundo.

No caso brasileiro, o discurso feminista pode nos alertar a respeito de problemas profundos em nossa sociedade, como o racismo e a escravidão. Ahmed (2022) declara:

Tomo aqui a definição que bell hooks deu ao feminismo, um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexual e a opressão sexual. Aprendemos muito com essa definição. O feminismo é necessário por causa do que ainda não acabou: o sexismo, a exploração sexual e a opressão sexual. E, para hooks, “o sexismo, a exploração sexual e a opressão sexual” não podem ser dissociados do racismo, do modo como as histórias coloniais, incluindo a escravidão, moldam o presente e são centrais para a exploração no regime capitalista (Ahmed, 2022, p. 18-19).

O feminismo tem por finalidade combater o sexismo, a exploração e a opressão sexual. Essas questões foram herdadas e intensificadas pelos regimes escravistas que reinaram, por séculos, nos países que foram colonizados, e construíram suas bases econômicas sobre a exploração predatória do trabalho das pessoas negras. Os corpos negros foram subjugados em todos os níveis, inclusive sexuais. As mulheres negras eram estupradas porque os homens brancos levavam ao grau máximo de humilhação esses corpos que julgavam ser suas propriedades. Aqui, vemos como a violência de gênero operou sobre os corpos femininos, pois a escravidão autorizou o estupro duplamente, afinal, eram mulheres e

eram mulheres negras, portanto, não dá para dissociar o sexismo e a exploração sexual do racismo. As feministas negras ou marrons, como se autodenomina Sara Ahmed, escancaram o fato de a violência de gênero ter suas origens no racismo e na escravidão. Logo, outras mulheres também podem ser exploradas sexualmente porque, embora sejam brancas, pertencem ao sexo feminino e estão sujeitas ao desejo do dominador que estende seus direitos de propriedade sobre os corpos de todas as mulheres.

O olhar de desconstrução é fundamental para compreender o sexismo e a opressão sexual no Brasil do século XIX. O país vivia abertamente sob o regime escravista e grande parte da obra de Machado de Assis e de outros autores, do período de formação de nossa identidade nacional, foram escritas nesse contexto, vivendo dos benefícios e dos problemas que a escravidão produzia no Rio de Janeiro. Os reflexos da escravidão se viam por todas as partes, inclusive na estruturação de uma sociedade misógina, na qual as mulheres brancas também eram vistas como moeda de troca, no momento de estabelecer os laços matrimoniais, que garantiam aos donos do poder a manutenção seus privilégios.

Os aspectos do sexismo são visíveis em *Ressurreição*, quando vemos as práticas de Félix com as mulheres. A relação exploratória que ele tem com Cecília, ao início do romance, explícita como os homens que possuíam dinheiro usavam seu poder para ter a seus pés mulheres em situação financeira frágil, em um claro relacionamento em que a diferença de classes serve como desculpa para obter favores sexuais de quem está na base da economia. Nesse caso, o que temos é a exploração do corpo da mulher. Os ricos, até mesmo os casados, mantinham sob seu domínio mulheres como Cecília que, afundadas em um país onde o trabalho era inferiorizado, porque associado à mão de obra escrava, acabavam entrando para a classe dos dependentes, pagando esses favores com o próprio corpo. O olhar feminista nos ajuda a desmascarar e questionar essas relações de poder e de gênero, nas quais o corpo feminino é alvo de exploração e por que não, de uma variante dos modos de escravidão que ainda há em nosso país.

O viver de forma feminista é praticar constantemente o direito ao questionamento das bases sobre as quais se estrutura o Brasil, reconhecer que o sexismo e a violência de gênero são herdeiras de um escravismo que ainda persiste em nossa sociedade capitalista, na qual as formas de opressão se modernizaram e ganharam novas nuances em um contexto de exploração dos corpos femininos. Sondar, portanto, as origens da presença da representação da misoginia na obra de Machado de Assis é um caminho viável para conhecer as origens da violência contra mulher. Cabe lembrar que Machado foi um autor atento ao que acontecia ao seu redor e que seus romances sempre trazem pistas valiosas para conhecermos a alma do Brasil. Claro que corremos o risco de supervalorizar a obra Machado de Assis, mas pretendemos discutir como o romance *Ressurreição*, que analisaremos mais adiante, é um ótimo exemplar para esmiuçar o gérmen dos discursos misóginos que hoje circulam pelas redes sociais, tão abertamente.

A leitura que propomos será operada, constantemente, com as chaves do feminismo, embasada em Ahmed (2022, p. 20), uma vez que “grande parte do trabalho feminista e antirracista consiste em tentar convencer as outras pessoas de que o sexismo e o racismo não acabaram; de que o sexismo e o racismo são peças fundamentais das injustiças do capitalismo tardio; de que eles importam”. E como racismo e sexismo continuam fortes em nosso país, é válido lembrar que isso não é um problema recente, ele sempre existiu e será nosso trabalho, neste ensaio, mostrar como ele é gritante, até mesmo em uma obra de ficção. Ao contrário de o que o imaginário popular possa acreditar sobre o Romantismo, afirmando que ele foi um período de poetas que morriam cedo e que os jovens se sacrificavam por amor, encontrando no casamento o clímax da felicidade, há no enredo dos romances muito jogo de poder e exploração do corpo das mulheres, revelando como a violência de gênero é algo antigo no Brasil. Racismo e sexismo não são invenções nem ilusão de nossas mentes, eles afetaram, e ainda afetam profundamente a vida das mulheres, por isso, o olhar feminista incomoda tanto, por ele sempre estar disposto a “pôr o dedo na

ferida” em um país que se acostumou ao discurso de que deveríamos virar a página para continuarmos todos em paz.

Ao contrário de o que muitos alegam, o sexismo e o racismo são elementos concretos de nossa sociedade. Para Ahmed (2022, p. 20), “até mesmo descrever algo como sexista e racista, aqui e agora, pode lhe causar problemas. Se você identifica estruturas, dizem que é coisa da sua cabeça. O que você descreve como algo material é desdenhado como se fosse algo mental”. Negar que o sexismo e o racismo ajudaram a estruturar nossa sociedade é uma forma de desdenhar de algo concreto para que ele perca o valor diante das pessoas. Homens desqualificam a existência dessas estratégias de dominação, porque debater o assunto é dar razão à visão feminista do mundo e aceitar que algo está errado, fora do eixo e que precisa ser reajustado. A leitura feminista do mundo é extremamente questionadora e prova que não estamos falando apenas de uma imaginação, mas que sexismo e racismo regem as relações sociais de trabalho e de gênero todos os dias.

Aceitar que o racismo e o sexismo são elementos estruturantes de nossa sociedade é entender como o capitalismo tardio, no qual entrou o Brasil no século XIX, trouxe problemas para o modo de vida que a classe senhorial estava acostumada. O capitalismo apontava para o impasse de o Brasil ainda ser um país escravista, e entre abrir mão da escravidão e aderir às propostas de uma visão econômica de livre concorrência, os senhores de escravos se viram diante de uma crise em seu privilégio de domínio. Desta forma, agarraram-se com todas as forças a outras formas de dominação para compensar a instabilidade do regime senhorial, estendendo e aperfeiçoando as formas de exploração dos mais frágeis, entre eles as mulheres.

O que percebemos em *Ressurreição* é a existência de um mundo masculino, no qual os homens dispõem das mulheres como desejam, objetificando-as. Aparentemente, os homens tiravam as pobres moças do limbo como diziam, mas instalavam-nas em casas clandestinas, onde poderiam explorá-las e viver seus amores extraconjugais ou, simplesmente, ter um corpo a serviço de seus

desejos sexuais. Era imposto a essas jovens em condição de vulnerabilidade uma forma de exploração baseada nos códigos sociais da elegância e do bom viver dos homens ociosos, que precisavam de diversão para ocupar o tempo que nunca era empregado no trabalho, essa forma indigna de viver que estava associada à escravidão. As mulheres, assim, a portas fechadas, eram vítimas de outras formas de escravidão que estendiam seus tentáculos a todas aquelas que estavam em situação de dependência, no Brasil.

Félix não tem problemas com sua forma de viver. Ele escolheu o primeiro dia do ano para terminar seu relacionamento com Cecília, que não teria como argumentar contra a decisão do namorado, uma vez que estava sujeita aos caprichos dele, que podia dispor dela como um objeto. A história de vida deste homem ganha outros contornos quando se envolve com Livia, uma viúva com posses e quer tratá-la como se fosse mais uma dependente. Ao ver que lhe foge das mãos a possibilidade da posse, nos termos tradicionais estabelecidos pela forma escravista de viver, e não tendo como dominá-la pelo dinheiro, lança mão de outras formas de dominação, exacerbando suas desconfianças e ciúmes para compensar sua perda de poder em um relacionamento que tem de agir com a mulher como se ela fosse uma igual. Félix entra em crise de masculinidade e se torna ainda mais violento com Livia, praticando contra ela a violência de gênero, porque, sendo mulher, ela deveria se submeter a ele. A história entre Félix e Livia mostra, de forma concreta, como podemos descrever a existência de um relacionamento regido pelo racismo e pelo sexismo. Isso não é uma invenção de nossas cabeças; desdenhar dessa leitura é só uma forma de manter o falso equilíbrio entre homens e mulheres em que supostamente se sustenta nosso país.

Assumir uma leitura abertamente feminista de uma obra literária consagrada é se colocar do lado daquelas que causam mal-estar em falar, em levantar a voz, em exigir para si o direito de protestar contra estruturas de poder que limitam a ação das mulheres. Ahmed (2022) sustenta que, por essa afronta

Você será interpretada como alguém que interrompe um momento feliz com a sensação de sua própria negação. Você será interpretada como alguém que faz política identitária, como se estivesse falando sobre racismo por ser uma pessoa de cor [person of color], ou como se estivesse falando sobre sexismo por ser mulher (Ahmed, 2022, p. 25-26).

Pretendemos, desta maneira, interromper as leituras felizes sobre *Ressurreição*, de Machado de Assis, que se limitaram a apontar a tentativa de um ensaio para provar que um homem desconfiado pode ser infeliz, mesmo tendo toda possibilidade de felicidade diante de si, por isso, seremos guiados pelas vozes do feminismo, que são capazes de apontar os problemas do sexismo e do racismo, sem pudores. E, assim como Helen Caldwell que colocou Bentinho no banco dos réus, faremos o mesmo com Félix, mostrando como ele era um homem tóxico e misógino, oprimindo Livia com seu comportamento machista, violentando-a psicologicamente para se sentir melhor diante de uma mulher para quem o dinheiro dele não era um atrativo. Félix encarna o típico homem rico do século XIX e, talvez, por isso, tenha passado, por anos, incólume diante dos leitores, porque ele é o homem prototípico de uma sociedade misógina. Ele não está só, é apenas mais um performando sua masculinidade pelas ruas do Rio de Janeiro.

A importância da feminista “estraga-prazeres” na reinterpretação de textos consagrados

Uma das imagens que Sara Ahmed trabalha em seu livro *Viver uma vida feminista* (2022) é a da feminista estraga-prazeres. Ela surge nos momentos mais inoportunos: um jantar em família, uma reunião de amigos, uma conversa descontraída em um bar. Na verdade, ela insurge contra velhas leituras de um mundo masculinista desgastado, que em suas práticas cotidianas lança mão de estratégias de dominação e de poder sobre as mulheres, consolidando uma determinada visão sobre os corpos femininos e seus papéis na sociedade.

A feminista estraga-prazeres é incômoda porque sempre está questionando, reclamando, desmascarando costumes misóginos que nos acostumamos a naturalizar e aceitar, sem questioná-los. Ela não aceita piadinhas machistas nem aqueles conselhos disfarçados de ordem para dizer qual é o lugar da mulher.

As feministas estraga-prazeres acabam se tornando aquelas figuras indesejadas, às vezes, apenas toleradas nos meios que frequentam. As perguntas que elas fazem incomodam porque nos revelam questões que julgávamos pacíficas e que, na verdade, estavam protegidas por uma visão masculinista no mundo. Essas revelações que vêm pelo olhar feminista ferem os egos, principalmente os masculinos, pois, mostram o erro em que habitamos por anos e que nunca tínhamos notado. Por incrível que pareça, o olhar feminista mostra o óbvio e quando não o notamos isso demonstra que nossa capacidade intelectual também estava limitada pelo machismo do qual todos os homens são beneficiados.

A feminista estraga-prazeres nos torna conscientes dos problemas do mundo, como constata Ahmed (2002):

Como sugeri antes, quando você nomeia algo como sexista ou racista, você o torna mais tangível, então fica mais fácil transmiti-lo a outras pessoas. Mas, para quem não percebe o racismo e o sexismo sobre os quais você está falando, trazê-los à tona significa trazê-los à existência” (Ahmed, 2022, p. 68).

É nomeando os problemas que as feministas alfabetizam as pessoas sobre os problemas básicos de nossa sociedade. Ao identificar o racismo e o sexismo, elas dão existência palpável a práticas colonialistas e escravistas que permeiam países como o Brasil, ainda herdeiros de um sistema escravista, no qual a classe dos ricos, em sua maioria, branca, se acostumou a se beneficiar dos privilégios obtidos por meio da exploração das pessoas negras. Países como o Brasil, com o fim da escravidão, aperfeiçoaram os modos de exploração da vida humana, estendendo-as às mulheres e a outras pessoas das classes menos favorecidas, em geral, negras ou não brancas para manter o poder do qual acreditavam terem sido investidos quase por direito divino. As feministas estraga-prazeres apontam esses problemas, trazendo-os à existência, dando-lhes concretude, o que faz com que aquilo que antes estava oculto ou apenas se suspeitasse se torne um problema a ser resolvido. Logo, elas passam a ser pessoas indesejáveis nas rodas de conversas.

Ter um olhar feminista sobre o mundo pode estar relacionado a construir uma sociedade mais igualitária, mas isso não vem sem dores ou sem a desconstrução de velhas estruturas que habitamos, como se o problema sempre estivesse no quintal do outros. Elas põem fim à narrativa de felicidade na qual nós, homens, crescemos, certos de nossa justiça, por isso, elas incomodam os que estão sentados à mesa. Como afirma Ahmed (2022):

Não importa como fale, quem fala como feminista geralmente é ouvida como sendo a causa da discussão. Ela é quem interrompe o fluxo amigável da comunicação. A coisa fica tensa. Ela faz as coisas ficarem tensas. Podemos começar a identificar o que é bloqueado com essa dinâmica. O problema não se limita ao conteúdo do que ela está dizendo. Ela faz mais do que simplesmente dizer a coisa errada: ela atrapalha algo, a conquista ou o triunfo da família, de um nós ou algo assim, que é criado pelo que não é dito. Há muitas coisas que você

não deve dizer, fazer, ser, a fim de preservar esse nós. E, no entanto, mesmo que ela não devesse reagir dessa forma, sua reação é, em outro nível, desejada. Afinal, ela se irrita porque alguém a irrita. A família é encenada ao testemunhar sua irritação, como ela gira em círculos. Olha, olha como ela gesticula! Fazer dela a causa da tensão é outro modo de preservar a ilusão de que, sem ela, a família seria civilizada. Penso que aquelas de nós que foram a estraga-prazeres em uma refeição com a família provavelmente sabem quão úteis somos como repositórios de incivilidade e discórdia (Ahmed, 2022, p. 69-70).

Ao invés de enfrentar o problema, passamos a buscar um culpado por terem estragado nossa felicidade. A feminista estraga-prazeres se torna o alvo das novas agressões dos homens que querem manter a “ordem”. Por que, afinal de contas, ela tinha de falar de novo, levantar o braço, impor-nos sua opinião? Porque uma feminista estraga-prazeres sempre vê mais longe que os demais, denuncia as injustiças sobre as quais se construiu nosso mundo. Aqui, chamo essa figura em meu auxílio, justamente por ela ter me obrigado a fazer perguntas sobre leituras que eu já julgava superadas. Nem sequer pensava que quando começasse a reler *Ressurreição* falaria de misoginia e de machismo, quando muito, influenciado fortemente por Roberto Schwarz, falaria de paternalismo e como os romances da primeira fase de Machado de Assis mostram o funcionamento dessa classe senhorial.

Havia uma feminista estraga-prazeres em meu caminho e ao conversar com ela, percebi que havia algo errado, que não era apenas paternalismo, que havia um forte caráter misógino nas atitudes do protagonista da história. Era preciso fazer algo a respeito, o problema havia ganhado concretude, ele passava a existir e não havia como fechar os olhos para agradar aos leitores mais tradicionais, zelosos de um mundo, no qual homens eram homens e mulheres eram mulheres e, portanto, agiam ou sofriam como tais. A leitura da feminista estraga-prazeres nos leva a questionar esse “nós” da felicidade coletiva e comecei a enxergar o quanto havia de violência de gênero nesse primeiro romance de Machado de Assis. O olhar feminista é essencial para revermos, inclusive, a literatura de nosso país, uma vez que ela é responsável pela cons-

trução de um determinado imaginário social em nossas cabeças. A lição da feminista estraga-prazeres nos dá é de que questionar o *status quo* é necessário para deixarmos de aceitar a violência contra as mulheres como algo natural.

A primeira reação das pessoas é a violência contra as feministas estraga-prazeres. Elas não tinham o direito de falar daquele assunto. Então, começam os discursos de desmerecimento do olhar feminista, voltando-se contra o corpo da mulher, seus hormônios, sua psicologia. Elas passam a ser taxadas de descontroladas, loucas e inseguras. Elas são pessoas que não sabem o seu lugar. Como afirma Ahmed (2022):

Agora já podemos ver que o feminismo é refutado ou desmerecido por ser considerado uma simples tendência pessoal, como se a feminista discordasse de algo porque está sendo desagradável; como se fosse contra algo porque é do contra. As feministas são julgadas, então, como incapazes de ser conter, como se ser feminista equivalesse a funcionar no piloto automático (Ahmed, 2022, p. 71).

A visão feminista nos ajuda a desconstruir os discursos de dominação masculina nos mais diversos âmbitos, inclusive na literatura, como é o caso do presente ensaio. A reação do mundo masculinista é desmerecer o olhar feminista, como se ele apenas quisesse causar problema, pelo simples prazer em ser desagradável, mas, é o contrário, ele desagrada porque expõe as injustiças e denuncia as estruturas de poder que favorecem os homens, protegendo-os em seus discursos misóginos. O olhar feminista é anti-doutrinário, e incomoda tanto porque tem o compromisso de não se calar diante dos incômodos para que os homens possam viver felizes em um mundo no qual as mulheres nunca foram levadas a sério.

Com certeza, muitos leitores dirão que estou fazendo política e não análise literária séria, que a questão da misoginia e do racismo, que permeiam a narrativa de *Ressurreição*, são elementos temáticos e não estruturais da obra. Não podemos esquecer, porém, que o romance de Machado de Assis faz do temático a estrutura da obra. Embora o livro não fale abertamente sobre a escravidão, as ações das personagens são o reflexo desse mundo escravis-

ta do qual o Brasil era signatário. Temos de compreender que as consequências do escravismo se estendem para a organização da sociedade como um todo. As relações entre a classe senhorial e a classe dos dependentes é regida pela lógica escravista da exploração do mais fraco. A partir daí, podemos compreender por que as mulheres que habitam esse mundo estão sujeitas ao desejo masculino, servindo para diversão da classe de homens ociosos, que se cultivam não só pela arte, mas pelas diversões sexuais que o dinheiro pode comprar.

Ter o olhar feminista é admitir que algo está fora do lugar, que há algo errado na música que estamos acostumados a ouvir. Aceitar o olhar feminista é rever nossos posicionamentos e entender que podemos estar errados e que reproduzimos, por séculos, uma visão sexista e perceber que nos beneficiamos desse sistema machista, pois, como constata Ahmed (2022),

Frequentemente, a experiência de ser feminista é a experiência de estar fora de sintonia com as outras pessoas. A nota que soa desafinada é não só a que mais destoa como também a que arruína a melodia inteira. É evidente que parece negativo: arruinar alguma coisa. Somos ouvidas como se fôssemos pessoas negativas: sempre arruinamos algo; jantares, fotografias, como discuto no capítulo 2. Precisamos arruinar o que arruína. Poderíamos pensar que arruinar não é apenas uma atividade que provoca o colapso ou a queda de algo, mas também é como aprendemos sobre as coisas quando as desmontamos, ou como aprendemos por desmontá-las (Ahmed, 2022, p. 74).

Nossa proposta, neste ensaio, é justamente desafinar com a maioria das demais leituras sobre *Ressurreição*. É necessário perceber que algo está errado no ritmo da narrativa, passar pela sensação de estar arruinando algo para construir um novo olhar sobre o primeiro romance de Machado de Assis. Esse percurso exigirá de nós que abramos mão de nossa postura machista e de nosso acúmulo masculino, deixando que o olhar feminista nos incommode ao reconhecer que ele nos faz ver o mundo pela ótica daquelas que não foram consideradas na história, sob a égide do sistema patriarcal. É sobre essa exclusão que pretendemos conversar um pouco na próxima seção.

A necessidade de uma História vista pelos olhos das mulheres

O problema da maioria dos setores de nossa sociedade é que eles foram moldados pela visão masculina. Com a crítica literária que se debruçou sobre a literatura produzida no século XIX não foi diferente. A maioria dos leitores especializados era constituída por homens. Foi preciso aguardar anos para que as mulheres pudessem se manifestar sobre o fazer literário em nosso país. O ambiente literário do XIX era dominado por homens: eles escreviam e liam o que seus pares produziam, em uma espécie de grupo de autoelogios. Até o que eles diziam sobre as mulheres era avaliado por seus pares e, neste caso, as mulheres não eram consideradas entre eles. Era um mundo masculinizado. Maria Firmina dos Reis experimentou o que era escrever sobre a escravidão neste mundo de homens. Ela foi silenciada e esquecida, os jornais da época não indicaram seu romance para leitura. A literatura brasileira esperou que surgisse um Castro Alves para chamá-lo de poeta dos escravos, para inaugurar o Condoreirismo e torná-lo leitura obrigatória nos bancos escolares.

Neste sentido, é natural que os leitores da época da publicação de *Ressurreição* não tenham se manifestado contra Félix. As atitudes dele representavam o comportamento padrão dos homens da época. O romance pode não ter agradado muito aos leitores por causa de seu antirromantismo. Félix é um personagem cínico, do qual o narrador não esconde as intenções espúrias que ele tem com a viúva Lívia.

A naturalidade com que foi mostrado o comportamento masculino em relação às mulheres pode ter soado exagerado e destruído algumas ilusões, tanto que nos romances seguintes Machado de Assis muda a estratégia e se volta para as personagens femininas, o que ameniza um pouco o modo como expõe as atitudes

de domínio masculino. Embora, ao se ler com cuidado os romances seguintes, percebamos, claramente, os homens agindo como se fossem proprietários das mulheres.

Gerda Lerner em sua obra *A criação do patriarcado* – História da opressão das mulheres pelos homens (2019), argumenta sobre a necessidade de se questionar o conceito de História, no que tange às mulheres, que foi escrita apenas pelos homens, começando por diferenciar a história, escrita assim com minúscula, e a História, que pertence ao sistema de criação de símbolos e de interpretação do passado, da qual as mulheres foram excluídas como produtoras do saber. Lerner (2019) questiona:

O que é história? Precisamos distinguir o passado não registrado – todos os eventos do passado segundo os seres humanos se recordam deles – da História – o passado registrado e interpretado. Assim como os homens, as mulheres são e sempre foram sujeitos e agentes da história. Uma vez que as mulheres são a metade e às vezes mais da metade da humanidade, elas sempre compartilharam o mundo e o trabalho tal qual os homens. As mulheres são e foram peças centrais, e não marginais, para a criação da sociedade e a construção da civilização. Também dividiram com os homens a preservação da memória coletiva, que dá forma ao passado, tornando-o tradição cultural, fornece o elo entre gerações e conecta passado e futuro. Essa tradição oral foi mantida viva em formas de poemas e mitos, que tanto homens quanto mulheres criaram e preservaram em folclores, arte e ritos (Lerner, 2019, p. 28).

A questão é que as mulheres sempre participaram da história. Elas ajudaram a construir as sociedades como as conhecemos, e sempre foram a maioria da população mundial. Seria estranho se elas tivessem ficado isentas da participação nos modos de vida dos homens e delas mesmas. A postura de Gerda Lerner tem por objetivo tirar da mulher uma espécie do vitimismo a que muitas vezes foi relegada, uma vez que as mulheres participaram ativamente na estruturação das comunidades primitivas, e ao modo de viver como estamos habituados a reconhecer como uma forma de vida natural. Lerner, na verdade, faz essa diferenciação para explicitar as estratégias de consolidação do patriarcado.

Quando chegou a hora de interpretar os fatos, ou seja, de construir a História, com maiúscula, entendida como um sistema de dar sentido e criar símbolos interpretativos do passado, as mulheres foram deixadas de lado. Os homens foram convocados a serem os historiadores, a darem sua versão sobre o tempo pretérito e, é claro, construíram uma História do ponto de vista masculino, que excluiu, pelo menos, metade da população mundial, portanto, a História dos tempos antigos, até mais ou menos o final do século XIX, é uma História de como os homens dominaram o mundo e nele foram os grandes mentores e atores das mudanças sociais. A História tirou das mulheres a possibilidade de construir um mundo mais justo, no qual pudéssemos reconhecer tanto o papel do homem quanto da mulher nos eventos do passado.

O modo como interpretamos os eventos mundiais é totalmente parcial, uma vez que contou apenas com os olhares dos homens. Eles selecionaram quem entraria para os livros de História e quem ficaria de fora, e excluíram homens também, mas não pelo sexo, por motivos políticos, étnicos, colonialistas. Somente as mulheres foram excluídas por serem mulheres, logo, essa História masculinista conta apenas uma parte da trajetória oficial da humanidade, protagonizada por ambos os sexos, e o faz atendendo aos interesses de um mundo feito para os homens serem vistos como as grandes figuras do passado. Ainda de acordo com Lerner (2019):

Até o passado mais recente, esses historiadores eram homens, e o que registravam era o que os homens haviam feito, vivenciado e considerado significativo. Chamaram a isso de História e afirmaram ser ela universal. O que as mulheres fizeram ou vivenciaram ficou sem registro, tendo sido negligenciado, bem como a interpretação delas, que foi ignorada. O conhecimento histórico, até pouco tempo atrás, considerava as mulheres irrelevantes para a criação da civilização e secundárias para as atividades definidas como importantes em termos históricos (Lerner, 2019, p. 28).

Por esses motivos é que se torna necessário revisitarmos as obras do século XIX a partir das teorias feministas. Às mulheres foi negado o direito de construir para si a imagem que deseja-

vam e, muitas vezes, foram vítimas dos homens e de suas interpretações, inclusive na literatura. É o caso da literatura brasileira romântica, quando José de Alencar e Machado de Assis compuseram seus perfis de mulher, totalmente parciais, uma vez que eram feitos a partir do ponto de vista dos homens e daquilo que eles desejavam como modelo de mulher. Machado de Assis não escapou dessa estrutura, desde seu primeiro romance ele construiu um modelo feminino ideal.

Lívia é uma dessas mulheres incomuns: uma viúva que está aberta a um novo relacionamento e, portanto, é massacrada ao longo da narrativa pelo seu pretendente, que desconfia de sua índole. Já Raquel, uma adolescente que mal entrou na juventude, tendo mais traços de menina do que mulher, acaba tendo um fim melhor: desiludida com sua paixão por Félix, casa-se com o jovem Meneses, quase tão inocente quanto ela. Fica nítido o tratamento dispensado a cada uma das mulheres. Lívia é condenada por ser viúva e ter um filho do antigo casamento. A ela é vedado, aos olhos da sociedade, viver um novo amor e se casar, até porque os homens viam nela apenas a possibilidade de uma aventura, como fora a primeira intenção de Félix. Em geral, essas questões não são levantadas e as leituras giram, na sua maioria, em torno do personagem Félix, justamente o algoz de Lívia, que é uma espécie de títere nas mãos do narrador, que o utiliza para provar alguns versos de Shakespeare, o que não o livra de ter um comportamento reprovável.

Apenas um olhar feminista, fora de época, porque contemporâneo ao autor deste ensaio, é capaz de reabilitar a personagem Lívia. A versão masculina não é suficiente para contar toda a história. É preciso ler a narrativa à revelia do narrador, olhar para Lívia e ver como ela é uma vítima desse sistema machista e patriarcal. Uma história contada apenas pelo ponto de vista de um homem é sempre incompleta. Ao não considerar a mulher como um ser capaz de falar por si mesma, o romance é narrado a partir de um narrador que, em vários momentos, se acumplicia com o personagem principal e quando revela seus pensamentos e inten-

ções é mais para mostrar ao leitor, ou podemos dizer à leitora, talvez uma viúva, o que ela deve fazer para não cair nas mãos de um homem em busca de aventuras. Se a intenção fosse livrar as mulheres apenas dos mal intencionados seria algo louvável, mas o romance funciona como uma espécie de pedagogia dos relacionamentos, nos quais as viúvas, se quisessem guardar sua honra, não deveriam desejar um segundo casamento. A viúva ideal é aquela que guarda o luto por toda uma vida. Novamente, temos um homem tentando ensinar a uma mulher como ela deve performar para agradar essa sociedade masculinizada.

Se não podemos contar essa história pelo ponto de vista das mulheres, podemos chamar em nosso socorro as teorias feministas para nos auxiliarem a desvendar as armadilhas que o romance *Ressurreição* pode guardar. Somente convocando o olhar questionador para a mesa de conversas é que será possível apontar os traços de um discurso misógino na sociedade brasileira. Ele está por toda a parte, inclusive na literatura, que foi um poderoso instrumento de formação moral das moças durante muitos anos. Sem a liberdade para sair de casa, a leitura de romances foi um grande passatempo para as jovens do século XIX. Vale lembrar que Alencar queria escrever romances que não fizessem corar as moças e Machado de Assis, antes de ser romancista, foi Membro do Conservatório Dramático Brasileiro que era extremamente conservador e preocupado com a moral das peças a serem encenadas. A comissão era composta apenas por homens: José Alves Visconde de Coaracy, Tomás José Pinto Serqueira, Antônio José Vitorino de Barros, Antônio Ferreira Pinto, Nicolau Joaquim Moreira e Machado de Assis (Massa, 2009). A julgar pelo primeiro romance de Machado, ele ainda preservava muito dessa visão moralista e condenatória, principalmente quando o objetivo era passar uma lição de moral para as mulheres.

A única História possível é aquela que leva em consideração a participação das mulheres na construção do passado. É necessário convocá-las para que se questione o velho e bom adágio de que “naquela época era assim mesmo”. Cabe perguntar a quem

esse dizer beneficiava, porque, na maioria das vezes, ele serve para justificar os comportamentos masculinos, dando a eles um caráter de naturalidade. Assim, passamos a aceitar que uma mulher de quarenta anos era uma idosa, e que uma menina de doze anos já podia se casar e que homens, mesmo com quarenta anos ainda podiam desfrutar de uma vida de aventuras amorosas. Félix tem trinta e seis anos e lhe é permitido até mesmo se casar com a menina Raquel – nomeada no romance como “uma menina de dezessete anos” –, pois ele é jovem, enquanto a mãe dela, uma mulher de quarenta anos, foi descrita como uma idosa a quem nem era mais lícito dançar no baile em sua casa. O olhar feminista é necessário para desmascarar essas estratégias de dominação masculina, porque a letra era dada pelos homens e, é claro, atendia a uma visão sexista, que praticava abertamente a violência de gênero contra as mulheres.

Ainda de acordo com Lerner (2019, p. 29), “[...] o registro gravado e interpretado do passado da espécie humana é apenas um registro parcial, uma vez que omite o passado de metade dos seres humanos, sendo, portanto, distorcido, além de contar a história apenas do ponto de vista da metade masculina da humanidade”. Como tenho tentado demonstrar aqui, esse registro parcial não aconteceu apenas no campo da história, ele atingiu todas as formas de conhecimento, inclusive na literatura, na qual os autores eram convocados para falar sobre as mulheres e sobre elas criarem narrativas que atendessem à metade privilegiada da humanidade, ou seja, os homens.

Quando propomos ler o romance *Ressurreição*, a partir de conceitos-chave do feminismo, é porque acreditamos que esse olhar pode trazer contribuições e denunciar as injustiças que eram cometidas contra as mulheres. Essa leitura, portanto, tenta minimizar os efeitos de um registro parcial do passado, pela perspectiva dos homens. Félix tem de ser visto como uma representação do homem misógino que é, trazendo à tona seus pensamentos, e considerações que emitia sobre o gênero feminino. Félix é descrito para os leitores como uma vítima a seus próprios olhos, e vende-se como um homem que foi enganado, que abraçou uma serpente, como se

isso justificasse seu comportamento atual com as namoradas que cultivou a curto prazo, desfazendo-se delas como se fossem objetos a serem descartados pelo simples fato de não lhe servirem mais.

Como Lerner (2019) nos explica, homens e mulheres sofreram exclusão; os primeiros, na maioria das vezes, por razões de classe, mas lembremos, nenhum homem foi excluído por causa de seu gênero. As mulheres eram atacadas, inclusive por homens que, aos olhos da sociedade, eram vistos como inferiores, como os negros e os pobres. Lúcia Miguel Pereira (1936) afirma que Machado de Assis sofreu preconceito devido à sua cor e foi rejeitado por seu primeiro amor por motivos de raça. Embora, ele fosse negro e ainda pobre, os periódicos lhe deram espaço para falar abertamente contra as mulheres em pelo menos três ocasiões antes de publicar seu primeiro romance. Machado de Assis usa sua posição de jovem escritor, que começava a ganhar destaque na imprensa, para literariamente escrever textos que aconselhavam ou mostravam as consequências de uma mulher aceitar a corte de determinados tipos de homens. Esse caso serve como exemplo de como a sociedade masculinista se acumpliciou ao lado dele quando o objetivo foi colocar as mulheres em seu devido lugar.

Temos que pensar que o discurso patriarcal isolou as mulheres e as tornou inferiores por motivos biológicos como a criação dos filhos e por causa de suas emoções (Lerner, 2019). Essas teorias afetaram o modo como a sociedade passou a ver as mulheres, acreditando que elas precisavam da tutela de um homem para sobreviver. Querendo ou não, o patriarcado enfraqueceu as mulheres para que pudesse dominá-las por meio de outros discursos auxiliares como o médico, o cultural, o físico, o religioso, que condenou as mulheres a serem filhas, mães e esposas exemplares para agradar à classe masculina. Tudo tem a ver com as formas com que os homens desenvolveram conceitos e padrões para se beneficiar, transformando as mulheres em meros objetos de satisfação do prazer masculino, portanto, como afirma Lerner (2019) é preciso lembrar que

Quaisquer diferenças perceptíveis no presente quanto a “homens como grupo” e “mulheres como grupo” são resultados

da história particular das mulheres, que é basicamente diferente da história dos homens. Isso ocorre em razão da subordinação das mulheres aos homens, que é mais antiga do que a civilização, e da negação da história das mulheres. A existência da história das mulheres foi ignorada e omitida pelo pensamento patriarcal – fato que afetou a psicologia de homens e mulheres de forma significativa (Lerner, 2019, p. 31).

É necessário voltarmos o olhar para o passado a fim de analisarmos os textos da cultura sobre as mulheres. Em nosso caso, voltamo-nos para a literatura, que também foi afetada pela ausência de reconhecer uma História das mulheres. Na falta de uma visão feminina ou na sua negação, por parte dos homens, é que eles se advogaram o direito de ensinar as mulheres, de acordo com seus princípios de dominação e exploração do corpo feminino, o que os beneficiava. Admitir a existência de um comportamento misógino no herói de *Ressurreição* permitirá pensarmos nos resultados dessa longa tradição masculinista e no desenvolvimento dos modos como os homens, ainda hoje, violentam as mulheres, física e psicologicamente. De acordo com Lerner (2019), o não reconhecimento dessa história das mulheres afetou a psicologia de homens e mulheres, e sou capaz de afirmar que afetou de forma a sempre beneficiar o homem que, no caso de nossa sociedade, aperfeiçoou, ao longo da história, as formas de dominação das mulheres, usando até mesmo os discursos científico e literário para indicar como o gênero feminino deveria performar para atender aos desejos masculinos de poder.

O patriarcado se institucionalizou de forma a mostrar as mudanças que eram operadas no mundo natural como progresso. O trabalho do homem sobre a natureza era desejável e visto com bons olhos porque beneficiava essa parte da humanidade. Essa mesma visão não foi aplicada quando as mulheres resolveram questionar o próprio papel na sociedade. Os homens reagiram de maneira violenta chamando em seu auxílio a religião, dando a posição de homens e mulheres como definidas por direito divino. Para tanto, desenvolveram discursos teológicos, sanitários e filosóficos para comprovar a inferioridade das mulheres. Segundo Lerner

(2019, p. 31), “esse processo manifestou-se na organização familiar e nas relações econômicas, na instituição de burocracias religiosas e governamentais e na mudança de cosmogonias, expressando a supremacia de divindades masculinas”. Os homens desenvolveram todo um aparato oficial para justificar o modo como dominavam as mulheres, justificando a presença deles no poder, inclusive o de narrar a história da humanidade, que se tornou uma história de como os homens dominaram o mundo. Essa maneira de ver o mundo trouxe limitações. Ainda segundo a historiadora,

Ver da forma como vemos, em termos patriarcais, é bidimensional. “Adicionar mulheres” à estrutura patriarcal torna a visão tridimensional. Mas apenas quando a terceira dimensão está totalmente integrada e caminha com o conjunto; apenas quando a visão das mulheres é equivalente à visão dos homens é que percebemos as verdadeiras relações do todo e das conexões internas das partes (Lerner, 2019, p. 37-38).

Por esse motivo é que chamamos o olhar feminista, no presente ensaio, para nos auxiliar a compreender as consequências da existência de um discurso misógino, no primeiro romance de Machado de Assis. Precisamos de uma visão tridimensional para avaliar efetivamente as ações de Félix na narrativa e para demonstrarmos como Lívia é uma vítima desse mundo masculino que não a acolhe e nem a respeita. Embora as ações condenáveis sejam do personagem masculino, é Lívia quem é condenada a uma viuvez até o fim de seus dias, enquanto Félix não vê em nada diminuído o seu prestígio na sociedade. A simples possibilidade de um comportamento desviante é suficiente para selar o destino da viúva. É lícito dizer que no contexto patriarcal do século XIX brasileiro, a fatura chega apenas para a mulher. A única possibilidade de reabilitá-la é chamar em nosso socorro as teorias feministas, constantemente questionadoras das estruturas machistas vigentes em nosso país, pois somente assim atingiremos essa visão tridimensional, capaz de equilibrar as participações dos homens e das mulheres na construção dos sentidos de uma sociedade sem que o gênero feminino sempre saia perdendo ou como a vilã da história.

O caso brasileiro é ainda mais complexo, porque falar da dominação masculina sobre as mulheres implica levar em consideração as contribuições de uma sociedade escravista no estabelecimento de um discurso misógino. O regime escravocrata estava entrando em crise quando Machado de Assis escreveu *Ressurreição*, a classe senhorial se aferrava cada vez com mais forças às formas de dominação, estendendo-as à classe dos dependentes, usando o casamento como forma de cooptação daqueles que se julgavam dignos de entrar para a classe dos abastados, definindo destinos, atrelando pessoas à sua causa, por meio da prática do favor como forma de domínio sobre os mais fracos. Entre esses estavam, principalmente, as mulheres que, muitas vezes, eram usadas como forma de fazer alianças entre as famílias que estavam no poder. Logo, era necessário doutrinar fortemente essas mulheres para que performassem adequadamente dentro de um determinado jogo social.

A literatura da primeira fase machadiana acaba encenando práticas de exclusão social feminina. Com exceção do primeiro romance, temos sempre alguém da classe senhorial interessada em alguma bela mocinha com quem possa se casar e perpetuar as formas de domínio dos donos do poder, no entanto, nosso foco está em *Ressurreição*, obra que acreditamos poder mostrar a violência masculina sobre uma mulher quando ela não atende totalmente aos ditames da classe senhorial. No romance em questão, Félix é um herdeiro, homem que pouco trabalhou na vida e performa na alta sociedade, aprendendo como exercer o poder. Seu exercício de poder, porém, não é muito digno, pois usa a condição de homem rico para explorar moças que ocupam uma posição frágil na sociedade, prendendo-as pela dependência financeira e as abandonando após seis meses. A situação se complica, nesse jogo de poder, quando ele conhece Lívia, uma viúva com certas posses que não depende de seus favores financeiros.

A questão que abordo é como um homem acostumado a relações em que sempre é, hierarquicamente, superior, agirá diante de uma mulher que pode olhá-lo diretamente nos olhos, sem

baixar a cabeça como se houvesse encontrado o salvador de sua vida? Aqui a narrativa ganhou um novo ingrediente: o ciúme, que entra nesse jogo de domínio em que o amor se confunde com o desejo de posse e se transforma em um massacre lento e calculado de Livia, que pagará a conta por ter se envolvido com um homem agarrado, desesperadamente, ao seu desejo de domínio e de poder, que vê se esvaír diante de uma mulher a quem suas posses não define o tipo de relação que ele estava acostumado. Ao não poder mais dar as cartas nesse jogo de conquista, Félix se torna agressivo e desconfiado, exigindo da noiva todo tipo de provas de amor, até abandoná-la, pouco antes do casamento.

A insegurança de Félix é a de toda uma classe senhorial que não tem mais certeza do alcance de seu poder, e o que é, aparentemente, uma simples história de amor frustrada, representa, na verdade, toda uma situação política no Brasil, diante das mudanças que se anunciavam no sistema escravista, e que colocaria em xeque a certeza do poder senhorial sobre as vidas dos escravos e dos dependentes. Assim, como os escravizados se rebelam, as mulheres também não se comportam mais como os homens sempre estavam acostumados. Félix é a figura patética do homem agarrado ao poder que, no campo das ideias, representa a queda da classe social que estava no topo da pirâmide.

A questão brasileira

Não é novidade nos estudos machadianos afirmar que sua obra encena vários aspectos da cultura brasileira, que vão além dos simples dados apresentados nas camadas superficiais de suas narrativas. Em Schwarz (1981) temos o paternalismo, em Gledson (2003) a história, e em Chalhoub (2003) a classe senhorial. Todos eles trabalham sobre o processo de escrita machadiana e suas formas de representar o Brasil por meio do enredo de seus romances. A estrutura interna das narrativas reproduz, de certa forma, a estrutura patriarcal e escravista reinante em nosso país. Justamente, por este caminho, também levantamos a hipótese de que *Ressurreição* vai muito além do mero estudo de caracteres como propõe o autor. Ao apresentar o drama que Lúvia sofre nas mãos de Félix, encontramos também a denúncia de um mundo misógino e machista, que é uma espécie de derivação do sistema escravocrata.

Em um país onde as relações sociais são definidas entre a classe de senhores, os escravos e os dependentes, facilmente uma das camadas mais afetadas, é a composta pelas mulheres. Elas estão pouco acima do sujeito escravizado, sendo obrigadas a entender o jogo de domínio e cooptação que o paternalismo brasileiro pratica como forma de selecionar ou corrigir o que considera “falhas de nascimento”. Para Schwarz (1981),

Ressurreição (1872) é a história de um casamento bom para todos, que não se realiza devido aos ciúmes infundados do noivo. Nos três romances seguintes, trata-se da desigualdade social. As heroínas são moças nascidas abaixo do seu merecimento, e tocará às famílias abastadas elevá-las, reparando o “equivoco” da natureza (Schwarz, 1981, p. 66).

A questão é que, nos romances escritos após *Ressurreição*, Machado de Assis recua no seu ataque à sociedade, tentando compreendê-la em seus mecanismos políticos mediados pelo conser-

vadorismo da família que, com certeza, ele já havia intuído no primeiro romance, quando criou Lívia, uma viúva que não se adequa ao conceito de “mocinha virgem”, que seriam cooptadas pelo paternalismo para corrigir o nascimento equivocado, uma vez que ela é capaz de se manter financeiramente sem a dependência de um homem. O grande problema de Lívia é que ela é uma mulher independente, tem vinte e quatro anos, um filho, sabe bem que deseja um segundo casamento e não quer ficar em estado de viuvez para o restante de sua vida. É uma mulher que foge ao modelo da virgem que precisa ser salva pelo senhorzinho, que está sendo treinado para assumir os postos mais altos da sociedade. Esse comportamento, a sociedade, fortemente fundada sobre valores patriarcais, não perdoa; disso decorre todo o calvário da jovem viúva, sendo dado a ela uma espécie de lição de moral, que a coloca de volta em seu lugar. A sociedade conservadora, do século XIX, não tinha condições de aceitar uma atitude feminina que se rebela contra o modelo de paternalismo.

O romance *Ressurreição* é de 1872, quando o Brasil estava passando por um forte abalo no seu sistema de governança. A Lei do Ventre Livre é de 1871, mas as discussões que animaram sua promulgação datam dos finais da década de 1860, e causaram um verdadeiro abalo na mentalidade escravista do Brasil. Nesses tempos de crise é natural que outras vozes marginalizadas também ganhem força, como é o caso das mulheres, que viviam sob o forte pulso masculino, que comandava as famílias. O ideal de liberdade dos escravos se estende a outras camadas menos favorecidas da sociedade, que reagem contra sistemas antiquados de dominação. As mulheres começaram a questionar, mesmo que de modo frágil, sua posição nessa forma de organização social. As personagens machadianas são contestadoras para a época: Lívia, do romance *Ressurreição* (1872), abre as portas para um novo amor, Guiomar, de *A mão e a luva* (1874), entende o jogo do arrivismo social e casa segundo os padrões que a levariam a mudar de classe, Estela, de *Iaiá Garcia* (1878) não se rende aos caprichos Jorge, mesmo estando na classe dos agregados, e Helena, do romance homônimo

publicado em 1876, prefere a morte a ter sua honra manchada pela questão financeira.

O primeiro romance de Machado de Assis mostra a reação de Félix contra Lívia como algo típico de uma classe que suspeita estar perdendo o poder. A misoginia do personagem é um comportamento de classe. Ele precisa dominar, exercer o poder sobre Lívia, desesperadamente, para sentir que ainda está no comando. A promulgação da Lei do Ventre Livre mexe com a psicologia masculina e seus delírios de poder. Acostumados a estender seus domínios sobre as mulheres, como uma força de extensão da escravidão, os homens “perdem totalmente a linha” quando são desafiados naquilo que acreditam ser seus direitos. Como constata Gledson, nos personagens de *Iaiá Garcia*, de 1878, que encerra a fase romântica de Machado:

A tentativa mais ambiciosa de incorporar a História ao romance aparece em duas cenas, obviamente contrapostas, uma em cada parte do romance, ambas situadas numa casa meio dilapidada na Tijuca, que pertence à família de Jorge. Na primeira cena, Jorge tenta estuprar Estela – a palavra pode parecer exagerada, porque só lhe “encheu a boca de beijos” (cap. III) mas nos termos da época é disso que se trata [...] (Gledson, 2003, p. 310).

Jorge é da mesma natureza que Félix, talvez com um pouco mais de orgulho de classe que seu antecessor, mas a citação de Gledson serve também para mostrar como essa classe dominante, bem retratada na literatura, está desesperada com a perda de seus privilégios no Brasil. Jorge é um representante dos ricos, que não consegue se controlar diante da indiferença de Estela, forçando-a a beijá-lo para mostrar que a ele nada estava proibido. O episódio que acontece no âmbito doméstico é toda uma representação do barril de pólvora que havia se tornado o país. Dominar Estela e tê-la, mesmo à força, é um sintoma de como o escravismo e a misoginia caminhavam de mãos dadas, sendo essa mais uma variante das formas de dominação e exploração do mais fraco, no caso, uma mulher.

Pouco antes de apresentar o caso de Jorge, Gledson havia discutido rapidamente o período a que se referem alguns romances de Machado de Assis em que se entrelaçam ficção e história:

Neste sentido, a crise de 1868 para 1871 foi crucial: o Império tinha de arcar com o peso de uma guerra que calculara terminar bem antes, ao mesmo tempo que tentava começar a tratar “a questão servil”, que já causara outra guerra devastadora nos Estados Unidos. A escravidão não era só imoral, era sobretudo anacrônica – outra vez questão de *timing* histórico. Ficou claro sobretudo no “golpe de estado” de 1868, que o regime perdera o controle, e que estava condenado a desaparecer (Gledson, 2003, p. 308).

No romance *Ressurreição* a questão servil não aparece, nem a crise de Estado está explicitamente tratada, no entanto, na mesma linha de Sarah Ahmed e outras pensadoras feministas radicais, acreditamos que a misoginia e o patriarcalismo tendem a ser mais fortes em sociedades que passaram pelo regime escravista. De certo modo, Machado de Assis parece ter intuído uma espécie de comportamento inadequado dos homens em relação às mulheres e representou isso em seu romance, às vezes, de forma problemática, mas não lhe escapou as artimanhas masculinas de dominação e de poder, por meio dos quais os homens tentavam subjugar as mulheres, usando para isso o privilégio de classe.

O Brasil era um país atrasado no século XIX. Assentado sobre bases escravistas, ia na contramão do capitalismo ascendente nos demais países, onde a livre concorrência era praticada e as pessoas eram pagas pelo seu trabalho. Nesse clima de conservadorismo político e social, agarrados a uma espécie de poder fundamentado na família tradicional, de caráter patriarcal, a classe senhorial estendia suas formas de domínio a todos aqueles que eram fragilizados pelo sistema político. Entre eles, estavam as mulheres que, muitas vezes, serviam como moeda de troca na formação de alianças entre as famílias mais abastadas. Nesse ambiente, as mulheres estavam sujeitas aos caprichos masculinos, como os do personagem Félix, que usava o tempo em ocupações elegantes, entre elas os namoros com mulheres que dependiam, exclusivamente, de sua carteira.

Cria-se, pelo sistema patriarcal, uma espécie de mercado de mulheres para atender esses homens abastados e ociosos. Há mulheres como Cecília, que vivem na dependência financeira dos

membros da classe senhorial, mulheres que, como Lúvia, são viúvas e, por isso, não são levadas muito a sério, sendo preferidas para as aventuras e, por fim, as jovens virgens como Raquel, cobçadas para um casamento formal, após esses homens desfrutarem de uma juventude sem fim. Não restam muitas opções para as mulheres, que acabam por ficar à disposição de algum homem que as escolha para um possível relacionamento, sério ou não. A situação das mulheres é de uma indigência não muito diferente que a dos escravos. É nesse contexto que a misoginia encontra terreno fértil para florescer e permitir todo tipo de violência contra as mulheres.

Passemos em revista alguns comentários publicados nos periódicos da época, a propósito da publicação do romance *Ressurreição*. Eles revelam como Machado soube captar esse ambiente masculino, transpondo-o para sua narrativa. Devo as fontes ao excelente trabalho de Hélio de Seixas Guimarães, que recopilou em seu livro *Os leitores de Machado de Assis – O romance machadiano e o público de Literatura no Século 19* (2004), os artigos publicados no ano de 1872.

Em artigo publicado na *Semana Ilustrada*, em 19 de maio de 1872, ao apresentar o romance *Ressurreição*, um articulista, denominado Dr. Fausto, faz questão de registrar o seguinte comentário:

O culpado foi Machado de Assis que então tornou-se para mim um verdadeiro Mephistopheles, suggerindo-me a idéia de que se na sociedade as virgens attrahem mais que as viúvas, no romance uma viuva póde valer mais do que uma virgem (Dr. Fausto, *apud* Guimarães, 2004, p. 312).

O comentário revela como a sociedade masculina via as mulheres no século XIX. Havia um valor de mercado para elas: as virgens valiam mais que as viúvas na praça dos negócios casamenteiros, no entanto, a ousadia de Machado de Assis, estava em mostrar uma viúva com características superiores às virgens, contrapondo-se à lógica da época. Nota-se que essa postura de Machado incomodou o comentarista do periódico, que ressaltou essa singularidade do romance. Talvez por ser inconcebível, talvez por trazer à tona um tema que era caro à sociedade, o romance não teve a recep-

ção esperada pelo autor. A questão, no entanto, é problematizar como os homens, facilmente, expunham suas ideias sobre as mulheres, colocando-as em categorias para atender ao desejo masculino.

No dia 26 de maio de 1872, ainda na *Semana Ilustrada*, o mesmo Dr. Fausto volta aos comentários sobre *Ressurreição*:

Convem notar que Livia não é uma viuva enlutada como Hécuba, ou chorosa como Niobe.

Livia é a mulher que no tumulto de seu marido reconheceu que o primeiro amor nasce da necessidade de amar, e, portanto, cortejada em todos os salões pelos adoradores de tão deslumbrante viuvez, mais fresca do que muita inocente virgindade, não teve remédio senão entregar de novo o coração, para seu enlevo e castigo (Dr. Fausto, *apud* Guimarães, 2004, p. 313).

Lívia incomoda por vários motivos: amou a primeira vez por necessidade, ou seja, sem verdadeira paixão, a viuvez trouxe-lhe a consciência desse fato, o que é algo ousado para uma mulher, que deveria ter total adoração pelo marido, mesmo quando estivesse morto. Nota-se, explicitamente, como os homens queriam governar os sentimentos das mulheres até na hora da morte, não perdendo o fato de Lívia circular pelos salões, estando aberta a um novo relacionamento. Para conter essa mulher, então, nasce outro personagem: Félix, que a fará sofrer por ter se atrevido a amar outro homem, que não aquele que lhe foi dado como primeiro marido.

As observações publicadas em *A Semana Ilustrada* revelam como Machado de Assis era um perspicaz observador da vida na capital do Império. Nelas, o autor representou a comédia da vida social do Rio de Janeiro do século XIX. Ao narrar o enlace amoroso entre Félix e Lívia, Machado expôs a visão misógina que havia sobre as mulheres, e o desejo masculino calcado nos delírios do poder escravista da classe senhorial. Todas deveriam estar disponíveis para servir aos homens. Eles decidiam quais eram as mulheres eleitas para os possíveis relacionamentos amorosos, condenando aquelas que não atendiam aos padrões do conservadorismo escravista da época.

Em outro artigo publicado no periódico *Novo Mundo*, em Nova York, em 23 de dezembro de 1872, o autor acredita que

Machado de Assis produziu um romance de costumes, apresentando os seguintes argumentos:

A Ressurreição pretende ser, não um romance de costumes, mas somente o esboço de uma situação. O livro, porém, não é sinão um romance de costumes. É na sociedade brasileira, ou antes, na sociedade do Rio de Janeiro que o Sr. MACHADO DE ASSIS achou os elementos de uma “situação”, e dos seus contrastes. O Dr. Félix é um ente que vive, corpo e alma, no meio de nós, e que, ai de nós! – ha de viver ainda por muito tempo. Quem conhece a compleição da nossa sociedade não vê na *Ressurreição* mais do que uma boa fotografia de um de seus aspectos comuns (Rodrigues, *apud*, Guimarães, 2004, p. 316-317).

O artigo traz a vantagem de colocar em evidência o personagem Félix, tratando-o como um tipo comum que circulava pelas ruas do Rio de Janeiro. Nesse sentido, Machado fez romance de costumes, pois representou o homem rico que se divertia à custa de amores passageiros, explorando jovens pobres e enganando moças viúvas com a promessa de amor e de casamento. Mais do que isso, Félix, sendo um personagem facilmente reconhecível em outros homens da cidade fluminense, acaba por denunciar aos leitores dos séculos vindouros como o Brasil foi construído sobre bases misóginas, o que explica a enorme onda de violência contra as mulheres em pleno século XXI.

Gostaria de ressaltar que a leitura que apresento sobre Félix não é totalmente nova. O suposto autor do artigo, o senhor José Carlos Rodrigues, no século XIX, desmascarou o comportamento inadequado que o protagonista de *Ressurreição* tinha com as mulheres:

Fallando em nossa linguagem positiva, Felix era um “rapaz” devasso e corrupto incapaz de aspirações elevadas, e que nos lupanares do Rio de Janeiro aprendêra a duvidar do amor e da mulher, esbanjando assim a vida no que se nos diz ser “um composto de toda espécie de ocupações *elegantes e intellectuaes*” (Rodrigues, *apud* Guimarães, 2004, p. 317).

O autor registra sua percepção sobre Félix sem poupar adjetivos que o colocam no seu verdadeiro lugar: não o de uma vítima das mulheres, tendo sido traído por elas, que o personagem usa

como justificativa para suas violências contra Livia, mas mostra a face misógina do personagem, caracterizando-o como devasso e corrupto, frequentador de bordéis, que dava a essas práticas o nome de “ocupações elegantes e intelectuais”. Em suma, Félix é um explorador de mulheres, que se oculta sob seus privilégios de classe.

Ainda no mesmo artigo, Rodrigues continua criticando Félix, e inclusive o narrador, dando mostras que havia percebido a natureza misógina das atitudes do personagem, que estavam disfarçadas por um verniz de intelectualidade que lhe havia atribuído o narrador, muitas vezes, condescendente com seu “herói”:

O Dr. Félix não só não duvidava, como não *sentia*. Era um bruto – elegante e intelectual – “si quizerem, mas eras simplesmente [era simplesmente] um ente sem mola nenhuma na vida, todo escaldado e gastos nos taes prazeres “elegantes” de rapaz vadio, desambicioso e rico. A duvida nelle era a negação completa de tudo, – era a falta da alma, que havia perdido. O auctor de *Ressurreição*, pois, tracta-o com excessiva indulgência. Affigure-se-lhe só o grande e virtuoso SHAKESPEARE levantando-se do tumulo e ouvindo repertir-se o seu lindo pensamento, como a razão dos infortúnios de um Dr. Felix (Rodrigues, *apud* Guimarães, 2004, p. 318).

Como demonstra a citação, não somos os únicos a acreditar em um acumpliciamento do narrador com seu personagem. Esperamos demonstrar, ao longo do ensaio, que a misoginia contamina até mesmo o narrador, que toma partido de Félix, justificando-o em suas atitudes, como se os versos de Shakespeare bastassem para que o leitor entendesse o machismo, os ciúmes e as desconfianças do protagonista. Essas atitudes revelam, na verdade, como os membros da classe senhorial estavam aferrados ao poder e aos delírios de mando e de posse, sendo capazes de tornar a vida de uma mulher um tormento, apenas para se sentirem no comando das ações.

Ainda no romance em estudo, o amoroso é contaminado pela visão escravista, fazendo com que Félix deseje para si uma mulher submissa, em quem possa mandar e até mesmo aprisionar, como ele faz com Livia antes mesmo do casamento, tornando-a cativa de seus caprichos e delírios. Do mesmo modo como os

membros da classe senhorial temiam que os escravizados tomassem o poder, também os homens estavam receosos que as mulheres passassem a ditar as regras da conquista amorosa. Mulheres e escravizados são vistos com a mesma desconfiança por quem está às portas de ver o país mudar e ter seus privilégios retirados, à revelia pelo governo. O medo de perder o poder gera a violência masculina generalizada, voltando-se, principalmente, contra as mulheres que, naquele momento, ocupavam uma posição na sociedade pouco acima dos escravizados.

Nossa proposta de interpretação de *Ressurreição* caminhará na direção de demonstrar as origens de um pensamento misógino no Brasil. Para tanto, a visão feminista nos auxiliará no desmascaramento de situações em que os personagens machadianos agiram de forma machista. Como a história normalizou esses comportamentos, nós, leitores, demoramos anos para perceber as armadilhas do mundo masculino, fazendo leituras que compactuavam com personagens misóginos, não dando a devida importância às personagens femininas, que foram vítimas de atos machistas por parte de seus amados. Desta maneira, não compactuaremos com o comportamento de Félix.

Do mesmo modo, como Helen Caldwell tirou Capitu do banco dos réus e nele colocou Bento Santiago, pretendemos recuperar a figura de Lívia, apresentando-a como uma vítima de seu noivo. Colocamo-nos, assim, ao lado de quem foi agredida pelos atos machistas e misóginos, negando, totalmente, a explicação machadiana de que Félix é vítima e algoz de si mesmo, afetado por uma desconfiança que o adoeceu. Aquele que agride não pode ser vitimizado, nem inocentado aos olhos do leitor, mesmo em uma obra literária, não em pleno século XXI, quando vemos uma crescente escalada de casos de feminicídio no Brasil, portanto, olhar para o século XIX nos ajudará a entender as raízes da misoginia em nosso país e como ela, ainda hoje, opera na mesma lógica de silenciamento da mulher.

Vamos aos antecedentes para compreender como surgiu Félix, o primeiro personagem romanescos de Machado de Assis.

Antecedentes

Uma questão que temos de nos colocar é se *Ressurreição* foi a primeira obra de Machado de Assis na qual encontramos comportamentos que aludem ao que hoje chamamos de misoginia e machismo. Ao que tudo indica, há outras obras do autor da década de 1860 nas quais podemos identificar posturas misóginas nos personagens. Consultando a biografia de Machado de Assis, escrita por Lúcia Miguel Pereira, o leitor descobre que o romancista teve alguns relacionamentos frustrados com as mulheres. Desses encontros malsucedidos, o autor compôs algumas peças: “A queda que as mulheres têm para os tolos” (1861) “Desencantos” (1861) e “O caminho da porta” (1862). A biógrafa comenta:

Talvez tenha sido a cor a culpada da decepção amorosa que, pelos anos de 60 e 61, lhe empanou a alegria dos primeiros triunfos e causou a publicação dos seus dois primeiros volumes, *Queda que as mulheres têm para os tolos*, e *Desencantos*.

Ambos traem a amargura do amor desprezado. O primeiro, enumerado por Mário de Alencar entre as traduções de peças teatrais que se perderam, parece ter desafiado a argúcia do dedicado amigo de Machado de Assis. Nem é comédia, nem está perdido, e talvez não seja tão pouco tradução (Pereira, 1936, p. 97-98).

Ao que parece, as duas obras citadas têm um caráter profundamente pessoal. A decepção amorosa é atribuída, possivelmente, à cor de Machado de Assis, mas sobre isso não podemos ter certeza, pois o autor nada registrou a respeito. Sabemos apenas que as peças mostram um lado mesquinho e pessoal do autor, nos anos de sua formação. Sem separar muito a vida pessoal do trabalho artístico, o autor parece ter usado a literatura para dar algumas lições às mulheres, principalmente às viúvas, até porque suspeita-se que a paixão de Machado foi por uma viúva. Sobre a primeira obra, Lúcia Miguel-Pereira comenta que “é um pequeno

opúsculo crítico sobre as mulheres e a preferência que dão aos tolos sobre os homens de espírito publicado na *Marmota* em 1861 e editado no mesmo ano na Tipografia de Paula Brito” (1936, p. 98).

Mesmo se tratando de Machado de Assis, temos de registrar seu comportamento masculinista em relação às mulheres. Ele não usa da violência física, no entanto, lança mão de seu talento literário para publicamente se vingar da mulher que o rejeitou. Podemos colocar essa atitude na conta da idade do autor, mas não podemos deixar de registrar que ele demonstra ser um homem padrão de sua época. Ressentido com o desprezo da moça, usa a imprensa, que lhe abriu as portas, para atacar de forma genérica as viúvas, atribuindo-lhes ao desejo de um segundo casamento um indício de falta de caráter. Machado é maldoso em seus comentários sobre as viúvas e aplica-lhes pequenas lições de moral, como se quisesse doutrinar como uma mulher deveria agir em relação a seus pretendentes.

O problema dessa postura do autor está no caráter doutrinário que suas primeiras obras adquiriram, podendo influenciar outros homens a agir de forma misógina. A imprensa da época, composta exclusivamente de homens, publicou rapidamente os textos de Machado de Assis, dando seu aval e referendando a visão que ele tinha sobre as mulheres. Jean Michel Massa (2009) registra que há algumas composições publicadas na *Marmota* que são de cunho misógino, então, não é estranho que Machado tivesse facilidade em veicular determinadas ideias sobre o gênero feminino.

Frustrado pela decepção amorosa, Machado de Assis não pensou duas vezes em tornar pública sua indignação contra uma mulher. Desse modo, podemos ver como é histórico o fato de os homens não saberem lidar com a rejeição das mulheres. Até um autor do quilate de Machado de Assis revelou-se um homem comum e raivoso quando o assunto foi lidar com a frustração de ter sido rechaçado por uma mulher. Queremos demonstrar com esses fatos que a misoginia é algo da estrutura da sociedade brasileira.

A violência contra as mulheres, que era veiculada na imprensa do século XIX, não é diferente da propaganda misógina

que existe nos dias de hoje, nas redes sociais. Mudaram-se os tempos e os meios de comunicação, mas os homens continuam sem saber como lidar com a rejeição feminina. Machado escreveu, mas quantos homens da época, influenciados por seus textos, podem ter agredido fisicamente as mulheres por terem recebido uma negativa aos seus interesses sexuais? Algo ainda a ser estudado e analisado na imprensa brasileira do século XIX.

A fim de conhecermos melhor como o discurso misógino é veiculado, nos textos machadianos da primeira fase, vamos analisar brevemente as três obras que citamos anteriormente. Elas podem nos ajudar a compreender melhor como a misoginia acontece no primeiro romance de Machado de Assis, e assim, poderemos analisar os anos iniciais do autor, e verificar como algumas ideias sobre as mulheres se repetem à exaustão e servem para consolidar uma visão masculinista das relações amorosas. Esses primeiros anos do “Machadinho” revelam um autor extremamente conservador e doutrinador quando o assunto gira em torno de representações literárias de como as mulheres devem se comportar.

Queda que as mulheres têm para os tolos

O livro *Queda que as mulheres têm para os tolos* é um pequeno volume com uma “Advertência” e treze pequenas seções, nas quais há uma série de comparações entre os homens de espírito e os homens tolos. Na visão do autor, os tolos sempre são escolhidos pelas mulheres. Como já apontamos, provavelmente, esse texto teve sua origem em uma desilusão amorosa de Machado de Assis. Assim, o livro também tem um caráter doutrinário. Ao expor os dois tipos de homens existentes, ele quer, de certa forma, ensinar as mulheres a identificar os tolos e suas armadilhas para prendê-las como suas amantes, namoradas ou esposas.

As mulheres não escapam ao ressentimento do autor, que as acusa de vulneráveis, volúveis, frágeis e inocentes, descrevendo-as como presas fáceis para as investidas dos tolos e, ao mesmo tempo, incapazes de reconhecer as qualidades dos homens de espírito. O que vem apontado como fragilidade guarda algumas armadilhas ao leitor. A representação das mulheres é extremamente negativa. Elas, por sua natureza feminina, tendem a escolher os tolos; é um defeito que as mulheres trazem de nascimento, segundo Machado. Claro que há uma nota de recriminação do gênero feminino que, ao não saber escolher, precisa que um homem lhe ensine a separar os homens tolos dos homens de espírito.

O autor, em “Advertência”, comenta sobre os riscos envolvidos na publicação da obra: “falar do amor das mulheres pelos tolos, não é arriscar ter por inimigas a maioria de um e outro sexo?” (Assis, 1962, p. 965). Ao apontar os problemas das preferências das mulheres, ele sabe o risco que está correndo, pois, acusá-las de sempre escolher o pior partido, mostra que há um claro juízo de valor sobre a decisão das mulheres, também acusando-as, indiretamente, de tolas. Por outro lado, um determinado perfil de moço enamorado passa a ser criticado abertamente. Além do mais, po-

demos supor que o homem de espírito seja o próprio autor da obra, colocando-se como superior aos demais homens, mas, infelizmente, sem o reconhecimento das mulheres.

Os termos de equiparação que o livro propõe ainda tem por presunção partir de análises científicas, que, obviamente, ficam sem ter provas cabais das fontes consultadas. Os conselhos têm um caráter satírico com o objetivo de escarnecer dos homens tolos e das mulheres que os escolhem: “exalto os tolos sem rancor, e se critico os homens de espírito, é com um desinteresse, cuja extensão facilmente se compreenderá” (Assis, 1962, p. 965). A exaltação da toleima por si só é um convite à crítica de um certo perfil de homem, e o autor celebra, então, aquilo que condena.

Embora o autor diga que criticará os homens tolos, a primeira seção começa com uma crítica às mulheres:

Passa em julgado que as mulheres leem de cadeira em matéria de fazendas, pérolas e rendas, e que, desde que adotam uma fita, deve-se crer que a essa escolha presidiriam motivos plausíveis.

Partindo deste princípio, entraram os filósofos a indagar se elas mantinham o mesmo cuidado na escolha de um amante, ou de um marido (Assis, 1962, p. 965).

O autor recrimina abertamente as mulheres, afirmando que elas apenas leem artigos de moda e dão à escolha de uma fita um caráter elevado. Duvida-se, porém, que elas tenham o mesmo cuidado ao escolher um amante ou um marido, algo que chegou a ser cuidado pelos filósofos, que sem outra ocupação melhor se dedicaram a estudar o comportamento feminino. É nítido como as mulheres são subestimadas e desvalorizadas em sua intelectualidade. Elas são descritas como fúteis e, por extensão, essa futilidade abrange o modo como elas escolhem seus parceiros. E os julgamentos sobre a história do método de seleção dos parceiros continua no parágrafo seguinte:

Alguns emitiram como axioma, que o que determinava as mulheres, neste ponto, não era, nem a razão, nem o amor, nem mesmo o capricho, que se um homem lhes agradava, era por ter se apresentado primeiro que os outros, e que sendo

este substituído por outro, não tinha esse outro senão o mérito de ter chegado antes do terceiro (Assis, 1962, p. 965).

De acordo com o autor, ao longo dos séculos, as mulheres não foram movidas por um sentimento nobre, simplesmente acolheram aqueles que chegavam primeiro. A primazia era dada ao pretendente que fizesse a corte antes dos demais e se este fosse substituído, o mérito do segundo era ter chegado antes do terceiro. Em suma, uma mulher nunca ficava sozinha e a necessidade de ser ter um homem que a acompanhasse fazia com que ela olhasse para o primeiro que aparecesse à sua porta. É nítido que há, na visão do autor, um julgamento negativo em relação às mulheres. As suas preferências tinham pouco ou nada a ver com a competência dos pretendentes, antes, recaíam sobre aqueles que agiram mais rápido. Mesmo se fosse esse o motivo da eleição do amado, o demérito não era das mulheres e sim dos homens que, demorando a decidir sobre a mulher a ser cortejada, eram preteridos por pretendentes mais ágeis.

Há uma clara intenção em desmerecer a capacidade intelectual das mulheres. Em um ambiente machista e misógino, como o do século XIX brasileiro, o homem tinha sérias dificuldades em aceitar que uma mulher pudesse decidir sobre quem seria seu parceiro. As mulheres eram vistas como objetos e, portanto, sem poder real de decisão, tendo que aceitar ou acolher o primeiro homem que decidisse olhar para elas. Quando elas decidem agir de forma diferente e escolher seus parceiros, o que temos são reações violentas por parte dos homens.

Queda que as mulheres têm para os tolos reveste de conselho o que é violência disfarçada de intelectualidade e de superioridade daquele que escreve uma denúncia sobre o comportamento feminino. O título do livro já é uma crítica às mulheres, sugerindo que elas sempre escolhem os tolos, tanto que, no início do texto, como destaca Machado de Assis (1962, p. 966), o método da irreverência em escolher o primeiro pretendente que aparecesse foi substituído pela toleima: “hoje, graças a Deus, a verdade, se descobriu: veio saber-se que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem

por um, depois de verificar nele a preciosa qualidade que procuram”. Sabendo as origens da redação do livro, fica claro a postura rancorosa do autor que, ao ser rejeitado pela mulher amada, resolveu desferir publicamente seus ataques contra todas as mulheres, em uma explícita atitude vingativa, que é colocada pela crítica na conta da idade de Machadinho, e isso não o livra da misoginia do volume que publicou.

Depreciando ainda as mulheres, o autor apresenta uma lista de ilustres homens que foram preteridos ou traídos por suas parceiras: Alcebiades, Platão, Turenne, La Rochefoucauld, Racine e Molière, com os quais se identifica, o que mostra que ele se tem em alta conta, estando os problemas da predileção com as mulheres. Elas preferiram “basbaques” a esses homens de grande inteligência. Em seguida, Machado estende o ataque às suas contemporâneas: “estribadas nesses exemplos, as nossas contemporâneas continuaram a idolatrar os descendentes dos ídolos de suas avós” (Assis, 1965, p. 966). Assim, tenta-se dar um fundamento histórico ao comportamento das mulheres, menosprezando-as pelo simples fato de terem preferido outros homens a esses ilustres senhores, dos quais ele se sente herdeiro, e também vítima da mesma sorte. Em nenhum momento o autor admite que ele pudesse ser o motivo da rejeição. O problema está na natureza das mulheres.

O texto continua o protesto: “sorri-lhe (ao tolo) a fortuna particularmente ao pé das mulheres. Mulher alguma resistiu nunca a um tolo” (Assis, 1962, p. 966). O autor acusa as mulheres de preferirem os homens tolos, deixando de lado os homens de espírito, aqueles que realmente respeitam o gênero feminino. O homem romântico não tem espaço na vida dessas mulheres, embora sejam esses que veem as mulheres, segundo Machado (1962, p. 967), como “entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos empresta-lhes as próprias ideias, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes como ele, de generosidade, nobreza e grandeza”. Lendo atentamente, veremos que as qualidades que ele atribui às mulheres vêm de empréstimo dos homens, porque assim ele o quer

enxergar, mas a natureza delas desmente a ilusão dos homens de espírito. A qualidade é toda deles, nunca delas.

Se Machado de Assis queria fazer um elogio à toleima, desmascarando os homens tolos, falhou imensamente, pois, passa grande parte do tempo criticando as mulheres e as suas preferências. Nitidamente, o autor está ressentido com o término de sua investida amorosa e deixa escapar o baixo conceito que tem sobre o gênero feminino. Lembre-se, leitor, que ao início ele fala da falta do critério das mulheres ao escolher seus pretendentes, abrigando aqueles que chegassem primeiro. Agora, elas são atraídas pelos tolos: “elas querem o amor, qualquer que seja a sua natureza, e o que o tolo lhes oferece é-lhes bastante, por mais insípido que seja” (Assis, 1962, p. 967). O tom amargo continua em cada avaliação que faz das preferências das mulheres. O tolo é um detalhe, ele sempre vai existir, mas o que o Machado se ressentido é de que as mulheres optem por eles, aceitando migalhas, enquanto ele tem o amor verdadeiro para oferecer.

O autor coloca o homem de espírito como uma vítima da mulher, contra a qual ele aplica toda ordem de adjetivos negativos: “oh! que inferno se a má ventura lhe (ao homem de espírito) depara uma mulher bela e má, uma namorada, fria de sentidos, ou uma moça de rabugice precoce” (Assis, 1962, p. 968). A mulher que rejeita o homem de espírito é sempre má, namorada, fria, rabugenta. O texto tem por objetivo discorrer a respeito da toleima, mas em vários momentos se dedica a tratar as mulheres como tolas e facilmente enganáveis, sem mencionar aquelas que têm uma personalidade mais forte e são julgadas como difíceis de lidar. E, é óbvio, não ficam de fora as namoradeiras, as mulheres que se divertem enganando os pobres homens de espírito. O autor desejou escrever um manual de namoro para as mulheres, alertando-as contra os perigos de ceder à corte de um tolo, todavia, terminou agredindo-as com palavras duras e misóginas. Afinal, quem julga as mulheres, no texto, não são os homens que ele acusa de tolos, são os homens de espírito, que se assemelham a velhos conservadores, apresentando-se como juízes que condenam as mulheres.

Há uma palavra de predileção, usada por Machado em seus contos e romances que aparece aqui pela primeira vez: perfídia. Esse adjetivo será empregado pelo menos cinco vezes em seu primeiro romance nos momentos em que Félix se refere à Lívia. Ao que tudo indica, essa é uma palavra apreciada por Machado de Assis, quando o assunto é classificar uma mulher. Vejamos como ele a utiliza em *Queda que as mulheres têm para os tolos*: “sofre então (o homem de espírito) vivamente com a perfídia da mulher amada, mas desculpa-a pela fragilidade do sexo. A indulgência pode então conduzi-lo à degradação. Ele segue de olhos fechados o declive que o arrasta ao abismo, sem que a queixa, a ambição, a fortuna possam retê-lo” (Assis, 1962, p. 968). Assumindo abertamente a defesa dos homens de espírito, Machado de Assis, faz desse ser um coitado, sempre a ser enganado pela perfídia da mulher, que ele perdoa pela fragilidade do sexo. O autor deve ter retomado essas ideias quando escreveu *Ressurreição*, pois, no romance, um dos maiores receios de Félix é ser enganado pela perfídia de sua noiva.

Machado de Assis adota as concepções a respeito dos homens de espírito, descritos em *Queda*, para construir o personagem Félix. Ele encarna todas as características dessa espiritualidade masculina, o que justifica as desconfianças que o médico tem em relação às mulheres. Tendo sido preterido por um tolo, em um relacionamento amoroso anterior a Lívia, Félix passa várias páginas do romance exigindo provas de fidelidade de sua noiva, massacrando-a com seus ciúmes, tudo por medo de ser enganado novamente.

Os comentários e conselhos misóginos não cessam em *Queda*, esse homem de espírito, que é o autor do texto, tem mais a dizer:

Há uma época em que custa-se muito a amar. Tendo visto e estudado um pouco a mulher, adquire-se uma certa dureza que permite aproximar-se sem perigo das mais belas e sedutoras. Confessa-se sem reboço a admiração que elas inspiram, mas é uma admiração de artista, um entusiasmo sem ternura. Além disso ganha-se uma penetração cruel para ver, através de todos os artifícios de casquilha, o que vale a submissão que elas ostentam, a doçura que afetam, a ignorância que fingem. E prenda-se um homem nessas condições! (Assis, 1962, p. 970).

Como se fosse um homem com grande experiência amorosa com as mulheres, o autor explica como as desilusões com elas tornam os homens sem disposição para amar. Ele chega ao cúmulo de afirmar que estudou o gênero feminino, a fim de justificar sua dureza quando aborda as mulheres belas e sedutoras. O homem de espírito ganha uma espécie de casca, que permite compreender a fundo as estratégias que as mulheres usam para prenderem um desavisado. Elas inspiram a admiração, mas é já um entusiasmo sem ternura. Os homens se tornam mais espertos do que as mulheres e as veem em toda sua arte de fingimento para conquistá-los, até a submissão e a ignorância são vistas como disfarces da sedução. É interessante notar como esse discurso é extremamente desfavorável às mulheres, condenando-as como se fossem as responsáveis pelas tristezas masculinas. O autor ataca as moças de todas as maneiras, em uma clara defesa do sexo masculino. O problema, na verdade, nunca foram os homens tolos e sim as mulheres, que aprenderam a enganar os “pobres” homens de espírito, que agora terão, no texto de Machado de Assis, um manual de como não cair na conversa delas.

Queda que as mulheres têm para os tolos apresenta vários momentos misóginos, de ódio contra o gênero feminino, gerando até mesmo essa classificação dos tipos de mulheres que podem enganar um homem. O texto não é simplesmente uma sátira à tolice, aos homens tolos, é um ataque claro ao gênero feminino, mas cabe-nos perguntar quais eram as armas que as mulheres tinham para entrar no jogo amoroso, em uma sociedade na qual a vontade delas não era levada em conta no momento do matrimônio. Os homens selecionavam, atacavam e faziam a corte àquelas que eles julgavam dignas para se casar. E as mulheres, quem podiam eleger para um relacionamento amoroso? Quando escolhiam o resultado era esse: um texto publicado na imprensa brasileira que, nitidamente, atacava a moral das mulheres que ousavam escolher o pretendente que desejavam para si. Nesse caso, para desmerecê-las, o autor as acusa de optarem pelos tolos, de serem pérfidas e pouco confiáveis.

Constatamos, assim, que *Queda que as mulheres têm para os tolos* serviu de base para outros textos como “Desencantos”, “O caminho da porta” e *Ressurreição*, obras na quais ele aplicou os conceitos que formulou sobre os homens tolos e os de espírito, apresentando também as técnicas para identificar as mulheres pérfidas e namoradeiras. Os treze pequenos capítulos de *Queda* continuam reverberando na produção literária inicial de Machado de Assis, inclusive, afetando a forma como ele representa as viúvas em seus contos, assunto que trataremos mais adiante neste ensaio.

Machado também definiu a idade em que o coração do homem de espírito se fecha às mulheres: “de ordinário, é entre trinta a trinta e cinco anos, que o coração do homem de espírito fecha-se assim à simpatia e começa a petrificar-se (Assis, 1962, p. 970). Essa informação é muito importante, porque Félix, o protagonista de *Ressurreição*, tem exatamente trinta e seis anos. É um homem que já acumulou algumas desilusões amorosas e agora usa de seu poder financeiro para dominar e subjugar as mulheres a seus pés. Teria Félix sido preterido, e passado por tolo antes de se tornar rico, quando ainda era jovem? Não sabemos ao certo, pois o narrador nos revela apenas partes de uma obscura história amorosa que Félix teve com uma mulher, afirmando que ele abraçou uma serpente. Fora esse fato, o que temos é um homem amargurado e violento com as mulheres que cruzaram seu caminho após essa aventura frustrada. Além disso, Félix é tão problemático quanto o homem de espírito descrito por Machado de Assis:

O homem de espírito, quando chega a fazer-se amar, não goza de uma felicidade completa. Atemorizado com sua ventura, trata antes de saber porque é feliz! Pergunta por que e como é amado; se para uma amante, é ele uma necessidade, ou um passatempo; se ela cedeu a um amor invencível; enfim, se ele é amado por si mesmo. Cria ele próprio e com engenho as suas mágoas e cuidados; é como o Sibarita que, deitado, em um leito de flores, sentia-se incomodado pela dobra de uma folha de rosa. Num olhar, numa palavra, num gesto, acha ele mil nuances imperceptíveis, desde que se trata de interpretá-las contra si. Esquece os encômios que levemente o tocam, para

lembrar-se somente de uma observação feita ao menos dos seus defeitos e que bastante o tortura (Assis, 1962, p. 968).

A citação é uma perfeita descrição da psicologia de Félix. Ele é um homem desconfiado, incapaz de viver a felicidade, encontrando motivos, em sua mente, que possam desmentir o estado de alegria em que se encontra ao relacionar-se com Livia. Antes de começar o namoro, ele resistiu, em um primeiro momento, a fazer a corte a Livia, com medo de ser rejeitado por ela, afinal, podemos dizer que havia um tolo na disputa, o Dr. Batista, homem namorado, acostumado a lides amorosas. Ao se acreditar na teoria do próprio autor, Félix, sendo um homem de espírito, perderia a disputa, então, seria melhor evitar o vexame da rejeição. O médico, porém, vence a lide, o que não evita que ele viva a pedir inúmeras provas de amor de sua amada, constrangendo-a, humilhando-a, para que possa ter prazer no amor que ela diz ter por ele. Uma simples fala de Livia ou a desconfiança de algo no passado de sua noiva era suficiente para estragar por dias o humor de Félix. Um olhar de Livia é capaz de trazer-lhe longos incômodos, que ele interpretava como prova da infidelidade de sua companheira. É como se Machado de Assis tivesse a teoria em *Queda que as mulheres têm para os tolos*, mas só conseguisse aplicá-la literariamente anos depois, quando já tinha mais experiência como escritor. Podemos afirmar que Félix é a corporificação do homem de espírito e, sendo misógino, machista é capaz de destruir a vida de uma mulher. Daí, podemos chegar à conclusão que entre os dois tipos de homens descritos por Machado de Assis, o pior é o homem de espírito, que se revela rancoroso e vingativo contra as mulheres.

Após atacar abertamente as mulheres em *Queda*, Machado de Assis, volta à carga contra os homens tolos. A culpa não seria tanto das mulheres. Elas aceitavam a corte dos tolos e suas cartas porque seus pais também escreveram missivas semelhantes, de modo que elas não esperavam outra atitude do homem amado. Ora, as acusações feitas às mulheres, nunca cessaram totalmente, pois se lermos bem as entrelinhas, sendo filhas de tolos, elas também são tolas, portanto, é um defeito incorrigível e os homens de

espírito sempre perderão a batalha. A amargura de Machado de Assis parece não encontrar termo, então, faz retoricamente mais uma pergunta aos leitores: “perderemos tempo precioso em acusar as mulheres?” (Assis, 1962, p. 972). A pergunta deve ser outra: ainda há mais ataques contra as mulheres? Porque, ao longo do pequeno ensaio, o autor teve como alvo, várias vezes, o gênero feminino. Desse modo, na visão de Machado, a culpa é, sim, das mulheres, pois elas têm uma queda pelos tolos. Para dar autoridade a seu discurso e dar a estocada final contra as mulheres, ele chama a seu socorro um tal de Champcenets:

Porquanto, ficai sabendo, continua Champcenets, que as mulheres não são senhoras de si próprias; que nelas tudo é instinto ou temperamento, e que portanto, elas não podem ser culpadas de suas preferências. Só respondemos pelo que praticamos com intenção e discernimento. Ora, qual delas pode dizer que predileção a impele, que paixão a obriga, que sentimento a faz ingrata, ou que vingança lhe dita as malignidades? Debalde procurareis delas tão cruel prodígio; nenhuma é cúmplice do mal que causa: a este respeito, o seu estouvamento atesta-lhes as candura.

Por que vos obstinais em pedir-lhes o que a Providência não lhes deu? Elas se apresentam belas, apetitosas e cegas: não vos basta isto? Querê-las com juízo, penetrantes e sensíveis é não conhecê-las (Assis, 1962, p. 972).

Ao final do ensaio, há um discurso de isenção da culpa das mulheres, no mínimo suspeito, porque o autor as infantiliza, tirando delas qualquer condição de escolher seu pretendente. Elas são descritas como seres irracionais, afirmando que tudo nelas é instinto ou temperamento. Sem condições de escolher, logo, não podem ser culpadas, nem mesmo ter preferências. De acordo com a citação, seria um prodígio uma mulher pensar e agir conscientemente. O discurso é extremamente misógino e violento em detrimento do gênero feminino. O autor tira das mulheres qualquer qualidade intelectual, e elas são, deste modo, inocentadas por serem ignorantes. Não satisfeito, o eu narrativo chama a autoridade divina para desmerecer ainda mais as mulheres: a Providência não deu a elas a capacidade de raciocinar. E complementa: elas são

belas, apetitosas e cegas, consequentemente precisam de um homem de espírito que as guie pelos caminhos verdadeiros do amor. A virulência do texto demonstra como era comum no século XIX brasileiro ideias misóginas serem publicadas na imprensa sem nenhuma censura. Machado, mesmo jovem, se sentia à vontade em publicar na *Marmota* um texto extremamente desrespeitoso em relação às mulheres. E se o publicou, isso quer dizer que os editores que estavam à frente da revista se acumpliciavam com o autor, referendando seu discurso.

Além disso, Machado trata as mulheres como meros objetos a serem consumidos porque “são belas, apetitosas e cegas”. Ele chama a atenção para a aparência física do corpo feminino, passando da observação da beleza ao apetite que elas despertam nos homens. E, sendo cegas, são facilmente enganadas pelos tolos. Para evitar que isso aconteça, há um homem de espírito que se dignou a escrever um texto para educá-las ou alertá-las para os perigos de ceder ao primeiro homem que aparecesse em suas vidas. Percebam como o texto de Machado de Assis é atual e corresponde a um determinado tipo de homem que circula pelas redes sociais no século XXI, vendendo cursos para ensinar as mulheres a performarem dentro de um modelo desejado pela visão masculina. A existência do texto que estamos analisando mostra como as raízes da misoginia e do machismo são antigas em nossa sociedade, tornando-as um problema estrutural, assim como o racismo.

Na verdade, em um país como o nosso, de origem escravista, o machismo e a misoginia derivam dessa estrutura de dominação do mais fraco, que se estendeu dos homens e das mulheres escravizados para as mulheres como um todo. O homem brasileiro aperfeiçoava suas formas de dominação em um ato desesperado de manutenção dos privilégios que havia herdado da vida senhorial. E essa percepção só é possível porque as feministas começaram a “pôr o dedo na ferida”, não aceitando o discurso de que devemos virar a página para seguir em paz com todos. Essa narrativa só favorece aos homens porque, estando nas sombras, ninguém os acusaria, mas sendo expostos pelo olhar feminista, eles

se tornam culpados pelo enorme número de feminicídios que ocorre em nosso país.

A fala final de *Queda que as mulheres têm para os tolos* é mais preocupante e referenda essa visão misógina que está difundida ao longo do texto: “Sim, sim, é mister ousar tudo para com as mulheres” (Assis, 1962, p. 972). Essa voz que clama ao desrespeito, autoriza os homens a fazerem o que for preciso para obter o favor que querem das mulheres. Elas são desconsideradas como pessoas, é necessário “ousar tudo”. O problema está justamente nesse “ousar tudo”, que pode começar no desrespeito e passar da violência psicológica à física, no vale-tudo que é conquistar uma mulher. Afinal, lembrem-se de que o autor já disse que elas são “belas, apetitosas e cegas”, ou seja, os homens estão autorizados a atacar as mulheres, porque a Providência as fez para saciar os apetites masculinos.

O questionamento que devemos fazer é: até onde Machado de Assis estava disposto a ir para estancar seu ressentimento pela jovem que o rejeitou? O autor não se limitou ao texto em questão, ele voltou ao tema em “Desencantos”, uma peça teatral na qual ele retoma o tema, dando aplicabilidade prática aos conceitos que esboçou em seu ensaio. Vamos à peça.

***Desencantos* – Fantasia dramática**

A peça *Desencantos* (1861) está estruturada em duas partes, tendo primeira sete cenas e a segunda oito, que se desenvolvem por meio de diálogos rápidos entre os três personagens da história: Clara de Souza, Luís de Melo e Pedro Alves. Na primeira parte temos a apresentação das personagens e da situação de disputa entre os pretendentes pelo amor de Clara, uma jovem viúva. Após alguns jogos verbais entre os três, Pedro Alves sai vencedor e Clara anuncia que vai se casar com ele, para desgosto do jovem Luís de Melo, que parte em uma viagem para o Oriente. A segunda parte abre os diálogos com uma cena doméstica, com Clara de Souza e Pedro Alves já casados e com pequenas desavenças conjugais, o que leva o leitor a pensar se realmente ela fez a escolha certa. Luís de Melo volta da viagem, visita o casal e, algumas cenas depois, informa-lhes, um de cada vez, que quer desposar Clarinha, a filha de Clara, sua antiga amada. O casal cede ao desejo do jovem, que, por assim dizer, acaba aplicando uma lição à ex-viúva, ao afirmar que agora a desencantada é ela e que só lhe caberá ser a sua sogra e ver a sua felicidade com a própria filha.

A peça *Desencantos* é uma aplicação direta dos conceitos desenvolvidos em *Queda que as mulheres têm para os tolos*. No palco, Luís de Melo representa o homem de espírito, que acredita no amor, tem certas ideias sobre as mulheres e sobre como elas deveriam fazer a escolha do pretendente. Já Pedro Alves é o exemplar do homem tolo, para quem as mulheres tendem a aceitar a corte e vir a se casar, tanto que Clara opta pelo tolo, dando razão à teoria de Machado de Assis, no entanto, a peça tem uma reviravolta e Luís de Melo sai vitorioso. Ele recebe da mãe e do padrasto, antigo rival dos amores da juventude, a autorização para se casar com Clarinha, uma adolescente que mal entrou na juventude e que pas-

sou a vida estudando em um colégio interno Ela representa o ideal do único casamento possível para um homem de espírito, pois, como a menina ainda é pura e não conhece a sociedade, facilmente aceitará o primeiro pretendente que lhe estender as mãos.

O fundo moral de *Desencantos* é pedagogizante, visando passar uma repreensão moral na viúva Clara. Ao início da peça ela abre a concorrência entre os dois pretendentes, o que parece ter ferido a susceptibilidade de Luís de Melo, que praticamente se retira da disputa, sendo preterido por seu rival. Ele parte em uma longa viagem de cinco anos e na volta resolveu castigar a antiga amada, transformando-a em sogra e fazendo-lhe testemunhar sua felicidade ao lado de uma menina:

CLARA Nunca pensei que chegássemos a esta situação.

LUÍS Falo como um parente. Se V. Exa. não teve bastante espírito para ser minha esposa, deve tê-lo pelo menos, para ser minha sogra.

CLARA Ah!

LUÍS Que quer? Todos temos um dia de desencantos. O meu foi há cinco anos, hoje o desencantado não sou eu (Assis, 1861, p. 39 – pdf).

É nítida a intenção de desforra de Luís de Melo. Ele aguardou por cinco anos a filha de Clara crescer em um colégio interno, para, enfim, voltar a bater à porta da antiga amada por quem foi rejeitado e pedir a menina em casamento. Essa é a volta por cima do homem de espírito, que como já demonstramos algumas páginas acima é rancoroso e vingativo.

A parte dois da peça é toda dedicada a demonstrar que ao escolher um tolo para casar-se, Clara deve sofrer as consequências dessa decisão. Abre-se a primeira cena com um pequeno desentendimento doméstico, que causa desgosto tanto ao tolo quanto à mulher que aceitou:

PEDRO ALVES Ora, não convém por modo algum que a mulher de um deputado ministerialista vá à partida de um membro da oposição. Em rigor, nada há de admirar nisso. Mas o que não dirá a imprensa governista! O que não dirão os meus colegas da maioria! Está lendo?

CLARA Estou folheando este álbum.

PEDRO ALVES Nesse caso, repito-lhe que não convém...

CLARA Não precisa, ouvi tudo. PEDRO ALVES (levantando-se) Pois aí está; fique com a minha opinião.

CLARA Prefiro a minha.

PEDRO ALVES Prefere...

CLARA Prefiro ir à partida do membro da oposição.

PEDRO ALVES Isso não é possível. Oponho-me com todas as forças.

CLARA Ora, veja o que é o hábito do parlamento! Opõe-se a mim, como se eu fosse um adversário político. Veja que não está na câmara, e que eu sou mulher.

PEDRO ALVES Mesmo por isso. Deve compreender os meus interesses e não querer que seja alvo dos tiros dos maldizentes. Já não lhe falo nos direitos que me estão confiados como marido...

CLARA Se é tão aborrecido na câmara como é cá em casa, tenho pena do ministério e da maioria.

PEDRO ALVES Clara!

CLARA De que direitos me fala? Concedo-lhe todos quantos queira, menos o de me aborrecer; e privar-me de ir a esta partida, é aborrecer-me.

PEDRO ALVES Falemos como amigos. Dizendo que desistas do teu intento, tenho dois motivos: um político e outro conjugal. Já te falei do primeiro.

CLARA Vamos ao segundo.

PEDRO ALVES O segundo é este. As nossas primeiras vinte e quatro horas de casamento, passaram para mim rápidas como um relâmpago. Sabes por quê? Porque a nossa lua-de-mel não durou mais que esse espaço. Supus que unindo-te a mim, deixasses um pouco a vida dos passeios, dos teatros, dos bailes. Enganei-me; nada mudaste em teus hábitos; eu posso dizer que não me casei para mim. Fui forçado a acompanhar-te por toda a parte, ainda que isso me custasse grande aborrecimento.

CLARA E depois?

PEDRO ALVES Depois, é que esperando ver-te cansada dessa vida, reparo com pesar que continuas na mesma e muito longe ainda de a deixar.

CLARA Conclusão: devo romper com a sociedade e voltar a alongar as suas vinte e quatro horas de lua-de-mel, vivendo beatificamente ao lado um do outro, debaixo do teto conjugal...

PEDRO ALVES Como dois pombos.

CLARA Como dois pombos ridículos! Gosto de ouvi-lo com

essas recriminações. Quem o atender, supõe que se casou comigo pelos impulsos do coração. A verdade é que me esposou por vaidade, e que quer continuar essa lua-de-mel, não por amor, mas pelo susto natural de um proprietário, que receia perder um cabedal precioso (Assis, 1861, p. 21-22 – pdf).

A citação é longa, mas dá a exata medida da vida conjugal entre Clara e Pedro Alves. O casamento não saiu como se esperava para nenhum dos cônjuges. Clara quer continuar sua vida social, indo às festas, aos bailes, ao teatro e às reuniões, enquanto Pedro quer ter uma vida conjugal mais reservada, sem os contatos públicos da época de solteiro. Na verdade, tanto o homem de espírito, quanto o tolo querem o mesmo da mulher: encerrá-las em casa, longe dos olhos de todos os outros homens. O único momento feliz foi o da lua de mel, que durou pouco na consideração de Pedro Alves. Para o espanto dele, Clara tem uma nítida percepção de suas intenções, atirando-lhe ao rosto as artimanhas para fechá-la no leito conjugal. Vemos atitudes semelhantes em outros personagens de Machado de Assis: Félix, antes mesmo de casar, conseguiu que a noiva fosse morar em uma casa ao lado da sua, e que também deixasse de frequentar a vida pública; Bentinho, quando se casa, suspeita de motivos escusos da parte de Capitu na lua-de-mel, interpretando sua vontade em voltar ao Rio de Janeiro como algum segredo que ela escondia dele. Aos poucos, Bentinho também encerra Capitu em casa e mais radical que os demais, exila a esposa na Suíça, retirando-a definitivamente da vida pública.

Clara percebe rapidamente que o casamento foi um erro, que seu marido é chato e cansativo. A cena é suficiente para provar as consequências nefastas para a mulher quando elege um tolo para se casar. A peça tem um caráter pedagogizante, querendo ensinar as mulheres como escolher seus pretendentes. Machado de Assis parece crer realmente que as mulheres não têm as condições necessárias para tomar suas decisões. Assim, aquilo que o autor não conseguiu fazer no âmbito da vida pessoal, o fez por meio de uma peça de teatro, vingando-se ficcionalmente da mulher que o rejeitou. Estaria a jovem entre aquelas que assistiam à

representação? Nunca saberemos, pois Machado de Assis pediu que queimassem sua correspondência e este período de sua vida ficou como que apagado ao futuro.

A despeito do enredo simples, *Desencantos* traz questões importantes para pensarmos a posição da mulher na sociedade brasileira do século XIX. Embora Clara escolha seu pretendente, talvez por ser viúva e não estar mais sob o jugo do pai ou do marido, a questão muda de figura quando se trata de jovens virgens, que estão em idade para se casar. Quando Luís de Melo volta da viagem de cinco anos pelo Oriente, ele vai discutir o pedido de casamento primeiro com seu antigo rival, Pedro Alves, que agora está na posição de padrasto da menina:

PEDRO ALVES Não achou a Clarinha uma bonita moça?
LUÍS Se achei bonita? Tanto que venho pedi-la em casamento.
PEDRO ALVES Oh!
LUÍS De que se admira? Acha extraordinário?
PEDRO ALVES Não, pelo contrário, acho natural.
LUÍS Faço-lhe o pedido com franqueza; peço-lhe que responda com igual franqueza.
PEDRO ALVES Oh! da minha parte a resposta é toda afirmativa.
LUÍS Posso contar com igual resposta da outra parte?
PEDRO ALVES Se houver dúvida, aqui estou eu para pleitear a sua causa.
LUÍS Tanto melhor.
PEDRO ALVES Tencionávamos trazê-la amanhã cedo para casa.
LUÍS Graças a Deus! Cheguei a tempo.
PEDRO ALVES Com franqueza, causa-me com isso um grande prazer.
LUÍS Sim?
PEDRO ALVES Confirmaremos pelos laços do parentesco os vínculos da simpatia (Assis, 1861, p. 33-34).

Como podemos notar, o casamento é uma questão entre homens. Luís de Melo antes de falar ao seu antigo amor, negocia o casamento da menina Clarinha com o padrasto dela. Primeiro, ganha a simpatia e o apoio de outro homem, para só depois ir até a mãe pedir a adolescente em casamento. A estratégia de Luís res-

peita os padrões da época, Pedro Alves agora é o homem da casa, todas as decisões passam por ele, sobretudo aquelas que dizem respeito às mulheres que estão debaixo de seu teto. Tanto que quando Luís fala com Clara, ela diz que Pedro é o cabeça da casa e dependerá dele. Então, ela é informada por Luís de que a questão já está resolvida e acertada entre os homens, de modo que não cabe a ela se opor, apenas aceitar resignadamente sua sorte. Pior é a situação de Clarinha, que, fechada em um colégio interno, nem desconfia que decidem o destino dela antes mesmo de ganhar sua liberdade. Assim, ela sairá de uma prisão para cair em outra: a do casamento.

Ao ler a peça em questão, nos dias de hoje, ela causa vários incômodos. O modo como os homens se referiam publicamente às mulheres e às meninas que cobiçam para casar é desrespeitoso. Com certeza, esses textos são frutos de uma sociedade machista e misógina que naturalizava situações que soam até mesmo como pedófilas, mas são importantes porque nos ajudam a compreender como durante anos foi comum em nosso país o casamento de crianças com homens mais velhos. As considerações de Luís de Melo sobre as vantagens de se casar com Clarinha são, no mínimo, vergonhosas:

LUÍS Deixemos o terreno das alusões vagas; é melhor falar francamente. Venho pedir-lhe a mão de sua filha.

CLARA De Clara!

LUÍS Sim, minha senhora. Vi-a há dois dias; está bela como a adolescência em que entrou. Revela uma expressão de candura tão angélica que não pode deixar de agradar a um homem de imaginação, como eu. Tem além disso uma vantagem: não entrou ainda no mundo, está pura de todo contato social; para ela os homens estão na mesma plana e o seu espírito ainda não pode fazer distinção entre o espírito sólido e o homem do ideal. É-lhe fácil aceitar um ou outro (Assis, 1861, p. 39 – pdf).

Ao ler a citação, tomamos conhecimento que a menina mal entrou na adolescência, isso quer dizer que ela tem entre treze e quatorze anos. O simples fato de um homem olhar com interesse para uma menina nessa idade é imoral e revela o estado das rela-

ções entre homens e crianças – do sexo feminino – no século XIX. Luís de Melo pede uma criança em casamento. Por que? Os motivos são nojentos: ela tem uma “candura angélica”, o que lhe agrada como homem e ainda não entrou no mundo, “está pura de todo contato social”, ou seja, é ingênua e não tem a malícia necessária para agir em sociedade, principalmente em relação aos homens. A favor dele está o fato de ela não ter condições de escolher entre o homem de espírito e o tolo, aceitando o primeiro que se apresentasse como candidato a seu coração. Por isso, Luís de Melo, ao sair do baile, corre para a casa de Clara, conseguindo chegar antes que possíveis pretendentes tomassem conhecimento da existência da menina. Clarinha seria apresentada à sociedade, dando-lhe a possibilidade de comparar os homens que lhe fizessem a corte, daí, a pressa do personagem em se antecipar aos futuros moços namorados e evitar outra rejeição.

Saímos do simples âmbito da misoginia para entrar em algo mais sério: a legalização da pedofilia. A lei estava a favor dos homens em 1861. Os preceitos do matrimônio permitiam que uma menina com 12 anos se casasse. Então, o pedido de Luís de Melo não é visto como um absurdo pelas pessoas do século XIX, o que explica o fato de isso ser expresso em uma peça de teatro. Temos de problematizar, no entanto, como os homens durante séculos legislaram sobre o corpo das mulheres, decidindo quando deveriam se casar e engravidar. Apenas em 2019, quase dois séculos depois é que a lei 13.811/2019 foi aprovada, proibindo o casamento antes dos dezesesseis anos. Antes disso, as meninas estavam totalmente desprotegidas do Estado, que dava legalidade ao casamento infantil. Podemos dizer que a leitura de Machado de Assis é essencial para compreendermos as relações sociais de nosso Brasil. Ele registrou, analisou, comentou e até mesmo agiu como um homem de seu tempo, muitas vezes referendando situações que, atualmente, nos espantam e que estabeleceram as bases do pensamento machista e misógino em nossa sociedade.

Desencantos é outro texto de Machado de Assis no qual as mulheres são desfavorecidas. Ao aplicar de maneira prática os con-

ceitos de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, não só Clara paga por ter escolhido o homem tolo, sua filha também sofre as consequências. Se Luís de Melo foi rejeitado pela mãe, essa possibilidade inexistia com a filha. Assim, ao mesmo tempo que inflige uma pena à antiga mulher amada, transformando-a em sua sogra, ele também desposará uma jovem virgem e ingênua a respeito das relações entre homens e mulheres. Na lógica masculina do século XIX, Luís de Melo sai vitorioso no embate amoroso: escapou de uma viúva para se tornar o marido de uma menina. Em suma, quem paga a conta é a adolescente, o elo mais fraco nessa cadeia de relacionamentos humanos.

Pelo que expusemos até agora, pode-se verificar que há uma continuidade na produção machadiana. Esses textos de Machado de Assis, publicados na imprensa fluminense, nos ajudam a compreender os caminhos que trilhou até se tornar romancista, quando novamente aplicará os conceitos que elaborou na época que ainda era conhecido como Machadinho. Porém, antes de entrarmos a fundo na leitura analítica de *Ressurreição*, guiados pelo olhar feminista, há outro capítulo a mais para nos debruçar: *O caminho da porta* (1862), que dá continuidade ao seu projeto contra os homens tolos, ou poderíamos dizer contra as mulheres e seu direito de escolha.

O caminho da porta (1862)

O caminho da porta é caracterizada como uma comédia de um ato. Ela foi encenada no Ateneu Dramático do Rio de Janeiro em 1862. Essa peça de teatro é outra realização literária na qual Machado de Assis aplica os conceitos desenvolvidos em *Queda que as mulheres têm para os tolos*. Sendo uma comédia, é mais leve que *Desencantos* e apresenta com certo humor a corte que três homens fazem a uma viúva. Os personagens da peça estão divididos da seguinte forma: Doutor Cornélio é um advogado mais velho, que já fez a corte à viúva sem obter sucesso, apresentando-se como uma voz de alerta aos incautos que tentam conquistar o amor daquela que ele já desejou. Na verdade, ele é um homem rancoroso, que usará sua influência para aplicar uma lição à viúva, tirando a desforra por ter sido rejeitado. Carlota é a viúva, caracterizada como uma namoradeira. Ela alimenta as investidas dos pretendentes, sem decidir-se por nenhum deles, divertindo-se com esses homens caricatos que tentam convencê-la com palavras elogiosas. Valentim é o homem de espírito, afetado e romântico, faz considerações sobre o amor e sobre a natureza das mulheres, sem alcançar sucesso com a viúva. Ele é uma figura entediante com seus gestos de homem namorado, por isso, não é levado muito a sério. E, por fim, Inocência, que tem uma participação menor na peça, mas que representa o homem tolo, que copia cartas do "Secretário dos amantes"; ao que tudo indica, é mais velho do que declara.

A peça tem um nítido caráter moralizante e quer aplicar uma lição às mulheres viúvas. Carlota ainda é jovem e bonita e está aberta a propostas dos pretendentes. À sua disposição tem três candidatos, sendo dois deles em idade avançada. O mais rancoroso é o advogado, que após ser preterido dedica a sua vida a alertar os jovens apaixonados sobre o caráter da viúva. Pelo que

fica sugerido na peça, ele entra em acordo com Valentim e Inocência para que abandonem disputa ao mesmo tempo, usando para isso o caminho da porta para deixar Carlota sozinha.

Como demonstraremos mais adiante neste ensaio, a viúva ideal para Machado de Assis é aquela que opta por uma fidelidade ao marido falecido, fechando as portas de sua casa para possíveis admiradores. O novo casamento não é visto com bons olhos. O autor escreveu vários contos, nos quais aplica lições de moral às viúvas que querem se casar novamente. *O caminho da porta* é da mesma natureza, culminando o final com uma punição à Carlota.

A jovem viúva está na mira de três homens, sendo um deles advogado. Este prepara o terreno da acusação, alertando Valentim para o caráter de Carlota:

A virtude da paciência. Empregavas melhor essa virtude em fazer palitos do que em fazer a roda a esta namorada. Sabes o que aconteceu aos companheiros de Ulisses passando pela ilha de Circe? Ficaram transformados em porcos. Melhor sorte teve Actéon que por espreitar Diana no banho passou de homem a veado. Prova evidente de que é melhor pilhá-las no banho do que andar-lhes à roda nos tapetes da sala (Assis, 1862, p. 5 – versão pdf).

Doutor Cornélio, antigo pretendente que não entrou nas graças da viúva, passa a alertar o jovem Valentim, o exemplo de homem de espírito, de que a mulher que ele diz tanto amar é uma namorada. Cheio de referências literárias, ele tenta demonstrar ao rapaz que está empregando seu tempo em um negócio perdido. Carlota é o assunto principal entre esses homens. Como vimos em outras ocasiões, a escolha das mulheres é antes de mais nada um assunto masculino. E nesta disputa cabe até mesmo difamar a moça almejada. Veja que isso acontece porque o advogado também está ressentido com a rejeição de Carlota. Ele a adula por três anos, aguardando o momento certo para tirar a desforra.

Cornélio é o advogado de acusação, abordando a viúva abertamente sobre sua atitude com os rapazes e lançando-lhe no rosto que ela é uma namorada. Em uma espécie de trocação, com falas curtas, o ex-pretendente ataca Carlota:

DOUTOR Pode dizer mesmo – encantadora.

CARLOTA Obrigada!

DOUTOR Em troca do adjetivo deixe acrescentar outro não menos merecido: namoradaira. CARLOTA Hein?

DOUTOR Na-mo-ra-dei-ra!

CARLOTA Está dizendo coisas que não têm senso comum.

DOUTOR O senso comum é comum a dois modos de entender. É mesmo a mais de dois. É uma desgraça que nos achemos em divergência.

CARLOTA Mesmo que fosse verdade não era delicado dizer... (Assis, 1862, p. 15 – versão pdf).

É evidente que o advogado está julgando a postura de Carlota. Ser namoradaira torna a jovem mais sensível aos apelos dos homens tolos, que usam, inclusive, um manual de conquista para copiar as cartas de amor à mulher desejada. A diferença nesta peça é que além do homem de espírito, que é Valentim, e o homem tolo, que é Inocêncio, temos um terceiro homem, uma espécie de mediador, que já esteve no terreno para conquistar Carlota, mas foi rejeitado, dedicando seus dias a vigiar os passos da viúva. Expretendente renegado, Cornélio se acha no direito de julgar a moça. Se havia alguma dúvida do ataque que Machado de Assis fazia às mulheres em *Queda que as mulheres têm para os tolos*, a ofensiva agora é explícita. Os sofrimentos dos homens de espírito vêm das mulheres namoradeiras. O conselho é claro, um homem não deve se envolver com uma viúva, pois, são namoradeiras e conhecedoras das artes da conquista, podendo escolher para si o melhor partido, algo que quando eram jovens e foram dadas em casamentos, não tinham condições de avaliar o homem que lhes era imposto. Apaixonar-se por uma viúva passava ser um perigo. Para tanto, há na encenação a presença de um homem mais velho para abrir os olhos dos bons moços de espírito, que podem ser facilmente ludibriados por uma mulher mais experiente.

A palavra “experiente” aqui foi usada intencionalmente para chamar a atenção do leitor para algo que mais é temido pelos homens: uma mulher com uma narrativa pretérita. Ela não está mais sujeita aos enganos dos homens, elas sabem suas artimanhas, desconfiam do amor que lhes oferecem esses sujeitos vai-

dosos e ressentidos, que constituem a classe masculina. Uma viúva é uma mulher que abriu os olhos para o mundo, por isso, não cai na primeira declaração de amor ou na narrativa de exibição de valentia, como a do jovem Valentim que se gaba para impressioná-la.

O discurso presente em *O caminho da porta* é novamente misógino. Temos um homem, o autor Machado de Assis, aconselhando outros homens a como agir diante de uma viúva. O problema, na visão masculina, é a mulher. Passemos a outro diálogo, agora entre Valentim e Carlota:

CARLOTA É mesmo o senhor quem me fala assim?

VALENTIM Eu mesmo.

CARLOTA Não parece. Como pensa a respeito das mulheres?

VALENTIM Ai é mais difícil. Penso muita coisa e não penso nada. Não sei como avaliar essa outra parte da humanidade extraída das costelas de Adão. Quem pode pôr leis ao mar? É o mesmo com as mulheres. O melhor é navegar descuidadamente, a pano largo.

CARLOTA Isso é leviandade.

VALENTIM Oh! minha senhora!

CARLOTA Chamo leviandade para não chamar despeito (Assis, 1862, p. 28 – versão pdf).

Valentim ao perceber que a viúva não abre definitivamente as portas às suas investidas, muda a estratégia e passa a atacar Carlota. Ao ser indagado sobre o que pensa das mulheres, ele não hesita em desqualificá-las. Elas são vistas como seres extraídos das costelas de Adão, impossível, portanto, avaliar os seus comportamentos. Além disso, tentar conquistá-las é por leis ao mar. Ora, vejam, as mulheres na visão de Valentim são ingovernáveis. Não é só isso, a argumentação de Valentim mostra o desejo masculino de governar as mulheres, de colocá-las sob seu domínio e falhando neste intento, torna-se agressivo, violento com as palavras. A viúva percebe a intenção e o acusa primeiro de leviano e depois de despeitado. Ela descobriu as motivações de seu pretendente. É a esse perigo que Luís de Melo foge ao pedir a mão de Clarinha em casamento na peça *Desencantos*, o que lhe atrai na adolescente é que ela não conhece o mundo. Esse, na visão ma-

chadiana, é o defeito das viúvas, pois, se por um lado são sedutoras e jovens, por outro conhecem o jogo social da conquista. Logo, não serão facilmente enganadas.

O jovem Valentim encontra uma combatente à sua altura. Mesmo apresentando-se romântico a ponto de ensaiar um suicídio ao modo de Werther, ele é parecido aos outros homens e está despeitado com a rejeição da jovem viúva. Na peça fica nítido como o mundo masculino é um ambiente de atitudes cúmplices, de apoio mútuo entre os homens. Ao perceber que a viúva poderá rejeitar a corte, Valentim se une aos seus oponentes. Três homens unidos para dar uma lição em uma mulher que poderia rejeitá-los. O final da peça mostra como os homens esquecem facilmente suas supostas paixões quando o assunto é “educar” uma mulher e fazer com que ela entenda que contra o mundo masculino nada pode fazer:

CARLOTA É um homem perdido, Sr. Valentim. Ainda há santas afeições, crenças nos homens, e juízo nas mulheres. Não queira tirar a prova real pelas exceções. Some a regra geral e há de ver. Ah! mas agora percebo!

VALENTIM O quê?

CARLOTA (rindo) Ah! ah! ah! Ouça muito baixinho, para que nem as paredes possam ouvir: este não é ainda o caminho do meu coração, nem a valentia, tampouco.

VALENTIM Ah! tanto melhor! Volto ao ponto da partida e desisto da glória...

CARLOTA Desanima? (entra o Doutor)

VALENTIM Dou-me por satisfeito. Mas já se vê, como cava-lheiro, sem rancor nem hostilidade. (entra Inocêncio)

CARLOTA É arriscar-se a novas tentativas.

VALENTIM Não.

CARLOTA Não seja vaidoso. Está certo?

VALENTIM Estou. E a razão é esta: quando não se pode atinar com o caminho do coração toma-se o caminho da porta. (cumprimenta e dirige-se para a porta)

CARLOTA Ah – Pois que vá! – Estava aí Sr. Doutor. Tome cadeira.

DOUTOR (baixo) Com uma advertência: Há muito tempo que mo fui pelo caminho da porta.

CARLOTA (séria) Prepararam ambos esta comédia?

DOUTOR Comédia, com efeito, cuja moralidade Valentim incumbiu-se de resumir: – Quando não se pode atinar com o

caminho do coração, deve-se tomar sem demora o caminho da porta. (saem o Doutor e Valentim)

CARLOTA (vendo Inocêncio) Pode sentar-se. (indica-lhe uma cadeira. Risonha) Como passou?

INOCÊNCIO (senta-se meio desconfiado, mas levanta-se logo)

Perdão: eu também vou pelo caminho da porta! (sai. Carlota atravessa arrebatadamente a cena. Cai o Pano) (Assis, 1862, p. 29-30 – versão pdf).

Carlota é uma mulher que sabe o tipo de homem que deseja para si. Até tenta insinuar ao jovem Valentim que o caminho está errado. Ferido em seu orgulho, porém, em uma atitude ensaiada, toma o caminho da porta, abrindo mão da conquista. Ele usa o argumento que se não é possível achar o caminho do coração dela, o melhor é sair pela porta. Seu gesto é seguido pelo Doutor Cornélio, que admite a combinação e o valor moral da atitude deles. Claramente, estão aplicando uma lição à jovem Carlota. Inocêncio, o mais sem graça, segue o mesmo caminho, deixando a viúva sozinha e sem pretendentes. Estamos diante de uma pequena peça de cunho moral, na qual os homens advogam para si o direito de dar uma reprimenda em uma mulher, motivados pela rejeição e por ela não se decidir rapidamente pelo primeiro homem que lhe fez a corte.

Essa peça é fruto de um ambiente misógino que reinava no século XIX brasileiro. Apenas esse contexto explicaria o fato de se escrever uma peça para ensinar às mulheres como elas devem agir em relação aos seus pretendentes. Novamente, temos um homem, um intelectual, usando sua posição de autoridade para governar a vida das mulheres. Podemos perceber que o país estava passando por mudanças, o sistema escravista sendo questionado, os senhores de escravo temendo perder seu domínio sobre os escravizados e até mesmo sobre os dependentes, então, é natural que as mulheres não passassem por esse período aceitando as mesmas práticas de dominação que os homens exerciam sobre seus corpos. A fim de manterem-se no topo da pirâmide, os homens reagem de maneira violenta, aperfeiçoando suas formas de controle para submeter as mulheres aos desejos masculinos. Quando elas não se

curvam a essas estruturas de poder, os homens vão a público, escrevem contos, peças de teatro, artigos de jornal, com a finalidade de ensinar aos homens como mandar e às mulheres como obedecer. Carlota não obedece ao sistema, sendo punida ao final da peça com a promessa da solidão.

Fizemos esse percurso por três textos de Machado de Assis para mostrar que *Ressurreição* segue a mesma linha de pensamento das obras anteriores e que é coerente com a ideologia dos anos de aprendizagem do autor. No seu primeiro romance, temos novamente uma viúva que deseja contrair segundas núpcias. Então, Félix, o pretendente, a faz sofrer todas as formas de humilhação possíveis, abandonando-a às vésperas do casamento, seguindo a mesma lógica de punição e castigo das peças anteriores.

A partir de agora vamos nos dedicar a analisar minuciosamente o discurso e o comportamento misóginos presentes em *Ressurreição*. Ao final, esperamos como resultado, provar ao leitor que Lúvia é uma grande vítima nas mãos de Félix e que evidenciar essa situação é uma forma de fazer justiça à personagem, colocando-a como uma espécie de antepassado de Capitu, de forma que para se compreender melhor *Dom Casmurro* é interessante voltar-se sobre a produção inicial de Machado, quando o autor era ainda o Machadinho e não o grande Bruxo do Cosme Velho.

A face de Jano

O primeiro capítulo de *Ressurreição* dá conta ao leitor do contexto da narrativa e traz alguns fragmentos da personalidade de Félix, o personagem principal deste idílio mal fadado. É importante lembrar que temos um narrador em terceira pessoa que manipula toda a história e tem todos os dados dela. A narrativa é um ensaio, portanto, teoricamente, não estamos diante do gênero romanesco em toda sua completude. O narrador se dá o direito de tecer comentários e explicar situações e comportamentos para que ao leitor não reste dúvida da tese a ser provada. Assim, Félix é um personagem que nasce condenado a si mesmo, nada o salvará e nós não precisamos ter esperanças de que algo mude em seu caráter ao longo da diegese.

Além disso, o autor quis colocar em prática um pensamento de Shakespeare expresso nos seguintes versos: “Our doubts are traitors/And make us lose the good we oft might win/By fearing to attempt” (apud Assis, 1962, p. 114). Esse é o mote da narrativa e o autor não perde de vista a ideia do dramaturgo inglês em nenhum momento. Félix é construído para provar uma proposição, portanto, está condenado a seu destino de homem ciumento e desconfiado. Ele opta pelo verossímil e não pelo real, a mera possibilidade de que seja possível a traição é suficiente para incendiar o espírito do personagem. Nada o demove de que fez o correto e continua a viver tranquilamente o resto de seus dias após os eventos narrados. Mas, estamos antecipando os fatos, a eles voltaremos mais tarde.

Entre o momento do início da narrativa e os fatos passaram-se dez anos. O narrador conta em 1871, uma história que ocorreu uma década antes, portanto, nos anos de 1861, quando o Brasil estava mergulhado no sistema escravista, ainda sem as complicações que a lei do Ventre Livre e os senhores de escravos viviam fogueadamente na ilegalidade do tráfico de seres humanos, man-

tendo suas vidas abastadas longe do ambiente degradante do trabalho que era feito pela mão de obra escrava.

Ressaltamos esse fato porque o personagem Félix é resgatado do mundo do trabalho por uma herança, colocando-o a Providência entre os homens da elite, o que lhe trouxe consideração e um modo de vida vagabundo que o permitia longas horas de pensamento livre e inútil, embora o narrador coloque panos quente na situação:

Félix conhecera o trabalho no tempo em que precisava dele para viver; mas desde que alcançou os meios de não pensar no dia seguinte entregou-se de corpo e alma à serenidade do repouso. Mas entenda-se que não era esse repouso aquela existência apática e vegetativa dos ânimos indolentes; era se assim me posso exprimir, um repouso ativo, composto de toda espécie de ocupações elegantes e intelectuais que um homem de posição dele podia ter (Assis, 1962, p. 115).

É nesse estado que vamos encontrar Félix no início do romance, à janela de sua casa, na chácara das Laranjeiras, a contemplar o nada, olhando para o horizonte qual o mitológico Jano: um olhar no futuro e outro no passado. A narrativa começa no primeiro dia do ano de 1861. O ambiente não poderia ser melhor:

[...] “a natureza colaborava na inauguração do ano” (Assis, 1962, p. 115), tudo sorria ao médico, mas o tempo passando, a idade que avançava talvez, trouxessem uma nuvem ao semblante “de Félix [que] embebeu os olhos no horizonte e ficou largo tempo imóvel e absorto, como se interrogasse o futuro ou revolvesse o passado” (Assis, 1962, p. 115).

Logo no início, o narrador começa a dar as pistas do temperamento de Félix. Na verdade, nada havia para que uma nuvem lhe toldasse o pensamento. No entanto, vamos acompanhar o desenvolvimento dessa personalidade que é dada à uma tendência negativa da vida. Podemos nos interrogar o que perturbou o médico: seu passado de trabalhador, seu caso com Cecília, que será encerrado no segundo capítulo, e ela seria a sombra do passado a atrapalhar o sol do futuro, ou somente a insatisfação pura e simples de homem desocupado, que desde que recebeu a herança vive dessa renda.

Então, podemos pensar que nem tudo se dirige às preocupações elegantes a que se dedica Félix, há também seu temperamento que o atormenta e que ele emenda com os vernizes de sua posição de homem rico, herdeiro, portanto, livre da mancha de ser um sujeito que precisou do trabalho para ocupar a posição social que angariou.

Esse romance inicial nos diz muito sobre os futuros romances de Machado de Assis, nos quais o ambiente do trabalho praticamente inexistia ou quando muito é mencionado. Subir na vida não era um problema, mas o caminho pelo qual se fazia a escalada poderia diminuir o dono da fortuna diante dos olhos da classe senhorial. Raymundo Faoro comenta sobre as posições sociais na obra machadiana:

Longe da concepção machadiana da sociedade o imobilismo, a estratificação rígida. O xadrez serve mal à comparação da vida: quem nasce peão não tem que ficar peão, quem nasce bispo não está proibido de cingir a espada (I, 894 e III, 509). As posições não têm dono, há os que sobem e há os que descem, há a luta para subir e crescer numa sociedade estilizada, mas fluida em sua textura, a aberta às ascensões e às escaladas (Faoro, 1974, p. 9).

Félix, por sorte, não precisou continuar no mundo do trabalho, pois recebeu uma herança, que não se explica no romance, mas que o tirou da condição indigna de trabalhador formal e o trouxe para a vida do repouso permanente, onde pode se entregar à vida elegante e vazia. Neste sentido, ele também não é muito diferente do que será Brás Cubas, que não comeu do suor do próprio rosto e nem de Bentinho que pôs uma placa de advocacia mais por inveja de Escobar, que esse, sim, trabalhava, do que para exercer a profissão. Temos uma galeria de personagens machadianos que não precisavam se fatigar com as agruras do trabalho, é desta sociedade elegante que ele tira seus dramas e faz sua análise das relações de poder no século XIX. Pronto, Félix está investido do poder de ser herói para viver seu drama mesquinho de moço desocupado, a herança o salvou da vida obscura e deu a ele condições e todos os benefícios para não ser julgado pelo simples fato de ser homem e por ser rico.

Como afirmou Faoro, ninguém estava proibido de mudar de classe, a questão é como isso era feito. Se pelo trabalho, soava indigno, se por herança, casamento ou favor, o sujeito era acolhido rapidamente à classe senhorial, que exigia desses sujeitos apenas que adotassem seus costumes e suas práticas, inclusive a da escravidão, que embora rapidamente mencionada, sabemos que Félix se serve dela para sua vida, que nem lhe obriga a pôr a própria mesa.

Ingressado na classe abastada, Félix também tem de cumprir os rituais. O convite do coronel, que lhe é levado por Viana, não admite negativas. Pode transtornar-lhe os planos, mas não o suficiente para que ele declinasse do convite. Há um *rapapé*, se podemos nos dar a licença coloquial neste momento, a ser cumprido. Se ele recebe Viana com certo ar de superioridade que não se justifica, ele tem de pagar sua cota da vida burguesa aos mais abastados que estão no topo da pirâmide social. Digo que não se justifica, porque embora o narrador descreva Viana como um parasita, as suas rendas, ao que parecem, não provêm do mundo do trabalho, permitindo aos dois se dar à vida de vagabundagem que não era visto como um defeito à classe dos abastados.

Talvez incomode a Félix, que exhibe sem pudores sua riqueza ao dizer que tira os bons vinhos de sua algibeira em um ato de grosseria dirigido a Viana, o fato de suas fortunas advirem de heranças. Analisando friamente, a única diferença entre os dois é de temperamento: Viana gosta do convívio social, enquanto Félix o faz por rito de classe. A face de Jano novamente se mostra: Félix é obrigado a ver seu passado e saber que no fundo, em termos de fortuna um não é muito diferente do outro. A diferença é que ele usa a postura de classe para se colocar superior ao que lhe oferece sua amizade. Logo de cara julga que o impertinente Viana fora até sua casa apenas para se servir de almoço. Este, porém, tem outras obrigações e objetivos: o convite do coronel para o sarau e lembrar ao amigo a existência de sua irmã, a viúva Lívia, que pode tirar o médico da solteirice.

“Félix entrava então nos seus trinta e seis anos, idade em que muitos já são pais de família, e alguns homens de Estado” (As-

sis, 1962, p. 115). O herói do romance não é nem uma coisa nem outra. Não havia se casado, constituído família, nem tampouco se interessado por política, mesmo tendo os meios e as influências para tal. Félix é mais um dos homens inúteis de que se serviu Machado de Assis para criticar a classe senhorial brasileira: Félix, Jorge, Estácio, Brás Cubas, Bentinho, todos abastados e inúteis, dirigindo contra as mulheres seus desejos de poder e suas desconfianças.

O leitor há de desconfiar desse homem de quase quarenta anos e ainda solteiro. Livia, para seu bem, deveria ter indagado os motivos. Não o fez, e foi vítima dos caprichos e da violência de Félix, que desde o início a viu como uma possível aventura, como chega a afirmar. Não esqueçamos que os relacionamentos de Félix vêm de mulheres que ele pode manipular financeiramente, mantendo-as presas a si por seis meses para saciar seus apetites. Ele troca de mulheres como troca de sapatos, de acordo com aquilo que sua fortuna lhe proporciona. Não há notícias de um namoro sério ou um noivado desfeito que seja. Félix faz uso do dinheiro para seus prazeres físicos, sem envolvimento emocional. Vemos, assim, uma sociedade em que os homens permutam as mulheres entre si como se fossem objetos. Cecília, que ficou em lágrimas pelo término do namoro, logo está com Moreirinha, que vai partilhar a nova com Félix. Este, como veremos mais adiante, oferece Livia ao Meneses. Félix também sabe que a viúva, mesmo sem mostrar interesse, era cortejada por Batista, que de acordo com os outros homens tinha mais tempo e disponibilidade para investir na jovem mãe porque era casado. As mulheres estão na sociedade para servir aos homens e a seus caprichos. Até Meneses, que é o mais ingênuo de todos eles, mantém sua cortesã, por quem é traído. Nenhum homem escapa a essa sociedade misógina, que tem no poder senhorial mais um motivo para subjugar as mulheres aos desejos masculinos.

Félix é um sujeito ambíguo, portador de duas faces, não é, portanto, confiável. Algo o faz olhar sempre em duas direções. Talvez, por isso, Machado inicie o romance no primeiro dia do ano, quando ainda estamos olhando para o ano que passou, mas

também temos os olhos postos no futuro. O passado, na narrativa, pode ser Cecília e o futuro lhe é trazido pelas mãos de Viana, que é irmão de Lívia. Um homem que olha em duas direções é um sujeito imaturo, incapaz de se desapegar de velhos hábitos e caminhar livremente para uma nova vida. O ano muda, Félix, porém, ainda está turvado pelas sombras que lhe cercam o espírito.

Duas faces tinha seu espírito, e conquanto formassem um só rosto, eram todavia diversas entre si, uma natural e espontânea, outra calculada e sistemática. Ambas porém se mesclavam de modo que era difícil discriminá-las e defini-las. Naquele homem feito de sinceridade e afetação tudo se confundia e baralhava. Um jornalista do tempo, seu amigo, costumava compará-lo ao escudo de Aquiles, – mescla de estanho e ouro, – “muito menos sólido”, acrescentava ele (Assis, 1962, p. 116).

Veja que não é simples definir esse homem. Embora o narrador admita que ele tem duas faces, essas se baralhavam, dissimulando quem era Félix, o que o torna uma figura falsa e dificilmente seria descoberto por Lívia, que estava cheia de boas intenções, para quem um relacionamento era o caminho certo. Félix é um homem com camadas, nas quais a sinceridade parece lhe faltar como caráter moral. Veremos mais adiante que nenhuma mulher que se aproximasse dele poderia obter algo bom. Félix é um homem que habita as sombras e que sempre sobressai seu lado calculista. Tudo nele é cálculo, para terminar com Cecília havia em sua mente o seguinte pensamento: “A dama de seus pensamentos, como diria um poeta, recebia assim um golpe moral e literário” (Assis, 1962, p. 116). Percebamos que há em Félix um julgamento sobre o caráter da moça, sua intenção é lhe dar uma lição de moral, mas junta a ela o golpe literário, assim, tenta-se mostrar intelectualmente superior. Esse homem que condenará as leituras literárias de Lívia, serve-se delas quando o caso é terminar o relacionamento com a amante. Ele havia lido Henri Murger e se deu ao luxo das “catástrofes prematuras” (Assis, 1962, p. 116). Tudo lhe é desculpável porque sendo homem, rico e jovem, pode olhar de cima para baixo as mulheres que mostram interesse amoroso em sua pessoa.

É neste sentido que arriscamos que há nos romances de Machado de Assis um mundo misógino, onde os personagens masculinos desrespeitam as mulheres e pensam poder usá-las para seus prazeres físicos e sociais, exibindo-as quando convém e escondendo-as quando acreditam que podem ser infieis. Ao contrário do que muitos acreditam, não há nada de romântico nesses romances da primeira fase, o que falta aqui é justamente o elemento amoroso em torno dos relacionamentos, tudo é cálculo e premeditação, os amores duram no máximo seis meses e as mulheres aparecem apenas para satisfazer os desejos masculinos de ostentação e passatempo. Félix não vivia “uma existência apática, e vegetativa dos ânimos indolentes, era, se assim me posso exprimir, um repouso ativo, composto de toda a espécie de ocupações elegantes e intelectuais que um homem na posição dele podia ter” (Assis, 1962, p. 115). Incluem nessas ocupações elegantes os amores que podiam entreter a alma do jovem médico, que por vício de classe não pratica a medicina, afinal também ele tem ocupações intelectuais que lhe tomam o tempo. A ociosidade desse personagem masculino é a origem de seus vícios e de toda ordem de preconceitos que ele tem contra as mulheres.

A função do primeiro capítulo de *Ressurreição* é apresentar um pouco o caráter moral de Félix, suas ambiguidades, sua duplicidade enquanto homem, o que o torna um ser não confiável quando o assunto são relacionamentos amorosos. O ensaio de Machado de Assis começa a ganhar forma e podemos ver nessa face de Jano os problemas da classe senhorial do século XIX, que torce os fatos para caberem na lógica de mando que rege as relações. Nessas práticas sociais os homens têm o direito a tudo, inclusive o de ter sob seu poder várias namoradas ou amantes. A lógica escravista de posse estende suas mãos sobre as mulheres, que nesse mercado de valores estão pouco acima dos escravos, sendo vistas como seres que devem servir aos caprichos masculinos. Os problemas começam a surgir quando elas não agem de acordo com o esperado pelos homens e esta classe se sente ameaçada em seu repouso elegante e intelectual. A face da classe senhorial se aferra ao passado, porém,

não pode deixar de olhar para o futuro e perceber que a sociedade está mudando, é necessário, então, agarrar-se com todas as forças aos símbolos de mando e força. O perigo vem daqueles que são considerados socialmente inferiores e entre eles estão as mulheres.

E como quem está em cima pisa em quem está embaixo, Félix terminará seus amores com Cecília no primeiro dia do ano, receberá friamente Viana, no entanto, terá seus planos transtornados pelo convite do coronel a um sarau, ao qual aceita sem muita relutância. Ainda é preciso ver que Viana é neste episódio um moleque de luxo que carrega os recados dessa classe senhorial de um lado para o outro. Talvez, por isso, o narrador o coloque na classe dos parasitas. Minha pergunta é: Félix está tão distante assim de Viana? Salva-o apenas o olhar do narrador, porque socialmente, se analisado de maneira fria, ambos estão nadando ao sabor daqueles que mandam mais. Inclusive a libertinagem de Viana é mais um verniz de homem solteiro do que uma verdade verificável. As ações de Félix são muito mais condenatórias do que as do amigo de todos e dos jantares fáceis dessa sociedade ociosa.

Além disso, Viana é verdadeiro, não sofre das ambiguidades do seu colega. Um dos objetivos de sua visita é falar a Félix de sua irmã Lívia. Novamente, vemos como os homens dispõem das mulheres ao seu bel-prazer. Viana dá todas as informações de que a irmã fala muito do médico, o que causa estranheza até mesmo a este que lança à face do amigo a dúvida. Vejamos o diálogo:

– O senhor é tão feliz a este respeito, terminou o hóspede, que até as pessoas que o não veem há muito conservam em toda a integridade o afeto que o senhor lhes inspirou. Advinha de quem lhe falo?

– Não.

– Bem, sabê-lo-á de noite; lá verá em casa do coronel uma pessoa que o admira, e que não o vê há muito. Sejamos francos; é minha irmã Lívia.

– Admira-me isso, porque eu apenas a vi duas vezes (Assis, 1962, p. 118-119).

Óbvio que o romance não nos dá margens para saber realmente se Lívia falou sobre Félix, ou se Viana usando de sua esper-

teza e sabendo dos apetites do amigo, resolve se fazer de cupido entre os dois. O fato é que o parasita consegue minimamente despertar a curiosidade em relação à sua irmã. Não sem antes exaltar as qualidades de Félix, chamando-lhe a atenção para o fascínio que ele exerce sobre as moças, algo que deve ter agradado ao médico. Viana, como bom conversador, conhece os caminhos para atizar os desejos do homem que ele cobiça para cunhado.

Nesse ínterim, ficamos sabendo rapidamente que Livia é uma jovem viúva, que ficou mais bela após a morte do marido. No entanto, “[...] Livia tem esse defeito capital: é romanesca. Traz a cabeça cheia de caraminholas, fruto naturalmente da solidão em que viveu nestes dous anos, e dos livros que há de ter lido. Faz pena porque é boa alma” (Assis, 1962, p. 119). O que Viana queria sugerir ao chamar a irmã de romanesca? Ela é uma romântica? É uma moça confiável? Os romances não a teriam corrompido? Quase arrependido, diz ao final que faz pena porque é boa alma. Mal sabia que estava lançando no espírito do médico as primeiras sombras sobre o que ele virá a pensar da viúva. Não esqueçamos que a face de Jano também é a maldição de Félix, ele é incapaz de olhar apenas para o futuro, seu olhar está sempre com um pé no passado, uma necessidade analisar e avaliar as atitudes das pessoas, principalmente, das mulheres.

A conversa surte efeito e o médico tem a primeira consideração sobre a moça, ela tem as condições necessárias para poeta. Livia, ao que parece, é uma mulher que acredita no amor, mas o fato de ler romances, provavelmente românticos, faz dela uma moça fantasiosa e, talvez, na visão de Félix, pouco confiável. A segunda observação é de ordem física, lembra o médico que ela era bonita. Logo, podemos desconfiar que ele não tem um projeto de levar a moça à sério. Além disso, é viúva, algo que voltaremos mais adiante para dissertar longamente sobre esse fato.

A beleza passa a ser o tema da conversa, que beira o desrespeito com a moça ausente. O irmão exalta as belezas de Livia, chegando a se ressentir de ter laços de sangue com ela. Se não fosse isso a adoraria de joelhos. Esse simples fato que parece ser

banal, não é aceitável. A mulher é vista como um mero objeto de desejo, até mesmo o irmão confessa sentir atração física pela jovem. É válido ressaltar, que Viana tem a libertinagem de espírito e que o comentário seja apenas uma forma de performar como um pária na sociedade.

Como podemos ver em Gayle Rubin, o que lemos no romance machadiano é uma das práticas mais antigas da humanidade, que consiste na troca de mulheres para estabelecer laços familiares e até políticos. O tabu do incesto é uma forma de garantir um objeto de troca válido nas relações exogâmicas. Viana cobiça sexualmente a irmã, mas, sobretudo, pensa que o casamento dela com Félix possa trazê-lo para a família, criando laços duradouros e o que era uma amizade, tornar-se-ia uma relação familiar:

À teoria da reciprocidade primitiva, Lévi-Strauss acrescenta a idéia de que os casamentos são uma forma elementar de troca de presentes na qual as mulheres são o mais precioso dos presentes. Ele afirma que o tabu do incesto deve ser entendido como um mecanismo para garantir que essas trocas se realizem entre famílias e entre grupos. Dado que a existência dos tabus de incesto é universal, mas o teor de suas proibições variável, não se pode dizer que sua finalidade seja evitar a ocorrência de casamentos entre pessoas geneticamente próximas. O que ocorre na verdade é que o tabu do incesto coloca o objetivo social da exogamia e da aliança acima dos fatos biológicos de sexo e procriação. O tabu do incesto divide o universo da escolha sexual em categorias de parceiros sexuais permitidos e interditos. De forma explícita, proibindo uniões dentro de um grupo, ele impõe as uniões entre os grupos (Rubin, 1975, p. 19-20).

O modo como Viana trata a irmã revela que ele não sente o mínimo pudor em ter sentimentos sexuais por ela, a excusa familiar é um mero artifício para que possa negociá-la com o médico, oferecendo-a como mercadoria, exaltando suas qualidades, sua beleza e até apresentando alguns senões como a leitura de livros fantasiosos. No entanto, pinta o negócio como vantajoso para Félix. É como se Livia não tivesse sentimentos e a escolha de seu próximo parceiro, na ausência do pai, ficasse por conta do irmão, mos-

trando como as mulheres nesse jogo são objetos de trocas, sem jamais serem consideradas como parte interessada nas alianças. Estas são realizadas entre os homens, está com eles a decisão de que corpo escolher para seus usos sexuais e sociais.

Lívia neste início de romance é apenas mencionada, ela ainda não foi apresentada ao leitor, tem-se a notícia dessa bela viúva por meio de Viana, que se excede em elogios. Porém, o mais importante, aqui, é notar que estamos diante de relações onde apenas os homens participam. As mulheres não são consideradas como parte dessas negociações, onde quem dá as cartas e decide os destinos é a classe masculina. A personagem feminina é sempre analisada pelo olhar dos homens: Félix, Viana, Dr, Batista, todos são árbitros dessa jóia disponível na sociedade fluminense.

Em um país escravista e pré-capitalista como o Brasil do século XIX, a troca de mulheres entre as famílias é uma prática comum. Isso garante uma espécie de compadrio entre os senhores de escravos, que preservam o direito à propriedade e à herança, escolhendo quem pode ascender nessa sociedade, abrindo as portas a uns e fechando a outros, selecionando mulheres que fortalecerão as alianças dentro do grupo senhorial, evitando, assim, que determinadas pessoas possam vir a ocupar uma posição de mando sem a benção dos grandes proprietários de terra. Todos podem casar e ascender socialmente, desde que respeitando os donos do poder.

Viana atingiu seu objetivo, ao sair da casa do médico, deixou em seu espírito a curiosidade de conhecer melhor a viúva. “Quem será essa, perguntou a si mesmo, tão bela que mete medo, tão fantasiosa que causa lástima?” (Assis, 1962, p. 119). Novamente, vemos Félix olhar em duas direções, a desconfiança habita seu ser antes mesmo de conhecer efetivamente a moça. O herói da história ainda tem pendências a resolver, não esqueçamos que ao início do capítulo o narrador nos informa que Félix escolheu o primeiro dia do ano para o ocaso de seus amores. É o momento de conhecermos melhor o médico e Cecília, é hora de voltar a cabeça ao passado para liberar o futuro. A maldição de Jano atua sobre seu ânimo, potencializando as dúvidas que habitam sua mente.

Paixão tem prazo: o acerto de contas

Félix é um personagem fiel a si mesmo, a única pessoa a quem ele presta conta de seus atos. A sua posição de homem burguês e vadio lhe dá tempo de armar o início e o final de seus relacionamentos. Podemos dizer que fora ir aos saraus, sua única ocupação elegante é aproveitar o tempo com belas mulheres, às quais sempre impõe o tempo de seis meses. Ele vive pequenas aventuras amorosas sem nenhuma responsabilidade afetiva com as suas parceiras, algo que nos diz muito sobre os sofrimentos que ele vai impor à jovem viúva.

Pela leitura do romance sabemos que o comportamento de Félix é conhecido da sociedade, os outros homens comentam publicamente as práticas amorosas do médico. Lembremos, a informação que o narrador nos dá no primeiro capítulo, quando está construindo o perfil do herói da narrativa:

Duas faces tinha seu espírito, e conquanto formassem um só rosto, eram todavia diversas entre si, uma natural e espontânea, outra calculada e sistemática. Ambas porém se mesclavam de modo que era difícil discriminá-las e defini-las. Naquele homem feito de sinceridade e afetação tudo se confundia e baralhava (Assis, 1962, p. 116).

Um homem de duas faces, um ser ambíguo e pouco confiável, no qual o cálculo se mescla à espontaneidade, sendo difícil saber quem era realmente o médico. Sincero e afetado, sempre há dois adjetivos para defini-lo e desse modo dialógico o personagem passa incólume com suas atitudes, que envolvem muito de cálculo e até cinismo como o acusará Meneses mais adiante. No final das contas, quem o olha mais de perto, nota-lhe a falta de solidez. No entanto, falam de sua personalidade sem julgar o que faz com as mulheres, talvez até admirem o modo como Félix termina os relacionamentos, sem prender-se às mulheres, usando-as para seus

prazeres efêmeros, para suas ocupações elegantes. Como um homem relativamente jovem, ele pode se dar a esses prazeres antes de se casar e passar a levar uma vida séria, o que temos é uma sociedade composta por homens solteiros e desocupados, que passam o tempo a se divertir com as emoções alheias.

Deste modo, após seis meses de seu passatempo com Cecília, ele aparece em sua casa, no primeiro dia do ano, para deixá-la no passado e começar 1861 livre para uma nova aventura.

O Rio de Janeiro no momento em que se desenrola a narrativa é de uma pasmaceira total, Viana afirma que a cidade vai de mal a pior, sem nenhum escândalo, sem nenhuma história que valesse a pena ser comentada. Neste ambiente de monotonia, Félix resolve preencher sua vida com algum movimento e parte para a casa de Cecília com o objetivo de pôr fim ao caso amoroso. O título do capítulo é “Liquidação do ano velho”, deixando claro ao leitor quem deverá ficar para trás, apenas Cecília desconhece o golpe que receberá de Félix no primeiro dia do ano. Entra em cena a face calculista do médico.

Ao chegar à casa da moça, Félix a encontra lendo. É a segunda referência à leitura de romances que temos em poucas páginas, como se a leitura fosse uma ocupação tipicamente feminina, que se opõe à praticidade dos homens. É também a segunda personagem “romanesca” no caminho de Félix em um curto intervalo de horas. Ao que tudo indica, isso parece incomodá-lo, pois tira o livro das mãos de Cecília como se a chamasse à realidade para terminar o curto romance que viveram no segundo semestre de 1860.

Entre este momento do término do namoro a face calculada e sistemática do médico, ele modula a voz como um ator de teatro, acende um charuto de forma afetada e senta-se diante da jovem, como se encarnasse um personagem em um palco, a fim de despejar sobre Cecília sua teoria do amor de forma cínica e despreocupada, como se livrasse de um paciente no consultório:

Cecília, disse o doutor deitando fora o charuto apenas encetado, eu tenho a infelicidade de não compreender a felicidade. Sou um coração defeituoso, um espírito vesgo, uma alma insi-

pida, capaz de fidelidade, incapaz de constância. O amor para mim é o idílio de um semestre, um curto episódio sem chamadas nem lágrimas. Há seis meses que nos amamos; por que perderás tu o dia em que começa o ano novo, se podes também começar vida nova? (Assis, 1962, p. 120).

Félix não culpa Cecília pelo término do namoro. Na verdade, tira dela a possibilidade de qualquer argumento contrário em que ela possa se agarrar. O defeituoso é ele, que é vesgo e insípido. Novamente, o médico se define pelos opostos: infelicidade – felicidade, capaz – incapaz. Na prática, ele quer evitar os inconvenientes das cenas de término de namoro, quer manter sua política dos curtos episódios sem chamadas, nem lágrimas. Ao final, propõe a Cecília vida nova, pois estão no primeiro dia do ano. O cinismo de Félix é evidente, ele entrou no relacionamento com a intenção do término, nada que durasse muito. E, aqui, uma ressalva no que disse antes, ele sim a culpa: por não estar ciente do que ele está fazendo no momento, afinal ele sempre disse que o relacionamento deles era um capítulo curto e que ela fizera mal “em alimentar uma esperança vã” (Assis, 1962, p. 120).

Ao que tudo indica, Cecília havia apostado em Félix suas fichas de que seria amada e ele poderia resgatá-la dos erros que lhe pesavam na consciência. No entanto, o médico afirma estar abaixo do papel de redentor e o faz de modo irônico, o que é percebido pela moça. O cinismo de Félix não tem limites, se não acusa Cecília de nada, nem sequer de infidelidade, diz que sai da casa dela como um *gentleman* e proporcionaria a ela os meios necessários para seu estabelecimento até que o esquecesse. Como se pode ver, ele tenta encenar o papel de “macho mantenedor”, quando, na verdade, quer pagar pelos amores dela como se fosse uma prostituta. Para espanto do médico, Cecília lhe golpeia a face com um gesto de dignidade, o que o espantou enormemente. Esse comportamento masculino é recorrente nos personagens de Machado de Assis, no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), o jovem Brás não compreende e até se espanta com a dignidade de Eugênia em aceitar a rejeição. Os senhores ricos dos romances

machadianos sempre estão sendo surpreendidos por essas mulheres, que mesmo habitando o solo dos dependentes, os confrontam em seus vernizes de polidez e bondade para disfarçar de naturalidade, o que, na verdade, não pedem, mas exigem das dependentes, como se elas não tivessem o direito de lhes contrariar. Jorge no romance *Iaiá Garcia* age de modo semelhante quando beija Estela à força, como se lhe fizesse um favor. A indiferença e a frieza em como ela recebe o ato, faz o moço se questionar sobre seu real poder sobre a agregada. Afinal, dentro da lógica senhorial, esses homens indagam quem são essas mulheres, todas desfavorecidas financeiramente, que lhes resistem ao poder de mando, pouco se importando com as posições sociais. É, assim, que despeitado, Félix “concluiu que ela teria algum amor em perspectiva” (Assis, 1962, p. 121). A cegueira dos donos do poder não tem limites e os torna incapazes de compreender as mulheres que deles se aproximam. Na cabeça desses homens, o único motivo é a relação interessada que pode desembocar em casamento, o que Félix foge até de maneira cômica, para não dizer infantil.

Félix quer estar no controle, para tanto, pelo que fica sugerido no romance, busca relações em que ele pode dominar financeiramente suas parceiras. Além disso, o breve tempo que fica com suas amantes, evita o problema de uma possível paixão, que baralharia essa relação que nasce para ser uma aventura e satisfazer apenas suas necessidades de moço rico e desocupado. O que faria Félix à noite na Tijuca antes de receber o convite/intimação para o sarau na casa do coronel? Algum novo caso? Outra aventura, já que pela tarde teria se livrado de Cecília? Nada é dito ao leitor e ficamos com mais essa sombra na vida de Félix. O certo é que essas mulheres não frequentam sua casa, o que já é um indício das intenções do personagem.

O conto Mariana, também de Machado de Assis, nos dá algumas pistas do comportamento masculino no século XIX brasileiro. Nele um grupo de rapazes, todos perto de seus quarenta anos, divertem-se algumas horas em ouvir a narrativa de um problema amoroso que o narrador teve com uma escrava, para depois

saírem livremente em busca de novas vítimas pela cidade do Rio de Janeiro, revelando como havia um ambiente pernicioso para as mulheres, que são tratadas como passatempo por esses homens ociosos.

Tal foi, meus amigos, este incidente da minha vida. Creio que posso dizer ainda hoje que todas as mulheres de quem tenho sido amado, nenhuma me amou mais do que aquela. Sem alimentar-se de nenhuma esperança, entregou-se alegremente ao fogo do martírio; amor obscuro, silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas no fundo, amor imenso e profundo, sincero e inalterável.

Coutinho concluiu assim a sua narração, que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas daí a pouco saíamos pela rua do Ouvidor fora, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade (Assis, 1871, s/p. Texto digitalizado em machadodeassis.net).

Coutinho, após narrar a história aos amigos para exaltar seu ego de homem livre e abastado, liberta-se de todo peso na consciência que poderia carregar consigo pelo suicídio da escrava, para cair no mais profundo desprezo pelo que ele chamou de incidente em sua vida. A moça entregou-se ao fogo do martírio, o que poderia no mínimo levar-lhe ao riso quando não à indignação, uma vez que ela, na sua situação de escrava, ousou amar-lhe, justo ele que era um homem branco e seu senhor. Os amores da escrava são vistos como desrespeito à sua condição senhorial, mas nem por isso, deixam de servir ao anedotário desse homem de seus quarenta anos, que diverte os amigos com a narrativa. Após breve tristeza do público ouvinte, todos descem à rua do Ouvidor, justificados por serem homens, para comentar pés e fazer tiradas espirituosas sobre as mulheres. A conversa restitui-lhes a mocidade. Na prática, procuram novas vítimas para seus deleites e divertimentos. Nenhum deles tem intenção séria no que diz respeito às mulheres, são predadores e misóginos, que julgam as moças como objetos feitos para servir-lhes o apetite. É importante lembrar que nenhum deles é realmente jovem, todos têm em média quarenta

anos, mas buscam amores em jovens com menos de vinte anos. Félix é mais um exemplar dessa estirpe de homens vazios e violentos. Ao sair da casa de Cecília, desce também para a rua do Ouvidor, lugar movimentado, por onde as moças desfilavam seus vestidos em passeio pela cidade e ao encontrar um amigo – o jovem Meneses – narra em tom de desprezo e deboche o final com Cecília: “O choro pertence ao cerimonial da separação. Era indispensável” (Assis, 1962, p. 121). Em nenhum momento, o médico mostra a mínima preocupação com a jovem, colocando na conta da encenação o choro vertido. Félix é o padrão do homem solteiro e rico do século XIX brasileiro e igual aos rapazes do conto “Mariana” vai se divertir após acabar o capítulo com Cecília, tratando-a realmente como mais uma de suas aventuras romanescas, que “duram mais que as rosas, duram duas estações” (Assis, 1962, p. 121).

Meneses é uma espécie de antagonista de Félix. O jovem é descrito como bondoso e inocente, incapaz de perceber o jogo perverso dessas moças a caça de casamentos. Ao contrário de Félix, ele se preocupa com os sentimentos de Cecília e acha o cinismo do amigo uma hipocrisia. No entanto, até o bom Meneses não está livre de um certo julgamento em relação a moças como Cecília. Tanto que indaga se Félix teria algum casamento em vista. O que isso nos revela? Revela que havia um gênero de relações entre homens e mulheres que estava baseado apenas em questões financeiras e que podiam se estender até o rapaz achar um casamento de conveniência e à altura de sua classe social. Para sobreviver a essa sociedade escravocrata, muitas moças livres se submetiam a relações desiguais, que sabiam ser, na maioria das vezes, sem futuro, mas por necessidade de se manter, elas acabavam aceitando serem presas desses homens ociosos em busca de um amor passageiro. Cecília é mais uma vítima dessa sociedade senhorial, que usa os desfavorecidos para o exercício de mando e de poder, afinal, nada lhes é negado nessa sociedade governada por homens que precisam se afirmar como donos do mundo.

Se Meneses é uma boa alma e ainda tem fé nas pessoas, não foi corrompido pelo tempo nem pelas amizades, não se pode falar

o mesmo do narrador, que toma para si a tarefa de fazer considerações sobre as mulheres, assumindo o lado de Félix e o que era a construção de um perfil, passa a ser também o discurso do narrador. “O juramento de Cecília não devia valer muito aos olhos de um homem que conhecesse bem todos os recursos de uma mulher naquelas condições. Mas o nosso Meneses era ingênuo em coisas tais. Saiu de lá cheio de piedade” (Assis, 1962, p. 123).

Seria o narrador também um representante dessa classe masculina e misógina, afinal toma o partido do agressor e não da vítima? O romance foi escrito no século XIX e pode estar impregnado da maneira como os homens tratavam as mulheres, naturalizando esses comportamentos. Assim, não se faz nenhum julgamento moral de Félix, afinal o temperamento dele é para os relacionamentos breves, que se tornam enfadonhos após seis meses, mas mulheres como Cecília não são confiáveis e uma declaração dela deve ser vista sempre com desconfiança. Mesmo Cecília tendo afirmado que fora exclusivamente de Félix durante o namoro, o narrador a desautoriza, em uma clara repreensão a Meneses, que é o ingênuo da história. Ele ainda não está treinado nessa modalidade de relacionamentos, nos quais as mulheres sempre querem tirar vantagens dos homens. Veja que o narrador faz um alerta contra essas mulheres que estão em situação de desigualdade no que diz respeito aos homens. Esses podem ser presas fáceis de aproveitadoras como Cecília, por isso, Félix é quase um tutor para Meneses, fazendo considerações sobre os namoros, a duração desses idílios e como vivê-los em segurança sem cair no jogo das seduições.

É importante lembrar que homens como Félix são representantes de uma classe de abastados que acredita ter o mundo à sua disposição. Essa visão contaminada pelo escravismo faz com que os homens se relacionem com as mulheres da mesma maneira como tratam os escravos. Elas pertencem à classe dos dependentes, são livres, porém pobres, o que as torna uma ameaça a esse sistema de valores senhoriais, no qual o mundo gira em torno do umbigo desses mandatários. O perigo está em uma delas conseguir o casamento desejado e adentrar esse mundo respeitável. Avan-

cegos no tempo e olhemos a situação de Brás Cubas. Quando este é pego em flagrante desperdício de dinheiro com sua amante Marcela, o pai o arranca dos braços dela e o envia para a Europa. O deslize é compensado com uma viagem. Se olharmos bem, vamos ver muitas semelhanças com os tempos atuais, em que jovens ricos dispõem das mulheres como se elas fossem objetos e quando se tornam agressivos e violentando-as, embarcam em viagens de turismo até que a sociedade esqueça o acontecimento.

Ler os romances de Machado de Assis é uma forma de compreender as raízes de nossa sociedade misógina. O desprezo que os homens têm pelas mulheres hoje tem seus fundamentos na sociedade escravista do século XIX, tempo em que os personagens machadianos desfilam pelas ruas do Rio de Janeiro, exibindo suas riquezas e tripudiando das mulheres que usaram até achar que elas perderam a utilidade. Félix após terminar o namoro com Cecília vai praticar sua ocupação elegante e intelectual pelas ruas da capital: a ociosidade vazia e vagabunda de um homem rico, afinal como o próprio herói do romance afirma, ele quebrou uma cadeia, libertou-se e esse sentimento de liberdade é brindado com jantares e sa-raus, é que o vamos explorar na sequência de nosso texto.

A viúva

Os três primeiros capítulos são a soma das emoções do primeiro dia do ano. O leitor passa da manhã preguiçosa e vadia, à casa de Cecília e, por fim, ao tão esperado encontro com a outra personagem do romance: a jovem viúva. Ela, ao modo das heroínas alencarianas, está no baile arrematando os olhares dos homens solteiros, candidatos a um casamento, e também dos casados, que não deixam de admirar a beleza de Livia, considerada por todos a rainha da noite.

Olhemos um instante para a recepção de Félix na casa do coronel para ver o que esse ambiente nos revela das relações entre os homens e as mulheres na sociedade fluminense. Mal entra o médico, o anfitrião o leva para conversar com sua esposa. D. Matilde, uma mulher de quarenta anos, mas que é descrita com uma senhora idosa:

A mulher do coronel era o tipo da mãe de família. Tinha quarenta anos, e ainda conservava na fronte, embora secas, as rosas da mocidade. Era uma mistura de austeridade e meiguice, de extrema bondade e extrema rigidez. Gostava muito de conversar e rir, e tinha a particularidade de amar a discussão, exceto em dous pontos que para ela estavam acima das contravérsias humanas: a religião e o marido (Assis, 1962, p. 123).

Primeiramente, o narrador ressalta o lado materno de Matilde, era o tipo de mãe de família, tirando dela toda possibilidade de ser admirada pela sua beleza. Em segundo lugar, revela-nos a idade: quarenta anos, modulando um pouco a crítica ao dizer que mantinha as rosas da mocidade, no entanto, estão secas. No demais é uma mulher entre a austeridade e a meiguice, a bondade e a rigidez, o que lhe cai bem pela posição social e a idade. Além disso, ela mesma se vê como uma idosa a roubar das moças a atenção do médico, que é aguardado com ansiedade para que ela possa conversar por um tempo.

O leitor pode pensar que estou sendo anacrônico e que era o normal da época as mulheres serem vistas como velhas após passar dos trinta anos. Precisamos lembrar que essa visão sempre partiu de escritores, que julgavam ter o poder de estabelecer os padrões da sociedade do século XIX. Nenhum autor, que me conste, deu-se ao trabalho de perguntar às leitoras desses mesmos romances, o que elas pensavam sobre serem descritas como idosas aos quarenta anos. Por que uma mulher dessa idade era uma senhora e um homem da mesma faixa etária ainda era visto como um bom partido para o casamento, tendo o direito a namoros e à atenção das jovens? Digo isso porque Félix tem trinta e seis anos, pouca diferença de idade com a dona da casa, mas é visto como jovem, uma presença esperada pelas moças do baile e a conversa que tem com D. Matilde é quase um favor de um jovem elegante a uma senhora. Algo está errado nessa sociedade e, assim, suspeitamos ver representado, no romance de Machado de Assis, as bases do machismo e do etarismo sobre as mulheres que ainda perderam em nosso país.

Seja por contaminação das leituras de romances franceses como a *Mulher de trinta anos* (1842), de Balzac ou por analisar as relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira do século XIX, vemos, em Machado, a reprodução de uma visão masculina que atira as mulheres de quarenta anos ao ostracismo. Elas são descritas como mulheres idosas, matronas recolhidas ao lar, enquanto os homens passeiam pela cidade atrás de mulheres, como os personagens do conto “Mariana”, todos com seus quarenta anos, mas percorrendo a Rua do Ouvidor atrás de pés e vestidos. Desta maneira, é que os homens foram encerrando as mulheres dentro de casa, reservando o espaço público à exibição de supostos homens respeitáveis em busca de amores, o próprio Félix diz a D. Matilde que o marido dela foi um pecador impenitente. O universo masculino se sobrepõe ao mundo das mulheres e nesses julgamentos, reforçam a ideia de que são inferiores, inclusive de que envelhecem mais rápido, o que justifica os casos extraconjugais desses senhores da alta sociedade.

Para as mulheres casadas, no romance machadiano, resta a adoração aos maridos. É o caso de D. Matilde para quem duas questões estão acima de qualquer discussão: o marido e a religião. Essa adoração cega permite que os homens transitem pela sociedade atrás de aventuras amorosas, inclusive debaixo dos narizes das esposas. Neste mesmo capítulo intitulado “Ao som da valsa”, vemos Dr. Batista, casado com uma jovem de seus vinte anos, passar o baile todo a cortejar a Lívia. Ela como rainha do baile, não escapava aos olhares de concupiscências nem dos homens casados, mesmo que nada nela justifique essa atitude agressiva dos pretendentes.

Ao final de algum tempo, Félix é liberado por D. Matilde, para quem “o direito das velhas tem um limite no direito das moças” (Assis, 1962, p. 123). Além disso, à esposa do coronel é vedada a dança, essa é privilégio das jovens e para a respeitabilidade de uma mulher casada não ficava bem a dança com outros homens; será por esse motivo que anos depois ao escrever *D. Casmurro*, encontramos Bento Santiago roendo-se de ciúmes quando vê Capitu dançando, a ponto de se retirar dos bailes e a encerrar em casa, longe da agitação e dos olhares dos moços? Podemos notar que os temas se repetem em Machado de Assis, não da mesma maneira, mas em nuances que mal escondem o comportamento machista desses homens do século XIX.

Liberado da esposa do coronel, Félix vai buscar um par para a dança, tropeçando em um casal que dançava e que ele suspeita reconhecer Lívia, registrando as faces avermelhadas e o seio ofegante e um outro detalhe que não pode ser perdido para analisar essa mente doentia do médico: “a moça pousava molemente o braço no braço do cavalheiro” (Machado, 1962, p. 124). Mais adiante esses detalhes servirão para justificar, mesmo sem motivos, os ciúmes que terá de Lívia, submetendo-a a uma espécie de sofrimento para abrandar sua raiva e seu desejo de posse exclusiva.

Longe ainda de termos um narrador como em *Dom Casmurro*, no romance em questão, o narrador é quem vai direcionando o olhar do leitor para conhecer a figura do médico. Félix, como um

felino, segundo a composição de seu nome, está no baile à espreita, ao modo de um caçador discreto, analisando o cenário e as possibilidades. E mesmo que, em um primeiro momento, esteja cumprindo a rituais sociais de uma boa visita, não pensa duas vezes em alimentar as esperanças da menina Raquel, indo buscá-la para a dança:

Felix, apenas se achou livre, foi buscar a filha do coronel, interessante criança de dezessete anos, figura delgada, rosto angélico, formas graciosas, toda languidez e eflúvios. Era uma dessas mulheres que fazem o mesmo efeito que um vaso de porcelana fina; toca-se-lhes com medo de as quebrar. Raquel era o nome; tinha grandes pretensões à mulher, que não lhe ficava mal naquela idade de transição; mas o que Félix lhe achava melhor era justamente o seu aspecto de criança, mal disfarçado pela formação do seio. Como caráter, fazia-lhe a mãe grandes elogios, e eram fundados, posto fossem de mãe (Assis, 1962, p. 124).

De novo é importante ler Machado de Assis nos detalhes, são eles que revelarão alguns dos aspectos que julgamos próprios da misoginia dos homens em relação às mulheres, sem escapar sequer as adolescentes. Começamos com o olhar do narrador que oscila entre descrever Raquel como criança, anjo e ao mesmo tempo uma mulher. Faz isso, aparentemente, para mostrar que a menina está numa fase de transição, o que não lhe impede de ter olhares indecentes em relação à ela, que, ao que tudo indica, ainda não tem a percepção de ser alvo dessa observação indiscreta. Entre apresentar Raquel como uma mulher ou uma menina há uma observação, que aos dias de hoje soa à pedofilia, mas antes de fazê-lo, o narrador muda o foco e espreita Félix, que gostava “justamente de seu aspecto de criança, mal disfarçado pela formação do seio”. O olhar é violento e compartilhado com o narrador, que até o momento desse olhar inescrupuloso do personagem, era quem desnudava a menina dos pés à cabeça. O narrador, afinal, denuncia, ou se faz parceiro de seu personagem, temos o estudo de um carácter ou a representação de uma sociedade masculina que não respeita nem a inocência das meninas em que mal se vê o seio? Devemos ainda ressaltar que não é bem o seio despontando

que chama a atenção do médico é a aparência de criança de Raquel que aguça seus olhares e, sim, também do narrador, que se acumplicia com seu personagem ao ir buscar a menina para a dança. Quis Machado fazer um romance mundano? Quis denunciar os abusos masculinos dessa sociedade? Por que o narrador não faz a crítica a Félix, mas junta-se a ele nessa observação pedófila da menina Raquel? São questões que, embora espinhosas, queremos debater ao longo deste ensaio.

Fora esse olhar agressivo que desnuda Raquel, ela tem a seu favor os elogios da mãe. Em suma, ela é uma boa menina, boa família, bem-nascida, o que faz dela uma presa fácil a esses homens quarentões em busca de aventuras ou até mesmo de um casamento, que teria nesse anjo uma espécie de resgate da vida mundana desta juventude masculina que se alarga pelos anos, enquanto as mulheres envelhecem precocemente ao lado desses predadores.

A dança é o momento que os homens usam para analisar suas presas. A menina Raquel estremeceu inteira quando o médico lhe passou a mão pela cintura. Após esse rápido momento de pudor mal disfarçado, a jovem se entrega totalmente ao seu par, que a guia pelo salão. E ela, em geral, sempre pálida, corou um pouco em meio desse turbilhão que é dança. O fato de a mulher não ter o direito de escolha na dança e muito menos no casamento, explica a reação da menina, pois, Félix, podendo mirar na rainha do baile, a escolheu para sua parceira de dança. Não há em Raquel um interesse sexual, mas como está privada do direito de escolha, figura na prateleira onde os homens selecionam as meninas para seus relacionamentos. Destaco, ainda, que, até aquele momento do baile, nenhum homem havia se interessado pela menina, provavelmente pela sua aparência infantil, porque sendo filha do coronel poderia ter atizado os interesses dos homens do salão, mas isso não acontece e ela acaba dançando com Félix, que após usar um tempo em conversas com a mãe, vai dançar com Raquel. Veremos mais adiante que ela nutre uma paixão secreta pelo médico. Porém, como ela pertence à classe dos ingênuos ou dos bons caracteres do romance, abrirá mão de tudo sem lutar

pelo seu amor, o que lhe será, na verdade, uma espécie de salvação ao escapar às garras desse homem que usa a polidez para ocultar o modo violento como lida com as mulheres.

Quando surgirá efetivamente Lívia nessa história? Sabemos que ela está no salão, mas habilmente o narrador adia o encontro entre os personagens principais. Sabemos que esse momento será decisivo e mudará para sempre o destino da viúva. Além disso, o leitor, a esta altura do romance, ainda não conhece Félix, ele está sendo exposto pouco a pouco e devemos observá-lo nos pequenos atos, nos quais reside o seu verdadeiro caráter.

Ao passear pelo salão com Raquel, notamos que o médico analisa cada gesto, cada fala da menina, julgando-a de modo negativo, antes de dar a ela o direito à ingenuidade. Isso acontece quando ela lhe chama a atenção para Lívia, ao ver que o médico não tira os olhos da moça. Por ceder seu lugar a Lívia, Félix pensa em falsa modéstia por parte da menina. Para ele, todas as mulheres do salão estavam, em certa medida, disputando entre si as atenções dos homens. Na visão masculina, não há amizade possível entre as mulheres quando a questão é conseguir um par amoroso. O machismo que impera nas atitudes de Félix continua a se desenrolar diante dos olhos do leitor. O fato de Lívia não aparentar estar disponível para os prazeres masculinos o incomoda profundamente: “Parece-me orgulhosa; há de tratar a todos como vassallos seus. Não vê com que desdém ouve ela as palavras do cavalheiro que lhe dá o braço?” (Assis, 1962, p. 125). Félix nitidamente fica incomodado pelo cavalheiro que acompanha Lívia. Mais do que a postura dela, o que está em jogo é o papel masculino de macho dominador, que ela desdenha, mesmo o rapaz sendo descrito como “manhoso e namorado”. Pouco importa também o fato de Dr. Batista ser casado, Lívia, aos olhos do médico, não tem o direito de ignorar a côrte que o outro lhe faz. Aqui vemos como a cumplicidade masculina age, impondo às mulheres os seus imperativos de posse. No mesmo capítulo é a segunda vez que vemos o médico julgar negativamente uma mulher e isso é feito de modo natural diante da jovem Raquel, que defende a viúva do modo

mais simples e óbvio que poderia ser: “Lívia não gosta dele” (Assis, 1962, p. 125), mas o que ele, ferido em seu orgulho masculino julga como soberba, é dignidade. Lívia não está disponível para qualquer homem. Ela sabe de seu valor e, por isso, desdenha o cavalheiro, que é, na verdade, outro predador. Esse fato não será perdoado à viúva ao longo da narrativa.

Impera no sarau um ambiente masculino tóxico às mulheres. Na sala dos fumantes, os rapazes não poupam comentários à viúva, todos observam a beleza de Lívia e a disputam entre si. A cumplicidade masculina é tão evidente que mesmo interessado por Lívia, o médico incentiva um pretendente assumido a investir nela. Ele é o Moreirinha, conquistador conhecido entre os solteiros do Rio de Janeiro pela habilidade que tem com as mulheres, sabe elogiar, conversar, faz favores às damas, enfim, vive entre as mulheres, que gostam de sua figura. Nesta conversa é mencionado o Dr. Batista pela segunda vez, ele que se constituirá como o vilão da história, é o que mais tempo tem para conquistar a viúva, pois, como já informamos neste ensaio, é casado. À essa altura Felix tivera um primeiro contato com Lívia, porém, sem a oportunidade de se lançarem a um diálogo mais longo, o que ainda acontecerá dentro do capítulo.

Embora o Dr. Bastista seja apresentado como um vilão, pretendemos mostrar, ao longo de nosso texto, que o verdadeiro vilão da história é Félix. Ele causará todo tipo de sofrimento à Lívia, inclusive adoecendo-a com seu comportamento ciumento e machista. Há algo que deve ser ressaltado, a personagem Lívia é uma viúva que tem um filho, logo é vista como uma mulher experiente. Na mente masculina a grande pergunta é: como acreditar em uma mulher que já teve outro homem? Mesmo isso não sendo dito em palavras, a atitude dos homens e de Félix em relação a Lívia é de que ela é uma mulher que obrigatoriamente está disponível para os conquistadores, pois nem deve ser fiel. Mais adiante falaremos sobre as viúvas na obra de Machado de Assis e como elas são construídas nos contos, o que poderá nos ajudar a entender um pouco mais a visão masculina sobre essas mulheres.

Tentaremos provar que Félix é o vilão da história porque o comportamento do Dr. Batista não é uma exceção no romance. Todos os personagens masculinos compartilham da mesma visão sobre as mulheres. Félix, o coronel e Moreirinha apresentam um padrão de conduta semelhante, vendo as mulheres como seres que existem para diverti-los em seus delírios de conquista. O problema está quando uma mulher, com sua postura, resolve desafiar esses homens, colocando em xeque suas masculinidades.

Voltemos aos fatos do romance. Félix pretende sair da festa mais cedo, nitidamente incomodado. Mas com o quê? Provavelmente, por até aquele momento não ter tido as atenções da viúva. Lembremos que Viana praticamente ofereceu a irmã ao médico e ainda nada acontecera. Salva-o o coronel, que pede a Livia: “Um favor apenas. Retenha-me este senhor, que se quer ir embora. Não tenho forças para tanto. Veja se mo consegue. Comece dando-lhe uma quadrilha” (Assis, 1962, p. 126). O tom do coronel fica entre o amigável e o imperativo ao mesmo tempo. Pretextando segurar o rapaz, promove o encontro entre Livia e Félix. Tudo age em favor dos homens. Livia cede ao pedido do dono da festa, pois não tem forças para resistir inteiramente a esse poder senhorial. É como se ela tivesse sido convidada para divertir os homens que estão no sarau.

Assim, como *Dom Casmurro*, devemos reler o romance *Ressurreição* à cata dos indícios que tornam Félix um ser perigoso para uma mulher. Nada escapa ao narrador, que vai plantando na cabeça do médico as ideias sobre Livia. Os dois caracteres se opõem em temperamento e nos modos de ver a vida. A conversa que iniciou fria, cheia de interpretações e julgamentos por parte de Félix, acabou se desenrolando. Livia, sem perceber a armadilha fala de si, do tempo que morou na roça e da vida reclusa e monástica que levou e do seu desejo de ir à Europa. A viuvez restitui a liberdade a essa mulher, que pretende ver os esplendores de Paris, da Alemanha e da Itália. A estas declarações, o médico responde que tem a “natureza da planta, fico onde nasci” (Assis, 1962, p. 127). Em seguida, joga a isca e diz que ela deve ser como as andorinhas.

A viúva concorda sem saber que está sendo julgada. Mal sabe ela, que seus desejos de liberdade estão prestes a acabar ao se envolver com esse homem planta, com esse parasita. É nítida a estratégia do observador, Félix fala pouco e deixa Lívia se desdobrar em considerações a fim de conhecê-la melhor e saber com quem estava lidando. Novo revés, porém, faz o médico falar um pouco mais, ela rejeita o convite para a valsa, ao que Félix lembra tê-la visto dançando quando chegou. Se dançou com Dr. Batista, por que não com ele? Seria grosseiro demais entrar por este argumento. Então, confirmando-lhe o caráter romanesco que ele soubera pelo irmão, começa a tecer comentários sobre a beleza da valsa, quebrando as últimas resistências de Lívia.

Em um momento de silêncio dessa conversa entre os dois, provocado por uma consideração melancólica, que atirou a moça aos seus pensamentos, o médico aproveita para observar melhor esta mulher. Começa arriscando a idade, teria a viúva seus vinte e quatro anos, era formosa, consciente de sua beleza, mas discreta. Olhou em seguida a cabeça, a pele levemente morena e macia, escapando-lhe os conflitos interiores da moça, afinal Félix é incapaz de ir além das observações meramente físicas. Assim, como fez com Raquel, ele não detém seu olhar apenas no rosto, vai além, desnudando-a em seu pensamento:

“O corpinho apertado desenhava naturalmente os contornos delicados e graciosos do busto. Via-se ondular ligeiramente o seio túrgido, comprimido pelo cetim; o braço esquerdo, atirado molemente no regaço, destacava-se pela alvura sobre a cor sombria do vestido, como um fragmento de estátua o musgo de uma ruína. Félix recompôs na imaginação a estátua toda, e estremeceu” (Assis, 1962, p. 128).

O médico é um predador, teve tempo suficiente para observar as belezas da moça e avaliá-las até mesmo do ponto de vista sexual. Dessa avaliação, tira que vale a pena dedicar um pouco de seu tempo para conquistar essa mulher.

Félix passa o resto da noite aos pés da viúva a ouvir-lhe a conversa, julgando-a em breves momentos, notando nela um cer-

to sarcasmo e acreditando que realmente agora a conhecia. Passam o resto da noite ocupados de si, chamando a atenção dos pretendentes despeitados e das mulheres ciosas de toda essa adoração despertada pela figura da viúva. O interesse do protagonista, porém, esvai-se rapidamente, uma hora depois do baile dorme profundamente sem se lembrar do que passara no sarau, nem da figura da viúva.

Nesta noite, sem o saber, Livia tem seu destino traçado, nada impedirá que a misoginia de Félix lance sobre ela toda sorte de sofrimentos e desconfiças. O novo capítulo dos amores de Félix está inaugurado, Cecília é o passado, Livia é o futuro, durará ela mais que os seis meses estabelecidos pelo médico? O fato é que a viúva não pertence à classe dos dependentes e isso vai criar um nó na cabeça do herói do romance. É quando veremos toda a força esmagadora desse mundo masculino, que vai silenciar uma mulher que ousou tratar um representante da classe senhorial sem respeitar seus delírios de hierarquia e poder.

Causou sensação

O Rio de Janeiro do século XIX tem costumes de uma cidade pequena. Todos se conhecem, principalmente, os homens que circulam pela cidade e seus passeios pelas padarias, hotéis, cafés e pela Rua do Ouvidor. Enquanto Félix se retirou para sua casa de recreio na Tijuca, os acontecimentos banais e fúteis ocuparam as rodas de conversas dos desocupados, envolvendo figuras conhecidas do leitor. O assunto do momento é Cecília, que está de namorado novo. Se o médico a despachou como uma paixão semestral, ela tampouco ficou para trás e, em vez de lágrimas, ajustou-se com Moreirinha.

Como comentamos nas seções anteriores, os homens trocam entre si as mulheres e demonstram um certo prazer nessa circularidade. É importante pensar que as moças são vistas como meros objetos para atender os desejos masculinos. Há poucos indícios de que sejam relacionamentos amorosos, antes, são namoros de vitrine, nos quais os homens exibem suas conquistas e o dinheiro que têm para manter essas jovens como suas amantes. Moreirinha procura o ex-namorado para exibir-se, informando ao outro que está com Cecília, o que não fica claro é se o faz por vaidade ou para se vingar do médico, conhecido por sua atitude no que diz respeito às mulheres. Não há embate entre os rapazes, Félix parabeniza Moreirinha pela escolha, como se o aval dele validasse a relação. Cabe ao novo postulante a amante oficial exaltar as qualidades de sua conquista: “Cecília não é positivamente uma alma perdida; não está na linha dessas outras mulheres com quem tenho despendido meu dinheiro sem colher nada mais que tardios remorsos. É uma moça de bons sentimentos, conserva certa dignidade no vício, tem uma alma nobre, elevada...” (Assis, 1962, p. 129). As vantagens desse namoro não são contadas sem ressalvas e uma certa ironia, mas quem se importa, todos pagam

pelos amores, a questão neste mercado é saber o que se pode colher em troca.

O panegírico de Moreirinha traz sombras para aquilo que o médico acreditava conhecer de Cecília, descobre características, qualidades e comportamentos que ele nem suspeitava sobre a moça. No entanto, para este homem toda história tem dois lados e novamente acumpliciado do narrador, ocorre informar ao leitor a natureza dos amores dessa mulher: “Tinha a fidelidade filha do costume; a sua máxima era não esquecer o amante presente, não recordar o amante passado, nem se preocupar com o amante futuro” (Assis, 1962, p. 129). Félix ouvira isso de Cecília, provavelmente, não. Como sempre o médico está a tirar conclusões sobre as mulheres com quem se relaciona e na balança dos fatos, sempre pesam os negativos. Na cabeça dele, ela é mais uma aproveitadora e a prova desse comportamento feminino é que em duas semanas ela arranhou namorado novo. O comportamento de Félix é risível, pois acreditava que Cecília deveria ficar chorando por meses o término do namoro que ele desfez como um negócio mal-sucedido.

Uma das provas de que o mundo do romance machadiano retrata um ambiente masculino tóxico para as mulheres, está no próprio Meneses, lembrem dele? O jovem que chegou a escrever para o médico exaltando as qualidades de Cecília e recriminando-o pelo término intempestivo? Agora, ele se solidariza com Félix e pede desculpas pela carta. Até o ingênuo da história está acumpliciado com os demais homens. Na cabeça dele, a moça sofreria por longo tempo e quando a vê tão bem quanto o médico, toma o partido do amigo, como se ele fosse a vítima e Cecília a dissimulada.

Os amores de Cecília ganham as rodas de conversas dos rapazes, ela passa a ser o assunto de todos os conhecidos do casal. Para maior escândalo dos homens e de toda cidade, porque o assunto foi além da roda dos moços, ela agora passeia em carro aberto com Moreirinha, que não a esconde como fazia Félix. Esse fato nos revela outro dado interessante, todos eles tinham suas amantes que mantinham amorosa e financeiramente, no entanto, o faziam no ambiente privado com a anuência da sociedade. O

problema é quando um dos rapazes quebra o decoro e sai a passear, exibindo sua conquista pelas ruas do Rio de Janeiro. Outro detalhe, em nenhum momento Félix é julgado por seus atos, é como se todo o problema fosse Cecília, há em ação uma solidariedade masculina que oculta as aventuras amorosas, vistas como mera distração desta cidade em que homens brancos, ricos e desocupados arrumam toda sorte de distrações, das quais as jovens solteiras menos favorecidas se tornam vítimas de exploração sexual dos mais ricos.

Protegido dos comentários sobre seus antigos amores com Cecília e contando com a discrição masculina até de Viana, ocorre o segundo encontro entre Félix e Lívia, que se dá nos camarotes do teatro, quando se encenava uma peça romântica, que terá o papel de revelar ao médico que a viúva com certeza amava; resta uma dúvida, quem seria o favorecido desse amor. O médico aproveita a situação para observar o comportamento da jovem ao assistir a cena de maior impacto da peça, em que a atriz se atirou aos braços do galã da peça. Esse espreitar a viúva não é feito sem cogitações judicativas: “Em que estará pensando a moça? dizia Félix consigo. Evidentemente, não lhe importam os suspiros do galã, nem as facécias do gracioso. Olha, mas não vê a cena. Estará à espera de algum namorado remisso?” (Assis, 1962, p. 130). O problema da distração de Lívia está com certeza no fato de estar esperando algum namorado. Mesmo sem se dar conta ainda, começam a brotar nele os efeitos do ciúme doentio que terá pela futura namorada. E ela não se percebe como a presa desse felino, que deixou de ver a peça há muito tempo, apenas para olhar e analisar atentamente os gestos de sua nova vítima. A conclusão é: “Ama, não há dúvida, continuou Félix a dizer entre si[...]” (Assis, 1962, p. 131). Antes de a viúva ir embora, acusando um enfado, ele julga sentir que ela pressionou seus dedos mais fortemente. Pego de surpresa não reagiu rapidamente e quando resolveu fazê-lo Lívia já estava sentada no tálburi com seu irmão ao lado.

Dias depois, Félix encontra Lívia e Viana na Rua do Ouvidor, após uma visita frustrada ao Catumbi. Novo jogo de cena e

acordam que o médico deve fazer ir novamente à casa dela e, desta vez o estará esperando. A rede está armada e não há mais como recuar. Félix pouco a pouco vai se fazendo esperado pela viúva, que parece cada dia mais apaixonada, embora seja discreta e cumpra os rituais da sociedade, sempre se apresentando em público acompanhada de seu irmão, como devia ser com toda moça séria e de família no século XIX.

Nada escapa a esse grupo de homens desocupados. Embora discreto, o protagonista é observado em seus avanços amorosos. Meneses estava na Rua do Ouvidor e escutou o diálogo entre o médico e Lívia, suspeitando um amor entre os dois. Félix rejeita a hipótese e quando o amigo lhe pergunta se é algum casamento incubado ele ri e o chama para o Carceler tomar um sorvete e como sempre o tema serão as aventuras amorosas do próprio Meneses, que também está numa relação com uma dessas moças que diz ele ter tirado da lama e que no momento a sustenta, o problema é que suspeita estar sendo traído pela jovem. Veja que não há nada sério no romance, os diálogos giram em torno de um compadrio quase roceiro desses homens, que sempre estão às voltas com alguma diversão amorosa, como dissemos algumas páginas atrás, nem Meneses, que é o ingênuo da história, está livre dessas práticas do domínio masculino.

Este romance de Machado de Assis, embora tenha pretensões à análise psicológica dos personagens, muitas vezes, é de uma previsibilidade enorme. A suspeita de Meneses de estar sendo traído se confirma e ele recorre a Félix, o seu único amigo. O herói da narrativa tem certa influência moral sobre o jovem, é uma espécie de tutor dele nos assuntos masculinos. A situação beira o cômico, Meneses revela que até emprestava dinheiro ao amante da namorada e sem ser um sanguinário, não toma vingança, vai chorar na casa do médico. Esse lhe dá algumas lições morais e de ânimo, no entanto, a natureza delas é de um machismo evidente: “Só muito tarde te convencerás de que viver não é obedecer às paixões, mas aborrecê-las e sufocá-las. Os maricas como tu, choram. Os homens, esses ou não sentem ou abafam o que sentem.

Isto não tem réplica meu... amigo, diria eu, se não me lembrasse do teu afortunado rival, que é positivamente um mariola” (Assis, 1962, p. 133).

Podemos afirmar que Félix é um personagem que nasce para representar um papel e será fiel a ele até o final da história. Não há por que o leitor ter esperanças em uma redenção ou na ressurreição desse indivíduo. Desde o início, sabemos que o autor faz mais um ensaio do que um romance, e o objetivo dele é provar a máxima shakespeariana das dúvidas que tiram ao sujeito a possibilidade de viver uma felicidade. É bom cuidar da armadilha que está diante de nossos olhos e não acabar vendo o protagonista como uma vítima de seu temperamento. Ele não é um coitado, é um predador, que arruma desculpas para viver livremente suas aventuras amorosas. As considerações que faz ao jovem amigo é um manual de conduta que ele segue religiosamente, uma vez que não está na classe dos “maricas”. Meneses sim, pois é fraco e chorão. Lembre-se que à chegada do rapaz em sua casa, Félix pede que ele fume um charuto para evitar o ridículo das lágrimas. O médico é um típico machista, para quem os homens não choram e os que o fazem são vistos como maricas.

Neste mesmo episódio, para consolar o rapaz, Félix o convida para ir à casa de Lívia, ele os apresentaria, afinal os dois se parecem, são romanescos, românticos, acreditam e choram por amor. Ele, assim, juntaria duas almas semelhantes, chega a indagar o que Meneses faria se acabasse se apaixonando pela viúva. Aparentemente tudo normal, se o herói da história não estivesse interessado na jovem. Esta atitude deveria servir ao leitor para ver que ele nunca esteve realmente interessado em ter um relacionamento sério. Este será mais um episódio que findará sem frutos na vida desse solteirão.

Enfim, a visita se realiza e Félix tem a possibilidade de observar como Lívia é bela, o que não escapou à moça. Entretanto, o essencial esse homem soube esconder. Os pensamentos dele são um soco no estômago do leitor, que se não está apaixonado por ele como Lívia, já prevê o mau negócio que ela faz ao aceitar sua corte:

A cena da portinhola do carro não havia saído do espírito de Félix, que se convencera de duas coisas: primeiro, que a viúva gostava dele; depois que era fácil triunfar da viúva. As aparências davam fundamento à opinião de que a moça o amava. Félix aproveitou a situação e dispôs-se a tirar dela todo o proveito possível (Assis, 1962, p. 134).

Será preciso dizer algo mais ao leitor para que ele acredite que Félix é um predador, que sua aparência de bom homem é apenas um verniz social que apresenta às mulheres? Ao ter a certeza de que a viúva gostava dele, não pensou em viver um amor, mas em triunfar sobre ela, essa postura é a negação total de um sentimento digno, uma vez que ele pensa apenas em se aproveitar da situação. E como tudo indica que ela o amava, Félix está disposto a “tirar dela todo o proveito possível”. Realmente, não se pode dizer que este romance de Machado de Assis seja romântico, ele é de uma sinceridade absurda sobre o comportamento masculino reinante no Brasil do século XIX. O narrador abertamente, revela ao leitor os pensamentos de seu personagem, a única vítima da história é, com certeza, Lívia, que não soube ler nos olhos do pretendente a maldade que lhe ia na alma.

E se o leitor ainda desconfiar que não interpretou adequadamente as intenções do médico com Lívia, o narrador desfere um golpe final: “Félix despediu-se de Lívia, não enlevado, não palpitante, **mas disposto a uma aventura** (grifo nosso). Amiudou as visitas a Catumbi, a grande aprazimento de Viana, que suspeitou alguma afeição entre os dois e imaginara uma aliança de família” (Assis, 1962, p. 134). O cenário se apresentou favorável a esse felino, que aguarda o momento certo para atirar-se sobre a vítima. O médico não se comoveu com os sentimentos nobres da viúva, com seu amor, com suas intenções sinceras, tirou para si que a situação lhe era favorável para uma aventura. O grau de dissimulação dele é tão grande que Viana, mesmo sendo homem e participante desse sistema patriarcal, não desconfiou das reais intenções do amigo. Ele acreditou ver ali uma afeição recíproca que poderia levá-los a compor a mesma família.

A teoria dos poços

Desde seus primeiros romances Machado de Assis criava teorias para explicar o comportamento social/humano de seus personagens, o que também era uma forma de interpretar a sociedade de sua época. Em *Ressurreição* temos a “teoria dos poços”, assim como a dos narizes e das botas em *Memórias Póstumas*, e também o Humanitismo, que terá sua continuidade no romance seguinte: *Quincas Borba*. Essas teses sempre justificam algum comportamento desviante ou imoral de suas criações literárias. No romance que estamos analisando, Félix desenvolve a “teoria dos poços” ao comentar o comportamento doentio (paixão) de Meneses:

– De que sofre seu doente?

Félix sorriu-se.

– Vítima de uma inconstância, moléstia vulgar. Está no período agudo. É um pobre rapaz, inocente e singelo, que vai buscar as regras da vida nos compêndios da imaginação. Maus livros, não lhe parece? Lívia não respondeu; estava embebida a ouvi-lo.

– Meneses não conhece outros, continuou Félix. Parece filho daquele astrólogo antigo que, estando a contemplar os astros, caiu dentro de um poço. Eu sou da opinião da velha, que apostrofou o astrólogo: Se tu não vês o que está a teus pés, por que indagas do que está acima de tua cabeça?” (Assis, 1962, p. 134).

Neste episódio Félix brinca com seu papel de médico, não dos corpos, porque desses ele se desincumbiu desde que recebeu a herança, mas das almas, daqueles jovens rapazes que mergulham em paixões sem futuro e acabam sofrendo por elas. Lembremos que o doutor tinha uma ascendência moral sobre Meneses e o toma como uma espécie de discípulo, que deve curar das leituras românticas e dos amores impróprios. Ele já havia dado lições ao seu pupilo, agora o utiliza como exemplo científico para explicar a Lívia o mal que as leituras podem causar na mente dos jovens.

Claro que, elegantemente, ataca a viúva, uma vez que esta foi denunciada pelo irmão sobre seus hábitos de leitura.

Os maus livros são os culpados pela moléstia de Meneses, são maus conselheiros, mergulham os jovens no mundo da imaginação. Félix se limita aos fatos ou àquilo que acredita serem fatos, pois, devemos duvidar das interpretações que ele faz das situações amorosas em que se envolveu. A visão que ele tem das mulheres está contaminada pela misoginia, pelo machismo e pelo ambiente patriarcal do qual é um dos sujeitos favorecidos pelo sistema, não podemos confiar nos julgamentos desse homem ocioso e vulgar, que tem como única ocupação o teatro e os amores efêmeros.

No entanto, ele desfia sua teoria diante da viúva, que embecida nesse canto das sereias se deixa conduzir por suas mãos. Félix é a razão, ela é a emoção, por isso, o médico acredita que pode triunfar sobre a viúva e tirar proveito dela. Ela é a única realmente envolvida naquilo que acredita ser o início de uma paixão séria. O herói, porém, brinca com a jovem, deliciando-se em exibir seu conhecimento tirado de um almanaque. É em meio a essa conversa, aparentemente, sem pé nem cabeça, que ele sai com a teoria dos poços, uma verdadeira armadilha que prepara para Livia, a fim de sondar seu caráter e ver se o terreno realmente era propício para uma aventura. A anedota é simples, como se pode notar na citação: de tanto andar olhando para as estrelas, um astrólogo cai em um poço e uma velha sorrateira se diverte com a situação, tirando dela uma lição, no mínimo cínica. A velha é o próprio Félix, o astrólogo, Livia, que por ler maus livros, anda olhando para as estrelas e não vê o poço que está diante dela. Tudo nele é carregado de segundas intenções, por isso, se desfaz em testes para saber com quem está lidando.

A viúva engole a isca e diz que os “olhos foram feitos para contemplar os astros” (Assis, 1962, p. 134). A resposta não poderia ser melhor para as intenções de Félix. Neste momento ele sabe que tem uma presa fácil em suas mãos, dando um golpe final com seu argumento de que se poderia olhar as estrelas, desde que se suprimisse os poços, mas como isso é impossível, o melhor é evitar os enlevos. Como Livia está apaixonada, não tem condições

de aproveitar a lição que lhe é dada, respondendo apenas que: “Os livros da imaginação... esses livros não são detestáveis, como o senhor disse, não há os detestáveis nem os ótimos. Deus os dá conforme a ciência de cada um” (Assis, 1962, p. 134). A certeza de estar diante de uma ingênua como Meneses, faz o médico sair da casa dela com uma reflexão imoral, que é denunciada pelo narrador. Ele sai de Catumbi, nem elevado, nem palpitante, apenas disposto a uma aventura, trabalhando por ela todos os dias, amiuando as visitas, fazendo-se necessário na casa dos irmãos.

O protagonista é um jogador agressivo, usa as boas maneiras, sua profissão de médico e sua posição social para desfilas diante de Lúvia a figura de bom moço. É fácil para ele interpretar esse personagem, pois conta com o acumpliciamento dos outros homens que o cercam e o conhecem, mas que jamais usariam contra ele, no jogo da conquista feminina, as armas que eles mesmos são signatários. São todos umas velhas raposas, rindo das moças, que como o astrólogo, vivem com os olhos nas estrelas, sem ver o que está a seus pés, no caso, a atitude predatória de seus pretendentes.

Se a leitura não fica bem a uma moça como Cecília, que é acusada de ser uma cortesã e, portanto, lhe estariam vedados os amores verdadeiros, para Lúvia, que é viúva, tampouco lhe é admissível, uma vez que já viveu uma história amorosa, não sendo lícito um novo amor que se deitaria na cama do defunto. Félix coloca as duas no mesmo patamar: uma, por ter seus amores pagos, não é digna de confiança, a outra, por ter sido casada, também poderia enganar seu parceiro. O amor não é uma possibilidade para nenhuma das duas mulheres. Por motivos diferentes ambas são condenáveis aos olhos do amante. Lúvia só escaparia do julgamento masculino se assumisse uma viuvez fechada e fiel a seu marido morto. Como resolveu se abrir para outro amor, não é vista como muito diferente de Cecília. As mulheres não têm onde se proteger nesse mundo comandado pelos homens. Nesse mercado onde as mulheres são vistas como objetos de consumo, Lúvia não vale muito mais que Cecília e o médico fará tudo para provar sua teoria. Nada de poços, só uma aventura em terreno plano sem olhar para os astros ou se iludir com leituras de romances.

“Viúva, porém, honesta”

Antes de continuarmos nosso estudo do romance *Ressurreição* e das formas como Félix age em relação a Lúvia, vamos nos deter em alguns contos de Machado de Assis para compreender melhor como as viúvas são representadas e qual o papel social delas nesse mercado pseudo-amoroso que se desenha no século XIX. Quanto vale uma viúva no comércio casamenteiro dessa sociedade em que tudo se arranja por meio de laços financeiros e de classe? É uma viúva alguém realmente elegível para um casamento?

Até agora tentamos, por meio de citações do próprio romance em análise, provar que há uma atitude misógina dos homens no que diz respeito às mulheres. Uma sociedade feita para a diversão de homens ricos e desocupados, que se alegram aproveitando do sexo feminino como se fossem meros objetos que podem ser descartados ao bel-prazer masculino.

A cumplicidade masculina desconhece limites e todos agem como predadores sem nenhuma responsabilidade afetiva com suas parceiras. Há a necessidade do casamento, para o qual estão talhadas as meninas entre seus quatorze e dezessete anos, há as moças que, por volta dos dezenove, entram na perigosa idade de transição para solteironas e as viúvas, ainda jovens, em torno de seus vinte e quatro e vinte e nove anos, que povoam esse mercado androcêntrico. Na verdade, pela concepção de mulher, no romance, moça para casar é Raquel, que tem dezessete anos e ainda possui corpo de criança. Essa idade para o casamento ideal explica muito o porquê, a maioria de as viúvas, na obra machadiana, terem pouco mais de vinte anos. Lembremos que os pretendentes dessas quase crianças têm todos mais de quarenta anos, e isso em uma sociedade em que a expectativa gira mais em torno dos cinquenta anos para os mais longevos. O fato é que muitos, após algum tempo de casados, faleciam e deixavam as esposas viúvas ainda com pouca idade.

Ora, é de se pensar que é legítimo que essas jovens estejam preparadas para viver um amor e se casar novamente. Primeiro, porque a maioria delas contraiu matrimônio por meio de arranjos familiares e de classe, que desconsideravam o fator amoroso. Segundo, porque no século XIX, extremamente conservador, o casamento era algo incontornável para que as jovens “respeitáveis” vivessem a vida sexual, logo, as segundas núpcias começavam a se desenhar no horizonte das viúvas. A questão é: serão levadas a sério, como verdadeiras opções de casamento, ou apenas serão vistas como objeto de uma aventura sexual por parte dos homens?

A vida de uma viúva passava a se revelar cruel. Cercadas por rapazes e homens casados, essas jovens estão expostas na vitrine do mercado amoroso. O desafio era encontrar um homem que estivesse disposto a levá-las a sério. Lívia, por exemplo, é apresentada pelo coronel a Félix com a tarefa de prendê-lo ao baile. Ela foi convidada porque é bela e pode servir de diversão aos rapazes que queiram uma valsa ou uma quadrilha. Ela está ali pela beleza e como possibilidade de algum tipo de diversão para os rapazes. O próprio irmão a oferece ao médico como uma possibilidade de um relacionamento amoroso e, ao que tudo indica, à revelia da irmã, afinal, é um negócio de homens, no qual as mulheres entram com seus corpos.

É válido lembrar que quase todas as viúvas, nas obras de Machado de Assis, são jovens, belas e sedutoras. Um verdadeiro perigo para os homens mais desatentos, que podem ser fisgados por uma dessas mulheres mais experientes. A beleza é um elemento central nas narrativas machadianas. Vejamos algumas descrições ou considerações sobre elas. Começemos por *Confissões de uma viúva moça*: “Somos todas vaidosas da nossa beleza e desejamos que o mundo inteiro nos admire. É por isso que muitas vezes temos a indiscrição de admirar a corte mais ou menos arriscada de um homem” (Assis, 1962, p. 102). Esse conto é mais complexo do que outros sobre o tema da viuvez. Narrado em primeira pessoa e em forma de confissão de uma jovem viúva arrependida, ele serve a uma espécie de lição de moral e de conselho às viúvas e às casa-

das. Quando a narradora do conto começou a ser admirada, ainda no tempo do marido dela, foi alvo de uma corte ousada e petulante de um jovem que se dizia enamorado por ela. Eugênia resiste relativamente e acaba por aceitar a corte, trocando cartas apaixonadas com o rapaz, que propõe a fuga, mas tem seu pedido rejeitado. Tudo gira em torno do conflito moral e da obrigação com o casamento. Emílio, este é o nome do jovem supostamente enamorado, faz-se amigo do marido de Eugênia e, despudoradamente, arrisca-se por conquistar a mulher de seus desejos. Ao cabo de algum tempo, o esposo faleceu e Eugênia ficou livre para viver seu amor. Para sua grande surpresa, quando escreve a Emílio, ele a rejeita sem meias palavras: “Menti, Eugênia; vou partir já. Menti ainda, eu não volto. Não volto porque não posso. Uma união contigo seria para mim o ideal de felicidade se eu não fosse homem de hábitos opostos ao casamento. Adeus. Desculpa-me, e reza para que eu faça boa viagem. Adeus” (Assis, 1962, p. 117).

Eugênia esteve no horizonte dos desejos de Emílio apenas enquanto estava casada. Uma vez livre, ela deixou de ter valor para o rapaz que, simplesmente, foi embora. É nítido o tom de alerta que carregam as cartas da jovem viúva à sua amiga. Ela revela o infortúnio de ter se apaixonado ainda estando casada. Como paga por sua infidelidade, fica viúva e abandonada por aquele que acreditava ser o seu verdadeiro amor. Aqui temos dois problemas: Emílio nunca a levou a sério, testou a moral de Eugênia e criou uma fantasia de paixão para seduzi-la e atingiu seu objetivo, fazendo com que ela o amasse para atender às suas vaidades de conquistador. Depois, quando fica desimpedida da obrigação do casamento, ela não serve mais, porque é viúva. Ela é duplamente suspeita: cedeu a amores adulterinos e, sendo viúva, agora poderia repetir com Emílio o mesmo que fez com o marido. O rapaz, então, simplesmente foge dizendo ter hábitos opostos ao casamento. Nesse mercado de interesses, as jovens que ousavam amar são punidas com o abandono, porém, o mais importante é entender que as mulheres eram uma espécie de diversão para esses rapazes solteiros. Se antes não foram amadas porque o casamento foi feito

a partir de interesses de classe, agora não serão amadas de verdade porque entraram na categoria de viúvas e só servem efetivamente para uma aventura. Nesse ambiente, o amor não é uma opção para as mulheres. Os homens evitam, todos mais ou menos como Félix, a sedução e as possíveis traições que viriam dessas mulheres.

Há uma galeria de viúvas na obra de Machado de Assis. Pela leitura dos contos vamos construindo um perfil delas: belas, sedutoras, casadoiras, jovens e ricas, por causa da herança recebida quando os maridos morreram. Aparentemente, nada que mereça real atenção, se não fosse pelo julgamento moral a que estão submetidas. Pela leitura dos contos e romances, nota-se que as verdadeiras viúvas são aquelas que decidiram fazer voto de celibato para o resto da vida, como a mana Rita, do Conselheiro Aires, que chegou a cortar os cabelos para pôr no caixão do falecido. As demais, as que desejam segundas núpcias são descritas de forma maliciosa, com um sorriso de canto de lábios pelo narrador, que não se cansa de alertar os homens dos perigos de se casarem com uma mulher viúva.

Mais um traço misógino da sociedade do século XIX, pelo qual as mulheres são julgadas de forma negativa o tempo todo. Se tiveram um amor antes do casamento, há uma advertência sobre isso, podem ser vistas como namoradeiras; se cedem ao apelo do amor romântico, são infiéis e merecem castigo; se enviúvam, e querem se casar novamente, não são levadas a sério pela maioria dos homens. Outro detalhe, como são viúvas, elas, em geral, fecham-se em suas casas, esperando que algum pretendente lhes bata à porta e comece a lhes fazer a corte, à qual, por decoro, devem resistir por um tempo para mostrar valor. Essas ainda são salvas pelo narrador machadiano, mas aquelas que cedem facilmente são duramente punidas. O amor não é uma opção para as mulheres, elas devem sentar e esperar que algum salvador lhes estenda a mão, preço que será cobrado em gratidão até o fim da vida.

As relações com uma viúva sempre são cercadas de receios e preconceitos. No conto “Miss Dólar”, quando o apaixonado Mendonça descobre que sua amada é uma viúva, ele sente um certo espanto, como se isso maculasse seu sentimento:

Posteriormente às primeiras visitas, soube Mendonça, por via de Andrade, que Margarida era viúva. Mendonça não reprimiu um gesto de espanto.

– Mas tu falaste de um modo que parecias tratar de uma solteira, disse ele ao amigo.

– É verdade que não me expliquei bem; os casamentos recusados foram todos propostos depois da viuvez.

– Há tempos está viúva?

– Há três anos.

– Tudo se explica, disse Mendonça depois de algum silêncio; quer ficar fiel à sepultura; é uma Artemisa do século. Andrade era céptico a respeito de Artemisas; sorriu à observação do amigo, e, como esse insistisse, replicou:

– Mas se eu já te disse que ela amava apaixonadamente o primeiro pretendente e não era indiferente ao último.

– Então, não compreendo.

– Nem eu (Assis, 1962, p. 35).

É importante destacar que Mendonça não esconde seu espanto e, por que não dizer, decepção, ao saber que estava interessado por uma viúva. A condição social de Margarida faz o personagem oscilar em sua resolução de cortejá-la, então, parte em busca de explicações. Ao saber que está viúva há três anos, Mendonça acredita que ela quer ficar fiel à sepultura do marido. Esse seria o comportamento ideal para a personagem, assim, quebrar essa resistência passa ser o objetivo do rapaz, que passará a cortejar frequentemente a moça que, é claro, o fará sofrer com sua indiferença.

Margarida tem bons motivos para não ceder a esses impulsos dos jovens namorados: o primeiro é que sabe que no mercado dos casamentos, uma viúva está em uma situação muito mais frágil do que uma jovem virgem, de origem humilde, que busca um casamento em outro estamento social; o segundo motivo é que ela possui uma herança e fica atenta aos aproveitadores que possam surgir, para lhe propor casamento, apenas pelo dinheiro que ela tem em sua conta. Todo cuidado para uma viúva nessa sociedade misógina era pouco. Tanto que ela morava com uma tia para evitar os comentários maldosos, e frear os assaltos dos pretendentes. O próprio narrador registra essa preocupação que poderia vir por

parte do leitor: “Algum leitor conspícuo desejaria antes que Mendonça não fosse tão assíduo na casa de uma senhora exposta às calúnias do mundo” (Assis, 1962, p. 36). Ser uma viúva era estar sujeita aos comentários maliciosos da sociedade, principalmente, quando ela recebia em sua casa algum homem com frequência. Salva-a, apenas, a presença da velha tia a vigiar as conversas na sala.

Mendonça acaba criando uma situação que coloca em perigo a reputação de Margarida ao aparecer em sua porta tarde da noite, e assim, ela resolve ceder à ideia de casamento. Mesmo amando-o, faz para salvar-se dos comentários que, em breve, brotariam pelas ruas. “Depois do que se deu há três dias, disse-lhe Margarida, compreende o senhor que eu não posso ficar debaixo da ação da maledicência... Diz que me ama; pois bem, nosso casamento é inevitável” (Assis, 1962, p. 43). Esse inevitável funciona como uma espécie de espinho na alma do rapaz, que se melindra com a fala de Margarida; ele que tanto desejou o casamento, agora parece picado na vaidade de rapaz namorado. O casamento se realiza e o noivo toma uma decisão inesperada, como o narrador nos expõe:

Casei-me para salvar-lhe a reputação; não quero obrigar pela fatalidade das cousas um coração que não me pertence. Termine-á por seu amigo; até amanhã.

Saiu Mendonça depois deste *speech*, deixando Margarida suspensa entre o conceito que fazia dele e a impressão de suas palavras agora.

Não havia posição mais singular do que a destes noivos separados por uma quimera. O mais belo dia da vida tornava-se para eles um dia de desgraça e solidão; a formalidade do casamento foi simplesmente o prelúdio do mais completo divórcio (Assis, 1962, p. 43-44).

Como acontece em vários dos contos machadianos sobre viúvas, primeiro é necessário punir a jovem que resolveu não ficar fiel ao marido morto. Mesmo o casamento tendo sido provocado por Mendonça, este enchia-se de brios e se negava a consumá-lo. Ele precisava impor sua condição de homem, recuperar sua posi-

ção de domínio sobre a mulher antes de ceder aos caprichos do corpo e do coração. É como se, de certa maneira, Mendonça prolongasse a viuvez de Margarida por ter quebrado os primeiros votos.

No conto em análise, porém, o autor ainda permitirá que o casal viva o seu amor. O tempo apazigua a situação e: “Os dois esposos são ainda noivos e prometem sê-lo até a morte” (Assis, 1962, p. 44). Margarida precisou passar por uma espécie de purificação primeiro, para depois desfrutar do novo casamento. No primeiro conto, como vimos, a personagem não teve a mesma sorte.

Ao mesmo tempo que as viúvas encantam por sua beleza, juventude e são desejadas pelos homens, elas representam um perigo no imaginário masculino. Elas são mulheres que já conhecem a vida conjugal, já estiveram na cama com outro homem e algumas até têm filhos. Temos de lembrar de que essas histórias se desenrolam no século XIX, em uma sociedade extremamente conservadora, na qual a virgindade media o valor da mulher no mercado de casamentos. Apaixonar-se por uma mulher viúva, e assumi-la diante da sociedade, era expor-se aos comentários maliciosos e, por isso, muitos homens fugiam ao compromisso sério, arriscando-se, quando muito a alguma aventura, para a qual a sociedade compreenderia e até fecharia os olhos, por não se tratar de relação que levaria ao matrimônio. Quando este é inevitável, é necessário, antes de tudo, testar por vários meios a moral da futura esposa.

Genoveva, do conto “Um sonho e outro sonho” (1892), é uma dessas viúvas a quem também o casamento lhe foi permitido, após resistir bravamente à corte do rapaz que lhe queria desposar. Ela adorava o marido, tendo um retrato dele diante da cama e todas as noites antes de dormir, lançava-lhe um olhar enamorado. Esse conto tem um traço cômico e, ao mesmo tempo, maldoso sobre as segundas núpcias. O defunto lhe aparece em sonhos dizendo que não se case uma segunda vez, para evitar a morte. Como as demais viúvas, ela é muito bonita e desperta os olhares de vários pretendentes, até que um, mais esperto, consegue vencer-lhe as resistências. Vejamos o final do conto:

Tu esqueceste tudo. Estás condenada ao inferno! Uma língua de fogo lambeu a parte do céu, que se conservava azul, porque todo o resto era um amontoado de nuvens carregadas de tempestade. Do meio delas saiu um vento furioso, que pegou da moça, do defunto marido e do noivo e os levou por uma estrada fora, estreita, lamacentas, cheia de cobras. – O inferno! sim! o inferno! E o carrasco tapava-lhe a boca, e ela mal podia gemer uns gritos abafados. – Ah! ah! Parou o vento, as cobras ergueram-se do chão e dispersaram-se no ar, entrando cada uma pelo céu dentro; algumas ficaram com a cauda de fora. Genoveva sentiu-se livre; desaparecera o carrasco, e o defunto esposo, de pé, pôs-lhe a mão na cabeça, e disse com voz profética: – Morrerás se casares! Desapareceu tudo; Genoveva acordou; era dia. Ergueu-se trêmula; o susto foi passando, e mais tarde, ao cuidar do caso, dizia consigo: “Casou e não morreu” (Assis, 1892, p. 10-11. Versão eletrônica).

O casamento não acontece sem que antes a viúva sofra uma forte crise moral. Em sonhos, o morto surge acusando-a de ter esquecido o primeiro casamento. A promessa de inferno, de morte e de sofrimento ameaçam a jovem com a condenação eterna. O desenlace é de uma moral maliciosa: “Casou e não morreu”, porém, isso mostra a pressão a que eram submetidas as jovens viúvas que decidiam contrair segundas núpcias. O julgamento moral da sociedade era tão grande, que elas sofriam psicologicamente a ponto de ter pesadelos.

Seria Lívia julgada inferior porque aceitou facilmente a corte de Félix? Ela, ao contrário de algumas viúvas, abre rapidamente as portas ao pretendente, julgando ali encontrar um amor. O doutor também já deixou de ser verdadeiramente um rapazola e, talvez, ela tenha acreditado encontrar nele um homem realmente interessado em se casar. Lívia, assim como as outras viúvas machadianas, é jovem ainda, tem apenas vinte e quatro anos, é natural que se interessasse novamente por outro homem e ainda acreditasse no amor romântico.

O uso que Félix faz da boa vontade de sua amada é o pior possível, escondendo-se atrás de seu temperamento problemático e quase esquizofrênico. Prova Machado de Assis um carácter ou dá uma lição de moral em Lívia? Félix tem, nitidamente, sua ca-

pacidade de julgamento prejudicada pela visão doentia que tem dos relacionamentos entre homem e mulher. São essas questões que estamos perseguindo com a presente leitura e análise de *Ressurreição*.

Outra viúva punida por amar um homem é Maria Luísa, no conto “O caso da viúva” (1881). Como no enredo de “Confissões de uma viúva moça”, no início da narrativa, a personagem ainda não é viúva, na verdade, nem sequer casada, mas sofrerá as consequências por amar um rapaz. Maria Luísa, mesmo apaixonada por Rochinha, acaba se casando com outro homem para atender ao desejo do pai. Sem querer desobedecê-lo, aceita o pretendente que lhe oferecem, mas mantém secretamente a paixão, que sufoca em nome dos valores da sociedade. Rochinha, que foi preterido, ao saber que a moça ainda lhe tem sentimentos, começa a frequentar sua casa, alimentando esse amor, agora proibido. Como em outras narrativas de Machado, logo a moça fica viúva e está livre para, enfim, viver seu amor, no entanto, vem-lhe o golpe para punir sua pretensa infidelidade ao marido morto:

Feliz Rochinha! pensou cruelmente a prima, ao saber da morte do Vieira. Maria Luísa desceu logo depois de enterrar o marido. Vinha sinceramente triste; mas excepcionalmente bela, graças às roupas pretas. Parece que, chegada a narrativa a este ponto, dispensar-se-ia o auxílio do narrador, e as coisas iam por si mesmas. Mas onde ficaria o caso da viúva, que deu que falar a um bairro inteiro?

A amiga perguntou-lhe um dia se queria enfim casar com o Rochinha, agora, que nada mais se opunha ao consórcio de ambos.

– Ele é que o pergunta? disse ela.

– Quem o pergunta sou eu, disse a outra; mas há quem ignore a paixão dele? – Crês que me ame? – Velhaca! tu sabes bem que sim. Vamos lá; queres casar? Maria Luísa deu um beijo na amiga; foi a sua resposta. A amiga, contente, enfim, de realizar a sua primitiva idéia, correu à casa do primo. Rochinha hesitou, olhou para o chão, torceu a corrente do relógio entre os dedos, abriu um livro de desenhos, arranjou um cigarro, e acabou dizendo que...

– Quê? perguntou ansiosa a prima.

– Que não, que não tinha idéia de casar. A estupefação da prima daria outra novela. Tal foi o caso da viúva (Assis, 1881, p. 8. Versão eletrônica).

O conto termina mostrando a ingenuidade das moças em relação aos homens. A prima, fazendo-se de casamenteira, foi alegre contar ao primo a nova e esperando que ele fosse pedir a amiga em casamento, recebe uma resposta blasé de que não pensava em se casar. Em que pensava então Rochinha ao frequentar a casa de Maria Luísa? Viver uma aventura, um caso extraconjugal? Novamente, o comportamento dos homens em relação às viúvas é duvidoso. Nada impediria o casamento, já que também dizia amar a jovem. A resposta, no entanto, revela o contrário das atitudes. O fato é que uma vez viúvas, elas deixam de ser interessantes para os jovens namorados. Para uma aventura Maria Luísa serviria, mas um casamento parecia um pouco demais. Piora a situação se atentarmos ao narrador que afirma ter a história sido comentada no bairro todo. Seria a corte de Rochinha tão explícita assim, quando Maria Luísa era casada? A prima ou ele mesmo espalhou a história como forma de divertimento, como uma aventura, da qual saiu ileso? Maria Luísa, assim como Livia, foi a única que saiu prejudicada na história.

Há outro tipo de viuvez que Machado descreve, a daquelas moças que casadas são deixadas pelos maridos em troca de outras aventuras amorosas. O conto “Casada e viúva” (1864) mostra um caso corriqueiro da vida brasileira. O casal José Meneses e Eulália Martins vive uma vida de sonhos, invejada por todos, a ponto de se mudarem para uma chácara, a fim de viver plenamente esse amor, que é coroado com uma filha. O enredo, a princípio é adocicado e romântico. Tudo corre naturalmente bem até que aparece na porta de sua casa o casal Nogueira. Aos poucos sabemos que Cristina, aos quinze anos, trocou algumas confidências de amor com José Meneses, mas nada mais além disso, o que o leva a cobrar dela o amor da adolescência. No entanto, o rapaz é um predador, além de querer reconquistar o amor de Cristina dentro de sua própria casa, tem mais duas amantes, que as engana, assim como

faz com a esposa. Eulália encontra as cartas sobre o adultério e descobre as investidas do marido sobre sua amiga. O final, que era para ser trágico, acaba por ser de um arranjo social que protege a família, mesmo que esse conchavo custe da felicidade de Eulália, que é a maior prejudicada da história. E é assim que ela se torna viúva com o marido ainda vivo, como nos apresenta o narrador:

Nunca mais voltou ao casal Meneses a alegria franca e a plena satisfação dos primeiros dias. Os afagos de Meneses encontravam sua mulher fria e indiferente, e se alguma cousa mudava era o desprezo íntimo e crescente que Eulália votava a seu marido.

A pobre mãe, viúva da pior viuvez desta vida, que é aquela que anula o casamento conservando o cônjuge, só vivia para sua filha.

Dizer como acabaram ou como vão acabando as cousas não entra no plano deste escrito: o desenlace ainda é mais vulgar que o corpo da ação.

Quanto ao que há de vulgar em tudo o que acabo de contar, sou eu o primeiro a reconhecê-lo. Mas que querem? Eu não pretendo senão esboçar quadros ou caracteres, conforme me ocorrem ou vou encontrando. É isto e nada mais (Assis, 1962, p. 758).

A situação que Machado de Assis revela no conto é banal, corriqueira e, pelo comentário do narrador, vemos que é algo comum na vida familiar brasileira. A intenção era contar a história de uma viuvez experimentada com o marido em casa, que oculta-mente despreza a mulher, enganando-a com outras mulheres, mas que disfarça suas infidelidades, aparentemente tratando-a até com muitos carinhos, a fim de disfarçar seus amores clandestinos. A situação da mulher casada, nesse sentido, é pouco diferente da realmente viúva. Se esta é desrespeitada por seu estado civil, a casada tampouco fica em uma situação confortável, porque, na verdade, o problema está no comportamento masculino, na atitude exploratória em relação à mulher que, mesmo tendo se mantido fiel, não pode esperar a mesma contrapartida do marido, que continua se aventurando com outras candidatas a amantes.

O comportamento de José Meneses é semelhante ao de Dr. Batista em *Ressurreição*, para quem o fato de estar casado com uma

bela jovem em nada impede que ele cerque a viúva Lívia, com o objetivo de obter dela alguns favores sexuais. É neste sentido que o mundo senhorial não possui limites; nada é vedado a esses homens, o casamento não constitui impedimento real para novas aventuras. A exceção era o casamento descrito no início do conto, cheio de felicidades, com um marido totalmente atencioso, mas, ao final da narrativa, revela-se à mulher o lado oculto de seu esposo e o que parecia o prêmio de uma felicidade sem término, é um pesadelo que apenas estava no início. A traição abre as portas para a segunda fase do casamento e para que ela seja a viúva de um marido vivo. Em resumo, quem está morta é Eulália que, por força das convenções sociais, mantém o casamento. Veja que o marido continua a se desvelar em cuidados com a esposa, o que não deve ser visto como arrependimento, porém, como uma atitude premeditada de quem nunca deixou de agir dentro do que é naturalizado como típico do comportamento masculino.

Outra mulher também é atirada à viuvez com o marido vivo. A desconfiança faz com que ele se separe da mulher, sem dar-lhe o divórcio, mantendo-a presa ao dever conjugal, o que a obriga, inclusive, a se vestir com trajes pretos como se fosse uma viúva. Estamos falando do conto “A mulher de preto”. Um caso de falsa viuvez, vivida para o conforto de outro homem inseguro, que acusa a esposa de traição, indo viver como um misantropo, enquanto ela carrega o fardo de se portar como viúva diante da sociedade:

A viúva não era viúva; era mulher de Meneses; viera do Norte meses antes do marido, que só veio como deputado; Meneses, que a amava doudamente, e que era amado com igual delírio, acusava-a de infidelidade; uma carta e um retrato eram os indícios; ela negou, mas explicou-se mal; o marido separou-se e mandou-a para o Rio de Janeiro. Madalena aceitou a situação com resignação e coragem: não murmurou nem pediu, cumpriu a ordem do marido (Assis, 1962, p. 75-76).

A atitude de Meneses é a mesma de Bento Santiago, que exilou Capitu na Suíça, acusando-a de traição. Assim como o personagem do conto, Bentinho não mata a mulher, mas prende-a ao dever conjugal, obrigando que viva uma espécie de viuvez em vida,

sem a companhia do marido, criando o filho sozinha, como se o pai estivesse morto. A jovem Madalena, para salvar as aparências, vive reclusa e discretamente para não incomodar o esposo que a trouxe para o Rio de Janeiro, a fim de esconder uma traição que era fruto de sua imaginação doentia.

Madalena acaba sendo salva pelo jovem Estêvão, de quem se aproxima com a intenção de restaurar o casamento. Para tanto usa a paixão do moço para chegar ao marido e contar-lhe a verdade sobre uma foto, que ele atribuiu a um amante da esposa. Ao final, o casamento é restaurado e a viuvez se encerra, abrindo um novo capítulo na vida do casal. O único que sofre é Estêvão, que perde a possibilidade de viver o primeiro amor de sua vida. O rapaz foi simplesmente uma ferramenta para restaurar aquilo que o ciúme havia destruído.

Como estamos vendo, há várias formas de viver o estado de viuvez na obra de Machado de Assis. E mesmo que, na maioria das vezes, a intenção dos rapazes seja uma aventura, isso não impede que cedam aos amores delas, inclusive disputando-as. No conto “A viúva Sobral” (1884) temos dois amigos, Cesário e Brandão, que cresceram juntos e até tiveram as mesmas impressões pouco elogiosas sobre a viúva. Todavia, a narrativa tem uma reviravolta e eles acabam se separando por causa dela. A visão inicial, como sempre é negativa:

Cerca de algumas semanas antes, Cesário levava-o à casa de um amigo do patrão, um Viegas, comerciante também, para jogar o vultete; e ali acharam, pouco antes chegada do Norte, uma recente viúva, D. Candinha Sobral. A viúva era bonita, afável, dispondo de uns olhos que os dois concordaram em achar singulares. Os olhos, porém, eram o menos. O mais era a reputação de mau gênio que esta moça trazia. Disseram que ela matara o marido com desgostos, caprichos, exigências; que era um espírito absoluto, absorvente, capaz de deitar fogo aos quatro cantos de um império para aquecer uma xícara de chá. E, como sempre acontece, ambos acharam que, a despeito das maneiras, lia-se-lhe isso mesmo no rosto; Cesário não gostara de um certo jeito da boca, e o Brandão notara-lhe nas narinas o indício da teima e da perversidade. Duas semanas depois

tornaram a encontrar-se os três, conversaram, e a opinião radicou-se. Eles chegaram mesmo à familiaridade da expressão: – má rês, alma de poucos amigos, etc. (Assis, 1962, p. 967).

Mais uma vez a viúva é bonita, afável, tem olhos singulares, mas precede-a a má fama, tem mau gênio e fizera sofrer o marido, levando-o à morte por desgosto. Assim, começam a analisar-lhe os gestos, as maneiras, o jeito da boca e tudo confirma a perversidade de Candinha do Sobral. Está feito o quadro da viúva má, a mulher pintada com as piores tintas possíveis. Lembremo-nos de que Félix, a princípio, evitava aproximar-se de Livia no baile porque ela parecia tratar a todos como seus súditos e essa postura não o agradou, pois ele estava acostumado a ser recebido como rei e ela, provavelmente, o desprezaria. O simples fato de supor que seria tratado de forma inferior, fez com o que médico visse defeitos na viúva.

No caso de Candinha, ela não está à procura de marido, talvez isso tenha despertado os desejos e os interesses dos dois rapazes, que ela alimenta, sem querer de verdade nenhum dos dois, achando-os, inclusive medíocres. Enquanto eles a disputam, perdendo até mesmo a amizade de anos, ela se casa com o médico João Lopes. Claro, que podemos ver como uma peça que o narrador aplica aos rapazes que começaram por criticar a viúva e acabaram apaixonados por ela, mas também tem o outro lado; como sempre, não se pode confiar em uma viúva. Ela atendeu aos olhares de ambos, brincou com eles, deixou que se enredassem em uma paixão sem futuro, para depois, sem dar satisfação alguma, casar-se com um terceiro pretendente. Era esse o medo de Félix? Livia era linda e todos os olhos do Rio de Janeiro estavam sobre ela. Será que ele tinha receio de não ter a primazia de seus amores? *Ressurreição* pode ser visto como o romance de um homem inseguro e frágil que, embora lustre a figura de um conquistador, não confia em si próprio, atribuindo à viúva a inconstância que ele, até conhecê-la, praticou com todas as mulheres. O problema não é Livia, é a mente doente do doutor solteirão, que nunca namorou de verdade, nem sequer se casou por medo de ser enganado, assim

como ele fazia com as moças com quem se relacionava, sem nenhum real interesse em algo sério.

Por fim, temos “O caso do Romualdo”, conto em que figuram duas viúvas que disputam um homem antes desprezado por ambas. Carlota é casada com Vieira, que tem pretensões políticas no Norte do país. Romualdo surge-lhe como ponte para esses negócios, no entanto, ele também está de olho na mulher do amigo que, ao ser alertado pela esposa, pede-lhe que ignore as investidas, afinal, ele é um trampolim político. Por conveniência, mantém a amizade e logo Vieira parte para o norte, de onde voltará morto. Curioso nesse episódio é que, mesmo à beira da morte, Vieira resolve dispor do destino da mulher:

Poucas horas antes de morrer, o advogado sentiu que era chegada o termo fatal, e fez algumas recomendações ao Romualdo, relativamente a negócios de família e do foro; umas deviam ser transmitidas à mulher; outras ao Andrade, companheiro de escritório, outras a parentes. Só uma importa ao nosso caso. – Diga à minha mulher que a última prova de amor que lhe peço é que não se case... – Sim... sim... – Mas, se ela, a todo o transe entender que se deve casar, peça-lhe que a escolha do marido recaia no Andrade, meu amigo e companheiro, e... Romualdo não entendeu essa preocupação da última hora, nem provavelmente o leitor, nem eu – e o melhor, em tal caso, é contar e ouvir a cousa sem pedir explicação. Foi o que ele fez; ouviu, disse que sim, e poucas horas depois, expirava o Vieira. No dia seguinte, entrava o vapor no porto, trazendo a Carlota um cadáver, em vez do marido que daqui partira (Assis, 1962, p. 989).

O pedido do marido é o da posse que vai além do túmulo. Pede que ela não se case, que se mantenha fiel a ele. Em todo caso, se for casar, que a escolha recaia sobre o jovem Andrade. Suspeitava o marido que o rapaz gostava da esposa? Que ele seria um bom marido? Queria evitar que Romualdo a desposasse? As perguntas, porém, devem ser outras. Por que pode o homem, mesmo à beira da morte, escolher o destino da esposa? O que obriga a mulher viúva a ser fiel a um morto? Por que ela ainda teria obrigações com uma pessoa que morreu? Tudo isso está ligado ao desejo de

poder e mando, que não cessa nem com a morte, como se uma mulher não pudesse decidir sobre seu destino. O marido infantiliza a esposa para dispor dela como quer, inclusive, dando-se ao direito de decidir quem será o novo marido, caso ela não consiga permanecer viúva.

No caso desse conto, Carlota assume o direito de escolha e se casa com Romualdo, o homem que já a cobiçava, mesmo casada. Ambos terminam meditando sobre as desvantagens de se morrer primeiro. Carlota vai viver a vida e deixa o ex-marido onde deve estar: morto e calado, sem decidir por ela. Esse é um caso raro nos contos de Machado. Talvez, pelo fato de o pretendente ser do Norte e não estar contaminado pelo ambiente da corte, casar-se com a viúva nunca foi uma dúvida, nem pensou em tirar vantagens dela ou viver uma aventura, como Félix pretendia fazer com Lívia.

A leitura desses contos nos auxilia a refletir sobre como os homens enxergam as viúvas. Há uma espécie de padrão no julgamento masculino, quando se pensa nessas mulheres como possibilidade real de casamento. Claro, como vimos, há exceções e alguns homens levavam a sério um relacionamento com uma jovem viúva. Perseguimos, aqui, no entanto, uma norma, algo que se repetia na maioria dos casos, para ver as raízes de um comportamento misógino, nos personagens machadianos. Inclusive, para entender por que, no primeiro romance do autor, aparece um personagem como Félix, que servirá de base para a criação de Bentinho, na segunda fase de Machado de Assis.

Voltemos ao romance e analisemos como Félix levará às últimas consequências sua conduta misógina e possessiva sobre Lívia, impondo a ela uma série de sofrimentos e lágrimas, pelo simples fato de ser bela e viúva. Lembro, ainda, que o narrador não deixa dúvidas sobre a moral de Lívia. Ela é inocente, mas Félix prefere ignorar a realidade e impõe intensamente o flagelo sobre sua vítima. Enfim, a aventura quase se complica, mas não antecipemos os fatos, acompanhemos o método de Félix, capítulo a capítulo.

A revelação

Embora o capítulo de que trata esta seção seja no romance intitulado “Declaração”, ele guarda uma surpresa para Félix, que, após saber a notícia do cancelamento da viagem de Livia para Europa, vai para a casa da moça declarar seu “amor”. A desistência da viagem é para o médico a prova de que a jovem o ama e, desse modo, dentro de seus cálculos, é o momento de investir mais na sua aventura.

O capítulo é uma verdadeira cena de teatro. Estão no cenário Livia e Félix, entre olhares, silêncios e poucas palavras que antecedem à declaração. Ambos se medem como a desvendar os sentimentos que nutrem um pelo outro, entretanto, como já foi dito neste ensaio, o romance machadiano deve ser lido nos detalhes, nas minúcias de quem narra enganando o leitor com ornamentos que desviam sua atenção. Félix se prepara para fazer a declaração de amor, que vem maculada pela mentira: “Não queria perder o ensejo de lhe dizer [a Livia], como se fôra verdade, que a amava loucamente” (Assis, 1962, p. 136). O narrador conta com a ingenuidade das leitoras da época, iludindo-as com o “a amava loucamente”, para disfarçar o engodo do “como se fôra verdade”. Félix, para ser convincente, tem de passar a impressão de verdade em sua declaração. Novamente, o cálculo faz parte de sua personalidade. Ele quer se proteger da possibilidade de uma rejeição, assim, a declaração que sairá de seus lábios tampouco será verdadeira, livrando-o de uma possível vergonha, caso seja rechaçado.

Há um pequeno momento de tensão, com o surgimento do Dr. Batista, que logo é dispensado pelo escravo a mando de sua senhora. A ocasião é propícia e o terreno está livre para Félix, que declara seu amor: “Não se engana, insistiu Félix com calor; amo-a, e seria impossível negá-lo, porque a minha voz e meu rosto hão

de tê-lo dito melhor que as minhas palavras. Não percebe isso há muito tempo?” (Assis, 1962, p. 137). Ele é um verdadeiro conquistador, não joga apenas com as palavras, mas com o corpo, com a voz, com as expressões de sua face. Tudo nele é convencimento para provar a verdade de um amor, que é pura simulação. A estratégia surtiu efeito e Lívia lhe declara seu amor, agradecida e feliz por ter sido escolhida por ele.

Interessante como o narrador marca na cena o olhar de agradecimento de Lívia. Uma viúva que é alvo de um amor assim ardente, só poderia agradecer a este homem. É quase um resgate de sua situação social, tirando-a da viuvez permanente. Nessa sociedade são os homens que escolhem, às mulheres está vedado esse direito, cabendo a elas serem gratas quando um homem as elege para um relacionamento sério, principalmente se são viúvas. O que Lívia não sabe ainda é que o médico, na verdade, está disposto a uma aventura.

O narrador segue ludibriando o leitor, oferecendo um quadro idílico dos namorados: “E ambos ali ficaram silenciosos, ofegantes e namorados, nesse êxtase dulcíssimo que é porventura o melhor estado da alma humana. Ambos, porque o coração do médico, naquele instante ao menos, palpitava com igual fervor” (Assis, 1962, p. 137). Claro que o narrador conta com o olhar romântico do leitor que observa a cena, embebido num amor que exala por todos os lados. O narrador, ambíguo como sempre, destila seu veneno, na esperança de que o leitor perceba a mentira. Félix, talvez comovido com a própria cena que criou, também tem seu coração momentaneamente palpitante de fervor. A expressão é reveladora: “naquele instante ao menos”. Os sentimentos do protagonista são pura sedução e tudo nele encarna o amor que precisa expressar à viúva, dando uma nota de verdade ao instante, afinal, tudo deve convencer.

Após o resultado de sua estratégia, Félix está pronto para dar um beijo casto na fronte da viúva, quando novamente é interrompido, não por um pretendente, mas por uma criança de cinco anos, que é o filho de Lívia. Ele disfarça o choque que a revelação

lhe causa, ficando quase alheio a tudo o que acontece, sendo picado somente pela inveja e por um sentimento de remorso: “Durante toda esta cena, Félix parecera completamente estranho a tudo que o rodeava. Não ouvia as repreensões da moça, nem a tagarelice da criança: ouvia-se a si mesmo. Contemplava aquele quadro com delectosa inveja, e sentia pungir-lhe um remorso” (Assis, 1962, p. 138).

Cabe a nós perguntarmos os motivos do alheamento de Félix. Nota-se que ele ficou paralisado com a notícia inesperada da maternidade da viúva. Sentiu-se enganado? Pensava que quem cairia na armadilha fôra ele? Por que Viana nunca lhe falou da existência da criança? Nada nos é revelado a esse respeito, a não ser dois sentimentos: o primeiro é o da inveja, que, possivelmente, ao ver a criança ser alvo de tantas carícias e beijos, pensou que poderia ser ele no lugar dela a receber tal amor; segundo o sentimento de remorso. Estaria o médico arrependido de ter declarado o seu amor, sentia arder-lhe o sentimento do ridículo em ter ensaiado um beijo na frente da viúva? No mercado dos corpos femininos, Lívia traz um segundo defeito, além de ser viúva, é mãe, isso poderia complicar a vida de Félix que pretendia passar um tempo de alegrias com a moça, por isso, por dentro, ele não contém a estupefação: “É mãe, repetia o moço consigo; é mãe!” (Assis, 1962, p. 138).

Como estamos falando de misoginia, neste ensaio, é válido lembrar da quantidade de mulheres que, ainda hoje, sofre violência de seus parceiros por já serem mães. São humilhadas, ameaçadas, julgadas por seus parceiros, que, muitas vezes, exigem que a mulher abandone os filhos. O sentimento de posse não aceita dividir o amor que julga ser o único merecedor, levando muitas mulheres a serem mortas pelos parceiros, isso quando o homem não mata os filhos para se vingar da parceira. Félix não tem esse perfil de agressor físico, porém, pratica outras formas de violência com Lívia, principalmente a psicológica, punindo-a por seu relacionamento anterior.

Impactado pela revelação de Lívia, o médico esquece a intenção de beijar a frente da viúva como pretendia, em sua encenação inicial e, quando a criança se afasta, beija ardentemente a viúva: “[...] Félix beijou-a ardentemente, mas não pôde dizer nada. A

comoção embargou-lhe a voz; a reflexão impôs-lhe silêncio” (Assis, 1962, p. 138). Por que o personagem está comovido? A tentação é de acreditar que ele se emociona com a cena doméstica, com a desenvoltura de Lívia como mãe, tudo isso agrada os leitores e deixa-os na “santa paz” de seus lares. O rapaz, porém, está reflexivo e algo mais lhe vai na alma, do que o simples amor que acabou de declarar antes de saber que Lívia já era mãe. Lembre-se: “é mãe, repetia o moço consigo”. Félix mistura o sentimento de perplexidade da notícia, os beijos da mãe na criança e resolve beijar apaixonadamente a viúva. A notícia de que Lívia é mãe o autoriza a um ato mais ousado e o que pode ser confundido por amor a ela é, na verdade, um ato de violência e de posse de um homem que não aceita dividir o objeto de sua conquista.

Provavelmente, Machado não pensou em todas essas implicações quando escreveu o romance. O autor arriscou um perfil masculino, a expressão de um caráter e cabe a nós, favorecidos pela distância do tempo, ver como funcionava o pensamento masculino do século XIX brasileiro e elencar conjecturas. O comportamento de Félix é um padrão, por isso, não assustou ou provocou críticas quando foi a público. A normalização das atitudes masculinas fez que os leitores vissem no protagonista um homem comum, sem julgá-lo pelos seus atos, até porque, provavelmente, todos os homens agiam da mesma maneira e, no mercado casamenteiro, seria interessante até para as casadoiras, considerar as viúvas como tendo menor valor. Em um mercado no qual estava vedado às mulheres escolherem seus parceiros, qualquer fator que aparentasse vantagem para serem as eleitas era posto em prática. Cada mulher lutava com as armas que estavam disponíveis contra as estratégias da dominação masculina.

Na sequência, o narrador revela ainda mais os pensamentos de seu herói, desmascarando-o diante do leitor. Após a declaração de amor do capítulo anterior, inaugura-se o episódio de “O gavião e a pomba”. A narrativa ganha contornos inesperados, porque aquilo que era dúvida ou drama, mostra-se como uma porta que se abre para o médico realizar seus planos. Diante de uma moça crédula, e

até ingênua, ele traçará seu percurso de conquistador, uma vez que acha terreno fértil para seus avanços. A certeza de que é amado por Lívia deixa Félix em nítida vantagem no jogo de sedução:

Iniciando afoutamente esta aventura, era natural que Félix saísse de Catumbi com a vaidade satisfeita de um triunfador. Não era ele amado, e amado sem esforço seu, sem resistência nem combate? E a mulher que lhe acabava de dar francamente o coração não tinha todas as qualidades que podem seduzir um homem e lisonjear-lhe o amor-próprio? (Assis, 1962, p. 138).

O leitor não precisa ter dúvidas: o narrador deixa claro que o herói vive uma aventura, que tem a vantagem de acariciar seu ego. Ele se sente triunfador sem precisar enfrentar resistência ou fazer algum esforço. Lívia o ama e não disfarça o sentimento. A atitude dela, em vez de ser valorizada, torna-a uma vítima fácil, diante desse homem que se apresenta sem escrúpulo algum, como se a entrega de Lívia a condenasse, como uma mulher fácil. Além disso, o ego inflado de Félix o faz viver vaidosamente esse momento, vendo nele próprio as qualidades necessárias para ser amado. Dessa maneira, é legítimo que ele seja amado, é jovem, saudável, tem dinheiro, um partidão na linguagem dos casamenteiros.

Félix tem um padrão de conduta com as mulheres, e se retirou da casa de Lívia, pensando em como faria para viver este “epi-sódio, que devia ser curto para ser belo, que não devia ter passado nem futuro, arroubos sem lágrimas?” (Assis, 1962, p. 138). Ele pretendia fazer com a nova namorada o mesmo que fizera com Cecília, levando-o a se questionar se ele não fora longe demais ao alimentar uma paixão sem futuro. Afinal, ele não tinha amor para oferecer a Lívia. Poderia oferecer a dedicação, a ternura, mas amor era um pouco demais para um homem que não poria sua vida nas mãos de uma estranha. Isso diz muito sobre o que o protagonista pensava sobre Lívia; ela era uma desconhecida e ele planejava que ela continuasse assim, sem adentrar realmente em seu coração.

Ao final do percurso até sua casa, o médico já conseguira racionalizar tudo e pôr em dúvida o amor que a jovem dizia sentir por ele:

E que outra coisa quer ela? dizia o médico a si mesmo. Era, sem dúvida, melhor que houvesse menos sentimento naquela declaração, que tivéssemos navegado mais junto à terra, em vez de nos lançarmos ao mar largo da imaginação. Mas, enfim, é uma questão de forma: creio que ela sente da mesma maneira que eu. Devia tê-lo percebido. Fala com muita paixão, é verdade; mas naturalmente sabe sua arte; é colorista. De outro modo pareceria que se entregava por curiosidade, talvez por costume. Uma paixão louca pode justificar o erro, prepara-se para errar. Não me anda ela a seduzir há tanto? É positivo, mete-se-me pelos olhos. E eu a imaginar que... (Assis, 1962, p. 139).

Félix chega à conclusão de que calculou mal a estratégia, porque houve sentimento demais na declaração, e ele se deixou navegar em mar alto, quando deveria estar mais perto da terra, sem grandes devaneios, longe das imaginações. Essa atitude dele pode dar margem a que Livia cobre-o, depois, sobre algum sentimento que ele tente negar ao final do relacionamento. Se com Cecília ele sempre afirmou que o relacionamento era um capítulo curto, com a viúva ele começa mal, alimentando esperanças desnecessárias, o que o tornava um pouco culpado e responsável pelo que acontecesse durante o namoro. O médico queria se livrar de toda e qualquer responsabilidade sobre a vida da moça e desejava em seu íntimo fazer dela a culpada pelo modo como agiu, por isso, não tarda a achar o argumento em sua mente. Ele tenta convencer a si próprio de que a viúva pensa como ele, que ela maneja bem a arte da sedução, que talvez tenha se entregado por curiosidade ou, pior ainda, por costume, sugerindo que ela já fizera isso com outros pretendentes e ele seria apenas mais um em suas garras.

Para se sentir mais em paz consigo, Félix se convence de que é ela quem o seduz, que se mete pelos olhos dele, fazendo-se necessária em sua vida. Enfim, Livia é culpada das atitudes dele, e ele chega a se colocar na posição de vítima dessa mulher. Ele termina o pensamento dizendo que “eu a imaginar que....” sugerindo ao leitor que ele caiu no “conto da viúva”, e não o contrário. Ele, como homem, apenas cedeu aos apelos, aos olhares da viúva que o seduzia, há muito tempo. Félix tem a tranquilidade de ver as

situações distorcidas para seu próprio benefício. Já o fizera no teatro, quando em vez de olhar a peça, ficou a analisar o gestual de sua presa, achando que ela estava apaixonada por algum rapaz que não a encontrou aquele dia no teatro.

Em casa, o médico terminou por acusar a paixão de Livia como um mero pendor sensual, o que acalmou definitivamente seu coração. Ele dormiu bem, sem pensar nos atos da tarde e pela manhã despertou plácido e tranquilo, reconciliado consigo mesmo e com suas atitudes, afinal, a culpa era da viúva, ele estava apenas sendo homem e atendendo aos chamados sensuais de uma mulher manipuladora.

Félix coloca em andamento seu plano de namoro. Visita frequentemente a casa de Livia e nota a alegria dela, alimentando esse sentimento com parcimônia e cuidado para não exacerbar na paixão. O narrador, que não cansa de denunciar o herói da narrativa, registra sua indiferença, mostrando como ele operava com a “retórica da paixão”. Ao contrário dele, a jovem era toda amorosa, seu rosto refletia o que havia em seu coração, “jogava com as cartas na mesa”, sem saber que a cada ato seu, condenava-se cada vez mais diante dos olhos do médico.

O sujeito ciumento ainda estava escondido sob a máscara que Félix vestia para conquistar a moça. Há apenas alguns indícios desse sentimento que tomará conta dele e o levará a arrasar com a vida de Livia. Denuncia-o uma questão que tem sobre o dia em que a viu no teatro. Então, questiona-lhe sobre o episódio, que ele chama de “um ponto obscuro nesse curto namoro”. Lembremos de que ele acreditava que Livia estava esperando algum namorado que não comparecera ao encontro, e isso ficou em sua cabeça como o primeiro espinho dos ciúmes. Livia, com toda sua sinceridade, conta-lhe o que se passava em sua cabeça naquela noite, e que seu incômodo era a figura do próprio médico que ainda não a amava. Dadas as explicações, Félix continua seu jogo de sedução, deixando escapar algo de si para a moça, que apaixonada, não crê no que os outros dizem, e prefere acreditar no namorado a ouvir vozes estranhas. Como se percebe, Livia está totalmente apaixonada e

disposta a aceitar o amado com todas suas esquisitices, e até com um pouco de má fama.

No episódio em que a cena anterior se desenvolve, ainda surge outra situação que pode condenar Lívia aos olhos de Félix. Ao abrir o álbum de leitura da viúva, ele encontra versos, prosa e uma declaração de amor. A situação é encerrada por Viana, que trata o achado como banal, revelando que o texto é do marido morto. Enquanto Lívia enrubesce, Félix continua rindo para si: “Viúva de um néscio! pensou Félix. Estava pedindo um homem inteligente” (Assis, 1962, p. 141). Esse é outro romance de Machado, que após terminar a leitura, devemos voltar e ler novamente, à procura dos indícios dos ciúmes e dos cinismos que eram o motor de Félix e mais do que ver a descrição de um caráter, entender como Lívia se tornou vítima de um homem problemático, que vive à caça de situações que possam condenar a mulher que conquistou. Até o fato de ela não lhe impor resistências, e abrir-lhe as portas para começar um namoro que a interessava, são motivos para Félix condenar a viúva, obrigando-a a pagar o preço por tê-lo amado.

O início das dores

A convivência com Lívia, a constância do amor que ela demonstrava pelo médico, começa a vencê-lo aos poucos. Engana-se, porém, quem acredita que isso tenha ocorrido de modo definitivo. Embora o narrador acuse a queda do homem, quem a sofre é a viúva. “O desenlace desta situação desigual entre um homem frio e uma mulher apaixonada parece que deveria ser a queda da mulher: foi a queda do homem” (Assis, 1962, p. 141). A leitura do capítulo, porém, revela o início das dores para a jovem. Na realidade, será ela quem sofrerá com a declaração de amor feita pelo namorado. O leitor não deve acreditar nas declarações do narrador porque o acordo que se estabelecerá entre o casal é de total desvantagem para a viúva.

O narrador tenta nos mostrar a ironia da situação, na qual o conquistador se torna conquistado, revelando-lhe o lado humano, um coração comum, não virginal, mas que pode ser vencido por uma mulher capaz de amar, de lutar por seu amor. É deste modo que o narrador revela que: “Quando Félix chegou a encarar-lhe o coração, sentiu a fascinação do abismo, e caiu nele” (Assis, 1962, p. 141). Essa narração é falsa, e tende a levar o leitor a ter empatia pelo médico que, ao final do capítulo, se revela pior que antes, porque, uma vez desmascarado, imporá a Lívia toda ordem de sofrimentos.

Ora, se antes Félix era desculpável porque era homem e sua atitude predadora era narrada, abertamente, agora perdoa-lhe o fato de estar apaixonado. Nessa desculpa do amor está a origem de todos os absurdos que os homens têm praticado contra as mulheres ao longo dos séculos. Muitos assassinos alegam que amavam a vítima e, se agiram dessa maneira, foram movidos por um amor cego. A violência é justificada por um amor que, na verdade,

é posse, domínio e exercício de uma masculinidade tóxica que tira tudo à mulher, inclusive sua própria vida. Talvez, por isso, o romance não tenha tido muito sucesso quando foi lançado, tanto que Machado de Assis mudou os argumentos das narrativas seguintes, focando nas mulheres. Neste primeiro romance, porém, temos a descrição do pior tipo de comportamento masculino e, é provável, que tenha chocado os leitores a crueza com que desvendou as estratégias de conquista masculina, expondo as mulheres como vítimas dessa prática perniciosa.

Antes de o leitor perceber que quem perde no interlúdio amoroso de *Ressurreição* é a viúva, o narrador se esforça para mostrar a lenta queda do homem, como se ele fosse uma vítima dos encantos femininos:

Esta queda, como disse, foi lenta; o médico começou a sentir que a presença da moça era para ele uma necessidade. Pesavam-lhe as ausências mais longas, e, o que era mais, vinham suavizar-lhas umas saudades, que ele definia por outro modo, mas que, em suma, eram saudades. Quando a ia ver, e à proporção que se aproximava dela, sentia-lhe bater alguma coisa dentro do peito; o médico dizia que era o sangue ainda juvenil e irrequieto. Seria uma razão fisiológica; mas havia também uma razão moral; era a lava da paixão que se ia formando e subindo até romper a garganta do vulcão. Longa foi a gestação do amor; mas quando o médico descobriu o estado de sua alma, não era centelha que pudesse abafar, mas incêndio que lavrava e consumia tudo (Assis, 1962, p. 141-142).

Afinal, o que deseja o narrador? Que o leitor tenha alguma compaixão de seu personagem? Do pobre homem que se apaixonou? Lembremos de que até antes desse episódio, os pensamentos de Félix pela viúva eram os piores possíveis. Ele desejava uma aventura, enquanto a moça lhe abria o coração. O fato de estar aparentemente apaixonado, não deve justificá-lo aos olhos do leitor. Esta é mais uma estratégia narrativa que antecipa o golpe que desferirá contra a mulher que o ama. Além disso, o leitor deve se indagar por que queda do homem? Por que quando um homem se apaixona por uma mulher é a sua derrocada? Um homem apaixo-

nado é mais fraco diante dos outros homens? Félix tem medo do ridículo, de ser avaliado como ele julga o jovem Meneses. Além disso, ele acredita amar uma mulher que, aos olhos de uma sociedade machista, tem dois senões: é viúva e mãe. Esse fato não deve ser motivo para que tenhamos alguma compaixão por esse homem violento e machista.

Félix é descrito como um “potro arisco e selvagem” a quem pela primeira vez lhe puseram freio, o que leva o médico a uma forte irritabilidade, porque teve a liberdade de seu coração violada. Logo, pretende romper com Lívia de forma brusca e violenta o mais breve possível. O argumento seria crível se ele não tivesse como padrão de comportamento os rompimentos com data marcada. Sempre é bom lembrar-se de Cecília, que não era amada por ele e foi sua vítima após seis meses de relacionamento. Assim, o médico dá início ao seu plano, ausentando-se de Catumbi sem dar nenhuma notícia à namorada. O narrador nos revela que a ausência lutou ao lado de Lívia e que o médico acabou cedendo aos apelos do coração e voltou à casa dela, após receber duas cartas.

Como era de se esperar da personagem Lívia, ela perdoa ao médico a ausência, descobrindo-lhe os motivos que pareciam ocultos: ele sentia ciúmes, mesmo negando-o, e a moça começa a desvendar alma obscura de Félix:

– Ciúmes?

– Félix estremeceu. Uma sombra ligeira pareceu toldar-lhe os olhos. Lívia inclinou para ele o rosto como querendo ler-lhe na fisionomia a verdade que ele forcejava por esconder.

– Não, disse Félix, não foram ciúmes. Ciúmes de que e de quem?

– De ninguém, bem sei; mas está-me a parecer, Félix que o seu amor é um pouco visionário e melindroso. Oh! não me lastimo por tão pouco; agradeço-lhe até. Que perderia eu com isso? Alguns dias de paz talvez; mas a certeza de ser amada é uma grande compensação. O purgatório não é uma porta que abre para o céu? Cada qual sabe amar a seu modo; o modo pouco importa; o essencial é que saiba amar. Pode ser que eu me engane, continuou ela pondo-lhe as mãos na fronte, mas eu creio que há nesta cabeça muita imaginação, e imaginação doente (Assis, 1962, p. 143).

Nesse primeiro romance de Machado de Assis, nada está oculto aos olhos do leitor ou comporta ambiguidades por muitas páginas, como em *Dom Casmurro*, no qual Bentinho, outro ciumento da galeria machadiana, faz sofrer Capitu com suas desconfianças, porém, tanto Lúvia quanto Capitu sabem o mal de seus parceiros: o ciúme. Assim, Lúvia confronta docemente Félix perguntando se ele tem ciúmes, o que ele nega, mal disfarçando, pois talvez nem ele ainda tivesse total consciência. A face obscura do médico é escancarada diante da delicadeza de Lúvia, que confunde o sentimento de posse com o de amor e, sentindo-se amada, está disposta a sofrer por esse amor, mesmo que perca alguns dias de paz em prol desse sentimento. Lúvia, descobre mais: vê em Félix um amor visionário e melindroso, mas, em vez de fugir, agradece o fato de ser alvo desse suposto amor. Ela ainda vai mais longe e percebe que há na cabeça do médico uma imaginação doente. Em vez de rebater, Félix agradece à viúva, dizendo que a resolução dela seria o penhor do futuro de ambos. Nesse contrato em que só há vantagens para o namorado, Lúvia sela seu destino, entregando-o nas mãos desse homem doentio e ciumento.

Evitemos julgar Lúvia. Muitas mulheres acreditam que os ciúmes são uma forma de amor e se enganam, entregando-se a homens que passam a atormentá-las, chegando à violência psicológica e física, engrossando as estatísticas de mulheres que são agredidas, e até mortas, por seus parceiros. O engano está em acreditar que ciúme é amor. Esse é o erro de Lúvia, que interpreta erroneamente os sentimentos do médico, vendo na fuga dele o amor que ela não viveu com o defunto marido. Lúvia é uma presa fácil porque, como praticamente todas as moças de sua época, casou-se por meio de arranjos familiares, sem levar em consideração sentimentos de ordem amorosa. Assim, quando elas enviuvavam, eram facilmente enganadas por esses homens, que buscavam uma aventura, sendo capazes de juras de amor para desfrutar de alguns momentos de prazer. Félix agiu dessa maneira. Chegou-se a arrepender em seguida de ter prometido tanto à moça, mas era tarde demais e foi viver a aventura. Nesse caso, é enganoso afirmar que

a queda é de Félix, só porque ele julga, agora, estar amando. A queda é de Livia, pois será ela quem sofrerá todas as consequências da mente doentia de Félix. A esse respeito, o narrador faz o seguinte questionamento, respondido por ele mesmo:

Tudo lhe perdoarei, contanto que me ame, disse a moça. Compreenderia ela então que dolorosa e pesada obrigação contrairia? Talvez não. Confiava em si mesma, no prestígio de seu amor, no coração de Félix, para vencer tudo, e realizar o que era agora o sonho de sua vida” (Assis, 1962, p. 143).

Livia se condena diante do homem que a fará sofrer de todas as maneiras, abusando de seus sentimentos, abandonando-a, várias vezes, impondo-lhe desconfianças que surgem de uma mente doentia, que ela adivinhou, e julgou que fosse amor. O erro dela é o da maioria das mulheres que confiam no poder do amor para curar homens ciumentos e possessivos. Livia, como uma leitora de romances românticos, acredita no amor e que por ele tudo pode sofrer. Ela é uma vítima das leituras e da má fé de Félix. Chamo a atenção para o fato de ela ser leitora de romances porque esse foi um dos defeitos apontados em Livia na conversa entre Félix e Viana ao início da narrativa. Ela é romanesca, e como uma personagem de romance vai se sacrificar por esse amor. Machado de Assis está criticando o Romantismo e, talvez, esse seja o motivo de a narrativa não ter sido tão bem recebida pelo público. De acordo com Hélio de Seixas Guimarães:

Vale lembrar que essa busca de inovação está expressa já no marco zero da produção romanesca de Machado de Assis, a “Advertência da primeira edição” de *Ressurreição*. Nesse prólogo cheio de declarações de modéstia e cuidados com a opinião alheia, a intenção de inovar e de se mover na contracorrente vem indiciada pela ênfase na caracterização do livro como “ensaio” e na sua dessemelhança, afirmada já a partir do prólogo, em relação a outros livros. Aí, sob a assinatura M.A., Machado de Assis confessa não saber o que se deva pensar do livro e diz ignorar sobretudo “o que pensará dele o leitor”. A preocupação, atribuível a uma boa dose de retórica, também se explica pela consciência de quanto a narrativa desafiava as expectativas do leitor do início da década de 1870,

acostumado a histórias de forte apelo sentimental e carregadas de cor local, das quais *Sonhos d'ouro*, de Alencar, publicada no mesmo ano de 1872, serve de paradigma. O afastamento consciente do padrão vigente está expresso na intenção confessa de não fazer romance de costumes, mas tentar “um esboço de uma situação e o contraste de dous caracteres”, o que está mais de acordo com a direção proposta para a prosa de ficção brasileira em “Instinto de nacionalidade”, texto em que Machado defenderia a superioridade da análise de paixões e caracteres à descrição dos quadros típicos da paisagem e da vida brasileiras, motivo que até então dominavam a produção literária (Guimarães, 2004, p. 123-124).

Como se pode ler, Machado de Assis, com *Ressurreição*, está na contracorrente do pensamento romântico da época, moldado pelo romance alencariano. A prosa machadiana, logo de saída, tem a intenção de mudar os hábitos de leitura dos leitores românticos, por isso, propõe uma espécie de ensaio narrativo de análise de caracteres, no caso, o de Félix e o de Lívia, contrastando duas personalidades e colocando-as na arena dos conflitos sobre o que é o amor ou a falta dele, no entanto, acredito que Machado de Assis conseguiu levantar outros problemas que vão além de treinar o gosto do leitor. Ele acabou por fazer um registro do comportamento masculino na sociedade brasileira do século XIX que, lido cento e cinquenta anos depois, pode nos mostrar as origens de uma sociedade misógina e machista, que tem suas consequências ainda no século XXI. Machado de Assis, como sempre, se não o fez de modo consciente, intuiu que havia um comportamento masculino que vitimizava as mulheres, usando-as como se fossem objetos para sua mera diversão. Nesse caso, a caracterização de *Ressurreição*, como um romance romântico, é totalmente insatisfatória e não condiz com a verdade das intenções do autor.

Voltando à análise de um relacionamento fadado ao fracasso, devido à atitude de Félix com Lívia, vemos o personagem ir mais longe em seu plano de viver um relacionamento que não implicasse o casamento. O médico esconde Lívia, e em público não assume o namoro, disfarçando em cuidado o que era dissimulação. A viúva percebe algo, mas, como sempre, cala-se, a fim de

manter o namoro, no entanto, o amor ardente que o médico diz ter por ela contrasta com a frieza nos ambientes públicos. Lívia é uma mulher para ser amada às escondidas. Talvez o fato de ela ser viúva encha o médico de reservas pelo medo do ridículo, perante a sociedade, de desposar uma mulher em suas condições. Lembremos de que o narrador já denunciou seu herói mostrando a dose de cálculo que há em todas suas atitudes com Lívia: “Aos olhos estranhos buscavam ambos esconder o seu segredo; mas a reserva de Lívia era apenas a que bastava para acatar as conveniências, ao passo que a de Félix era tão completa e calculada que à própria moça iludia” (Assis, 1962, p. 143).

Félix usa, o tempo todo, a estrutura patriarcal a seu favor. Quando ele parece dar mostras de respeito e de reserva, quesitos de um relacionamento na sociedade fluminense do século XIX, está, na prática, manipulando a moça, uma vez que sabe de seu amor. Enquanto Lívia não vê motivos que impeçam o casamento, Félix vai dirigindo a situação para atender aos seus interesses de solteiro convicto. Como espero já ter demonstrado, neste ensaio, ser solteiro para um homem de trinta e seis anos era vantajoso, porque não precisava se prender a nenhuma mulher, oficialmente, vivendo de pequenas aventuras amorosas, dispensando as jovens quando se cansava delas. Casar-se seria fechar às portas a esse mercado de amores, tão propício aos homens, que contam com a condescendência da sociedade para esticar ao máximo possível os arroubos da juventude, que parecem não cessar antes dos quarenta anos. A sociedade, assim, fomenta um comportamento masculino irresponsável diante das mulheres, que ficam à espera de que os homens encerrem a mocidade para serem vistas como possíveis esposas.

Posse, amor, desejo

Foi naturalizado, ao longo dos séculos, que os homens possas ter um desejo de posse e controle sobre suas parceiras. No século XIX brasileiro, quando o desejo masculino se confundia com o sentimento de propriedade, a situação das mulheres era ainda mais problemática na sociedade. O homem exercia seu poder de mando e de posse, livremente, sem sequer disfarçá-lo. Os abusos que cometiam contra as mulheres eram narrados abertamente, inclusive nos romances, justificando os homens por serem melindrosos ou visionários, como é o caso de *Ressurreição*. Machado de Assis faz desfilar, abertamente, diante dos olhos do leitor, o comportamento tóxico e possessivo de Félix em relação a Lívia. A personagem sofre uma violência psicológica enorme, perdendo aos poucos a liberdade, que por inocência, entrega-a nas mãos daquele que acreditava ser o homem que a amava e a levaria ao altar.

Félix tem uma projeção do personagem Bentinho de *Dom Casmurro*. Provavelmente, Machado de Assis, nesse processo de reescritura de sua obra, com o passar dos anos, desenvolveu, com nuances psicológicas mais profundas, o personagem do segundo romance, porém, a origem desse comportamento possessivo e violento que Bento Santiago tem com Capitu, já estava no herói do primeiro romance. A diferença é que, na primeira narrativa, o narrador não deixa nenhuma dúvida sobre o caráter de Lívia e de o quanto ela é vítima dos ciúmes de Félix, que destroem a vida da moça. É neste ponto que acreditamos ter Machado de Assis avançado mais do que imaginava em relação àquilo que era narrado na literatura brasileira do século XIX. Ao construir a persona de Félix, Machado de Assis nos legou uma representação literária de o que era o homem de sua época, o que nos permite ver como a misoginia, tão presente em nossa sociedade, nos dias atuais, afetava as mulheres no período de formação de nossa identidade nacional.

Se nossa hipótese estiver correta, podemos afirmar que a misoginia é mais um traço estrutural de nosso país, o que revela os motivos de termos um país com um índice enorme de feminicídios ainda no século XXI, visto de maneira quase naturalizada como se fosse típico do comportamento masculino.

Além do racismo estrutural que permeia as relações de nossa sociedade, também temos uma misoginia, de base, na formação do caráter masculino do brasileiro. Félix é um homem rico, herdeiro, que não trabalha, vive de suas posses, em uma vida ociosa e vazia, e a preenche, como já mostramos, com ocupações elegantes. Isso quer dizer que ele é um homem ilustrado, com curso superior em uma sociedade na qual o nível de analfabetismo chegava aos oitenta por cento da população, mesmo assim, apresenta um comportamento violento em relação às mulheres, principalmente com Livia, porque entra o complicador do que ele acredita ser um sentimento de amor que, na sua cabeça, não está dissociado da posse.

Aparentemente, Félix é um sujeito muito seguro de si. Ele dispõe das mulheres de acordo com um padrão comportamental que estabeleceu para seus relacionamentos. Geralmente, envolve-se com mulheres em situação de fragilidade financeira, apresentando-se como uma espécie de mantenedor delas, das quais exige favores amorosos em troca de seu apoio econômico. Na verdade, o que temos é um homem inseguro, que evita namoros nos quais haja envolvimento afetivo, a fim de evitar o ridículo das lágrimas que condena no jovem Meneses. Nada mais perigoso do que homens inseguros, pois, tendem à violência para se impor diante de mulheres que não se encaixem no comportamento desejado por eles.

Lembremos de que, em um primeiro momento, Félix evita falar com Livia no sarau, porque acredita que ela trata todos como súditos. Livia é uma mulher segura de si, de sua beleza, sabe que é admirada e circula pela festa como a rainha do salão. Esse comportamento desagrade a Félix, homem acostumado a ser adorado ou, pelo menos, bajulado pelas mulheres. As relações do médico, até aquele momento, se assemelhavam a negociações comerciais,

nas quais ele é o único detentor das decisões, uma vez que bancou financeiramente suas parceiras. Livia, apresenta um agravante para esse homem, acostumado à posição de mando, uma vez que ela não depende dele financeiramente, dando-lhe uma liberdade que não tinham as outras namoradas. Assim, ao mesmo tempo em que ele se propõe a tê-la para si, também quer subjugar-lá a seus desejos, como forma de preservar sua masculinidade e de recolocar as coisas no seu devido lugar.

Quando o médico percebe que não precisa fazer esforço para conquistar Livia, que ela lhe abre as portas, que está segura do homem que deseja para si, em vez de sentir-se lisonjeado, ele planeja viver uma aventura, como se desse uma lição à viúva, uma vez que ela tirou dele toda a possibilidade de exercer seu poder masculino. Ao invés de ditar as regras da conquista, Félix se vê preso à sedução da jovem que, consciente de seus sentimentos, joga limpo com ele e sem melindres. Livia é uma mulher que sabe o que deseja e isso pode ser perigoso em uma sociedade dominada pelo desejo masculino. Logo, Félix sente-se inseguro e começa a desenvolver um comportamento nocivo para machucá-la.

Livia, assim como Capitu, nunca teve dúvidas do homem que desejava para marido. Por incrível que pareça, essa certeza das personagens se volta contra elas e Félix e Bento Santiago se tornam sujeitos ciumentos, inseguros, despojados de suas posições de mando. O que esses homens não suportam é ver a situação de domínio invertidas. As duas heroínas machadianas ignoram o poder financeiro deles, tratando-os como iguais, olhando-os nos olhos, sem baixar a vista diante desses senhores ciosos de seu poder. Livia e Capitu desafiam o poder vigente, e esse pecado os homens não estão dispostos a perdoar, uma vez que expõe a fragilidade que eles ocultam atrás do poder financeiro. Despojados da única forma de masculinidade que conhecem, eles reagem violentamente, apegando-se a tudo que as convenções sociais lhes oferecem como armas para dominar essas mulheres.

Nada mais perigoso às mulheres do que desafiar o poder estabelecido. Nesse sentido, Livia, como personagem, é muito mais

interessante do que os perfis de mulher construídos por José de Alencar. No lugar de virgens com sentimentos nobres ou resgatadas da pobreza, e das prostitutas remidas por um processo de purgação do pecado que as leva à pureza espiritual, Machado de Assis oferece ao leitor uma viúva segura de si, que não pede desculpas à sociedade por já ter sido casada e ter um filho. Lívia resiste ao poder masculino, resvalando apenas quando resolve acreditar no amor de Félix. Ao cair nessa armadilha, sofrerá as consequências por ter ousado ser uma mulher independente, pois, como vimos, numa sociedade masculina, atrever-se a escolher o homem que quer para si pode ser a assinatura de sua sentença ao ostracismo.

Assim, após narrar a queda de Lívia ao aceitar a personalidade do médico, em nome daquilo que ela acredita ser o amor, no capítulo intitulado “Luta”, o narrador começa a contar o calvário da viúva. Narra-se, nesse tempo, as idas e vindas entre o casal. O médico se sobressalta a qualquer movimento de Lívia e, aos poucos, vai tendo coragem de pedir que ela se isole, programando, com o casamento, uma forma de tirar a viúva de uma vez por todas da sociedade. Após o consórcio, passariam a viver isolados de todas as possíveis tentações que pudessem cercar a moça. Movimento semelhante faz Bento Santiago com Capitu, tirando-a, pouco a pouco, da sociedade, fazendo com que viva somente para ele. Essas duas mulheres acabam sendo confinadas em suas casas, à espera do homem amado.

O narrador, logo no primeiro parágrafo do capítulo, revela os tormentos que Lívia começa a ter ao se associar ao médico:

O amor de Félix era um gosto amargo, travado de dúvidas e suspeitas. Melindroso lhe chamara ela, e com razão; a mais leve folha de rosa o magoava. Um sorriso, um olhar, um gesto, qualquer cousa bastava para lhe turbar o espírito. O próprio pensamento da moça não escapava às suas suspeitas: se alguma vez lhe descobria no olhar a atonia da reflexão, entrava a conjecturar as causas dela, recordava um gesto da véspera, um olhar mal explicado, uma frase obscura e ambígua, e tudo isto se amalgamava no ânimo do pobre namorado, e de tudo isto brotava, autêntica e luminosa, a perfídia da moça (Assis, 1962, p. 144).

Como se pode ler na citação, Félix mantém um estado de vigilância permanente sobre Lívia. Ele analisa os olhares, os gestos, até mesmo o pensamento de sua namorada em busca de sinais que provassem sua infidelidade. O médico recordava os movimentos da amada no dia anterior, um olhar não explicado, alguma frase e tudo somava na conta negativa dela. Ao final dessas análises, ele chega à conclusão de que ela é uma pérfida. Nada o convence do contrário e ele começa a martirizá-la em função de suas loucuras. Lívia perde totalmente sua liberdade. Ela ganha um carcereiro atento e cruel. Sem explicação lógica, ele a vê como alguém que não merece confiança. Então, por que todo esse estado de vigilância? Talvez, o fato de ela ser viúva, ser bela e ter um filho, a colocava na classe das mulheres que não eram dignas de confiança.

Como afirmamos anteriormente, Félix é um homem inseguro, incapaz de amar uma mulher livre e que não dependa financeiramente dele. Ele estava acostumado a relações de objetificação das mulheres e, ao notar que não tem o mesmo poder sobre Lívia, começa a puni-la por sua vida pregressa e por ela fugir ao seu domínio. Afinal, por que ela se interessava por ele? Qual o objetivo da viúva ao planejar abertamente um casamento do qual ele nunca teve real interesse? O fato é que Félix se vê preso em sua própria armadilha e, ao menor sintoma da existência de um sentimento que seja diferente do de posse sobre o qual ele não seja o detentor das ações, reage violentamente, julgando até os pensamentos da moça. Como se vê, o médico é um possessivo, incapaz de confiar em uma mulher. Dessa maneira, torna-se o algoz de Lívia, punindo-a pelas loucuras que são criadas por sua mente.

A leitura de mundo de Lívia está distorcida pela ideia de amor que ela aprendeu na leitura dos romances. Tendo vivido um casamento arranjado, ela era uma presa fácil para o médico, que havia declarado amá-la. Assim, ela não consegue diferenciar o amor do sentimento de posse absurda de que é vítima. O narrador nos diz sobre Lívia: “[...] mas a desconfiança estava longe de lhe amargar o coração, aceitava-a com alegria” (Assis, 1962, p. 144). Acei-

tava com alegria porque acreditava ser amor o que Félix tinha por ela, e esse sufocamento a que está sujeita é confundido com cuidado por parte do amado. Ao ceder tudo, Lúvia tem como recompensa o reconhecimento do médico de que ela o ama. Novamente, a viúva faz uma leitura equivocada dos sinais emitidos pelo namorado e acredita que a indiferença seria o pior de todos os males. Realmente, o amor de Félix é amargo e tirânico porque, aos poucos, ele tira tudo de Lúvia, sem que ela o perceba.

A estratégia de Félix é despojar a viúva de sua autoestima e de sua liberdade, colocando em dúvida o seu amor todos os dias. Ele a faz sofrer, tira dela o sorriso e até a vontade de sair de casa: “Lúvia começou a fugir dos lugares que até então frequentava habitualmente. Raras vezes aparecia no teatro ou numa reunião” (Assis, 1962, p. 144). O médico percebe que a amada o faz por causa dele e pede que não aja dessa maneira, e promete-lhe confiança, que não dura nem um dia e logo está ele atormentando-a novamente. O narrador afirma que uma hora de felicidade do casal era comprada ao custo de muitas lágrimas da moça. Por mais que fosse prudente e evitasse situações que pudessem colocá-la sob a mira da desconfiança do noivo, ainda não era suficiente. Aos poucos, ela percebe que nada sacia o espírito possessivo do amado. Outra vez é importante para o leitor evitar ser ludibriado por Félix. Ele não dá um voto de confiança para a noiva, ele quer evitar os comentários alheios de que ele a está prendendo em casa. Tudo nele é cálculo e estratégia. Ele precisava manter a imagem imaculada diante da sociedade.

Em vez de se libertar do compromisso com Félix, Lúvia aprende a ler na fisionomia do noivo os momentos de tempestade, mesmo com ele dissimulando o que lhe ia dentro do peito:

Então os olhos da viúva aprenderam a soletrar-lhe no rosto os terrores e as tempestades do coração. Às vezes, no meio de uma conversa indiferente, alegre, pueril, os olhos de Lúvia se obscurecem e a palavra lhe morria nos lábios. A razão da mudança estava numa ruga quase imperceptível que ela descobria no rosto do médico, ou um gesto mal contido, ou num olhar mal disfarçado (Assis, 1962, p. 144).

Lívia se torna uma prisioneira do médico. Ele tira dela até a liberdade de uma conversa franca e espontânea. Ela está sendo vigiada e julgada a cada atitude, nada escapa a esse observador cruel, que leva suas desconfianças ao máximo da dor que pode impor à sua noiva. Embora *Ressurreição*, por questões de enquadramento de escola literária, tenha sido colocado como uma produção romântica, o que menos há na narrativa é uma história de amor, e o leitor se depara com uma violência enorme contra a mulher, que sofre com os ciúmes doentios de um homem disposto a sufocar sua companhia.

Escondendo dos amigos e conhecidos o relacionamento com Lívia, Félix a aprisiona sem o julgamento da sociedade. Somente a namorada sabe o que sofre nas mãos do médico. Algum leitor pode dizer que estou sendo anacrônico, que no século XIX esse comportamento era natural nos homens e que precisamos ler com as lentes da época, entretanto, a narrativa é clara quanto ao comportamento misógino e violento de Félix. A vantagem das ferramentas do feminismo é poder rever alguns comportamentos tidos como normais aos olhos de uma crítica incapaz de desvelar as estratégias masculinas de dominação. Por receio de avaliar essas atitudes masculinas, narradas abertamente nos romances, é que fomos normalizando o comportamento misógino.

Os homens são os principais interessados que se evite comentários de suas atitudes tóxicas, afinal, eles estão no centro do poder no mundo e quanto mais pessoas se acumpliciarem a eles, menos julgamentos receberão e manterão as estruturas de poder que os beneficia. No caso de Lívia, o narrador afirma que: “Esta situação pôde esconder-se aos olhos de todos, menos ao de Luís Batista” (Assis, 1962, p. 144). Claro que o médico tinha interesse em esconder o que estava fazendo com Lívia, pois, por maior permissividade que houvesse com o comportamento masculino, fica explícito que, até nesse contexto, o comportamento dele excedia o aceitável. Somente outro homem percebe as estratégias de Félix, e consegue fazê-lo porque também deseja conquistar a viúva. Batista não tem a intenção de libertar a moça, ele desejava que o amor

de Félix: “tornasse suspeito e tirânico”, assim, o médico perderia espaço no coração dela e ele poderia avançar em seu projeto de seduzir a jovem.

Em suma, nenhum homem tem interesse em cessar o sofrimento de Livia, e o vilão da história pouco se importa com a sanidade dela, pois tem como alvo apenas derrubar seu adversário. “Para alcançar esse resultado, era mister multiplicar as suspeitas do médico, cavar-lhe fundamente no coração a ferida do ciúme, torná-lo em suma instrumento da própria ruína” (Assis, 1962, p. 144-145). A estratégia de Luís Batista é intensificar os ciúmes do médico, mesmo que isso faça sofrer ainda mais a noiva de seu adversário. Ninguém está preocupado com ela, que não passa de um mero objeto de conquista. Fora desse lugar, Livia não tem valor algum. Assim, temos outra denúncia de como os homens são cúmplices em suas atitudes. O ciúme de Félix é aprovado pelo outro, que tenciona aumentá-lo, sem em nenhum momento pensar em denunciar o sofrimento da viúva.

Em *Ressurreição*, todos os homens são vilões: Félix é colocado como o herói da história, e Luís Batista é o vilão ou Viana, que é o parasita. Nenhum deles escapa da vala comum da misoginia. Que os martírios de Livia estavam escondidos da sociedade, entendemos, porque o médico a aprisiona em casa, porém, onde estava o irmão dela, que frequentava a casa todos os dias? Todos os homens se fecham em um silêncio cúmplice e misógino quando a questão é prender uma mulher. Livia, não tem quem a salve das mãos do médico.

Se Bentinho é Iago de si mesmo, como afirma Helen Caldwell, Félix também está na mesma situação. Ele não precisa de Luís Batista, que, de acordo com o narrador, evita o método de Iago para convencer o médico da infidelidade de Livia. Assim como José Dias falha em ser uma representação do personagem shakespeariano, Luís Batista não se firma totalmente como o vilão da história, isso porque Félix e Bentinho são feitos do mesmo barro; ambos são ciumentos e possessivos, e eles mesmos alimentam os ciúmes que têm de suas parceiras, levando ao extremo o sofrimen-

to que impõem a elas. Félix já era delirante o suficiente para criar ou imaginar as situações em que Livia poderia traí-lo e nada o dissuadiria disso, nem os fatos contrários à sua alucinação.

Nenhuma mulher, nesse romance de Machado de Assis, escapa à maldade dos homens. Clara, uma personagem secundária, sofre resignadamente com a indiferença de Luís Batista, seu marido, que simplesmente a ignora para viver outros amores e aventuras. Difícil é compreender o ponto de vista do narrador nessas situações. A maior ambiguidade do romance é a do narrador que ora denuncia, ora naturaliza o comportamento masculino:

Mas a mulher dele [de Luís Batista]? A mulher dele, amigo leitor, era uma moça relativamente feliz. Estava mais que resignada, estava acostumada à indiferença do marido. Dera-lhe a Providência essa grande virtude de se afazer dos males da vida. Clara havia buscado a felicidade conjugal com ânsia de um coração que tinha fome e sede de amor. Não logrou o que sonhara. Pedira um rei e deram-lhe um cepo. Aceitou o cepo e não pediu mais (Assis, 1962, p. 145).

Como explicar às leitoras da época e de hoje que Clara era relativamente feliz ao lado de um homem que a ignorava? Por que essa naturalização do sofrimento feminino é aceito sem resistência por todos? A situação se complica ainda mais quando vemos o vocativo, no qual o narrador se dirige ao “amigo leitor”, não às leitoras, que poderiam questionar o comportamento masculino. Para explicar o caso de Clara, o narrador chama para seu lado o leitor, no masculino, talvez, porque esse compartilhasse as mesmas práticas que os demais homens. E, assim, o narrador continua explicando a vida dessa viúva de marido vivo. Clara havia passado do sentimento de resignação para o costume, algo habitual ter um marido com Luís Batista. Do mesmo modo que Livia, Clara também buscou o amor conjugal e acabou sendo punida por acreditar nesse sentimento. Em vez de rei, ganhou cepo e o aceitou sem pedir mais. O casamento se torna uma espécie de cadeia para essas mulheres. A imagem do cepo é muito forte, pois mostra que as mulheres estão na mesma situação que os escravizados, que sofrem no cepo, em praça pública e nas propriedades de se-

nhores de escravos, enquanto as mulheres também ganham um cepo dentro de suas casas, que são seus maridos, a fonte de inumeráveis sofrimentos ao longo da vida. Se os escravizados têm um dono, com as mulheres não é diferente, pois, ao se casarem, ganham um proprietário que dispõe delas como deseja. A estrutura da sociedade escravista afeta diretamente as mulheres e, assim como os escravizados, elas são vistas como propriedades e usadas enquanto tal.

O narrador até tenta ser solidário com a personagem, chamando-a de Clarinha, mas só piora a situação porque continua narrando a derrocada de seus sonhos com naturalidade, como algo normal aos casamentos. Ela aceita passivamente o fim de seus sonhos, sem esperanças, nem remorsos. A personagem tem consciência de que entregou sua vida nas mãos de um homem de quem não deveria esperar nada. O marido, após desfrutar a lua de mel, desinteressa-se pela menina. Nem a sensualidade que o motivou inicialmente resta, condenando a esposa ao esquecimento de sua cela conjugal. Nesse contexto, totalmente desfavorável à jovem esposa, o narrador ainda se preocupa com a virtude:

Faltava-lhe [a Clara] – e ainda bem que lhe faltava, – aquela curiosidade funesta com que o anfíbio clássico, desenganado do cepo, entrou a pedir rei novo, e veio ter a serpente que o engoliu. A virtude salvou-a da queda e da vergonha. Lastimava-se, talvez, no refúgio do seu coração, mas não fez imprecações ao destino. E como nem tinha força de aborrecer, a paz doméstica nunca fôra alterada; ambos podiam dizer-se criaturas felizes (Assis, 1962, p. 145).

O parágrafo é de uma violência enorme contra a mulher. O narrador conta uma anedota sobre um anfíbio que pediu um rei novo e foi engolido por uma serpente, dando a entender que Clara fez o certo ao aceitar a indiferença do marido. Ela foi salva pela virtude. Todo o peso do casamento é colocado sobre os ombros da mulher que, mesmo sendo alvo da indiferença do marido, deve se manter fiel aos votos matrimoniais. Assim, ela se salva da queda e do abismo que o próprio marido lhe ofereceu. Além disso, a vergonha de uma traição seria toda de Clara, nada é colocado na

conta de Luís Batista. Extenuada pelo modo como é tratada pelo esposo, sem forças para reclamar, Clara mantém a paz doméstica. Estamos discutindo a situação de uma moça de dezenove anos, que perdeu todas as ilusões antes mesmo de iniciar verdadeiramente sua juventude. O comportamento tóxico do marido a despojou de sua autoestima e de sua coragem, e não é possível acreditar que essa moça seja feliz, mas, ainda assim, o narrador tem a desfaçatez de afirmar que eram criaturas felizes. Talvez Luís Batista fosse feliz, uma vez que sua vida de solteiro em nada foi alterada pelo seu estado civil, mas celebrar essa felicidade para Clara é ignorar que essa moça tenha sentimentos e naturalizar a violência masculina, que deve ser aceita pelas mulheres sem nenhuma reclamação. Clara sofre nas mãos de Luís Batista e o narrador novamente se torna cúmplice dos homens que nos apresenta, sendo da mulher a responsabilidade pela manutenção do casamento. O natural seria que Clara procurasse uma aventura, um amante, um homem que lhe desse atenção, no entanto, o narrador a condena a ser uma criatura infeliz, amarrada ao cepo que lhe foi dado. Clara, enfim, é uma mulher condenada a pagar uma pena por um crime que não cometeu.

Ressurreição é um romance sobre homens e seus desmandos. Viana é um parasita, o coronel tem aventuras, Félix é um ciumento, Luís Batista é indiferente à sua esposa, condenando-a à solidão. E tudo é narrado naturalmente, dando aos homens a total liberdade de viver e de fazer sofrer as mulheres. Todos eles são ociosos, evitam o trabalho, passam os dias indo ao teatro e buscando aventuras sexuais que satisfaçam seus egos. Às mulheres cabe ficar em casa, esperando pelos seus maridos ou noivos e, quando isso não acontece, como no caso de Livia, o homem acha um meio de aprisioná-la, tirando-lhe a liberdade. Félix exagera nos ciúmes, pede provas de fidelidade todos os dias, até conseguir tirar de Livia seus passatempos, fazendo parecer que é vontade dela deixar de frequentar o teatro e as reuniões. Félix pede uma prova de amor para Livia: sua liberdade e ela lhe entrega sem muita resistência, do mesmo modo que Clara aceita a indiferença do mari-

do para manter o casamento. Agora, caro leitor, onde está a felicidade dessas mulheres que o narrador tenta nos vender?

Como sabemos, Félix não precisa de ninguém para despertar-lhe os ciúmes na cabeça. Ele inventa situações, olhares, gestos, tons de falas de Lívia para ver nela a mulher infiel que ele criou em sua imaginação, no entanto, o narrador tem um vilão para tentar justificar as desconfianças do médico e põe em ação as estratégias do Dr. Luís Batista para intensificar o que era natural no herói da história. Félix, como era de se esperar, “bebeu aos poucos o veneno que lhe propinava tranquilamente o astuto rival” (Assis, 1962, p. 145). Ele só precisava acreditar nos seus motivos para convencer-se do caráter infiel de Lívia. Digamos que ele apenas se aproveitou da situação e fez o que era fantasia ser vista como a mais pura realidade. O resultado foi mais um rompimento com a viúva:

Escreveu [Félix] uma carta longa e violenta, em que acusava a moça de perfídia e dissimulação. Havia amargura na carta, mas também ódio e desprezo, tudo quanto podia ferir para sempre um coração que até ali soubera amar e sofrer, mas que enfim pode cansar e desprezar (Assis, 1962, p. 146).

Os planos do Dr. Luís Batista, associados ao temperamento do médico, surtiram efeito e o que antes eram apenas palavras ditas ao pé do ouvido de Lívia, ganharam corpo em uma carta violenta, que mostrava todo o ódio e desprezo que sentia pela noiva. A missiva funciona como um testamento público do comportamento violento do personagem.

Alguém ainda acredita que seja Félix digno de piedade por parte do leitor, após tantas atitudes misóginas que ele tem com as mulheres? Por incrível que pareça, o narrador não se cansa de tentar nos convencer dos sentimentos puros de seu herói. Numa descrição quase teatral, afirma que o médico ficou entregue à sua dor que, claro, não lhe provocou lágrimas, porque elas seriam ridículas. Ele fica escondido em sua casa, repassando fatos, convencendo-se ainda mais da justiça de seus atos diante de tão flagrante traição. Mais calmo, acredita que uma carta de Lívia esclareceria

tudo e que ele estava enganado. Ele, porém, não recebe resposta e alimenta o despeito, o orgulho ferido e declara que a viúva não passa de uma loureira, ou seja, uma sedutora. Veja que sempre a culpa recai sobre a jovem, que desde o início é vista como culpada por ele querer viver uma aventura, pois, aos seus olhos, ela sempre esteve a seduzi-lo, não sendo, portanto, levada a sério.

Há uma espécie de vitimismo em Félix, ele inverte a situação e aplica a ela o que é de seu próprio caráter. É preciso que fique bem claro que Livia é uma vítima nas mãos desse homem misógino, e não o contrário. É ele quem a massacra todos os dias com ciúmes e desconfianças, tolhendo-a em todos os gestos que eram naturais. O médico se revela um homem controlador e violento, exercendo seu papel de macho dominador a partir de seus privilégios de classe, que o habilitam a explorar, enganar e subjugar aos seus pés as mulheres com quem se relaciona.

Mais uma vez, Livia cede ao sentimento que ela acredita ser amor e, pela primeira vez, pisa na casa do médico. Somente esse fato poderia causar estranhamento no leitor. Eles têm um relacionamento de meses e Félix nunca recebeu a moça em sua casa. Se o leitor se lembra dos detalhes, ainda não esqueceu que ele esconde de todos o seu relacionamento, e apenas ele a visita. A presença dela na casa do noivo seria denunciar a toda vizinhança o elo que os unia. A viúva perde o medo e vai confrontar o namorado pessoalmente. Félix reconhece, aos poucos, ser injusto, e acaba pedindo perdão. Livia é uma mulher muito inteligente e descobre que os motivos dos ciúmes são o Dr. Batista. Como sempre, propõe a não o receber mais em sua casa e evitar as situações em que possa encontrá-lo, fechando-se ainda mais, como se agora realmente guardasse luto. Félix sempre a força a se esconder dos olhos dos outros homens e a viúva lê nesses ímpetos o amor que outras não souberam valorizar, entregando-se ainda mais à destruição que a aguarda.

Pela primeira vez, nesse capítulo, Félix pensa seriamente em casamento. Essa ideia vem acompanhada de outra estratégia de encarceramento da viúva: “O casamento me restituirá a confiança,

pensava ele; quando estivermos juntos os dous, afastados da convivência e do contato de estranhos, a paz morará no meu coração; só então seremos felizes sem amarguras nem remorsos” (Assis, 1962, p. 148). O casamento, na cabeça do médico, serviria para afastar todos os indesejados do convívio de Livia. A promessa de matrimônio é a assinatura de uma sentença de isolamento para a moça, que não poderá sair, tendo o carcereiro sempre ao pé de si. Félix planeja retirar a viúva da vida em sociedade, fechando-a para sempre no ambiente doméstico, onde apenas ele poderá desfrutar da presença dela. Atitude semelhante tem Bentinho, que ao casar-se com Capitu vai morar na praia da Glória, longe da corte e dos possíveis olhares de outros homens. Casar-se é encarcerar-se, mas isso elas ainda não sabem.

A leitura de Helen Caldwell

Helen Caldwell em seu *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*, publicado originalmente em inglês no ano de 1960, foi, talvez, a primeira pessoa a apontar relações entre *Ressurreição* e *Dom Casmurro*. Ela demonstra, em seu estudo, como estava no primeiro romance de Machado de Assis o germe daquele que viria ser um de seus personagens mais famosos: Bento Santiago. É como se Machado olhasse para sua própria literatura e a escrevesse, melhorando a estrutura narrativa, e também seus personagens, dando-lhes melhor acabamento. Podemos dizer, na linha da autora, que no primeiro romance os personagens são mais inteiriços, sem deixar ao leitor a interpretação de seus atos. Sabemos logo de saída quem é Félix e depois mergulhamos na sua mente doentia e desconfiada que inflige a Lívia todos os tipos de sofrimento.

A leitura de Helen está mais preocupada em buscar as pistas da literatura shakespeariana em Machado de Assis, assim, foca e aponta as fontes da inspiração do autor brasileiro, apresentando Félix quase como uma vítima de sua personalidade, sem analisar efetivamente o comportamento nocivo que o personagem tem em relação a Lívia. Desculpa-se Félix por ser uma criação machadiana, sem ver as consequências de seu comportamento com as mulheres. Em vez de analisar a misoginia do médico, ela direciona sua leitura para a mulher e a capacidade dela em reduzir, por um tempo, as desconfianças do namorado: “Tempo, costumes, o amor e a crença leais de Lívia em seu amor, dirimiram temporariamente suas dúvidas. Ele propôs casamento. Mas a velha “desconfiança” ainda vivia, destilando ciúmes que atacaram o seu recém-nascido amor” (Caldwell, 2008, p. 45). Ora, não podemos jogar sobre a mulher a capacidade de dirimir os ciúmes desse homem. Ela é a vítima, e não Félix, acometido por suas inseguranças diante de

uma mulher que, como Capitu, sabe bem o que deseja do homem que está com ela. Caldwell chama atenção para o fato de ele propor casamento, como se a viúva houvesse lhe quebrado as resistências de homem, que não foi feito para a vida conjugal, mas, como já demonstramos aqui, o casamento é outra forma de Félix aprisionar ainda mais Lúvia, tirando-a totalmente da vida social.

Caldwell focou muito sua análise sobre o fato de Machado de Assis se propor a fazer o estudo de um caráter, sem perceber que, ao cair no conto do narrador, o leitor estaria disposto a perdoar Félix de todos os absurdos possíveis que comete com Lúvia. Claro que o narrador conta com a cumplicidade dos homens, ao lerem o romance, uma vez que todos são adeptos de práticas semelhantes. A autora até avança em alguns sentidos, quando aponta que Félix frequenta mulheres do alto submundo que atendem aos desejos da classe burguesa, entretanto, essa normalização do comportamento masculino de Félix causa estranhamento, pois na análise de *Dom Casmurro*, à qual ela dispense maior energia, soube apontar o comportamento problemático e doentio de Bentinho, mas, no caso do médico de *Ressurreição*, ela faz uma leitura mais conservadora, atendo-se apenas aos elementos narrativos que colocam a culpa em uma espécie de desconfiança inata do personagem principal. “A desconfiança de Félix é inata. As explicações de Machado de Assis ao leitor não vão além disso; mas há indícios, nas descrições das emoções e ações de Félix, de uma outra causa” (Caldwell, 2008, p. 49).

Temos de nos atentar de que se há uma desconfiança inata em Félix é porque os homens foram acostumados, desde a infância, a agirem com reservas em relação às mulheres. Caldwell até tenta justificar o comportamento do médico por uma possível desilusão amorosa: “Félix insinua que sua desconfiança é resultado de um caso de amor desastroso: ele ‘abraçou uma serpente’; antes disso teria tido confiança” (Caldwell, 2008, p. 49). A pergunta é: uma desilusão amorosa justifica o comportamento do médico em relação a Lúvia, fazendo-a sofrer pelas desilusões amorosas que ele teve em sua vida pregressa? Para mim, a leitura de Caldwell é

muito condescendente com Félix e, se ela tirou Capitu do banco dos réus, deixou Livia nas mãos de um homem sem escrúpulos, e é um nítido caso de dois pesos e duas medidas. Como já tentamos demonstrar, neste ensaio, Livia é culpada, aos olhos do médico, desde o instante em que ela lhe dá a mão na saída do teatro, gesto que ele interpreta como permissão para investir em uma aventura. Há que se notar que a mesma distorção, ao interpretar os fatos, que está em Bentinho também está em Félix, este é pai daquele, não cabendo justificativas para seu comportamento.

Do mesmo modo que Bentinho é Iago de si mesmo, Félix também é seu próprio animador, ele não precisa de ninguém para sentir desconfianças e ciúmes, isso é natural nele. Desse modo, a presença do Dr. Luís Batista na história só é um subterfúgio para confirmar em Félix aquilo que ele já acreditava: a traição de Livia. Sobre o Dr. Luís Batista, Caldwell faz os seguintes comentários: “Machado não deixa dúvidas acerca do caráter deste vilão. É um modelo de dissimulação e calculismo, afeito a remoques vulgares, sensual, observador, perspicaz, sem paixões ou escrúpulos” (2008, p. 46). Essa mesma caracterização serviria para Félix. Ele é um homem que desrespeita mulheres, usa-as pelo tempo de seis meses e depois troca de parceira. Pensa em viver com a viúva apenas um caso, narrando para ela sua teoria dos poços. As ações desse homem são calculadas. Ele é um observador perspicaz, analisa cada gesto de Livia e busca interpretar até mesmo os silêncios dela. Félix atribui à namorada tudo aquilo que está acostumado a praticar, e inverte a situação para haver dolo nas decisões de Livia, quando, na verdade, ele é o personagem promíscuo e aventureiro. Estranha-me Caldwell não aceitar José Dias como o verdadeiro Iago de *Dom Casmurro*, mas acreditar que, tendo um comportamento análogo, o Dr. Luís Batista seja o vilão de *Ressurreição*, como se Félix precisasse de alguém para lhe implantar no espírito os ciúmes que sempre carregou dentro de si.

Félix, na narrativa machadiana é, genealogicamente, o pai de Bentinho. A diferença, e essa também é apontada por Caldwell, é que, no segundo romance, temos as origens dos ciúmes de Ben-

tinho, ao passo que de Félix só lhe conhecemos o presente, pois seu passado é obscuro e pouco conhecemos das razões de suas desconfianças; sabemos apenas que tem a cisma como traço de seu caráter, por isso, afirmo que o leitor deve julgar Félix com o mesmo ferro que bate em Bentinho. Ambos são feitos da mesma substância maligna: são ricos, herdeiros, pouco trabalharam na vida, frequentam mulheres que pagam para desfrutar de suas companhias, são ciumentos, agem como se suas companheiras fossem as culpadas pelas crises de desconfiança das quais são acometidos, e ambos dormem com suas consciências tranquilas. Félix acaba condenando Livia a uma existência solitária e fiel ao amor que lhe teve; Bentinho exila Capitu, que fala bem do pai para o filho e envia cartas ao amado, pedindo que os visite. Félix e Bentinho são homens tóxicos que fazem das vidas de suas amadas um verdadeiro inferno, nem Félix, nem Betinho são desculpáveis, independente do que viveram no passado. Ainda sobre os dois romances, Caldwell tece os seguintes comentários:

Semelhanças superficiais entre este romance e *Dom Casmurro* não deixam de espantar o leitor. Mas os personagens deste primeiro romance de Machado, apesar de um pouco rígidos – ou talvez exatamente por isso – são bem delineados. Não há dúvida da vileza de Iago, nem do fiel amor de Desdêmona, nem da falha de seu Otelo. Félix, abençoado com dinheiro, boa educação, gosto refinado e o amor leal de uma boa e bela mulher, é impedido de desfrutar esse amor por sua “desconfiança”, que engendra as dúvidas do ciúme. Santiago remonta seu ciúme a uma causa fatural – a traição de Capitu, para ele definitivamente comprovada pela semelhança entre Ezequiel e Escobar. A “desconfiança” de Félix existe de modo independente e a despeito do que quer que Livia faça. Como vimos, o autor fala francamente ao leitor e o adverte de que o raciocínio e os argumentos de Félix não merecem credibilidade. Mas tudo o que podemos é imaginar como se daria a história se Félix a narrasse, assim como Santiago faz com a sua (Caldwell, 2008, p. 48-49).

Talvez, o que tenha feito Helen Caldwell ser tão condescendente com Félix seja sua leitura shakespeariana, porque ela está preocupada em encontrar homólogos no romance machadiano:

Félix é Otelo, Livia é Desdêmona, e Dr. Luís Batista é Iago. Félix é um personagem acometido pela desconfiança, é quase uma vítima de seu autor que o criou assim, para representar um tipo. Tudo parece simples e explicável para acalmar o leitor e deixá-lo no conforto de suas ilusões, uma vez que lhe estão bem explicadas as fontes usadas por Machado, mas, não podemos nos esquecer que o “Bruxo do Cosme Velho” sempre as usou para analisar o comportamento social brasileiro e que essas personagens passadas em revista servem para esmiuçar o caráter do homem nacional, advindo de uma classe senhorial e escravista.

O que Helen anota sobre Félix: abençoado com dinheiro, boa educação, gosto refinado é o retrato do rico brasileiro, um homem que tem tudo para ser feliz e que tem à sua disposição, inclusive, mulheres dispostas a amá-lo. Não haveria nada para dar errado, porém, Félix encarna também o comportamento misógino de seus pares do século XIX. Ele despoja Livia até de seu orgulho: “O senhor há de quebrar todo meu orgulho, disse com amargura. Eu arrisco tudo para lhe restituir a felicidade e a paz; o senhor recompensa-me este sacrifício com a humilhação” (Assis, 1962, p. 147). Félix humilha Livia de todas as maneiras até ter a certeza de que ela está sob seus pés, quebrando-a por ter ousado a tratá-lo como um igual, com altivez, olhando-o nos olhos. Livia, nesse episódio, já está mais “domada”, chama o amado de “senhor”, dá a ele a paga por ser homem.

Helen Caldwell tangencia a situação. Bentinho teria seus ciúmes justificados por um fato, uma traição de Capitu, já Félix desconfia de Livia independente do comportamento dela. É válido lembrar que a própria autora, depois, tenta nos dissuadir da traição de Capitu, mostrando como Bento Santiago é um homem, no mínimo, doentio, que busca de todas as maneiras condenar sua esposa. Com Félix, porém, fica apenas nos ciúmes injustificáveis, como se o fato de os argumentos do personagem não merecerem credibilidade tudo explicasse. Acreditamos que Machado de Assis quis ir além da mera representação shakespeariana que lhe serviu de mote para o início da narrativa. O autor acaba denunciando

do a situação das mulheres em nossa estrutura social escravista. Colocadas, praticamente no mesmo nível dos escravizados, recaem sobre elas todo tipo de desconfianças. Elas são vistas como enganadoras, pérfidas, sensuais, provocantes, sendo responsáveis pelo comportamento masculino misógino.

Lívia é ainda mais perigosa que as demais mulheres. Ela é rica e bela, não é uma dependente, nem precisa ser resgatada por Félix. Ele está destituído de todas as formas de poder que pode ter sobre uma mulher, então, desconfia dela, atenta contra seu caráter, colocando em dúvida sua índole, vendo nela uma mulher capaz de enganá-lo com qualquer homem, e as amizades que ela tem são todas formas que ela encontra para traí-lo. Desse modo, vitimiza-se, exigindo de Lívia todas as provas absurdas de amor, repetindo todos os dias o mesmo ritual de desconfiança para que a viúva prove seu caráter. E a cada prova, nova desconfiança: “Cem vezes se convencera de suas injustiças; mas a cada suspeita nova ressurgiram as anteriores, as que ela perdoara, e a última confirmava então as primeiras, e o pobre rapaz achava-se sinceramente ludibriado e ridículo” (Assis, 1962, p. 145). Sem ter do que realmente acusar Lívia, ele se apegava a desconfianças infundadas e o velho medo de se fazer ludibriado e ridículo ressurgiu em seu semblante. Acostumado a pagar por seus amores, Félix tem dificuldade em aceitar que uma mulher rica e independente o ame-o pelo simples fato de apreciar sua figura. O médico perdeu o poder de manipular financeiramente sua vítima, então, tenta reduzi-la aos olhos dele, atribuindo a ela a perfídia e a traição.

A questão de classe que aparece em *Dom Casmurro*, por meio das posses de Bentinho e da origem social de Capitu, no primeiro romance surge por outros caminhos. Diferentemente de Capitu, Lívia tem posses e não depende do casamento com Félix. Ela deseja o casamento porque o ama e, dentro da sociedade brasileira do século XIX, para uma mulher viver esse sentimento, o casamento era o meio para legitimar suas ações. Assim, Lívia, ao mesmo modo de Capitu, não esconde, por meio de joguinhos, a intenção que tem de desposar o amado. Não tendo a questão de classe

para acusar Livia de interesseira, Félix vê nela um sentimento de sensualidade e uma entrega por costume. Nada que Livia faça é visto como positivo por esse homem desconfiado.

A desconfiança seria uma forma de entender o comportamento de Félix e aceitar suas atitudes e o sofrimento que impõe à Livia, mas isso seria aceitável apenas se vemos Félix como uma vítima de um sentimento inato que o tortura, quando na verdade, o que temos é a naturalização do comportamento tóxico masculino com as mulheres, ainda mais quando Félix perde seu poder de negociação. Com Livia, ele não pode oferecer dinheiro ou conforto porque ela tem ambos, então, se seguimos a linha de Caldwell e colocamos Bentinho no banco dos réus, temos de fazer o mesmo com o médico, até porque, no caso dele, nem há ambiguidade sobre seu caráter. Sabemos que ele tirará tudo de sua noiva, impingendo-lhe um enorme sofrimento psicológico.

A leitura de Caldwell tem a vantagem de mostrar, na própria narrativa machadiana, a evolução de seus romances. É como se, anos depois, Machado visitasse o tema shakespeariano dos ciúmes e complicasse a história que no primeiro romance foi simples. A tríade de Félix-Otelo, Dr. Batista-Iago e Livia-Desdêmona, tornam-se Bentinho-Otelo e, ao mesmo tempo Iago, sendo Iago-José Dias, apenas a princípio da narrativa, e Capitu-Desdêmona, mas as semelhanças que parecem superficiais, se olhadas mais de perto, revelam mais paralelismos do que diferenças. O primeiro romance pode explicar o segundo, e isso também seria mais um passo para inocentarmos Capitu aos olhos do leitor. Em ambos os romances as personagens femininas são massacradas por seus companheiros, são vítimas de um ciúme doentio, mesmo dando todas as provas de amor que podem a seus amados. Caldwell também chama a atenção para o amor desmedido que Livia tem por Félix e Capitu por Bentinho. Mesmo sofrendo com a maldade deles, elas lhes continuam fiéis. São os sentimentos deles que mudam, mais uma vez mostrando a inconstância dos homens quando o assunto é o amor; preferem os ciúmes e as desconfianças, que se enquadram melhor no comportamento masculino.

Bentinho é um personagem muito mais bem acabado do que Félix, narrando ele mesmo sua própria história, sem estar nas mãos do narrador. Eles têm a mesma base de construção, são espécies de Otelos, portanto, ciumentos e com um grave problema de interpretação do mundo que os rodeia. Embora ambas as histórias tenham como cenário o Rio de Janeiro do século XIX, Félix e Bentinho pertencem à gama dos personagens universais, vivendo conflitos e sentimentos comuns a todos os homens. A sacada de Machado de Assis é fazer deles também representantes da classe senhorial brasileira, complicando mais a relações por meio da aclimação da tragédia shakespeariana nos trópicos. Não há sangue, porque a vingança desses homens brasileiros é o encarceramento de suas vítimas, o que mostra como o escravismo afeta o modo de ver o mundo desses personagens. Acostumados a mandar prender os escravizados rebeldes, eles fazem o mesmo com as mulheres com quem se relacionam. Bento prende Capitu para sempre na Suíça, enquanto Félix é mais fluminense, fazendo de Catumbi, o cárcere da viúva que, mesmo após todo o sofrimento, resolve guardar-lhe uma espécie de fidelidade até o fim de seus dias. Como homens que são, nem Félix, nem Bentinho guardam luto por muito tempo, e logo estão vivendo suas vidas com a consciência limpa de seus atos.

Como apontamos, há uma espécie de absolvição de Félix por parte de Caldwell, o que soa um pouco estranho se pensarmos na campanha que faz para surpreender Bentinho, nos detalhes de seu discurso doentio. A diferença entre os dois personagens é que Félix é um ciumento declarado, desconfia e confessa sua desconfiança construída nas nuvens, enquanto para Bentinho há possíveis provas da traição na semelhança entre Ezequiel e Escobar. Talvez, como diz Caldwell, se Machado tivesse dado voz ao médico para narrar a história de seu ponto de vista, a narrativa tivesse outros complicadores. A descoberta da narrativa em primeira pessoa na segunda fase machadiana torna seus personagens muito mais densos e interessantes.

Se quisermos ir mais longe do que Caldwell podemos apontar que em ambos os personagens há traços de um discurso misó-

gino, e nem mesmo os anos que separam um romance do outro foram suficientes para apagar um padrão de comportamento masculino. Antes, eles se refinaram e ganharam requintes de crueldade. À aparente frieza do médico em analisar os gestos, os olhares, os silêncios de Lívia, temos o olhar apaixonado do advogado, que tenta provar por todos os meios ao leitor, convertido em júri, que Capitu é uma adúltera. Digamos que Bentinho vai mais longe, ele se casa com Capitu. Mesmo sofrendo com os ciúmes, ele tenta manter um relacionamento duradouro com o amor de sua infância. Félix resiste ao casamento, chega a firmar um noivado, mas não vai além disso. Deixamos, assim, ao leitor, o julgamento de qual dos personagens é mais violento com suas mulheres.

Acreditamos ainda que a máxima de Bentinho de que Capitu era a fruta dentro da casca possa ser relida em chave interpretativa, e pensar se Bentinho já não estava em Félix como a fruta dentro da casca. Faltava a Machado, do início de carreira, o espírito analista que desenvolveu ao longo de sua evolução literária, e o que era o ensaio de um carácter ganha toda sua força no romance maduro, que é *Dom Casmurro*, no qual a profundidade psicológica se complica, e aquilo que era um retrato quando compôs Félix, vira um emaranhado de contradições quando cria Bento Santiago. Narra-se para unir as duas pontas de sua produção literária e quem quiser respostas sobre o caso Capitu, provavelmente, poderá começar a buscá-las em *Ressurreição*. Está em Félix a origem do mal de Bentinho; um explica e complementa o outro.

Tanto Félix quanto Bento Santiago são representantes da classe dominante. Um é médico, o outro é advogado, e pouco exerceram seus ofícios, o que lhes dava tempo para todo tipo de pensamento vadio e inútil. O tempo que poderiam dedicar amando suas mulheres, eles ocupam em buscar nelas o motivo da traição, atribuindo-lhes aquilo que é típico do comportamento masculino e, de tanto se esforçarem, acabam acreditando na possibilidade da traição que criaram em suas mentes. Eles desfilam para a sociedade a figura de homens respeitáveis a quem a posse dos bens lhes livrou de toda espécie de julgamentos. Cada um inventa a traição

a seu modo. Félix teve outros relacionamentos que o levaram a ser o homem que nutre uma permanente desconfiança das mulheres; já Bentinho, teve uma única namorada, o que o torna presa fácil para ser enganado pela “interesseira” Capitu. Cada um a seu modo se vitimiza aos olhos do leitor, tentando conquistá-lo e convencê-lo de que essas mulheres são potenciais adúlteras: Lúvia, uma viúva com filho, Capitu, uma ex-agregada que ascendeu ao posto de dona da casa. Não importa o que façam, aos olhos de seus “amados”, elas sempre serão culpadas.

Reside, no descortinamento de um comportamento misógino dos homens que compõem a narrativa machadiana, a novidade do presente ensaio. Queremos demonstrar como Machado de Assis, ao construir esses perfis masculinos, desde seu primeiro romance, acabou nos legando um retrato do homem brasileiro do século XIX, que pode nos dar pistas de como o patriarcalismo e o machismo, presentes nas relações de poder que os homens exerciam sobre as mulheres, acabaram se configurando no discurso misógino presente em nossa sociedade, ainda nos dias de hoje.

O romance *Ressurreição*, que surgiu como uma tentativa de mudar o gosto do leitor romântico da época, pode trazer muitas questões que não foram discutidas sobre o comportamento masculino no Brasil. Machado de Assis, como sempre, nunca contou uma única história, há de se lê-lo em camadas. A aparente história que põe à prova o mote shakespeariano da desconfiança, fazendo de Félix quase uma vítima nas mãos do narrador, denuncia também como os homens usavam as mulheres apenas para diversão. O primeiro romance de Machado mostra ainda a desfaçatez de classe que será levada ao extremo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em ambos os romances vemos homens pagando por suas relações amorosas, bancando mulheres, exibindo-as a outros homens e se Félix não é escancaradamente um cínico como Brás, não deixa de ter certa dose de cinismo com as mulheres, dando a elas prazo de vencimento.

Assim, acreditamos que em *Ressurreição* esteja o germe de toda a produção romanesca de Machado de Assis. Aquilo que era

intuição ou uma leve percepção do funcionamento da sociedade brasileira vai se refinando, ao longo do tempo, e os personagens vão se repetindo, melhorados, mais complexos e bem-acabados para revelar o lado obscuro de nosso Brasil, portanto, são nas arestas que devemos ler Machado de Assis, pois, por elas, escapam o que há de pior em nossa sociedade, com seus másculos representantes do poder.

Agora, voltemos ao romance para continuar acompanhando o calvário de Livia, na queda livre que foi seu consórcio com Félix. A relação entre os namorados se revelará uma prisão para a moça, que chegou até mesmo a mudar para o bairro do noivo, a fim de ficar mais próxima dele e reduzir as dúvidas que pairavam sobre a cabeça desse homem problemático, vazio e desocupado, transformando o ócio em uma forma de atormentar sua parceira com as loucuras e os traumas de uma relação malfadada no passado.

O breve tempo de uma trégua

Ao longo deste ensaio, mostramos que Félix é um desocupado. Embora seja médico e tenha atuado, no tempo em que não era rico, após receber a herança gasta suas horas na contemplação vazia do mundo e na diversão com mulheres que ele paga por suas companhias. Essa vida se dá até o momento em que ele conheceu Livia e, por suspeitar que não teria total controle sobre ela, desenvolveu um ciúme doentio e violento. O episódio que trataremos, agora, ocorre logo após o fim de uma das crises entre o casal. A jovem Raquel fica doente e Félix tem a chance de mostrar suas habilidades, desconhecidas até o momento pelo leitor, uma vez que quando começa o romance ele já é um ocioso, por convicção.

A princípio, Félix visita o coronel para levar apoio à família, que sofre com a doença da menina. Chegando à casa do amigo, encontra um ex-companheiro de faculdade que está tratando Raquel. O colega de profissão, baseado nas observações que fez nos últimos dias, desenganou a moça, não dando nenhuma esperança aos pais, que vivem um luto antecipado, no entanto, o narrador, disposto a mostrar alguma qualidade em seu herói, coloca-o em ação e ele, em poucos dias, põe a menina em convalescença, para espanto do colega que sai derrotado.

O importante no episódio da doença de Raquel é a atuação de Félix, pois está despedido de seu papel de algoz, para atuar como o herói que foi anunciado no início do romance. Quero deixar claro que estamos tratando Félix como uma espécie de anti-herói do romance. A categoria de herói aplica-se como mero detalhe narrativo, pois figura como o protagonista. Seus comportamentos, no entanto, mostram uma personalidade mesquinha, cínica e violenta contra as mulheres. Esse evento é uma tentativa de recolocar Félix nos trilhos de um protagonismo que possa redimi-lo dos absurdos que comete contra a viúva.

Por incrível que pareça, o período da doença é um momento de paz entre o casal. Félix se apresenta mudado e arrependido de seus atos:

Há contudo ocasiões em que esta confiança parece abalar-se, não porque duvide de ti, mas porque duvido do destino. Já te disse que sou supersticiosa, – defeito das mulheres e das crianças. Estremeço algumas vezes, quando encaro o futuro, e, sem saber porque, pergunto a mim mesma qual será o fim de tudo isto. Desmaios apenas, e raros, de um coração que ambiciona, talvez mais do que poderia obter.

– Não te parece que eu esteja emendado? disse Félix sorrindo. Há quantos dias não há sequer...

– Cala-te! interrompeu Livia tocando-lhe os lábios com os dedos. Tenho medo de te ouvir falar assim (Assis, 1962, p. 151).

O casal vive dias amenos, mas as sombras não deixaram os pensamentos de Livia, que ainda estava machucada e traumatizada com os últimos acontecimentos provocados pelo noivo. Só a menção de Félix sobre os dias que ele não teve uma crise era suficiente para abalar a confiança dela, o que mostrava as marcas de um sofrimento calado, a que Livia estava sujeita. Ela estava presa pelo sentimento que tinha por esse homem, e também pelas convenções sociais. Um pretendente da classe social dele, relativamente jovem, olhou para ela e lhe declarou seu amor. Para uma mulher nas condições dela: viúva e com um filho, era quase um presente dos deuses, mesmo que viesse com algumas particularidades e alguns defeitos. É válido lembrar que ela confunde ciúmes com amor e sofre calada, achando que alguns dias de tristeza pagam a alegria de um amor caloroso. O que ela não sabe é que Félix tem dúvidas sobre esse amor e, se realmente deve desposá-la. Ele é alguém que começou a se relacionar com ela para viver uma aventura e, de repente, viu-se às voltas com uma promessa de casamento.

E o leitor não deve enganar-se. Mesmo nesse período de paz entre o casal, o médico tem reservas em relação à sua parceira e sobre a decisão de se casar com ela. Pouco antes do que narramos, mostrando os sobressaltos de Livia, com a menor menção às crises do noivo, o casal havia marcado, enfim, a data do casamento:

Estavam então nos primeiros dias de outubro; o casamento fôra marcado para meado de janeiro. Marcado, entenda-se bem, apenas entre os dous, porque Félix conseguira da viúva a promessa de que a notícia seria dada nas vésperas do acontecimento.

– Mas qual a razão deste segredo? perguntou Livia, depois de lhe prometer o que pedia.

– Um capricho.

A razão verdadeira era a vacilação de seu espírito; mas a que ele deu contentou perfeitamente a moça (Assis, 1962, p. 151).

Félix, uma vez mais, não é sincero com Livia e esconde suas motivações. Consegue arrancar da amada uma data de casamento que só seria publicada dias antes do acontecimento. Ele a esconde da sociedade, de seus amigos, entretanto, quer mantê-la presa a si, reservada somente para ele em seus delírios de posse. O casamento, que era para ser um motivo de alegria, é pensado às escondidas. Como um conquistador, ele tem uma imagem a preservar diante de seus pares masculinos. Todos o conhecem por seus relacionamentos passageiros, com mulheres que dependem dele, as quais ele dispensa com prazo pré-determinado. É um homem que nunca se casaria, um eterno jovem a desfrutar de uma vida vadia e feliz. Como anunciar à sociedade que esse solteirão convicto caíra nas graças de uma viúva e se casaria? Assim, Félix esconde de todos a decisão, alegando à viúva um mero capricho.

O narrador denuncia os sentimentos de Félix: ele vacilava em seu espírito, ou seja, tinha reservas em relação à noiva. Poderia ser o ciúme a lhe ferir a sensibilidade, as desconfianças de uma possível traição, o fato de Livia ser viúva e ele desposá-la, mesmo com um filho? Ficamos sem respostas claras, mas, pelo comportamento do médico, podemos suspeitar de que quase todas essas possibilidades estão corretas. Félix é um homem misógino e machista, jamais conseguiria se casar com uma mulher nas condições de Livia. Ele parece ter necessidade de fazê-la sofrer, de obter dela a paga por tê-lo seduzido, como ele tenta convencer o leitor de que os avanços dele são culpa da jovem interesseira. O protagonista tem de lidar com o fato de que perdeu o direito de escolha, que a viúva deci-

diu que queria se casar com ele e está levando seu plano adiante, sem que ele consiga se desvencilhar, facilmente, como fez com Cecília. O seu poder masculino está em xeque e ele teme perder o controle de si e, consequentemente, a influência que tem sobre Lívia.

Em um mundo dominado pelo poder masculino, uma mulher ousar ter atitude, e saber o que quer para si, pode ser o caminho para a condenação. Machado parece ter deixado essa ideia incubada em sua primeira narrativa, retomando-a em *Dom Casmurro*. Bento Santiago tenta de todas as formas provar para o leitor que Capitu é uma adúltera. Tem contra ela, entre outras coisas, o fato de, na adolescência, ela ter planejado impedi-lo de entrar para o seminário e, posto em prática sua estratégia para se casar com ele, saindo vencedora. Não é o caso de Lívia, que mesmo com toda dedicação fracassa em seu sonho de contrair segundas núpcias. O herói – ou anti-herói – coloca todos os tipos de obstáculos possíveis para evitar o casamento. Tanto para Félix quanto para Bentinho, suas parceiras são adúlteras, com a diferença que o primeiro contorna o casamento e o segundo acaba casando-se, e acredita que foi traído por Capitu com seu melhor amigo. Nesse sentido, Félix é mais esperto do que Bentinho, impedindo a traição, enquanto este tenta passar a imagem de um homem que foi ingênuo o bastante para acreditar em uma mulher. Félix e Bentinho são homens misóginos que desmerecem as mulheres, vendo-as como adúlteras e pouco confiáveis.

Estaria a vacilação de espírito de Félix prevenindo-o do que acreditava ser um caminho para ser traído? Provavelmente, pois nos poucos meses de namoro que antecederam a data do casamento, Félix submeteu Lívia a todo tipo de provação, cada dia surgindo com uma nova suspeita, enviando cartas, humilhando-a, desfazendo o compromisso, para logo em seguida reatar. Conforme vamos conhecendo Félix na intimidade da casa da viúva, percebemos o tanto que ele é fraco e inseguro e quanto mais é acometido pelos delírios, pelas sombras de um outro homem a cercar Lívia, mais arredo e violento se torna. Apenas Lívia parece acreditar na força do amor para redimir os atos do namorado.

As confissões

No primeiro romance de Machado de Assis, o narrador tenta insistentemente salvar seu protagonista. Para justificar o comportamento de Félix, a narrativa faz uma espécie de *flashback*, em que cada um dos personagens conta algo de seu passado. Lívia, como sempre, conta mais de sua vida, revelando os motivos de sua decepção amorosa; algo entre o ingênuo e a idealização. As decepções da jovem com o casamento são da ordem de seu romantismo, de sua crença em um amor ardente e profundo, enquanto o marido era alguém mais calmo e disposto a cumprir suas obrigações conjugais. A confissão de Lívia é, praticamente, um pedido de desculpas a Félix por ter amado outro homem antes.

É óbvio que desconfiada com as atitudes do noivo, Lívia receia que ele não a entenda e nisto está correta. Confessar-se ao homem que nutre uma desconfiança contínua é como se entregar nas mãos de seu algoz. Ainda assim, o médico se sente ofendido quando a viúva diz não acreditar que ele esteja preparado para entendê-la: “– Não acreditas que eu possa compreender-te melhor que os outros? perguntou finalmente o médico. – Talvez não. Félix fez um gesto de despeito” (Assis, 1962, p. 152). Como este homem, depois de tudo que fez Lívia sofrer ainda tem coragem de se sentir despeitado? Lívia sabe os riscos que está correndo, ela mesmo percebeu que o amor de seu parceiro era melindroso e que havia muita imaginação ruim na cabeça.

Na comparação entre os dois caracteres como propõe o autor, Lívia pode ser entendida como a personagem ingênua, apaixonada, crente no poder que amor teria para transformar o médico em um bom homem. Ela era verdadeira, honesta e fiel, enquanto Félix é odioso, desconfiado, cheio de ira, misógino e mal-intencionado. Assim como Helen Caldwell afirma que Bento Santiago é

Iago de si mesmo, Félix não precisa do Dr. Batista para desconfiar de Livia e ele elabora sozinho as situações em que se vê traído. Ambos são misóginos e alimentam um ódio profundo por suas companheiras, querendo tirar delas toda a dignidade. Félix é ainda pior, pois apenas com a promessa de casamento conseguiu tirar Livia da vida social, sem deixar testemunhas do sofrimento que impunha à moça. Ela sofre sozinha e sem ninguém que possa ajudá-la a se livrar deste homem. Nem com o irmão ela pode contar, uma vez que ele vê com bons olhos a entrada de Félix para a família.

Livia, após confessar-se a esse homem horrível, acreditando que assim o atrairia para mais perto de si, deixa que Félix comece a desfiar o fio de suas lamentações, justificando o seu ciúme e sua desconfiança:

Sim, perdi muito mais. Abraçar um cadáver, que é isso para quem já abraçou uma serpente? Tu perdeste apenas alguns anos de amor mal compreendido; não perdeste um bem precioso, que o tempo me levou: a confiança. Podes hoje ser feliz do mesmo modo que o querias ser então; basta que te ame alguém. Eu não, minha querida Livia, falta-me a primeira condição da paz anterior: eu não creio na sinceridade dos outros (Assis, 1962, p. 153).

Ao que dá a entender, Félix foi traído no passado, abraçou uma serpente, transformando-se num defeito da natureza: um homem incapaz de acreditar em outras mulheres e no amor que queiram lhe dedicar. Essa justificativa é o suficiente para o leitor ter pena do protagonista? Ele está autorizado agora a infligir todo tipo de sofrimento a outras mulheres, usando-as apenas para seus prazeres? Quantas mulheres foram traídas por seus maridos na sociedade brasileira do século XIX, e até mesmo acolheram em suas casas os filhos desses relacionamentos extraconjugais? Nem por isso se tornaram pessoas desprezíveis. O acumpliciamento do narrador machadiano com seu personagem é totalmente ambíguo, afinal, Machado denuncia um sistema extremamente misógino com as mulheres, ou vê como natural o comportamento de homens como Félix? Esta é uma questão para ficar ao leitor. Afinal,

o comportamento do herói é um reflexo de toda uma sociedade acostumada a entregar aos homens tudo que desejam. E a classe senhorial não tem limites quanto aos seus caprichos, pois é um grupo de solidariedade masculina no exercício do poder. A submissão de Livia a Félix é um retrato de uma sociedade escravista, na qual os escravizados e as mulheres são vistos como propriedade. Nem os negros, nem as mulheres estão sendo considerados na construção do país, ambos são explorados e usados por esses senhores, que dispõem deles como querem. É neste sentido que a estrutura escravista se repete em outras camadas da sociedade, onde estão aqueles despossuídos de força, como é o caso das mulheres, vistas como moeda de troca nos casamentos ou como diversão para esses homens ociosos. A mulher não é considerada como um elemento realmente importante da sociedade. Assim como os negros, as mulheres são vistas como sensuais, pérfidas, sedutoras, prontas para enganar os homens. Aqueles o fazem para se vingar de seus senhores, que lhes impõem todo tipo de sofrimento e humilhação e estas enganam por costume, por prática natural de suas personalidades. Félix, inclusive, acha que há no amor de Livia certa entrega por costume. O fato é que negros e mulheres são vistos com desconfiança por esses homens da alta sociedade fluminense.

Livia não tem escapatória, ela é observada constantemente pelo noivo, que realmente age como um felino que a espreita, pronto para dar o bote, querendo surpreendê-la em uma falta, um olhar diferente, um suspiro que a denuncie aos seus olhos. O médico deixa que ela fale para ver se há alguma contradição, algum passo errado no passado que, enfim, dê a ele a confirmação de que se envolveu com uma mulher adúltera. A confissão do mau passo não vem e, então, ele começa a narrar uma história triste de traição, que tirou dele a confiança. Ele sempre há de ser esse homem desconfiado, buscando nos detalhes a traição que ele suspeita vir de todas as mulheres, inclusive de Livia, que se desdobra em dar todas as provas de amor possível.

A conversa entre o casal é longa e à meia voz, para que Viana ou algum empregado da casa não ouvisse as confissões. A am-

biguidade dessa narrativa é toda do narrador, porque ora está ao lado de seu protagonista, ora o denuncia e alerta o leitor de que a viúva está caindo nas armadilhas do médico. Vejamos o fragmento abaixo que, como sempre, revela mais do que o rapaz realmente narra à sua noiva:

Félix continuou a narração por este mesmo tom elegíaco e triste. Foi longa e fiel. Se a viúva não o escutasse só com o coração, poderia perceber alguma coisa mais que o ressentimento e amargura. Félix não era virtualmente mau; tinha, porém, um cepticismo desdenhoso ou hipócrita, segundo a ocasião. Não perceberia só isso; veria também que a natureza fôra um tanto cúmplice na transformação moral do médico. A desconfiança dos sentimentos e das pessoas não provinha só das decepções que encontrara; tinha também raízes na mobilidade do espírito e na debilidade do coração. A energia dele era ato de vontade, não qualidade nativa, ele era mais que tudo fraco e volúvel (Assis, 1962, p. 154).

Se a narrativa é fiel, os sentimentos estão longe de serem totalmente verdadeiros. Onde parece haver apenas ressentimentos e amargura há algo encoberto que o amor de Lívia não lhe permite enxergar. O médico não é totalmente sincero em suas declarações. Talvez, ainda ame a mulher que o traiu e, por isso, seja tão cruel com a viúva, transferindo para ela o ódio que diz carregar por aquela que o dominou como uma serpente. O prejuízo é todo de Lívia que, depositando sua confiança na força do amor, acreditou ter condições para resgatar o noivo do labirinto escuro que é seu coração. Fica nítido para nós, que Félix é uma mente perturbada, facilmente influenciável pelo ambiente em que vive. Essa explicação poderia redimir o herói aos olhos do leitor, no entanto, temos de pensar que seu comportamento é o da maioria dos homens, um padrão de conduta, não uma doença, e é fruto de um contexto histórico que sempre colocou as mulheres como as vilãs, as bruxas, as loucas, as adúlteras. Explicar como uma espécie de doença as atitudes de Félix é dar as mãos a este homem, que se acostumou a explorar as mulheres apenas para seu prazer, quando não as faz sofrer psicologicamente, impondo-lhes todo tipo de prova

de fidelidade. Lívia é uma vítima nas mãos de Félix, e temos de evitar inverter a questão, vendo nele um homem doente.

Félix coloca sobre Lívia todo o peso e a responsabilidade de reabilitar seu coração, dizendo que a viúva ainda não fizera a obra completa, era preciso constância, uma entrega total para que se livrasse da desconfiança. É necessário que ela prove esse amor todos os dias para lhe acalmar a mente. O médico nitidamente transfere seus problemas para a noiva, cabendo a ela entender tudo, somente assim poderão viver o amor sem perturbações. As neuras de Félix o tornam tão melindroso que nem o irmão de Lívia sabe dos planos do casamento. Com a viúva ele se abre, dando a impressão de mostrar-se plenamente, mas há uma face oculta, “a maldição de Jano”; esse homem de duas faces que não é digno de confiança.

Quando tudo parece mais calmo para o casal, surge uma nova situação na história: Raquel vai convalescer na casa de Lívia e Meneses, aquele rapaz inexperiente nas relações com as mulheres, começa a frequentar a casa. A princípio, tudo normal e sem grandes sobressaltos. Lívia, como sempre, é muito educada com todos e o recebe muito bem, dando-lhe atenção, o que é suficiente para que o rapaz se encontre apaixonado por ela. Isso acontece, em boa parte porque Meneses, sem suspeitar do noivado de Félix com Lívia, acredita ter o caminho aberto para, enfim, viver uma bela história de amor.

Há uma espécie de “efeito quadrilha” nesse momento: Meneses ama Lívia, que ama Félix, que é amado por Raquel, que vai acabar se casando com Meneses ao final do romance. Só o médico não ama ninguém, mas é amado por duas mulheres. É importante ao leitor não confundir o sentimento de posse de Félix com amor. Ele é um sujeito indiferente aos amores, desconfia de todos, principalmente das mulheres, e é capaz até mesmo de incentivar que Meneses vá adiante em suas investidas com Lívia para testá-la.

A descoberta não é tão pacífica assim, antes ele sofre com a ideia de poder ser traído e é como se ele quisesse ser traído para provar sua teoria a respeito das mulheres. O capítulo se intitula

“Um ponto negro” justamente porque a paz entre o casal será novamente abalada. Esse capítulo tem o germe daqueles grandes lances narrativos da prosa machadiana mais madura. Acreditamos que *Ressurreição*, embora seja o primeiro romance de Machado de Assis, é um verdadeiro laboratório para outros personagens dos contos e dos romances da segunda fase. Há em Félix indícios do que virá a ser o personagem Fortunato de “A causa secreta”. Como sempre, o segundo personagem é mais complexo do que o primeiro, mas, se olhado em sentido retrospectivo, poderemos, com um pouco de boa vontade, ver Félix como seu ancestral. Vejamos como se revela ao médico a paixão que Meneses nutria por Lúvia. A citação é longa, mas necessária:

Félix percebeu, enfim, o que se passava no coração do amigo. Sua primeira impressão foi de cólera, não porque duvidasse logo da moça, mas por isso mesmo que outro homem se atrevia a amá-la. E não havia perigo em tal situação? A simples pergunta era suficiente para dar largas ao espírito de Félix. Veio imediatamente a idéia de que à moça não fosse desagradável o amor de Meneses. A vaidade, primeiro, depois o hábito, enfim a curiosidade do coração, os levariam um para o outro. Talvez os houvessem levado já.

Aconteceu uma vez que, falando dela, a fisionomia de Meneses, de risonha que estava, se tornasse subitamente séria. Félix era mais hábil que ele, não lhe foi difícil sondar-lhe o coração. O amigo contou-lhe tudo, com o fervor que lhe era próprio, e a singeleza de um homem ainda pouco conversado nas coisas do mundo. O médico escutou-o com sofreguidão, mas aparentemente quieto.

– E esperanças? disse ele.

– Poucas ou muitas; não sei bem o que seja. Há ocasiões em que tudo se me afigura fácil e decisivo; outras vezes desanimo e descreio de mim mesmo. Ela é afável comigo, mas também o é contigo e com os mais. Adivinharia já alguma coisa? Quero crer que sim, e visto que se não agasta, é bom sinal, penso eu. O pior de tudo é que eu me não atrevo a dizer-lhe o que sinto.

Uma só palavra bastava ao médico para arredar do seu caminho aquele rival nascente; Félix repeliu essa idéia, metade por cálculo, metade por orgulho, – mal-entendido orgulho, mas natural dele. O cálculo era coisa pior; era uma cilada, – experiência, dizia ele; – era pôr em frente uma da outra, duas almas

que lhe pareciam, por assim dizer, consanguíneas, tentá-las a ambas, aquilatar assim a constância e a sinceridade de Livia (Assis, 1962, p. 157-158).

Félix é um homem calculista, não há espaço nele para grandes cóleras, que o façam explodir em violências físicas. Ele vive o ódio internamente, guardando para si o melhor momento de agir, portanto, a primeira impressão foi a cólera, pois viu que outro homem poderia amar sua noiva, talvez algo que não lhe coubesse na imaginação, uma vez que via em Livia uma mulher para viver uma aventura e, talvez, acreditasse que todo homem pensasse assim pelo fato de ela ser viúva. O engano de seus cálculos mexe com seus sentimentos. A mente do médico, que é imaginativa, cria todas as fantasias possíveis de um amor entre Meneses e Livia, talvez até mesmo já o tenham traído e só agora ficou sabendo pela confissão do amigo. É preciso ressaltar que essa situação só acontece porque Félix esconde de todos o relacionamento com a viúva; até esse momento, ele não havia assumido publicamente o namoro e muito menos o noivado.

Em vez de brigar com o amigo ou lhe explicar a situação, o protagonista resolver sondar-lhe o coração, saber se foi correspondido, se a viúva lhe deu esperanças, e o jovem foi confessando tudo: as afabilidades da viúva, as atenções, que, no final das contas, são distribuídas entre todos os visitantes. Meneses têm dúvidas e sofre calado seu amor, sem ter coragem de se declarar à Livia. Há uma espécie de prazer em Félix por saber que o amigo sofre por amor e que essa alma ingênua, como ele previra no início do romance, se entregaria à primeira mulher que lhe desse atenção. E Félix tem razão. Ao começar frequentar a casa de Livia, por terem as almas parecidas, não levou muito tempo para que Meneses se apaixonasse pela moça e, ao contrário do médico, ele teria vivido feliz esse amor, sem se atormentar com desconfiças a sua amada.

Félix poderia ter esclarecido a situação, contado ao rapaz seu noivado com Livia, mas optou por espreitar, ficar premeditadamente em silêncio. O cálculo o levou a pensar em uma forma de tentar Livia e Meneses, ver até onde a paixão poderia levá-los. Em

vez de resolver o imbróglio, Félix resolve sondar a situação. Tudo nele é desconfiança e daria a vida para provar que suas ideias sobre Lívia estavam corretas, de que ela era uma adúltera, uma mulher fácil que se entregaria ao primeiro homem que lhe fizesse a corte. A essa altura das revelações, Félix estava sofrendo novamente com suas fantasias, queimando na fogueira que ele mesmo acendeu, pois sofria pela fantasia de sua mente mais do que pela realidade e, portanto, resolve sofrer, alimentar uma traição que lhe puna a alma. Algo que temos de nos perguntar, mesmo sem ter a resposta, é se Félix sentia prazer nesses jogos. Ele se alimentava das fantasias da traição? Provavelmente, sim e, desse modo, em vez de recriminar o amigo ou lhe contar tudo, abre um sorriso, animando-o a investir na viúva e, se não o faz com palavras, sua face é tão alegre que reacende em Meneses as esperanças de obter da moça um parecer favorável para sua paixão.

É inevitável não pensar na cena final do conto “A causa secreta”, quando Fortunato descobre que o amigo ama sua esposa que acabou de falecer:

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços. Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa (Assis, 1962, p. 519).

Fortunato presencia a cena em que o amigo beija a testa da defunta. A primeira ideia que lhe vem à mente é que o beijo seria

o epílogo de uma relação adúltera. E, dessa maneira, ele descobre, ao final da vida da companheira, que fora traído, enganado pela esposa e pelo melhor amigo. O personagem vai passando por uma gradação de sentimentos, primeiro o assombro, a vaidade, o ressentimento, não era o ciúme que o mordida, diferentemente de Félix, mas outros sentimentos pouco nobres de posse e do orgulho masculino que ele vê feridos, porque Fortunato tem prazer no sofrimento alheio e, em vez de brigar com o amigo e pedir satisfações, ele apenas saboreia sua longa explosão de sofrimento, “que foi longa, deliciosamente longa”.

Félix e Fortunato também são personagens semelhantes. O médico parece ter um prazer secreto em fazer Livia sofrer, em ver brotar-lhe dos olhos as lágrimas pela ofensa dos ciúmes. De certo modo, também se delicia com o sofrimento do amigo ao saber da paixão não correspondida, porém, Félix, diferentemente de Fortunato, tem prazer em sofrer, em alimentar desconfianças e cria em sua mente uma traição fantasiosa. Ambos os personagens são doentios, têm a psique perturbada e se alimentam da dor que podem causar nas pessoas que lhes são próximas. Fortunato é um personagem mais complexo, em que o grau de sadismo vai ao extremo, fazendo-o estripar animais e queimar as patas do rato na cena clássica do conto. Félix é mais polido, sua violência é de outra ordem, vem de sua posição de poder e do mando que perde ao conhecer Livia e duvidar de que o amor que ela lhe tem é a única razão para estar com ele. Félix precisa sofrer e causar sofrimento à sua noiva, ao ponto de incentivar o amigo a se relacionar com ela para dar fundamento à sua eterna suspeita.

Os homens de *Ressurreição*

O romance *Ressurreição* traz alguns personagens masculinos com atitudes típicas dos homens, em um contexto machista e misógino. Até o inocente Meneses tem algumas características desse perfil. Como a viúva lhe dava atenção, recebendo-o bem em casa e lhe sendo gentil, confundiu, como mostramos acima, as gentilezas com uma possível abertura para um amor e confessou ao amigo que estava apaixonado, embora tivesse dúvidas sobre Lívia porque ela era agradável com todos, inclusive com o médico, que lhe ocultou o fato de ser o noivo da moça. Incentivado por suas fantasias, Meneses procura a viúva e abre o coração, revelando-lhe a esperança de vir a ser seu namorado.

A viúva desfaz o mal-entendido, mas Meneses tem dificuldades em aceitar que ela não o amasse:

Que me não pode dar! repetiu Meneses apegando-se ainda a uma esperança fugitiva; e se eu esperar que algum dia soe a hora da felicidade que me nega? Nada depende de nós; os próprios movimentos do coração parecem nascer de mil circunstâncias fortuitas, se é que não rege uma lei misteriosa, e essa... Quem sabe? um dia, talvez, – ousou crê-lo – um dia sentirá a simpatia que lhe inspiro e se transforma, e... (Assis, 1962, p. 158).

É curioso, no fragmento, como Meneses tenta dissuadir Lívia a respeito de sua negativa. Faz um discurso enrolado, cheio de reticências, apegando-se a esperanças, parece falar consigo mesmo sobre a felicidade que ela poderia lhe dar e nega. Notamos, no episódio, como é difícil a um homem ser rejeitado. Até mesmo Félix, no início do romance, receou se aproximar de Lívia e ser tratado como um súdito por ela, que simplesmente se aproveitaria de sua admiração.

Além disso, Machado de Assis, mesmo quando não foca nas mulheres, tem por costume criar excelentes personagens femininas, mulheres decididas, fortes, que têm certeza de seus amores, sem criar jogos ou situações para ocultar suas decisões. Lívia, Guiomar, Helena, Estela, Virgília, Capitu, Sofia conformam uma galeria de mulheres que não baixam a cabeça para os homens. Elas até sofrem as consequências dessa atitude, mas estão longe de ser aquele modelo romântico alencariano, de mulheres submissas e virginais, que esperam por um homem que venha lhes resgatar e levá-las ao altar. Essa altivez das personagens desestabiliza os homens e mostra uma sociedade em movimento que, timidamente, começa a mudar, com as mulheres agindo sem encenar a donzela em perigo.

Ao contrário das mulheres, os homens machadianos são problemáticos, fracos, na maioria das vezes, inseguros de suas masculinidades, que começam a ser questionadas por essas personagens dispostas a conquistar o mundo e escolher os seus parceiros. Claro, como é o caso de Lívia, nem sempre essa atitude agrada aos homens e ela sofre nas mãos do noivo, que retribui a liberalidade da moça com desconfianças e ciúmes, certo de que pode ser traído a qualquer momento.

Voltemos a Meneses, que continua na sala de Lívia, informado com a negativa: “Meneses não estava para estas averiguações teóricas; e até duvidoso que prestasse atenção às últimas palavras da viúva. O quimérico edifício que tão laboriosamente construía via-o ele desfazer-se em fumo, e esta só impressão o dominava agora” (Assis, 1962, p. 159). O moço ficou em silêncio, vexado, vendo a viúva como um bem que perdia. A moça foi polida na forma de rejeitá-lo, quase como se tivesse pena do rapaz, oferecendo-lhe, por fim, a amizade, nada mais, no entanto, teve de saber como lidar com a situação inconveniente, acalmando a alma do jovem, que parecia desconsolado. Lembremos algo que já repisamos algumas vezes neste ensaio: Lívia é viúva e tem um filho. Não cabe na cabeça dos homens que ela possa, simplesmente, negar-lhes a mão que se estende, mas, ela tem posses e, longe de estar desesperada por um casamento com qualquer um, sabe

bem quem ocupa um lugar no seu coração. A situação é mais incompreensível ainda aos olhos de Meneses, porque ele desconhece o noivado entre Livia e Félix e, sem uma explicação plausível para a recusa, tem dificuldades em aceitar que a viúva não o queira para um relacionamento sério. Em um mercado casamenteiro, no qual as mulheres não têm o direito de escolha, a altivez de Livia chega a soar quase desrespeitosa a um homem, por melhor que ele seja.

Como sabemos, Meneses é o oposto de Félix, sendo capaz de amar verdadeiramente, sem as desconfianças inerentes a seu amigo, porém, é homem e está acostumado a que as mulheres estejam disponíveis para ele, usando de práticas semelhantes às do médico, ao se relacionar com jovens em condições de fragilidade financeira. Se Livia é alvo dos olhares por sua beleza e juventude, também é vítima desses homens que veem em suas gentilezas uma espécie de permissividade para seus desejos de conquista e posse.

Livia é alvo de críticas até do narrador que a condena pelo fato de receber Meneses em sua casa, desdobrando-se em amabilidades com o rapaz, como uma forma de consolá-lo da desilusão amorosa. Para piorar sua situação, o noivo assume uma postura dissimulada, quase como a incentivar a noiva a algo mais com o jovem pretendente. A viúva está cercada por todos os lados e só resta a ela sofrer nas mãos do inimigo que acolhe como o homem amado:

Às missionárias daquela espécie, se as há, desejo-lhes maior perspicácia ou mais feliz estrela. Nem a estrela nem a perspicácia da nossa heroína estavam acima do seu coração. O sentimento que a impelia era bom; o procedimento é que era errado. Ela não atentava nisso. Interrogava o rosto do médico, mais confiante e alegre que nunca, e só isto lhe bastava a seus olhos. Fossem eles menos namorados, e veriam que a tranquilidade de Félix era tão exagerada e fora dele, que não podia ser sincera (Assis, 1962, p. 159).

Talvez a viúva estivesse agindo errado por causa do noivo em quem não podia confiar. O narrador a critica por sua ingenuidade em acreditar na mudança do médico, que se mostra risonho, seguro e tranquilo. Ele é um dissimulado e esconde suas verdadei-

ras razões. Cercada por dois homens enamorados, Lívია está em total desamparo. Meneses acredita que o amigo o incentiva; Félix finge ser um bom moço ocultando sua ira –, só a moça está sozinha e correndo perigo. Como sabemos, em pouco tempo Félix explodirá e acusará a noiva de infidelidade, submetendo-a a mais sofrimentos e humilhações. O médico é um homem perturbado, quase um louco, porque, sabendo das intenções do rapaz com sua noiva, não o dissuadiu da empreitada. Ele espera que alguém faça a denúncia de algo que jamais aconteceu. Nesse momento, entra em cena Raquel que insinua sua suspeita ao médico e, enfim, ele encontra a desculpa que precisava para fazer sua noiva sofrer. Ele não suspeita sozinho, Raquel também é da mesma opinião, mas, isso é loucura, porque o médico alimentou a situação e nada ali era surpresa. Em vez de informar que sabia da paixão do amigo por Lívია, ele começa a atacá-la de todas as maneiras.

Félix parece um sujeito delirante. Ao ouvir a suspeita de Raquel, ele volta a ser agressivo, irônico e a fazer desfeitas para Lívია. “O que lhe disse então foi o transunto das cartas que lhe escrevera. Grosseiro, irônico, incoerente, tudo isso foi nas palavras com que fulminou a pobre senhora” (Assis, 1962, p. 160). A cada nova suspeita, o médico se retira da casa de Lívია e começa a torturá-la com cartas frias, ríspidas e chocarreiras. A essa altura da narrativa, o casal já é vizinho, podendo um ver o outro pela janela de ambas as casas. É sempre a mesma encenação: o médico se faz de vítima, torna-se cruel e violento. Falo aqui de uma violência psicológica, porque ele massacra a viúva com todas as palavras negativas que consegue tirar de seu vocabulário. Ela, como sempre, acredita na força do amor, sem poder fazer muito, na verdade, porque quando seu noivo entra nessas crises, a primeira atitude é romper o noivado, fazendo-a sofrer. Há em Félix um prazer permanente em causar sofrimento a essa mulher. Limitar-nos a aceitar que Machado de Assis quis fazer um ensaio, provando que a desconfiança pode pôr a perder a felicidade de alguém, por medo de ser feliz, é ignorar a violência masculina de que está carregada a narrativa.

Lívia é uma vítima nas mãos de Félix e, provavelmente, outras mulheres viviam situações análogas, no mesmo período em que Machado escreveu o romance. Com certeza, ele se inspirou em eventos que presenciava na sociedade. O escritor sempre foi um excelente observador das relações interpessoais da sociedade brasileira, o que faz do romance um importante documento para pensarmos como se davam as ligações entre homens e mulheres, nos anos de 1870 no Brasil.

Falamos de dois homens mais detidamente nesta seção, mas, trazemos à cena outra personagem conhecido do leitor: Moreirinha, o rapaz que começou a namorar Cecília, a moça que fora um caso de Félix ao início da narrativa. Ao que parece, o jovem surge para provar que existe um certo tipo de mulher a quem os homens devem temer, como se, de certo modo, o narrador quisesse dar fundamentos às reservas de Félix com o gênero feminino. Moreirinha é um homem imprudente que caiu nas garras de uma aproveitadora, sendo subjugado por ela, passando a viver para atender aos caprichos de Cecília, que se tornou uma tirana:

É verdade: é o meu mau anjo. Lembra-se dos elogios que lhe fiz dela? Eram sinceros, e eram também justos naquele tempo. Até então não havia encontrado docilidade igual. Não sou pigas, sabe; mas gosto de um episódio assim. Não sei que lhe fizeram à boa rapariga, que de todo mudou e veio a ser um verdadeiro diabo. Aquelas cadeias tão leves que nos prendiam um ao outro, e que eu chamava cadeias de rosas, tornaram-se de ferro pesado. Quero fugir-lhe e não posso; tenho tentado tudo para escapar-lhe, mas em vão. Escondendo-me em casa, na casa dos amigos, nos hotéis; onde quer que esteja lá irá buscar-me, e então Deus sabe o que sofro. Hoje lembrou-me vir passar aqui o resto do dia e a noite com o senhor; estou certo de que não dará comigo (Assis, 1962, p. 161).

Moreirinha estava totalmente preso à Cecília, inclusive, o motivo de ele estar na casa de Félix era uma fuga que empreendeu para escapar da namorada. Ele empobreceu e usava roupas gastas, o que o médico logo percebeu ao analisar mais detidamente o amigo que lhe pedia asilo. A situação distraiu Félix de suas amarguras

e ciúmes. Percebe-se nesse episódio que há uma espécie de cumplidade masculina em *Ressurreição*; os homens se apoiam, contam seus segredos, fazem confissões de amor entre si, antes mesmo de informar suas amadas. Félix é um homem mais reservado, que esconde seus sentimentos e reais intenções com Lívia. É um homem frio e só perde a linha quando o assunto é ter ciúmes e desconfianças, mesmo assim evita se abrir com outros homens, pois poderia ser visto como sinal de fraqueza em um homem que, para o bem ou mal, é uma espécie de modelo para outros rapazes na lida do amor das mulheres.

Félix é um analista das situações entre namorados, principalmente dos amores alheios, logo, acha em Moreirinha a culpa na transformação de Cecília que de “rôla fizera-se gavião”. Esses episódios intercalados, aparentemente, não têm relação com a história principal, no entanto, servem para dar vazão ao pensamento do médico. Esses exemplos o fazem crer que sempre esteve correto sobre o que pensa das mulheres. Por que Lívia seria diferente? Corria ele o risco de virar a “rôla” da história, assim como seu amigo. O episódio de Moreirinha e Cecília mostra ao leitor que as desconfianças de Félix podem ter fundamento. Nada se perde nesse romance que aparenta trazer uma narrativa simples, mas esconde, em seus detalhes, todos os argumentos que podem fundamentar as desconfianças do protagonista. Tudo é uma espécie de lição moral que vai solidificando no médico seu comportamento esquivo quando o assunto é viver uma história de amor. Além disso, ele tem medo do ridículo, da exposição pública ao namorar uma viúva, e acabar sendo traído por ela ou passar pelo que o amigo estava enfrentando com Cecília:

Não era preciso grande perspicácia para compreender que aquilo tudo era obra de Cecília. Nem ficaria longe da verossimilhança quem afixasse que Moreirinha estava eternamente condenado ao capricho daquela mulher. Não tinha decerto o rapaz com que lhe satisfazer todas as vaidades e necessidades; ela incumbia-se de abrir outras verbas no orçamento da receita, mediante um bem combinado sistema de impostos (Assis, 1962, p. 162).

A imagem de Moreirinha funciona como uma espécie de profecia sobre o que poderia se tornar Félix. Lembremo-nos de que o caráter do médico é fantasioso e cria todo tipo de histórias na cabeça. Ele tem medo de viver também sob os caprichos de Lívia, de ser dominado, de perder sua posição de “cabeça” da relação e de homem dominador, passando a ser explorado por sua parceira. Félix mesmo fala pouco, ele é denunciado pelo narrador, que tece comentários sobre sua personalidade doentia. O romance tem uma estrutura fechada. Lívia, e não Félix, está condenada, desde o início da narrativa a sofrer, a ser infeliz, a não casar. Devemos ter cuidado em comprar a imagem do protagonista como uma presa do destino, um homem fadado às desilusões, um títere nas mãos do narrador, que só quer provar ao leitor o mote shakespeariano do: “Our doubts are traitors,/ And make us lose the good we oft might win/ By fearing to attempt” (Assis, 1962, p. 114), pedindo que o leitor leia o romance com o coração nas mãos. Atitude um pouco estranha para os objetivos de Machado de Assis, que nunca negou o intento de mudar os hábitos de leitura romântica de seus possíveis leitores. O único personagem que não deve ser digno de pena é Félix, pois ele antecipa o cinismo de Bentinho em muitos aspectos. Ambos, depois de exporem suas companheiras às frequentes crises de ciúmes, têm por costume comer bem e dormir tranquilos. O narrador até tenta convencer o leitor de que o seu personagem sofre:

Seu primeiro impulso foi ir ter com Lívia; desistiu dele e preferiu escrever-lhe uma carta. Três vezes a começou sem lograr chegar ao fim. Vacilava entre ser afetuoso ou severo; num caso lembrava-lhe a perfídia possível, noutro, a provável inocência; temia ser injusto ou ridículo. Como todos os caracteres indecisos, não achou mais recurso que uma inútil desesperação (Assis, 1962, p. 163).

Fica patente que Félix é um ser contraditório e machista ao extremo. Esperou receber uma carta com o pedido de desculpas de Lívia, em mais uma atitude de humilhação da moça, para tirar a prova de seu amor. O médico tenta escrever uma carta e não

consegue. Quer ser afetuoso e severo, como se estivesse punindo-a por sua possível perfídia. Às vezes, ele acredita que a noiva é inocente, mas o temor de ser ridículo o vence e cai em uma espécie de desespero, que sabemos apenas por que o narrador nos confidencia esse estado de espírito, e nem Moreirinha, que está com ele, na casa suspeita que o amigo possa ter algum sofrimento.

Há uma espécie de prazer sádico no narrador em fazer Lívia passar por sofrimento. O médico não responde, deixa a carta no vazio e, mais uma vez humilhada, Lívia fica em silêncio, cada dia adoecendo mais nas mãos do noivo. Lívia “sentia o desprezo do homem por quem tantas lágrimas chorara naquele dia” (Assis, 1962, p. 163). Ainda assim, estava disposta a perdoá-lo se ele aparecesse, mas o médico não vai até sua casa. Impera ao final do episódio a figura masculina, causadora da dor e da humilhação de Lívia.

É interessante ver como o narrador tentou nos dar a figura de três homens que sofrem por causa das mulheres. Meneses teve suas intenções de amor negadas por Lívia, Félix sofre com a possível traição dela com seu amigo e pupilo espiritual, e Moreirinha está empobrecido pelos gastos de sua nova namorada, chegando a fugir de sua presença, por ser um fraco diante dela. Deveríamos ter pena desses três homens, dos quais dois giram em torno da figura de Félix? A narrativa está cheia de armadilhas para o leitor. Se este se convence da perfídia das mulheres, tratará esses homens, infantilizados pela sociedade, como vítimas delas quando, na verdade, são modelos de um tipo de homem vazio e ocioso, que grassava pelas ruas do Rio de Janeiro. O narrador, talvez, conte com a condescendência dos leitores, acostumados a comprar o discurso masculino, uma vez que estamos em uma sociedade dominada por homens. Uma narrativa sobre as mulheres contada pela ótica dos homens sempre será incompleta e inadequada, portanto, cabe ao leitor desconfiar dessas respeitáveis figuras masculinas.

Duas mulheres e um homem

O ritmo da narrativa acelera e temos uma sucessão de acontecimentos que levarão Lívia de volta aos braços do médico. Ele está arrependido de tê-la maltratado, aguardando o momento propício para voltar à sua casa e receber o perdão. O aniversário de Viana é a justificativa que precisa para colocar tudo em ordem. Como sempre, Félix é melindroso, e a simples lembrança da denúncia de Raquel faz com que ele volte a ter raiva de Lívia, e passa a festa inteira esquivando-se dela, fingindo naturalidade diante dos convivas.

No episódio em análise, o pequeno Luís surge em cena brincando com Félix, meio ao modo de o que será o pequeno Brás Cubas, mas ainda aureolado de inocência esse *enfant terrible*, como o chama o narrador. Ele faz a pergunta que todos na sala gostariam de fazer, mas não têm coragem de verbalizar: “Por que o senhor não se casa com mamãe?” (Assis, 1962, p. 165). A pergunta gera constrangimento em todos, servindo de elemento revelador da paixão de Lívia pelo médico. A jovem Raquel, que também ama Félix, descobre, então, o que o par amoroso tanto esconde da sociedade: eles têm um relacionamento ou, pelo menos, ela suspeita que tenham algo que os envolve amorosamente.

A partir daí a história se desenrola e o que temos é um pequeno embate entre duas mulheres apaixonadas por Félix, na verdade, mais a revelação dos destemperos de Lívia do que qualquer outra reação de Raquel, que tem descoberta sua paixão pelo médico. Lívia se exaspera diante de tal notícia e quase agride a menina. “Pairou nos lábios da viúva um sorriso sarcástico. Raquel repetiu ainda muitas vezes a palavra perdão; mas a única resposta de sua rival foi pegar-lhe pelo braço e indicar-lhe a porta” (Assis, 1962, p. 166). Digamos que a cena é pouco digna das mulheres,

mas é criada por um homem, o que pode justificar essa versão dos fatos. Os homens, no romance, jamais entram em embate pelas mulheres que cortejam, mas as jovens passam por um momento de tensão. Vemos, assim, os homens sempre sóbrios ou disfarçando seus sentimentos, enquanto as mulheres são narradas como intensas, acaloradas, quando se está em jogo um pretendente. Tudo estaria dentro da normalidade se essa visão viesse de uma mulher, porém, é um mundo narrado pelos homens, que contam histórias sobre as mulheres, havendo uma estereotipação do comportamento feminino, enquanto os “chiliques” de Félix são naturalizados, e até explicados longamente pelo narrador.

Raquel, no entanto, nunca será uma rival verdadeira. Ela, que serviu para dar concretude às fantasias de traição do médico, também será uma espécie de anjo conciliador, uma espécie de *deus ex machina*, que desfará o nó que impedia Félix de voltar à casa da Livia, para, enfim, assumir publicamente o noivado com ela.

Antes, o narrador ainda tem tempo para alimentar a vaidade e o ego de Félix, que também é alvo do amor de Raquel, uma menina virgem, que está na transição para ser uma mulher:

Por mais isento que seja o espírito de um homem, é raro que o não lisonjeie uma afeição assim, medrosa e silenciosa, nascida e vivida na soledade da alma. Félix sentiu primeiro essa impressão de egoísmo. Veio depois outro sentimento melhor, – o de uma respeitosa admiração. Seu pensamento entrou a conjecturar a data daquele singular amor; à proporção que se internava nos dias do passado, ia combinando uma série de episódios esparsos, aparentemente vagos, agora significativos e eloquentes. Não era recente a afeição dela; era talvez anterior à sua enfermidade (Assis, 1962, p. 171).

Félix é um homem de trinta e seis anos, ainda zeloso de seus dotes masculinos e, claro que se envaideceu ao saber que era desejado por uma jovem que mal estreava na vida. No universo masculino são os homens que têm o direito à escolha; a paixão de Raquel coloca para ele a opção de deixar Livia por uma pretendente melhor. Para sorte da menina, o médico opta por voltar à viúva, e continuar martirizando-a com seu amor possessivo e desconfiado.

Ao menos, o narrador legou melhor sorte para a filha do coronel. Uma mulher sofrendo nas mãos de Félix já é o bastante. Resta a nós imaginarmos como seria o relacionamento entre o médico e Raquel. Imporia ele os mesmos sofrimentos que inflige a Lívía? Isso poderia nos dar um personagem mais interessante e confirmar ainda mais nossa suspeita de o médico ser um homem misógino.

Ao contrário de Lívía, Raquel teria um capital maior para o mercado das conquistas, caso quisesse disputar realmente o amor do médico. A menina, no entanto, resolve se sacrificar pela amiga e deixar o caminho aberto para a união do casal. O bilhete que ela entrega a Félix, revelando que Lívía o ama, que nada mais importa à viúva, redime Lívía aos olhos do noivo. A menina é um anjo bom que traz paz ao coração do protagonista e alívio para a alma de Lívía. Depois de cumprir seu papel na narrativa ela se retira para a casa dos pais, deixando o caminho livre para a amiga que, com sua fé incansável no amor, ainda dá crédito ao noivo.

O romance é planejado para que Lívía sofra nas mãos de Félix, como uma espécie de punição por não ter guardado a viuvez e ousado querer um novo casamento. Talvez isso justifique a personagem suportar tantos desgostos que o médico lhe proporciona, porque ela se apegue a qualquer esperança para viver esse amor. Lívía nunca teve dúvidas de seu sentimento, todas as desconfianças partem do noivo, que, incapaz de confiar, tem um prazer enorme em fazer sofrer a mulher que o ama.

Não antecipemos os fatos. Lívía ainda teve uns poucos dias de paz e sonho. Félix parecia mudado e resolveu pedir a mão de Lívía publicamente, tendo Viana por testemunha. Claro que ele esperava que ela caísse aos seus pés, porém, a reação foi de uma sobriedade que o surpreendeu: “Félix esperava um movimento expansivo da viúva ao ouvir esta declaração. Lívía não se alterou; apenas empalideceu” (Assis, 1962, p. 174). Félix esperava ser visto como um redentor, um homem que se casa com uma viúva que, inclusive, tem um filho, Como não ser adorado pelo gesto? O comportamento do médico é extremamente machista, pois para ele o simples fato de não desconfiar mais dela deveria ser festejado. E,

por um momento de lucidez, Félix diz entender o receio da noiva, uma vez que já a iludiu várias vezes.

Se a ideia do casamento era ser algo particular, endereçado aos mais íntimos da casa, Viana contraria os noivos e vai até a Rua do Ouvidor, onde solta a notícia e, no Rio de Janeiro provinciano, a novidade se espalhou pela Rua da Quitanda, pela Rua dos Ourives, logo alcançando toda a cidade e gerando a incredulidade das pessoas. Por esse aspecto, pode o leitor imaginar a fama que Félix tinha na capital. A viúva parece ser a única inocente na história, inclusive porque vivia trancafiada em casa para não despertar no noivo as velhas desconfianças. Vejamos as reações:

Foi geral o espanto. Ninguém acreditava que Félix se determinasse ao casamento. Falava-se, é verdade, no namoro; mas, além de ser boato sem importância nem generalidade, alguns não atribuíam ao médico mais do que a intenção de um passatempo, ao passo que outros davam às relações entre ele e a viúva um caráter absolutamente íntimo, sem nenhuma aspiração de legalidade.

A convicção entrou enfim no espírito público. Moreirinha atribuíu o caso a um desconcerto cerebral do médico. O Dr. Luís Batista não deu opinião; parecia-lhe indiferente o casamento da viúva (Assis, 1962, p. 175).

A sociedade fluminense fica incrédula, em boa parte porque conhece o médico e suas práticas com as mulheres. Embora ele tenha escondido o relacionamento, as pessoas falavam do namoro, como se fosse mais um caso de Félix, algo sem importância, que nunca chegaria a um matrimônio. Afinal, era normal que ele namorasse uma viúva, sem pretensões sérias, Lúvia seria apenas uma espécie de passatempo, o que justificaria os temores do protagonista em passar por ridículo, ao assumir seriamente uma proposta de casamento. Tanto que o narrador comenta que as pessoas acreditavam não haver uma pretensão à legalidade nesse namoro. Daí, podemos analisar que o médico escondia Lúvia em casa por dois motivos: os ciúmes, e também para manter o relacionamento na clandestinidade, como deveria ser o namoro com uma viúva. O espanto de Moreirinha é o mais cômico: acreditava que o

médico simplesmente teria um desconcerto cerebral. Em suma, a notícia do casamento entre Livia e Félix mexe com toda a sociedade fluminense, principalmente com os homens que eram a maioria a frequentar as ruas do Rio de Janeiro. Dr. Batista é o único a ficar aparentemente indiferente, mas como veremos ele tem outros planos para o casal.

O esperado desenlace

Para um leitor mais atento, as falsas pistas de felicidade que o narrador vai espalhando ao longo do romance, deixaram de surtir efeito. Todos esperam pelo momento em que Lívía sofrerá o último golpe de seu amado, mesmo assim, o narrador inaugura um novo capítulo chamado de “A porta do céu”. Penso eu que, a essa altura da narrativa, por mais que Félix demonstre ter mudado, nem Lívía, nem o leitor deveriam mais dar crédito ao protagonista. Por outro lado, Machado de Assis conta com a credulidade de um leitor ainda romântico, preso aos ideais do final feliz, quando a heroína, por fim, encontraria a redenção nos braços do homem amado, por isso, sem pudor algum, narra algumas páginas de falsa felicidade entre o casal.

Estavam a dois dias do casamento, o que mostra que a felicidade de Lívía seria breve, regada de alguns beijos castos, marcados por uma mudança súbita de comportamento de Félix, convertido em bom moço, exercendo quase o papel de pai do pequeno Luís, enquanto Lívía foi a uma festa na casa do coronel. Olhem que mudança, Lívía pôde sair sozinha, sem que Félix entrasse em uma crise de ciúmes. Sem dizer que ele deixou de ir à festa para evitar de magoar Raquel, a jovem que nutria um primeiro amor por ele. Chega a ser estranho pensar que esse homem, tão cruel com as mulheres, tenha chegado a um nível tão elevado de escrúpulos, ficando ausente de um encontro público por causa dos sentimentos de uma mulher.

Claro que o novo comportamento de Félix desarmou totalmente Lívía: “A viúva lia-lhe na alma, que, enfim, ressurgira, um poema de infáveis venturas” (Assis, 1962, p. 177). Imaginem o sonho que ela vivia; acabava de ver o homem que ama e o filho juntos a brincar como se fossem uma família. Realmente, era para

acreditar que seu destino mudara para melhor. Em pouco menos de quarenta e oito horas estariam casados e a felicidade seria completa. “Lívia saboreava esse renascimento do amante. Estavam sós e iam dar o penúltimo beijo de despedida. O último seria o da noite seguinte” (Assis, 1962, p. 177). A narrativa altera o ritmo e parece que estamos lendo um daqueles romances românticos de José de Alencar, tão ao gosto do público da época, porém, não podemos confiar no narrador nem em Félix, pois, por mais de quinze capítulos, acompanhamos a sucessão de sofrimentos pelo qual passou a heroína do romance.

Ao optar pelo processo de criar a expectativa no leitor, o narrador usa todas as armas: o casal declara abertamente seu amor um ao outro, mais por exigência de Félix do que por necessidade da viúva, mas isso são detalhes que o leitor dispensa. Se o leitor e a viúva fossem mais atentos perceberiam que, por trás desses pedidos para ouvir o “eu te amo”, ainda se escondia o inseguro e ciumento Félix de sempre, à espera de algum lance que desmentisse o amor de Lívia. O golpe ainda não veio e médico pôde entrar em sua casa onde “adormeceu nos braços dos anjos” (Assis, 1962, p. 177).

O romance é nitidamente inspirado em Shakespeare, sobretudo em *Otelo*, portanto, entra em ação o Iago da história, um vilão que apareceu apenas em alguns episódios, mas que foi essencial para o desenlace da narrativa. Estava nas mãos do Dr. Luís Batista o destino de Lívia. Despeitado pelo fato de a viúva não ter cedido à sua corte, e tendo em Félix um inimigo que lhe tirou a possibilidade da conquista, ele cria uma estratégia para separar para sempre o casal. Claro que o Dr. Batista conta com o caráter desconfiado do médico para pôr em ação o seu plano.

O Dr. Luís Batista fez uma visita ao médico com uma desculpa tão absurda que seria fácil desconfiar dos motivos de sua presença na casa. Félix, porém, ouviu as escusas e as histórias de conquistas amorosas de seu visitante, até com certo pudor, já que agora estava transformado em outro homem. Ao final, o médico cedeu ao visitante um quadro com uma representação de Betsabé, que era quase uma cópia fiel do rosto de sua nova amante. Na

verdade, esse exemplar de Iago ficou na casa do médico até o momento da chegada da carta com a fatal denúncia, saboreando a reação de seu rival.

Pela reação de Félix, o leitor já entende que quem sofrerá as consequências será Lívia: “[...] se a tarde sorria alegre, o homem dava sinais de tempestade interior. Tinha os olhos vermelhos, a boca contraída, os cabelos em desordem. Saiu com o passo vacilante. De quando em quando, colhia o alento com a expressão de quem lhe custa respirar” (Assis, 1962, p. 181). O narrador, detalhadamente, mostra que o estado físico de Félix é um reflexo de sua tempestade interior. Como era esperado, o médico escreve nova carta, procedimento já conhecido do leitor, e a envia para Lívia, antes de fugir das Laranjeiras.

Lívia já prevê a tormenta que enfrentará assim que olha a letra no envelope. Acostumada às rupturas grosseiras e bruscas do médico, é fácil para ela adivinhar o tema da carta: “Lívia, o que vou fazer é indigno, bem o sei; mas é ainda mais cruel do que indigno. O nosso casamento é fatalmente impossível. Não tens nenhuma culpa direta nem indireta na minha resolução. Esta carta, que me condena, será a tua cabal defesa. Adeus” (Assis, 1962, p. 182). Com Cecília, o médico falou diretamente, tirando dela toda a culpa pelo rompimento; de modo semelhante, só que por meio de um bilhete, ele também termina com Lívia, colocando-se como o único culpado pelo término. E, realmente, podemos dizer que ele é o único culpado pelo fim do relacionamento. Lívia, como demonstramos ao longo do ensaio, jamais deu motivo para que ele pudesse duvidar de sua integridade moral, porque todos os ciúmes e desconfianças tinham como fonte a mente do médico. Tudo era inventado e alimentado por sua personalidade doentia, no entanto, agora, ele estava às portas de um casamento, que desfez de forma covarde, uma vez que fugiu para um lugar afastado, evitando um embate com Lívia, que poderia demovê-lo da decisão. Enfim, ele tira da noiva o direito de defesa. O desenlace é tão chocante que Lívia tem uma forte crise nervosa:

Deu um grito abafado e desatou a chorar. Acorreu o irmão, com palavras de brandura e conselho, dizendo-lhe que nem tudo estava perdido, e que era possível remediar o mal. Lívia não prestava fé a essas vãs consolações; estava entregue ao seu desespero. Abafada com soluços, lavada em lágrimas, soltava gritos de angústia, e convulsivamente se revolia no leito. Viana teve medo desse grave estado e mandou chamar o médico. Quando este chegou, já a doente havia sossegado; mas, com as lágrimas, tinha-se ido a razão. O delírio durou toda a noite e parte da manhã seguinte. De tarde a febre declinou um pouco e a doente adormeceu (Assis, 1962, p. 182-183).

Restava à Lívia o desespero. Primeiro, porque amava o médico e cedeu a todos os seus caprichos para manter o relacionamento amoroso; segundo, porque o casamento se tornara público, e todos na cidade sabiam que eles se casariam em menos de quarenta e oito horas. Para ela, era uma vergonha enorme, sem dizer que, sendo viúva e abandonada quase às portas do altar, todas as dúvidas e comentários maldosos caíam sobre sua pessoa. Numa sociedade em que os homens não têm limites para suas vontades, todo o ônus da culpa recai sobre a mulher. Ela sabia que o preço era alto e que o teria de pagar sozinha.

O leitor ainda tem mais informações do que a viúva e sabe que toda a cidade duvidava de que Félix se casaria. Com a fuga, ele deu razão a todas as vozes que jamais acreditaram no casamento. Excêntrico, solteirão convicto, conquistador, celibatário, são vários adjetivos com os quais era visto no Rio de Janeiro. Como um homem de posses, fugiu para uma de suas propriedades, a fim de viver seus delírios. Sem saber o que fazer diante de Lívia, sem coragem para confrontá-la diretamente, opta pela fuga, deixando a ela todos os comentários que seriam feitos a respeito do desenlace.

Enquanto Lívia fica acamada, e sofrendo pelo casamento não realizado, Félix descansa tranquilamente em sua casa na Tijuca:

O silêncio prolongou-se ainda mais. Da parte de Félix era confusão; da parte de Meneses desapontamento. Viera ele em todo o caminho a descrever na imaginação o estado de Félix, acalbrunhado por alguma grande dor, e em vez disso achava-o a ler pacificamente um livro. Quis lançar mão do livro, para co-

nhecer bem até que ponto a sua desilusão era completa; mas o médico rapidamente o afastou (Assis, 1962, p. 185).

O desapontamento de Meneses é grande, ao saber do fato e, por ser um personagem de modelo romântico, imaginou Félix sofrendo, no refúgio de sua propriedade, mas, quando chega à casa do médico, ele está “negligentemente deitado com um livro nas mãos” (Assis, 1962, p. 184). Nada de sofrimentos ou de lágrimas. Após o impulso de deixar Livia, ele descansava tranquilamente, como se nada houvesse acontecido. Félix é a imagem da total irresponsabilidade de um homem com uma mulher. Ele se desfez do casamento como se terminasse um pequeno namoro, como se nunca tivesse frequentado a casa da viúva, agiu como se realmente estivesse vivendo uma aventura que, por fim, colocou um término.

Quando fugiu, Félix ouviu somente os impulsos de sua imaginação. O leitor suspeita de que, novamente, é outra crise de ciúmes, de que a carta que ele recebeu incriminava Livia, revelando-lhe uma traição. O narrador segura por algumas páginas o conteúdo da carta. Talvez essa estratégia tenha feito com que muitos leitores apoiassem Félix, afinal, a missiva dava ao médico os motivos de que sempre suspeitou, embora a hipótese seja um pouco descabida, pois o leitor já está acostumado com o comportamento do protagonista. Para Félix uma simples suspeita é um verdadeiro atestado do delito de Livia.

Toda a culpa recai sobre a mulher. Poderíamos dizer que é natural que seja assim, que no século XIX os homens e a sociedade pensavam dessa maneira, porém, o que está naturalizado é o pensamento misógino, herdado das leituras da *Bíblia* que, desde o início da narrativa, coloca toda a culpa sobre a mulher. Sendo Livia uma herdeira de Eva, ela, naturalmente, teria uma tendência ao pecado e ao erro, por isso, é naturalizado que os homens desconfiem das mulheres e se coloquem como vítimas de suas artimanhas, acusando-as de traição, adultério e infidelidade. Assim, o leitor tende a ver, sem espanto, o comportamento de Félix, afinal, ele fora enganado antes em outro relacionamento, por que deveria crer em outra mulher, e no amor que essa lhe oferecia?

Embora Félix seja um mulherengo, trocando de amores a cada seis meses, caçando vítimas para punir nelas a traição que diz ter sofrido, Lívia em nenhum momento duvidou de suas intenções em se casar com ela. A única enganada nessa história é a viúva que, com sua credulidade, abriu as portas para um homem que estava disposto a uma aventura. A questão nem está no fato de ele querer viver um caso, está em ocultar essa intenção de Lívia. Como toda mulher do século XIX, ela acreditou que estava sendo cortejada para casar, não desconfiou que o médico a trataria como as mulheres a que estava acostumado a explorar. E, quando poderíamos encontrar um narrador que criticasse essa postura, o que temos é uma espécie de acumpliciamento que vem pela naturalização do comportamento masculino.

Além disso, Lívia não tem opções numa sociedade misógina. Sendo viúva e mãe de um filho, a única relação possível, em sua cabeça, é o casamento, a fim de manter a dignidade que cobram dela. Qualquer outra possibilidade a lançaria nas mãos dos aventureiros, em busca de diversão e passatempo. Lembremo-nos de que o Dr. Batista, mesmo casado recentemente, tem a intenção de se divertir com Lívia, cortejando-a abertamente nos saraus. A posição da viúva é frágil, ela não tem mais os requisitos para um casamento ideal. Félix sabe disso, tanto que, a princípio, ele quer viver um romance rápido, que é também no que a sociedade acredita, não vendo no relacionamento uma aspiração à legalidade.

O fato de Félix esconder de todos sua intenção de se casar, revelando-a apenas nos últimos dias de noivado, e após ter submetido Lívia a todas as provas de fidelidade possível, foi entendida pelos conhecidos do Rio de Janeiro como se ele estivesse cultivando um passatempo. A notícia espantou a todos, pois ninguém apostava que o relacionamento viesse a desembocar em um compromisso sério. Detalhe: Félix não é julgado por querer se divertir com uma viúva; o que gera espanto é a notícia do consórcio.

A sociedade, misógina, está disposta a acolher todos os desmandos dos homens, naturalizando esse comportamento predatório, vendo os homens como eternos meninos, que podem namo-

rar várias mulheres até seus quarenta anos. Se a juventude das mulheres está limitada por volta dos vinte e cinco anos, a dos homens se estende até uma idade bem avançada. Félix já tem trinta e seis anos, e ainda é visto como um jovem, portanto, está liberado para viver quantas aventuras desejar, enquanto as mulheres com mais de vinte anos estão todas casadas ou viúvas, e as que não foram escolhidas no mercado de corpos, entraram para a solteirice, tornando-se alvo da exploração de homens em busca de um namoro rápido e descompromissado.

O natural para uma sociedade patriarcal seria Félix ter dado vazão a seus sentimentos pedófilos, casando-se com Raquel: a menina que estava com seus 17 anos e mal tinha formas de mulher. Se ele tivesse pedido ela em casamento, todos o teriam aplaudido, sendo acolhido no seio da família do coronel. Essas relações entre homens muito mais velhos com meninas que tinham entrado na puberdade é o que a sociedade brasileira do século XIX naturalizava. Sendo mais velhos, esses homens morriam poucos anos após o casamento, e as meninas, que passaram para a vida adulta, entravam para o grupo das viúvas, antes dos trinta anos de idade.

Acreditamos que, ao olhar os romances de Machado de Assis, podemos ver a origem de vários males de nossa sociedade atual, que há pouco tempo considerava normal o casamento com crianças. Percebemos que há um problema de raízes históricas, no qual racismo e sexismo se unem para explorar as mulheres e manter a estrutura misógina que vemos em nosso país, até hoje, com inúmeros casos de feminicídio sendo noticiado todos os dias.

Além de Félix servir para Machado de Assis provar o mote shakespeariano, construindo um personagem que sofre pelo excesso de desconfiança que tem das mulheres, ele é o representante de um país misógino. As crises infundadas do médico são todas em relação ao gênero feminino. Com os homens ele guarda certa reserva que lhe pede a posição social, sendo solícito com aqueles que estão acima na pirâmide social e frio com os que estão abaixo. Em vários momentos da narrativa, Félix deu conselhos e ensinamentos a pelo menos dois personagens, mostrando-lhes como

deveriam agir com as mulheres, tomando-se um modelo a ser seguido.

A revelação da carta a Meneses e, conseqüentemente, ao leitor, mostra como Félix é porta-voz de uma sociedade misógina. Poderíamos esperar que a missiva revelasse uma traição de Lívia, o que talvez lhe justificasse a atitude, mas, para nossa surpresa, ela faz alusão ao antigo casamento da viúva:

Félix foi buscar a carteira, tirou dela a carta, e entregou-a a Meneses.

Meneses leu o que se segue:

“Mísero moço! És amado como era o outro; serás humilhado como ele. No fim de alguns meses terás um Cireneu para te ajudar a carregar a cruz, como teve o outro, por cuja razão se foi desta para a melhor. Se ainda é tempo, recua!”

A carta não tinha assinatura (Assis, 1962, p. 187).

A carta, quase um bilhete, faz alusão a um possível caso adúltero de Lívia no casamento anterior. Adornada com uma referência bíblica, a mensagem não traz nomes, nem fatos, e nem seria preciso, pois Félix é um sujeito que preza demais sua reputação, e a simples ideia de que poderia vir a ser traído era o suficiente para que abandonasse a viúva pouco antes do casamento. O conteúdo acusa o amor de Lívia de ser passageiro, que, em breve, ela arranjaria outro homem e ele teria o mesmo fim do defunto.

Aqui temos um claro exemplo da solidariedade masculina. Félix abandona Lívia por uma possível falta que ela cometeu contra outro homem. Ele não é uma vítima da viúva, ela sempre lhe foi fiel, mas o simples fato de haver a suspeita de ela ter um histórico reprovável, transforma o médico em um potencial homem a ser traído. É como se o passado de Lívia a condenasse, e outro homem tivesse aparecido para alertá-lo do ridículo a que estaria exposto se a desposasse, afinal, se o autor do bilhete sabia do caso, outras pessoas também poderiam conhecer a história. Nada mais terrível para um homem misógino do que a possibilidade de expor, publicamente, sua figura. Sem pensar muito, Félix redigiu, rapidamente, um bilhete rompendo sua promessa de casamento e

fugiu para a casa da Tijuca, longe de toda a imaginada maledicência da qual poderia vir a ser alvo.

Num mundo misógino, a palavra de um homem vale mais do que a reputação de uma mulher. O Dr. Batista, ao não ter seus desejos atendidos por Lívia, a difamou para o noivo, a fim de se vingar dela. A simples suspeita de um homem seria motivo justificável para que uma mulher fosse abandonada. Félix sabia disso, tanto que, quando encontrado por Meneses, estava serenamente lendo, sem a menor sombra de sofrimento. Ele se sente justo, pois agiu como um “homem”, em uma situação daquelas. Uma mulher que traiu o antigo marido nunca seria digna de confiança, e nós sabemos como essa palavra é cara para Félix.

Outra citação do romance nos ajuda a compreender a lógica do médico:

Quem me diz que o não é? A dúvida era já bastante para justificar o que fiz. Não foi só o receio do futuro que me impeliu, foi principalmente a lembrança do passado. A traição dela, se a houve, não deve doer nada ao marido que se foi; mas ao marido que vem, a idéia da perfídia anterior, destrói pela base toda a confiança, que é a condição da felicidade. Não sei o que farias não no meu caso; eu segui o impulso do coração e da razão (Assis, 1962, p. 187).

A dúvida falou mais alto do que a razão. E foi o suficiente para Félix abandonar a noiva. Veja que ele faz essa confissão a outro homem, de quem ele espera a compreensão. Ele não foi à porta de Lívia pedir que ela contasse o seu passado, acreditou na denúncia e partiu. O médico receava o futuro, e também passou a ser atormentado pela lembrança do passado, do qual ele não participou como ator, porém, via-se indiretamente afetado, pelo simples fato de também ser homem. A notícia da perfídia de Lívia destruiu a confiança que ele jamais teve na noiva. A carta foi apenas um pretexto para ele manter-se fiel à sua convicção de homem solteiro, que foi brevemente abalada pelo amor que julgou ter pela viúva. Abandonando a noiva, pouco antes do casamento, o médico, de certa maneira, fez justiça ao defunto, pagou à masculinida-

de a justiça que lhe era devida. Félix avaliou o comportamento de Livia e a condenou por algo que ele considerava um crime contra a honra masculina. Enfim, em sua cabeça, ele fez justiça.

Como se pode notar, há várias semelhanças entre o comportamento de Félix e o de Bentinho. Ambos julgam suas companheiras e as condenam. O primeiro rompe com a promessa de casamento com Livia por uma suposta traição no consórcio anterior, o segundo, que caiu no conto e casou-se, exilou Capitu na Suíça, por acreditar que ela teve um filho com seu melhor amigo. Esses personagens masculinos são ciumentos, problemáticos, desconfiados, e comprometer-se com eles foi a condenação dessas duas mulheres. Sem dizer que eles tinham formação superior: um é médico, o outro, advogado, podendo manipular a situação como queriam, a favor de suas neuras de traição. O homem brasileiro é, antes de tudo, um homem enganado. Há, no imaginário do homem nacional, a ideia de que a mulher sempre está disposta a traí-lo, e isso com certeza afeta a cabeça de homens mais fracos, propensos a acreditar nas fantasias de suas mentes, vendo em cada canto uma mulher disposta a lhes enganar e rir pelas suas costas, assim como eles fazem com elas. Veem nelas um espelho de seus comportamentos.

A aproximação que fizemos entre os dois personagens machadianos, na verdade, revela-nos que o autor poderia estar representando em seus romances um comportamento masculino comum para sua época, mostrando a visão que os homens tinham a respeito das mulheres. Em um país em constante transformação, com as tradições locais sendo colocadas em xeque pelos influxos estrangeiros, os homens da alta sociedade, sentem-se ameaçados em seus delírios de mandatários, inclusive no campo doméstico. Assim, vemos o medo da perda de poder se estender a todas as áreas da vida nacional e as mulheres, antes tão submissas, podem estar exigindo seu quinhão de liberdade. Félix escolhe se envolver com Livia, mas dói-lhe visivelmente o fato de ela estar segura do que deseja, tirando dele o privilégio da conquista. Ela escolhe o homem que quer para si e isso fere o orgulho do médico. Nova-

mente, trago de volta a figura de Bentinho, que também tem seu privilégio de conquista posto por terra. Capitu decide que quer se casar com ele e organiza uma estratégia para vencer os obstáculos. Claro, esses homens são incapazes de perdoar tamanha audácia, então, voltam-se contra suas parceiras, fazendo-as sofrer, como se quisessem recuperar o domínio sobre elas, como se essa revanche os recolocasse no topo da sociedade, em que apenas os homens deveriam ser as figuras centrais.

Voltemos ao romance um pouco mais. Meneses, imbuído do ideal de convencer o médico da fidelidade de Lívia, usa todos os argumentos possíveis, chegando à conclusão de que a carta fora escrita por Luís Batista, um rival de Félix. O médico acaba dando razão ao amigo, no entanto, a convicção maior é a do narrador, que manipula a história ao seu prazer. Ele faz questão de manter o monopólio das revelações:

Entendamo-nos, leitor; eu, que te estou contando esta história, posso afirmar-te que a carta era efetivamente de Luís Batista. A convicção, porém, do médico, – sincera, decerto, – era menos sólida e pausada do que convinha. A alma dele deixava-se ir ao sabor de uma desconfiança nova, que as circunstâncias favoreciam e justificavam (Assis, 1962, p. 189).

Ao contrário do que fará quase três décadas depois em *Dom Casmurro*, deixando ao leitor as dúvidas sobre a traição de Capitu, o narrador de *Ressurreição* tira do leitor todas as suspeitas, inocenta Lívia de todas as acusações e coloca-a no papel de vítima nas mãos de Félix. Se do leitor foram tiradas as possibilidades de qualquer dúvida, por causa da palavra empenhada pelo narrador, quem ainda não tinha total convicção era Félix, que como vimos “era menos sólida e pausada do que convinha”. Mesmo assim, ele foi às Laranjeiras para conversar com a viúva.

Ao chegar à casa de Lívia, Félix teve seu primeiro pedido de entrevista negado, o que lhe causou certo desgosto. Aproveitou o tempo, então, para se reconciliar com Viana, que, por ser homem, facilmente perdoou ao amigo. Também estava no seu horizonte a reparação de um mal e, assim, tirar de sua irmã qualquer

desconfiança da sociedade, em vê-la como culpada pelo rompimento, tão perto do casamento. Afinal, a culpa sempre era da mulher, ninguém questionaria o médico.

Em melhor condição de saúde, enfim, Livia recebeu o médico e com muita serenidade expôs os motivos pelos quais o casamento entre os dois seria impossível. Essa negativa da parte dela, gera certo constrangimento em Félix, que tentou convencê-la por outras vias:

– Se isto lhe dói, continuou ela, vê bem que a culpa não é minha. Eu aceito uma situação não criada por mim, nem também pelo senhor, mas, – como eu lhe dizia, – pela natureza ou pelo destino. No ponto a que chegamos é esta a resolução melhor.

– Não é, interrompeu Félix com impetuosidade, não é a melhor porque ambos perderemos com ela, e nada nos impede a resolução contrária. Creio que não duvide do meu amor; mas digo-lhe que o não compreende, nem avalia. Eu não teria ânimo de lhe propor nas circunstâncias em que nos achamos, um rompimento que... (Assis, 1962, p. 190).

Livia se livrou de toda a culpa. Compreendeu, por fim, que o ex-noivo jamais confiaria nela e que o melhor era não se casar. Félix, acostumado a ter a última palavra, sempre tendo sido aceito de volta, altera o tom de voz e tenta convencê-la de seus sentimentos, dizendo-lhe que não compreende, nem avalia a decisão dela, como se a razão nunca pudesse estar ao lado de uma mulher. O comportamento o entrega como homem; ele nunca mudaria e a viúva sabe disso, e ele também teve essa consciência. Um gesto de Livia o fez lembrar de que ele se esquecia de todas as suas promessas e voltava a massacrá-la com suas desconfianças.

Livia estava de posse de toda sua racionalidade e foi capaz de julgar o médico como a pessoa que ele era: “Ainda assim o irá perseguir esse mau gênio, Félix; seu espírito engendrará nuvens para que o céu não seja limpo de todo. As dúvidas o acompanharão onde quer que nos achemos, porque elas moram eternamente no seu coração” (Assis, 1962, p. 190-191). Ela chegou a essa conclusão pouco depois de ele propor-lhe um casamento em que “fe-

charemos nossa casa aos olhos estranhos”. (Assis, 1962, p. 190). Note, leitor, que Félix não mudou, ele ainda queria fechar Lívia em uma casa e tê-la só para ele. Esse era o caminho que Félix acredita ser o melhor para pôr fim às desconfianças. Para acalmar seu próprio coração, ele propõe encarcerar a ex-noiva em casa, e ele seria o único homem a conviver com ela; uma decisão machista e misógina. Para alívio dos leitores, a viúva rejeitou a ideia e pôs fim ao relacionamento. As portas da casa dela não mais se abriam para o médico e, somente assim, ela pôde se livrar da tortura constante que viveu ao longo de meses.

Após toda tensão do evento, Lívia voltou a ser uma mulher livre, e o sofrimento dela terminou ou, pelo menos, foi amenizado pela ausência de Félix, no entanto, o relacionamento deixou marcas das quais ela nunca mais se livrou:

Lívia entra serenamente pelo outono da vida. Não esqueceu até hoje o escolhido de seu coração, e à proporção que volvem os anos, espiritualiza e santifica a memória do passado. Os erros de Félix estão esquecidos; o traço luminoso, de que ela lhe falara na última entrevista, foi só o que lhe ficou.

No tempo em que os mosteiros andavam nos romances, – como refúgio dos heróis, pelo menos, – a viúva acabaria os seus dias no claustro. A solidão da cela seria o remate natural da vida, e como a olhos profanos não seria dado devassar o sagrado recinto, lá a deixaríamos sozinha e quieta, aprendendo a amar a Deus e a esquecer os homens.

Mas o romance é secular, e os heróis que precisam de solidão são obrigados a buscá-la no meio do tumulto. Lívia soube isolar-se na sociedade. Ninguém mais a viu no teatro, na rua, ou em reuniões. Suas visitas são poucas e íntimas. Dos que a conheceram outrora, muitos a esqueceram mais tarde; alguns a desconhecariam agora (Assis, 1962, p. 192).

O narrador conta um pouco do destino dos personagens, após ter decorrido dez anos dos acontecimentos que nos foram narrados. A visão não é das melhores. Lívia é mostrada como entrando no outono da vida, com apenas trinta e quatro anos. Vamos lembrar que é menos do que tinha Félix quando começou o romance e ele era visto como um jovem. A visão sobre as mulhe-

res é sempre negativa e, claro, atende a uma visão de época, em que os homens decidiam, por meio de suas narrativas, até que idade ia a juventude das mulheres.

Lívia jamais esqueceu o amor de sua juventude, viveu uma espécie de santificação da memória do passado, esquecendo os erros de Félix, ficando apenas “o traço luminoso”. Ela se fechou em uma viuvez convicta, como se o segundo amado também tivesse morrido. Ela pôde ter suas virtudes exaltadas, afinal, não buscou mais casamento, e provou ser uma “mulher direita”, ao não se envolver com nenhum outro homem. Essa fidelidade solitária fez de Lívia uma verdadeira viúva e não mais uma mulher casamenteira, que foi punida por ousar romper os votos do primeiro matrimônio. Como mostramos neste ensaio, em vários contos de Machado de Assis sobre a viuvez, as mulheres foram punidas por desejar um novo amor. Lívia teve sua redenção ao buscar a vida solitária. Não foi para um convento, como disse o narrador, mas pratica a solidão em meio ao tumulto. Palavras nobres para justificar que a única a perder nessa história de amor foi a mulher, que mais uma vez foi punida por erros que jamais cometeu. Lívia ousou amar e, por isso, teve suas asas cortadas e seus sonhos interrompidos por um homem que nunca a amou de verdade.

Embora Lívia tenha rejeitado o casamento com Félix, passou a viver como ele queria, de portas fechadas. Não foi mais vista em público, nem no teatro nem pelas ruas. O narrador chegou a dizer que muitos a esqueceram e alguns até a desconheciam. A viúva caiu no ostracismo, fechada em casa, longe dos olhares que Félix tanto temia. A sociedade a condenou pelo simples fato de ser mulher. Não lhe encerrou em uma cela, mas virou as costas para aquela que foi vítima do sentimento possessivo de um homem. E Félix, qual o destino desse personagem?

Félix é que não iria parar no claustro. A dolorosa impressão dos acontecimentos a que o leitor assistiu, se profundamente o abateu, rapidamente se lhe apagou. O amor extinguiu-se como lâmpada a que faltou óleo. Era a convivência da moça que lhe nutria a chama. Quando ela desapareceu, a chama exausta expirou (Assis, 1962, p. 192).

Ao que a narrativa indica, Félix continuou sua vida pacificamente. Diferentemente de Lívía, podemos pensar que ele continuou a frequentar as reuniões, as ruas e o teatro. O sentimento que nutria pela jovem logo se apagou, era algo mais por conveniência, criado pelo convívio com a viúva. Félix continuou livre pela cidade do Rio de Janeiro, sem ter mesmo de se preocupar em cruzar com sua antiga noiva. Se Lívía entrou no outono da vida, nada foi registrado sobre a idade do médico, afinal, ele como homem é um corpo que não tem idade.

Por isso, insistimos nos traços misóginos da sociedade brasileira do século XIX, bem retratados nos enredos machadianos. Aos homens nada era, nem lhes é negado ainda hoje, se têm poder e dinheiro; conquistam as mulheres, das quais se desfazem como se fossem objetos, estando livres de qualquer julgamento. A negativa de Lívía para o pedido de casamento de Félix ainda serve para desculpar as ações do médico, que saiu ileso de uma relação na qual ele era a parte tóxica.

Lívía escapou de um casamento que prolongaria seu sofrimento, pois teria a companhia do carcereiro todos os dias, o qual teria sob seu poder a chave de casa nas mãos e, provavelmente, se envolveria em aventuras extraconjugais. Ao optar pela solidão e pelo claustro de seu lar, ela se protegeu da violência que sofreu por meses nas mãos de Félix. Mesmo assim, sua atitude dá-nos a entender que ela quer provar ao médico sua fidelidade, o que mostra que Lívía nunca se livrou dos traumas de um relacionamento abusivo.

Nada convence o médico do contrário. O narrador afirma que Félix teve dúvidas póstumas e que a veracidade da carta, tão questionada por seu amigo Meneses, agora lhe parecia possível e até provável. A verossimilhança do fato era suficiente para convencer Félix de que ele teve razão em romper com Lívía, uma vez que apenas a suspeita de traição já valia como um fato: “A vida solitária e austera da viúva não pôde evitar o espírito suspeito de Félix” (Assis, 1962, p. 193). O protagonista optou pela desconfiança, mas devemos evitar nos deixar seduzir por esse homem que parece um condenado pelo destino. Ele teve todas as provas

de que Livia não o enganava, e preferiu acreditar na sua visão distorcida da realidade e no seu instinto masculino.

Assim como Caldwell reabilitou Capitu, tirando-a do banco dos réus para instalar na pessoa de Bento Santiago o algoz de sua mulher, o mesmo devemos fazer com Livia. Reconhecer que Félix é um homem tóxico, machista e misógino, e o único culpado pelos sofrimentos de Livia, é uma forma de reabilitá-la e a todas as mulheres que, como ela, vivem um relacionamento abusivo, ainda no século XXI. É importante lembrar que Livia é uma vítima nas mãos de Félix e se alguém deveria deixar de frequentar as ruas do Rio de Janeiro, seria o médico e não a viúva, que foi condenada ao esquecimento, por uma sociedade masculinizada.

Considerações finais

Seria possível estabelecer exatamente um período no qual os homens passaram a odiar as mulheres? Acredito que essa tarefa seja impossível e está fora dos limites do presente ensaio, no entanto, almejamos, por meio da análise detalhada do primeiro romance de Machado de Assis, rastrear as origens de um pensamento misógino na sociedade brasileira.

A leitura de *Ressurreição* e de outras obras anteriores à essa narrativa, que compreendem, portanto, os anos de aprendizagem de Machado de Assis, pode trazer pistas importantes para compreendermos como o pensamento misógino começou a circular na imprensa brasileira. Tomamos como ponto de partida a afirmação de Lúcia Miguel Pereira que foi uma desilusão amorosa de Machado que o motivou a escrever um texto de caráter duvidoso sobre como as mulheres escolhiam seus pretendentes. Assim teríamos, historicamente, um possível registro de quando os homens passaram a usar as mídias para atacar as mulheres. Após a publicação de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, o autor ainda publicou mais duas peças de teatro, nas quais aplicou os princípios de seu ensaio, mantendo o assunto em alta para o público da época, uma vez que foram levadas a palco situações análogas às expostas no enredo de *Ressurreição*, com relativo sucesso.

Nos primeiros textos de Machado de Assis, as mulheres não foram representadas de maneira muito digna. O leitor ou o espectador era convidado a rir do comportamento feminino, acusando as jovens de ingênuas, namoradeiras, fúteis e incapazes de selecionar o melhor partido entre os pretendentes. Esses primeiros textos possuem um caráter moralizante, no qual um homem ensinava às mulheres como agir quando fossem cortejadas. Tira-se da mulher toda a capacidade de tomar decisões, porque há uma espécie de infantil-

zação da figura feminina, como se somente os homens tivessem condição ou o direito de serem ativos nas artes do jogo amoroso.

Toda fuga de um padrão estabelecido pelos homens deveria ser punida. Dessa forma, temos várias personagens femininas que sofrem as consequências por desrespeitar as regras impostas pelo mundo masculino. Jovens casadas, que cedem à corte de um aventureiro, ou viúvas que decidem abandonar o luto, e que recebem a devida paga. Em geral, são abandonadas e/ou deixadas expostas à vexação pública por não terem defendido a ideia de honra, idealizada pelos homens.

Por outro lado, o comportamento masculino é frequentemente justificado. Há uma galeria de homens que vivem uma longa juventude, que costuma se estender até seus quarenta anos. Esses personagens machadianos são ociosos, ricos e vivem de ocupações elegantes, aplicando suas rendas em manter jovens pobres sob seu domínio, ou então em namoros de curta duração: as chamadas “aventuras”, até se decidirem com quem realmente deveriam se casar.

Na verdade, há na obra de Machado de Assis o registro de um tempo em que aos homens tudo era permitido. Sem participar do mundo do trabalho, porque esse era reservado aos escravizados, os homens brancos e ricos circulavam livremente pela Rua do Ouvidor à caça de alguma jovem que pudesse saciar seus apetites sexuais. A questão é que a esse comportamento predador nenhuma palavra é mencionada, tudo fica na conta de uma juventude ociosa que precisa de prazeres.

A leitura da obra de Machado de Assis, até mesmo daquele conjunto de textos de seus anos de aprendizagem, mostra que o autor soube captar o ambiente de sua época e, com olhos atentos, registrou mais do que seus leitores contemporâneos puderam apreender. Ao narrar aspectos da sociedade, Machado nos deixou uma galeria de personagens masculinos que vivia totalmente de forma irresponsável, assentada em seus privilégios de classe.

Dedicamo-nos a dissecar o primeiro romance de Machado de Assis a fim de explicitar a atitude misógina de Félix, em todas

suas nuances, pois acreditamos que o comportamento da personagem correspondia a um padrão de masculinidade tóxica, no século XIX brasileiro, que era agravado pelo ambiente escravista no qual estava mergulhado o país.

Como sempre, Machado de Assis compôs uma narrativa que pôde ser lida na superfície pelos seus contemporâneos, e legou-nos uma obra que mostra as engrenagens da sociedade brasileira do século XIX. Aparentemente, *Ressurreição* traz a história quase banal de um idílio entre um médico e uma jovem viúva, nada que pudesse despertar uma crise no modo de viver do Rio de Janeiro, no entanto, observado e analisado à distância, o romance revela práticas masculinas que, hoje, soam como misóginas, podendo nos ajudar a explicar a naturalização da violência dos homens contra as mulheres e a escalada de feminicídios em pleno século XXI, no Brasil.

Nada em Machado de Assis é inocente. *Ressurreição* não foi um sucesso de crítica, obrigando o autor a recuar nos romances seguintes, tirando o foco da personagem masculina e deslocando-o para os perfis de mulher, no entanto, quando inaugura sua segunda fase, o autor volta a centrar suas narrativas em personagens masculinos, sem causar tanto estranhamento: Brás, Rubião, Bento Santiago e Conselheiro Aires são alguns desses representantes dos homens do século XIX. Teria Machado de Assis sido muito duro ao narrar as aventuras de Félix? Teria chocado o público ao apresentar um personagem sem escrúpulos em relação às mulheres, de forma tão explícita? Qual o impacto da história sobre as leitoras? Teriam elas percebido as armadilhas do mundo masculino, e isso gerado certo mal-estar? Certamente, não temos condições de responder a essas questões, entretanto, ao (re)ler *Ressurreição* com os olhos do século XXI, temos condições de avaliar melhor seus personagens e, como fez Helen Caldwell, no século XX, reabilitando Capitu aos olhos dos leitores, podemos reabilitar Lúvia, apresentando-a como uma vítima do comportamento misógino de Félix.

Ao fazer justiça à Lúvia, somos capazes de admitir a existência de um pensamento misógino, que era comum no Brasil do

século XIX. Félix, a despeito das afirmações do narrador, nunca chegou a amar sua noiva. Ele impôs uma série de sofrimentos à Lívia, fazendo com que ela vivesse um verdadeiro calvário por amá-lo. Enquanto ele tinha uma espécie de prazer sádico em fazê-la sofrer, para afirmar seu ego masculino, sempre claudicante, sua noiva se desdobrava em provas de amor para acalmar os ânimos desse homem violento e cruel.

Há uma possível explicação para a violência de Félix contra Lívia: ela era viúva e tinha um filho. Imaginem para um homem do século XIX ter de admitir que, a despeito de querer viver uma aventura, em algum momento, interessou-se seriamente por essa mulher. Como ficaria sua imagem diante da sociedade? Seria ele motivo de risos e chacotas? Talvez, por esse motivo, ele escondeu de todos o noivado, revelando que se casaria apenas pouco tempo antes da cerimônia. Mesmo assim, a notícia causou barulho na Rua do Ouvidor e se espalhou, tornando o médico assunto nas rodas de conversas.

Ao olhar mais atentamente, notamos que o Brasil do século XIX continua na cabeça dos homens do XXI. Muitos deles agredem suas companheiras e até assassinam seus filhos, porque não conseguem conter os ciúmes que sentem pelo fato de as companheiras terem um passado com outro homem. Félix não matou Lívia, mas a submeteu a todas as formas de violência psicológica possíveis e, depois de prendê-la em casa, privando-a da vida em sociedade, abandonou-a pouco antes do casamento sem maiores explicações.

Pelos motivos que descrevemos neste ensaio, advogamos ser a leitura da obra de Machado de Assis essencial para compreender o Brasil. Ele foi e é ainda um dos maiores intérpretes de nossa sociedade, porque soube compreender o modo de vida do brasileiro como nenhum outro autor do século XIX. E, mesmo que sejam narrativas ficcionais, e distantes no tempo, ainda nos revelam problemas crônicos de um país que foi, profundamente, afetado pela escravidão, e que não cessa de reproduzir formas de violência contra os mais vulneráveis na pirâmide social.

A leitura de *Ressurreição*, com as ferramentas de interpretação textual do feminismo mostram que o romance está longe de se esgotar. O olhar feminista é capaz de questionar visões masculinistas, que haviam isentado Félix de suas responsabilidades, com a justificativa de que ele foi criado para provar o mote shakespeariano sobre a desconfiança. Acusar em Félix, que é um personagem literário, a misoginia, é uma forma de admitir a existência de muitos homens nos quais ele foi inspirado e, portanto, reconhecer que o mundo, tal como está hoje, ainda não é um lugar seguro para as mulheres.

Referências bibliográficas

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- ALENCAR, José de. **Lucíola**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- ASSIS, Machado de. “Ressurreição”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Iaiá”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Dom Casmurro”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed, Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Quincas Borba”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “A queda que as mulheres têm para os tolos”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Confissões de uma viúva moça”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Miss Dolar”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Viúva Moça”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Causa secreta”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.
- ASSIS, Machado de. “Casada e viúva”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. 2. ed. Editora José Aguilar Ltda., 1962.

ASSIS, Machado de. “**Mariana**”, 1986. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/mariana/31230>. Acesso em: 17 jul. 2026.

ASSIS, Machado de. “**Desencantos**”, 1861. Disponível em: <https://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/fs000084pdf.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2026.

ASSIS, Machado de. “**O caminho da porta**”. Disponível em: <https://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/fs000108pdf.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2026.

ASSIS, Machado de. “**Um sonho e outro sonho**”, 1892. Disponível em: <https://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/fs000151.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2026.

ASSIS, Machado de. “**O caso da viúva**”, 1881. Disponível em: <https://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/fs000113pdf.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2026.

ASSIS, Machado de. “**Casada e viúva**”, 1864. Disponível em: “<https://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/fs000193.pdf>”. Acesso em: 17 jul. 2026.

BALZAC, Honoré de. **A mulher de Trinta anos**. Tradução de Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CALDWELL, Helen. **O Otelo Brasileiro de Machado de Assis**. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2002.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1974.

GLEDSON, John. **Machado de Assis – Ficção e História**. 2. ed. tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**. O romance Machadiano e o Público de Literatura no Século 19. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. História das Opressão das Mulheres pelos Homens. Tradução de Luiza Sella. São Paulo: Cultrix, 2019.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis – 1839-1870**. Ensaio de Biografia Intelectual. 2. ed. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MANSUR, André Luis. **Machado de Assis – um escritor carioca**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2025.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis** (Ensaio Crítico e Biográfico). São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1936.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. Curso Literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Rogério Bettoni. São Paulo: UBU Editora, 2017. p. 9-61.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.



Recomeçar

Adoto, neste ensaio, o viés feminista para ler o primeiro romance de Machado de Assis, porque ele nos permite reeditar uma crítica tradicionalista e desgastada ao interpretar as suas obras. O feminismo permite abrir caminho, desnaturalizar o discurso misógino que se esconde atrás da desculpa de que não podemos fazer uma leitura anacrônica, como com as obras do século XIX, quando era normal homens terem comportamentos como o de Félix, o herói da história. Minha pergunta é: quem eram as pessoas responsáveis por estabelecer esse normal? Quem fazia essa leitura da sociedade? E veremos que todos eles são homens que publicavam nos jornais, nas revistas, nos livros, dominando o cenário editorial e, portanto, tendo a palavra final sobre os corpos femininos. Esses escritores ditavam o modo de vestir, os gestos, as companhias ideais para uma mulher sair às ruas, as peças de teatro que deveriam assistir. Enfim, o mundo das mulheres era controlado e vigiado, constantemente, pelos ditos intelectuais da época.



ISBN 978-65-5974-380-3

